

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

HENRIETE LICHTENFELS

**O ENVELHECIMENTO HUMANO NA PERIFERIA:
UM DIÁLOGO ENTRE IDOSOS MORADORES DA
PERIFERIA E A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO DO CURSO DE VIDA, *LIFESPAN***

São Leopoldo

2007

HENRIETE LICHTENFELS

**O ENVELHECIMENTO HUMANO NA PERIFERIA:
UM DIÁLOGO ENTRE IDOSOS MORADORES DA
PERIFERIA E A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO DO CURSO DE VIDA, *LIFESPAN***

**Tese de Doutorado
para obtenção do grau de Doutor em Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Área: Teologia Prática**

Orientador: Prof. Dr. Lothar Carlos Hoch

São Leopoldo

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L699e Lichtenfels, Henriete

O envelhecimento humano na periferia : um diálogo entre idosos moradores da periferia e a perspectiva da psicologia do desenvolvimento do curso de vida, *lifespan*; orientador Lothar Carlos Hoch. – São Leopoldo : EST/IEPG, 2007.

273 f.

Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2006.

1. Envelhecimento – Aspectos psicológicos.
 2. Idosos – Brasil – Condições sociais. 3. Idosos – Psicologia. 4. Velhice – Aspectos sociais.
- I. Hoch, Lothar Carlos. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia

DEDICO

*Às minhas queridas e inesquecíveis avós
Maria e Augusta,
por tudo de maravilhoso que representaram em minha vida:
amor, carinho, resistência e trabalho,
motivadoras de meus estudos sobre o envelhecimento.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força, alegria e otimismo com que me presenteia!

Aos idosos, minha especial gratidão pela hospitalidade com que me acolheram, pela confiança que em mim depositaram, revelando parte de seus tesouros. Sem eles, nada seria possível.

Ao meu orientador, Dr. Lothar C. Hoch, pelo interesse no tema, pela paciência na elaboração, pela confiança e generosidade em compartilhar comigo seus conhecimentos e experiências.

Aos professores do IEPG, que me acompanharam ao longo desta caminhada, especialmente ao Dr. Oneide Bobsin, por suas valiosas contribuições e sugestões.

À Associação Hospitalar Moinhos de Vento, pela compreensão e acolhimento do empreendimento, bem como pela oportunidade e colaboração na efetivação deste estudo.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa do IEPHVM, em especial ao Dr. Nilton Brandão da Silva, pela valiosa leitura e sugestões.

Às equipes assistenciais das Unidades Básicas de Saúde da Associação Hospitalar Moinhos de Vento, Morro da Cruz e Ilha da Pintada, pelo interesse e disponibilidade, especialmente ao Dr. Luiz A. Mattia, à Cláudia e à Valesca.

Às minhas fiéis escudeiras e amigas Terezinha e Solange, que me acompanharam nas caminhadas e entrevistas. Quantos momentos significativos vivemos juntas!

Aos experientes e competentes Luís M. Sander e Maria Helena Cardoso, pelas leituras e contribuições que tanto auxiliaram na organização da tese; ao amigo Gustavo, pela disposição e força nos gráficos e tabelas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que tornou possível parte deste estudo.

À minha mãe, aos meus irmãos e aos meus amigos, pelo interesse no meu tema e na minha caminhada, pelos telefonemas animadores, pela paciência, pois, mesmo apesar do pouco tempo, eles permaneceram amorosos e fiéis.

Aos meus amigos na Alemanha, em especial Isolde e Guinter, pelo carinho e que não mediram esforços em conseguir o material necessário para o tema, carregando-o junto a sua bagagem aérea.

Ao amiguinho Matheus, pelas muitas alegrias e “estórias horríveis” que traz à minha vida.

Em especial:

Às minhas filhas e ao meu filho: Patrícia, pelo carinho, generosidade e interesse em todos os momentos; Eduardo, pela presença carinhosa, apoio técnico incondicional e a objetividade nas colocações acerca do tema; Martina, pelo companheirismo em todas as horas e pelo carinhoso estímulo nos *downs* e a alegria nos *ups*.

Ao meu marido Ivo, pela fé, esperança e amor que depositou em mim. Especialmente pelo apoio desmedido. Estar vivendo ao seu lado me engrandece.

RESUMO

O processo de envelhecimento com bem-estar é um processo de aprendizagem contínua que busca diariamente sentido e renovação existencial. Este estudo objetivou apresentar a perspectiva teórica da psicologia do desenvolvimento no curso de vida, *lifespan*, que vê o desenvolvimento como processo que se estende por toda a vida, em diálogo com idosos moradores em bairros de periferia de Porto Alegre. Este modelo apóia uma visão diluída da idade cronológica e não está ligado a etapas normativas, sendo determinado por aspectos biológicos, socioculturais, históricos e pessoais. Segundo ele, o desenvolvimento humano ocorre em ritmo e velocidade diferentes para cada idoso. Envelhecer satisfatoriamente neste modelo prevê a utilização de três processos: a seleção, a otimização e a compensação. Estas são estratégias de escolha de metas e de ações para concretizá-las que impulsionam o idoso em suas capacidades de resistência, de plasticidade, de flexibilidade, estratégias de gerenciamento para uma vida com bem-estar. Assim, este estudo utilizou a pesquisa qualitativa e o referencial fenomenológico quando entrevistou 30 idosos, entre 62 e 82 anos, que se reúnem em grupos de convivência ou são atendidas em Unidades Básicas de Assistência à Saúde da Associação Hospitalar Moinhos de Vento. Todos são moradores das vilas Morro da Cruz e Ilha da Pintada. A maioria são mulheres, 68% residem junto a familiares, dividindo pequenas moradias, 44% ou são analfabetos ou têm dificuldade de leitura. O número de filhos é elevado entre os idosos de menor escolaridade: até 14 filhos. Na autopercepção de seu envelhecimento, a maioria entende que mudou para uma situação melhor, mais alegre, menos cansativa, apesar de quase a totalidade relatar uma ou mais patologias e co-morbidades. O estudo levantou o uso das estratégias SOC: seleção, otimização e compensação no cotidiano dos idosos, revelando a importância das escolhas para a maioria dos idosos, apesar das muitas restrições causadas pela depauperação que vivem em termos socioeconômicos e culturais. Quando podem escolher e otimizar alguma ação significativa de socialização, de trabalho ou de aprendizagem, demonstram mais alegria e satisfação de vida. Quando necessitam compensar algo, eles são verdadeiros mestres, pois a situação de carência sempre esteve presente em seu meio. Compreender a velhice como um constante recomeçar, proporcionando espaços com maiores possibilidades de concretização de escolhas na idade avançada, é conceder cidadania aos idosos.

Palavras-chave:

desenvolvimento no curso de vida – envelhecimento satisfatório – moradores de periferia – estratégias de seleção, otimização e compensação

ABSTRACT

The getting old process with wellness is a continuous learning process with daily search for life sense and existential renovation. This dissertation discusses the perspective of the so-called lifespan development theory, which understands human development as a process that takes place throughout life. It does so by establishing a dialog with elderly people who live in two neighborhoods located in the outskirts of Porto Alegre, the capital of the state of Rio Grande do Sul, Brazil. The lifespan development model advocates a diluted view of chronological age and is not coupled with normative stages. It is determined by biological, sociocultural, historical and personal aspects. According to this model, human development occurs at a different speed and rhythm for each elderly person. Growing old in a satisfactory manner implies the use of three processes: selection, optimization and compensation. These are strategies for choosing goals and actions designed to achieve them that stimulate the elderly in their capacity for resistance, plasticity and flexibility. They are management strategies for a life with well-being. The author made use of qualitative research and the phenomenological approach when interviewing 30 senior citizens between 62 and 82 years of age who get together to socialize in groups or receive health care services at stations maintained by the Moinhos de Vento Hospital Association. They all live in the neighborhoods called Morro da Cruz and Ilha Pintada. Most of them are women, 68% live with family members, sharing small houses, 44% are illiterate or can hardly read. The number of children is high among the elderly with less education: up to 14 children. According to their own perception of their aging process, most of them think that they are in a better situation now. They feel happier and less tired, although almost all of them report one or more pathologies and comorbidities. The study examined the use of selection, optimization and compensation strategies by the elderly in their daily lives, showing the importance of the choices made by most of them, in spite of the constraints imposed on them by the poverty they experience in socioeconomic and cultural terms. When they are able to choose and optimize some meaningful action related to socializing, working or learning, they show more happiness and satisfaction with their lives. They are masters at compensating because their situation of deprivation is part and parcel of their life experience. Understanding aging as a constant new beginning that opens up possibilities of making choices in old age is a contribution toward turning the elderly into citizens.

Keywords:

lifespan development – satisfactory aging – outskirts residents – strategies of selection, optimization and compensation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 QUATRO PERSPECTIVAS CLÁSSICAS EM DESENVOLVIMENTO HUMANO	31
1.1 INTRODUÇÃO	31
1.2 TEORIA PSICOSSEXUAL DE SIGMUND FREUD (1856-1939)	34
1.3 PERSPECTIVA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG (1875-1961)	40
1.4 TEORIA DOS ESTÁGIOS COGNITIVOS DE JEAN PIAGET (1896-1980)	45
1.5 PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE ERIK HOMBURG ERIKSON (1902-1994)	51
1.6 CONCLUINDO	56
2 O PARADIGMA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DO <i>LIFESPAN</i>, DE CURSO DE VIDA	61
2.1 ANTECEDENTES RELEVANTES	61
2.2 DESPEDIDAS E RECOMEÇOS: UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA DO PARADIGMA TEÓRICO DE DESENVOLVIMENTO DO <i>LIFESPAN</i> OU DO CURSO DE VIDA	70
2.3 A PERSPECTIVA DO <i>LIFESPAN</i> OU DO CURSO DE VIDA: UMA INTEGRAÇÃO ENTRE BIOLOGIA E CULTURA	73
2.4 A VELHICE É JOVEM E INCLUI NOVAS REVELAÇÕES	77
2.5 A PERSPECTIVA TEÓRICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO <i>LIFESPAN</i> OU DO CURSO DE VIDA	81
2.6 UM MODELO DE ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO: SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO – SOC	89
3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO	101
3.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO	101
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO	105
3.3 LOCAL DO ESTUDO	107
3.3.1 Ilha da Pintada	110
3.3.2 Morro da Cruz	112
3.4 PROCEDIMENTOS NA PESQUISA DE CAMPO	114
3.4.1 Aspectos éticos	114

3.4.2	Coleta e registro dos dados	115
3.5	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	118
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	125
4.1	CONHECENDO OS IDOSOS PARTICIPANTES	125
4.1.1	Características sociodemográficas	126
4.2	AS CATEGORIAS TEMÁTICAS NOS DISCURSOS	130
4.2.1	A percepção do próprio envelhecimento	132
4.2.1.1	Modificações percebidas ao envelhecer – Questões 1-2-3	132
4.2.1.2	A percepção de sua saúde	142
4.2.2	Selecionando	148
4.2.2.1	Escolhas de possibilidades e tarefas: passadas e atuais	148
4.2.3	Otimizando	158
4.2.3.1	Aquisição e ampliação de recursos	158
4.2.4	Compensando	166
4.2.4.1	Manutenção da competência e funcionalidade	166
5	CONSTRUINDO PONTES ENTRE A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DO <i>LIFESPAN</i>, DO CURSO DE VIDA, E A RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	172
5.1	CONTEMPORANEIDADE E VELHICE: AS TRANSFORMAÇÕES COM O CRESCENTE TEMPO DE VIDA	172
5.2	PENSANDO E REPENSANDO MODELOS: O DESENVOLVIMENTO DA RELIGIOSIDADE EM ESTÁGIOS	179
5.3	O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DO <i>LIFESPAN</i> , DO CURSO DE VIDA: SUA CONTRIBUIÇÃO À TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DA RELIGIOSIDADE	183
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209
	ANEXOS	228
	ANEXO A Aprovação do Comitê de Ética	229
	ANEXO B TCLE – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	231
	ANEXO C Entrevista utilizada para a pesquisa de campo	233
	ANEXO D Árvore de ramificações NUD*IST	236
	ANEXO E Os depoimentos dos idosos.....	240

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Evolução da população por faixas de idade	19
Tabela 2:	Expectativa de vida, por sexo, no Brasil e no Rio Grande do Sul – 1992 e 2003	108
Tabela 3:	População residente, por grupos etários, no Rio Grande do Sul – 1991 e 2000	109
Tabela 4:	Depoimentos sobre mudanças no envelhecimento	163
Tabela 5:	Mudanças percebidas no envelhecimento	167
Tabela 6:	Mudanças percebidas de forma negativa no envelhecimento	169
Tabela 7:	Escolha de possibilidades e tarefas assumidas durante a vida	179
Tabela 8:	Escolha de possibilidades e tarefas atuais	180
Tabela 9:	Depoimentos acerca de cuidados	191
Tabela 10:	Depoimentos em relação a passeios e viagens	192
Tabela 11:	Depoimentos sobre o valor da aprendizagem	194
Tabela 12:	Comentários sobre a manutenção da capacidade de resistir	197
Tabela 13:	Estratégias utilizadas para manter a funcionalidade	198
Tabela 14:	Estratégias comportamentais para manter a funcionalidade	199
Tabela 15:	Respostas à quinta questão: O(a) sr(a). freqüenta alguma igreja?	207
Tabela 16:	Comparativo entre os estágios psicossociais de Erikson e os estágios da fé de Fowler	210

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1:	Interação de influências genético-biológicas e socioculturais	80
Figura 2:	Três sistemas de influências que determinam a forma do transcurso da vida	81
Quadro 1:	A dinâmica da seleção, otimização e compensação ao longo do tempo ..	98
Figura 3:	A cidade de Porto Alegre/RS	107
Figura 4:	Localização do município de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil	109
Figura 5:	Ilha da Pintada	110
Figura 6:	Morro da Cruz	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Pirâmides populacionais mundiais	16
Gráfico 2:	Pirâmides populacionais do Brasil	20
Gráfico 3:	Distribuição dos idosos por idade	126
Gráfico 4:	Distribuição dos idosos por sexo	127
Gráfico 5:	Distribuição dos idosos pelo estado civil	127
Gráfico 6:	Distribuição dos idosos pelo nível de escolaridade	128
Gráfico 7:	Distribuição dos idosos pelo número de filhos x escolaridade	129
Gráfico 8:	Distribuição dos idosos pela naturalidade	129
Gráfico 9:	Distribuição dos idosos pelo estilo de moradia	130
Gráfico 10:	Mudanças no envelhecimento	162
Gráfico 11:	Percepção dos idosos de sua saúde x idade	172
Gráfico 12:	Percepção dos idosos de sua saúde x sexo	174
Gráfico 13:	Proporção de doenças referidas pelos idosos	177

INTRODUÇÃO

Concordamos mesmo com o Patativa do Assaré: “É melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada...”.¹

Entendemos que a construção do conhecimento humano acontece como uma história de substituições; idéias que eram verdades quase imutáveis vão sendo substituídas por outras mais novas, que se apresentam, neste momento histórico e social, com um fundamento mais sólido. Vão sendo substituídas idéias e pensamentos prévios que podem proceder de pesquisas antigas e até atuais, como também de crenças populares e estereótipos antigos, enraizados em determinados grupos e culturas e que se perpetuam entre nós. Poderíamos dizer que a tarefa inacabada de construção do conhecimento humano se converte em uma aventura intelectual e cultural, empreendimento arriscado e ousado, compartilhado entre pessoas de distintas classes e formações, que abre sempre novas possibilidades, novas perspectivas e posicionamentos e, conseqüentemente, assume novos riscos. Isto está correto tanto para as ciências chamadas exatas, hoje mais comumente denominadas *hard*, como também para as humanas, chamadas *soft*, incluindo a psicologia, a teologia, a antropologia, a sociologia, a pedagogia e outras tantas. Ilya Prigogine afirma:

Creio, pelo contrário, que estamos apenas no começo da aventura. Assistimos ao surgimento de uma ciência que não mais se limita a situações simplificadas, idealizadas, mas nos põe diante da complexidade do mundo real,

¹ Ap. ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver a minha vida novamente*. Campinas: Verus, 2004. p. 15.

uma ciência que permite que se viva a criatividade humana como a expressão singular de um traço fundamental comum a todos os níveis da natureza.²

Agora que o nosso tempo de vida se alongou, comparado ao de nossos antepassados, e que a tecnologia promete enormes e promissores progressos para as próximas gerações, começa a insinuar-se uma forte dúvida de que a existência talvez não consista tanto na sua duração tão almejada quanto na sua qualidade. Essa qualidade, por sua vez, talvez não consista unicamente em satisfazer necessidades alienantes, supérfluas ou neuróticas, como o poder do dinheiro ou do capital, mas em todo o bem-estar psicossocial do qual cada um possa gozar quando a longevidade e a saúde estiverem asseguradas. Segundo De Masi: “Nos países industriais e pós-industriais a longevidade média aumenta cada vez mais e passará das 300 mil horas aproximadamente – dos nascimentos em 1850 – a um milhão e duzentas horas – dos nascidos em 2050”. O espaço de tempo aumentado e as horas de trabalho formal reduzidas trarão um tempo enorme para cada pessoa dedicar a atividades como instrução, lazer, “auto-realização e a sociabilidade”.³

O aumento da proporção de idosos na população é um fenômeno mundial tão profundo que muitos o chamam de “revolução demográfica”. No último meio século, a expectativa de vida aumentou em cerca de 20 anos. Se considerarmos os últimos dois séculos, ela quase dobrou. E, de acordo com algumas pesquisas, esse processo pode estar longe do fim.⁴

Apresentamos, para melhor compreensão, as pirâmides populacionais⁵ referentes aos anos 2000 e 2050, em três estágios:

World = mundo;

More developed regions = regiões mais desenvolvidas;

Less developed regions = regiões menos desenvolvidas;

Least developed countries = países menos desenvolvidos

² PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 14.

³ DE MASI, Domenico, *Fantasia e concretude*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005. p. 81.

⁴ OEPPEN, Jim; VAUPEL, James W. Broken Limits to Life Expectancy. *Science*, v. 296, n. 5.570, p. 1029-1031, 10 May 2002.

⁵ Fonte: ONU. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpp>>. Acesso em: 30/11/2006.

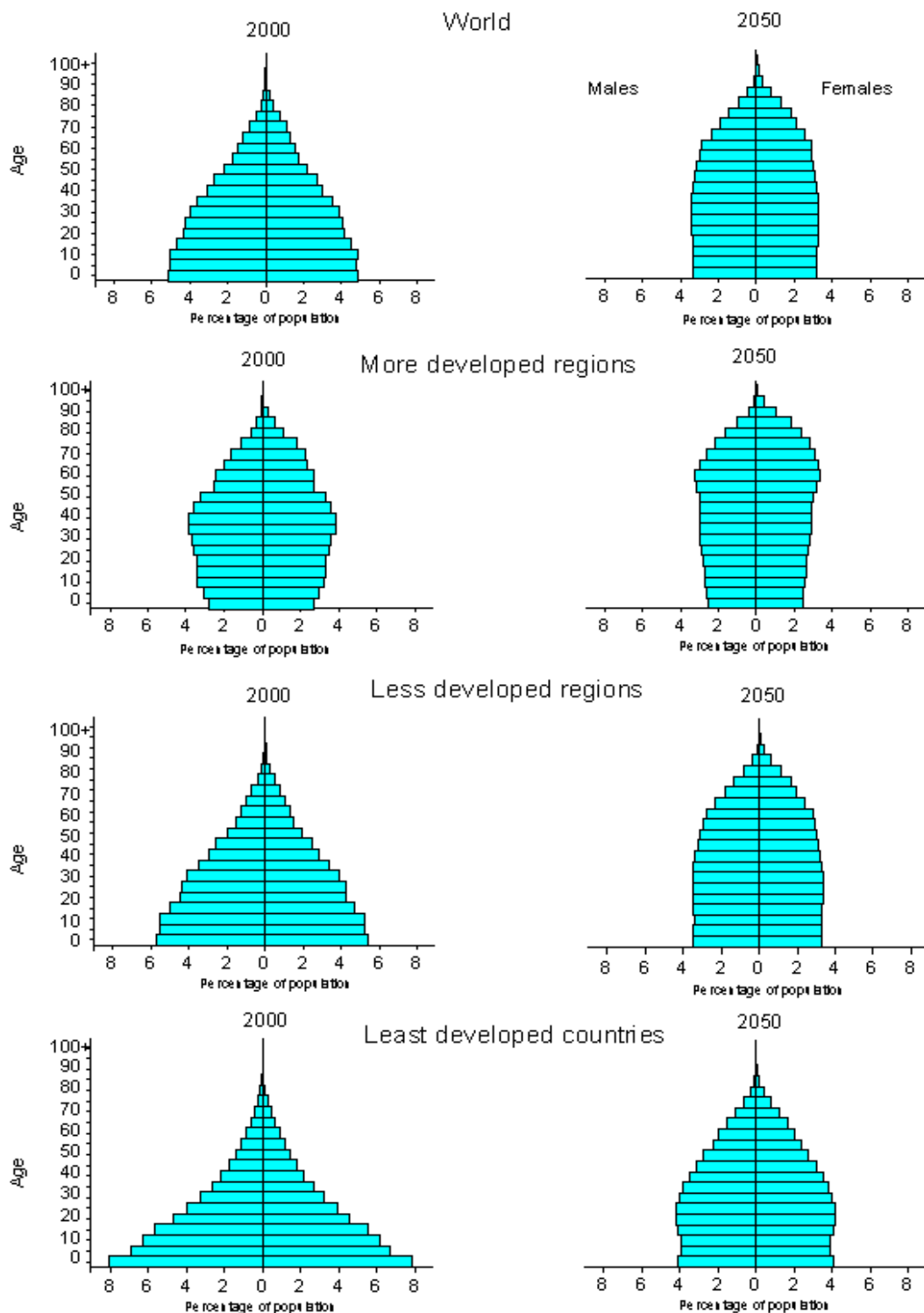


Gráfico 1: Pirâmides populacionais mundiais

As pirâmides populacionais tomaram formatos totalmente distintos. Originalmente, no ano 2000, igualavam-se a triângulos, já em 2050 estarão muito mais próximas de um cilindro. No ano de 2025 teremos, no total, em torno de 1,2 bilhões de

pessoas com mais de 60 anos, e em 2050 esse número se elevará a 2 bilhões, 80% das quais nos países em desenvolvimento, como o Brasil.⁶

A diretora geral da OMS – Organização Mundial da Saúde –, Gro Harlem Brundtland, afirmou o seguinte em 1999: “O crescimento da taxa de expectativa de vida da população é um resultado das medidas políticas e de saúde pública como também do desenvolvimento social e econômico como um todo”. O crescimento da expectativa de vida da população é um dos maiores sucessos da humanidade. É um prêmio que ganhamos na loteria da vida. Um prêmio que gera um dos maiores desafios, pois cria responsabilidades, exigências econômicas e sociais abrangentes e inclui a todos os povos, sendo os idosos um capital pouco percebido, de onde partem contribuições e impulsos de grande valor para toda a sociedade.⁷

Camarano⁸ sumariza, em sua revisão bibliográfica, que, a partir de determinada idade, onde o indivíduo consome mais do que produz, convencionou-se chamá-lo de idoso. Desta forma, o processo de envelhecer é percebido de maneiras diversas, levando-se em conta vários fatores, entre eles, o econômico. Vale salientar, conforme Otto⁹, que os recursos econômicos dos idosos em países do Primeiro Mundo diminuem no início da aposentadoria, porém a situação financeira é considerada tão boa, que eles podem economizar, aplicar e até emprestar dinheiro a terceiros. Idosos não pertencem ao grupo de risco em relação à pobreza; sua posição é considerada estável.¹⁰

Num levantamento da incidência e natureza da pobreza entre idosos no Brasil, revelou-se que a percentagem de pobres tende a ser menor entre os idosos do que entre os não-idosos. O grau de pobreza entre os idosos é de 23%, e entre os não-idosos de 39%. Do

⁶ Ibid.

⁷ WHO, Weltgesundheitsorganisation. Abteilung für Vorbeugung von nichtübertragbaren Krankheiten und Förderung der geistigen Gesundheit. *Aktiv Altern: Rahmenbedingungen und Vorschläge für politisches Handeln*. Kobe, 2002. Disponível em: <<http://www.who.int/hpr/ageing>>. Acesso em: 30/07/2006.

⁸ CAMARANO, A.A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In FREITAS, E.V.; PY, L.; NERI, A.L. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002. p.52-61.

⁹ OTTO, Ulrich. *Wie weit tragen sie wirklich?* Empirische Befunde zu Unterstützungspotenzialen sozialer Netze und entsprechenden Bedarfs- und Bedürfnislagen bei älteren Menschen. 2003. p.1-22 Disponível em: <http://w210.ub.uni-tuebingen.de/dbt/volltexte/2003/713/pdf/netzwerk-demografie_250203.pdf>. Acesso em: 30/11/2006.

¹⁰ BUNDESMINISTERIUM FÜR FAMILIE, Senioren, Frauen und Jugend (BMFSFJ). Dritter Bericht zur Lage der älteren Generation. Alter und Gesellschaft. *Die Lebenssituation älterer Menschen in Deutschland*, Berlin, 2001. p.210.

ponto de vista econômico, a presença dos idosos não representa um aumento em termos de dependência.

Deve-se considerar, então, que o sistema previdenciário, junto com a capacidade de produção da população, foi capaz de resolver o problema da pobreza para os idosos de forma razoável, se os comparamos com o grau de pobreza que afeta a população em geral.

De fato, demonstramos que a renda média dos idosos é mais elevada que a renda per capita da maioria dos domicílios, em particular dos pobres. Portanto, a presença dos idosos, em vez de ser uma das razões para um maior grau de pobreza entre os não-idosos, na verdade é responsável por reduzir o seu grau de pobreza – a pobreza entre os não-idosos seria dois pontos percentuais maior, caso os idosos constituíssem domicílios separados.¹¹

Em 2002, em Madri/Espanha, na II Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre o envelhecimento, foram traçados dois objetivos que deverão orientar as políticas inovadoras para responder a este fenômeno: 1. O envelhecimento tem que ser ativo; 2. A sociedade é feita por todas as pessoas, em todas as idades. Nesta ocasião, Kofi Annan, secretário geral, ressaltou em seu discurso:

A expansão do envelhecer não é um problema. É, sim, uma das maiores conquistas da humanidade. O que é necessário é traçarem-se políticas ajustadas para envelhecer são, autônomo, ativo e plenamente integrado. Ao não se fazerem reformas radicais, teremos em mãos uma bomba-relógio a explodir a qualquer altura.¹²

Quanto ao Brasil, país em desenvolvimento, essas mudanças também estão fortemente presentes nos dados de que se dispõe do IBGE¹³: em 1991, a proporção de idosos era de 7,3%, 10 milhões, passando a 8,6% em 2000, o que representa um aumento de quase 4 milhões de pessoas. Atualmente, o contingente de idosos brasileiros está na casa de 17,6 milhões e a estimativa é de que, nos próximos 20 anos, exceda 30 milhões, representando quase 13% da população. O Censo 2000 verificou que 62,4% dos idosos eram responsáveis pelos seus domicílios, e é importante destacar que 20% dos lares

¹¹ BARROS, R. P.; MENDONÇA, R.; SANTOS, D. *Incidência e natureza da pobreza entre idosos no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 1998. Disponível em: <<http://www.editrj@ipea.gov.br>>. Acesso em: 3 0/11/2006.

¹² ONU, *Estratégia Internacional de Ação sobre o Envelhecimento*. 2002. Disponível em: <<http://www.madrid2002-envejecimiento.org>>. Disponível em 20/11/2006.

¹³ IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estudos e Pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 9: *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas. Departamento de População e Indicadores Sociais, 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtml>. Acesso em: 30/07/2006.

brasileiros têm como responsáveis os(as) idosos(as), e destes a maioria são as mulheres (37,6%), ocupando uma posição de destaque no modelo de organização da família brasileira.

A proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças. Em 1980, existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças; em 2000, essa relação praticamente dobrou, passando para quase 30 idosos por 100 crianças. A queda da taxa de fecundidade ainda é a principal responsável pela redução do número de crianças, mas a longevidade vem contribuindo progressivamente para o aumento de idosos na população.

O Brasil, à semelhança de outros países em desenvolvimento, está envelhecendo rapidamente. A população idosa, considerada como aquela com 60 ou mais anos de idade, é o segmento populacional que cresce mais rapidamente em nosso país. Estima-se que em 2020 o Brasil terá a sexta maior população idosa do mundo, com cerca de 32 milhões de pessoas.¹⁴

Tabela 1: Evolução da população por faixas de idade (1991-2000)

	1991	2000	Var.%
Total	146.825.475	169.799.170	15,6%
0 a 14 anos	50.988.432	50.266.122	-1,4%
15 a 59 anos	85.114.338	104.997.019	23,4%
60 anos ou mais	10.722.705	14.536.029	35,6%
% 60anos ou mais	7,3%	8,6%	

Fonte: Censo 1991 e 2000 do IBGE¹⁵

¹⁴ LIMA-COSTA, M. F.; VERAS, R. Saúde pública e envelhecimento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 19, p. 700-701, 2003.

¹⁵ IBGE. *Previdência social a idosos e estimativa de beneficiários indiretos*. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/docs/powerpoint/dia_idoso.ppt>. Acesso em: 30/11/2006.

[...] os processos de desenvolvimento ocorrem na infância e têm nesta etapa a particularidade de marcar irreversivelmente todo o desenvolvimento posterior: a adolescência é uma etapa de crises, de ruptura e convulsão; a idade adulta é sinônimo de estabilidade, de ausência de mudanças importantes; a velhice se identifica com deterioração psicológica.¹⁸

Pouco se modificou nesta visão estereotipada de tópicos evolutivos. Ainda se constrói grande parte das atividades e das expectativas, tanto educacionais como sociais, com base nesses pressupostos, que, em grande parte já estão ultrapassados por pesquisas, conhecimentos e descobertas mais recentes. Aqui se inclui a manifestação clara e inequívoca dos idosos, que nos mostra uma vivência competente e ativa nas idades mais avançadas, relativizando nossos escalonamentos e conhecimentos.

O Seattle Longitudinal Study¹⁹, que ocorreu ao longo de 35 anos entre 1956-1991, é um exemplo de pesquisa com resultados que questionam esta visão estereotipada de desenvolvimento como meia lua: o crescimento (evolução) da infância até a vida adulta e depois a decadência (involução) da vida adulta até a velhice. Esta pesquisa avaliou capacidades intelectuais primárias, rigidez e flexibilidade intelectual, experiências de vida e variáveis sociodemográficas. Foram sujeitos da pesquisa em torno de 5 mil pessoas adultas, que foram avaliadas em seis momentos diferentes: 1956, 1963, 1970, 1977, 1984 e 1991. O estudo encontrou respostas como estas: não existe uniformidade nas mudanças das capacidades intelectuais relacionadas à idade. As mudanças ligadas às funções intelectuais variam em relação ao tempo em que acontecem para cada um, e também no modo como acontecem.²⁰

Nas últimas décadas, surgiram muitos outros estudos importantes em relação ao tema, como o *Berlin Aging Study*, BASE, ou *Berliner Altersstudie*, um estudo multidisciplinar com pessoas entre 70-100 anos que se realizou em Berlim, entre 1990-1993, com 516 pessoas, levantando informações básicas sobre a saúde corporal e psíquica, capacidades intelectuais, bem como a situação psicossocial e econômica. Seus resultados

¹⁸ CARRETERO, M.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. *Psicología evolutiva: adolescencia, madurez y senectud*. Madrid: Alianza, 2000. p. 235. “[...] los procesos de desarrollo ocurren en la infancia y tienen en esta etapa la particularidad de marcar irreversiblemente todo el desarrollo posterior; la adolescencia es una etapa de crisis, de ruptura y convulsión; adultez es sinónimo de estabilidad, de ausencia de cambios; vejez y deterioro psicológico son identificables”.

¹⁹ SCHAIE, K. W. *Intellectual Development in Adulthood: The Seattle Longitudinal Study*. Cambridge: Cambridge University, 1996.

²⁰ NERI, Anita Liberalesso. O curso do desenvolvimento intelectual na vida adulta e na velhice. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002. p. 906-907.

desmistificaram os estereótipos que desqualificam os idosos como rígidos, dependentes, inúteis e senis, apresentando resultados de competências no cotidiano, de satisfação apesar de fragilidades e de intensificação das dificuldades somente nas idades bem mais avançadas.²¹ Realizou-se igualmente um estudo em Portugal, *Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa*, em que foi caracterizada uma amostra de 1.665 idosos com 75 anos ou mais, residentes em 13 Distritos de Portugal, nos anos 2000-2001. O instrumento utilizado na recolha dos dados dos 1.354 sujeitos (81,3%) da amostra foi o EASYcare. Sua conclusão, de forma resumida foi a seguinte: “A qualidade de vida, para a maioria dos idosos, pode ser considerada bastante positiva, sendo que uma minoria apresentou problemas de diminuição cognitiva grave ou algum grau de dependência”.²²

O estudo científico do desenvolvimento humano está focalizado no quanto e como as pessoas mudam e também não mudam, do nascimento até a morte. Aparentemente, as mudanças são mais visíveis e óbvias na infância, mas elas são constantes e impactantes durante toda a vida do ser humano. Baseado nessa premissa, a OMS – Organização Mundial da Saúde²³ – tem incentivado propostas de atuação na área do envelhecimento baseadas em programas que incentivam um “envelhecimento ativo” (*active aging*), em todos os países, mas especialmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Trata-se de modelos que levam as pessoas mais velhas a permanecerem saudáveis e ativas, e isto não deveria ser visto como um luxo, mas como uma necessidade, ressalta o órgão. Segundo os propósitos da OMS, os programas devem levar em conta os direitos, as necessidades, bem como os desejos e as capacidades das pessoas idosas, e isso dentro da perspectiva de curso de vida, considerando as suas histórias de vida e seu contexto em particular como da maior importância.²⁴

Gostaríamos de ressaltar o conceito “envelhecimento ativo” (*active aging*) da OMS, que tem uma profunda ligação com a perspectiva de desenvolvimento do curso de

²¹ BERLIN AGING STUDY (BASE), c/o Max Planck Institute for Human Development, Lentzeallee 94, 14195 Berlin, Germany. Disponível em: <<http://www.base-berlin.mpg.de>>. Acesso em: 30/11/2006.

²² SOUSA, Liliana; GALANTE, Helena; FIGUEIREDO, Daniela. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 3, 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12/11/2006.

²³ WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *A Life Course Perspective of Maintaining Independence in Older Age*. Geneva: WHO, 1999. Disponível em: <<http://www.who.int/en/>>. Acesso em: 30/11/2006.

²⁴ WHO, Weltgesundheitsorganisation, Abteilung für Vorbeugung von nichtübertragbaren Krankheiten und Förderung der geistigen Gesundheit.

vida, *lifespan*, que é fundamental nesta tese. O prolongamento de vida que está sendo previsto para grande parte da população necessita estar acompanhado de possibilidades para manter a saúde, possibilidades de participar ativamente da vida social, otimizando as capacidades e garantindo a segurança pessoal para uma melhor qualidade de vida. Esse conceito envolve o aspecto individual, mas também o grupal. Envelhecer ativamente envolve potencializar aspectos corporais, sociais, emocionais e espirituais para o bem estar em todo o transcurso da vida. Gibran disse, certa vez, que a felicidade é mais do que a satisfação de necessidades e infelicidade é mais do que necessidades não satisfeitas. Cada idoso(a) pode participar ativamente da vida social dentro de suas expectativas, necessidades e capacidades; deve-se, ao mesmo tempo assegurar aos idosos portadores de necessidades especiais a devida segurança, cuidado e proteção.²⁵

Faz-se necessária uma explicação do termo “ativo”, neste contexto, pois ele designa uma participação permanente na vida social, econômica, cultural, espiritual e civil, não se referindo somente a movimentos ativos do corpo ou a estar integrado ao processo de trabalho formal. O termo “ativo” inclui aqui as pessoas idosas aposentadas, ou as dependentes, fracas, doentes, deficientes que podem, mesmo assim, contribuir ativamente na sua família, comunidade e localidade.²⁶

Temos consciência das necessidades expostas acima, de que um envelhecimento satisfatório somente é possível quando possibilitarmos aos idosos a sua participação ativa na vida sociocultural, otimizando suas capacidades e garantindo acesso a cuidados de saúde e de segurança pessoal. Refletindo sobre esses aspectos básicos, surge uma preocupação em relação ao modo de como estamos entendendo o desenvolvimento humano na fase mais tardia de vida.

Contemplar e ponderar em torno daquilo que nos construiu no nosso ideário sobre envelhecimento, os modelos mais propagados e absorvidos, a minha e a nossa visão do sujeito idoso atual, como sujeito deficitário ou potencializador de vida. Junto a isso o estudo do desenvolvimento humano na perspectiva do paradigma teórico do *lifespan*, do curso de vida, mais especificamente o envelhecimento humano, seus potenciais aparentes e

²⁵ SALVADOR-CARULLA, L. et al. *Longevidad*: tratado integral sobre salud en la segunda mitad de la vida. Madrid: Editorial Médica Panamericana, 2004.

²⁶ WHO, Weltgesundheitsorganisation, WHO, *Abteilung fur Vorbeugung von nichtubertragbaren Krankheiten und Forderung der Geistigen Gesundheit*. Aktiv Altern: Rahmbedingungen und Vorschläge für Politisches Handeln, Kobe, 2002. Disponível em: <<http://www.who.int/hpr/ageing>>. Acesso em: 30/07/2006.

latentes, suas limitações e fragilidades, dentro de um contexto sociocultural específico, os idosos moradores na periferia de uma grande cidade, no caso Porto Alegre. Essa abordagem, esse diálogo em todos os seus desdobramentos, foi um estudo que percorreu caminhos teóricos e práticos, enriquecendo a mim pessoalmente, aos participantes, como também a psicologia do desenvolvimento contemporânea, uma vez que essa perspectiva relativamente nova chama a atenção, baseada em vários estudos, para uma nova forma de entender e conceituar esta época de vida como potencialmente fértil e satisfatória. Pessoas que apesar da idade apresentam uma grande capacidade de reserva para o desenvolvimento, que apresentam ganhos mas também perdas, que são multifacetadas e variadas em suas vidas e contextos. Trata-se de uma tentativa de ultrapassar os limites estreitos dos reducionismos que volta e meia nos rondam e nos fustigam em nosso ideário, bem como em desejos e fantasias. Conforme afirma Hillman: “Quanto mais nos agarrarmos a idéias gastas, mais elas nos afetam negativamente, atuando como patologias. A principal patologia da velhice é a nossa visão da velhice”.²⁷

É fascinante falar da escolha desse sujeito da experiência do envelhecer, que não é nem o sujeito que se contém em si mesmo, nem o sujeito definido pelas determinações sociais, no caso bastante frágeis e precárias. Trata-se, sim, do sujeito que ativamente constrói e reconstrói o significado de sua experiência, e o faz de longa data, a partir dos sentimentos e cognições abundantes e multifacetadas, cuja análise exige a maestria de uma pauta interdisciplinar, biológica, psicológica, social, ecológica e teológica, além de outras mais. Uma só perspectiva seria extremamente pobre e seria apenas uma das possíveis perspectivas iluminadoras de um segmento da realidade, mas redutora do macrofenômeno que é o envelhecimento. Dá-se, então, uma interlocução com várias outras disciplinas humanas e sociais, ou seja, com as múltiplas perspectivas culturais que permitem uma apreensão menos reduzida do objeto deste estudo.

Ter um contato intensivo com a perspectiva do *lifespan*, do curso de vida, na área de desenvolvimento humano, proveniente de Paul B. Baltes e seus colaboradores, por estudo e por afinidades, trouxe e traz uma reformulação na maneira de entender o processo de desenvolvimento, alterando a concepção de que nas idades mais avançadas haveria

²⁷ HILLMAN, J. *A força do caráter e a poética de uma vida longa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 18.

apenas declínios e perdas. A isso ela acrescenta uma preocupação com a ontogênese²⁸, a partir da idéia de que esta não é completada nem finalizada na vida adulta, mas vai do nascimento à morte, em constantes e vitalícios processos de adaptação, que ocorrem tanto no que se refere ao desenvolvimento global do indivíduo quanto nos seus diferentes domínios e funções, como percepção, criatividade, memória e outras.²⁹

A isso se acrescentaram ainda as questões surgidas na prática profissional clínica, em trabalhos com grupos de idosos em vilas populares, e na pesquisa de campo feita com a finalidade de elaborar a dissertação de mestrado, que teve como tema “A satisfação e o sentido de vida no envelhecimento”.³⁰ Ficamos surpreendidas com os depoimentos acerca da satisfação, da curiosidade de aprender e fazer, da satisfação com a maior parte dos aspectos da vida. Esta etapa da vida, segundo Baltes³¹, pode ser bastante satisfatória. Entende ele que são anos de menos trabalho físico e com mais espaço para conhecimento e treinamento em habilidades, bem como capacidade e criatividade, que auxiliam os idosos a entender e atuar no mundo em que vivem.

Encontrar um espaço para um diálogo onde protagonizam: a teoria de desenvolvimento no curso de vida, *lifespan*, pesquisada especialmente em países desenvolvidos, e os idosos moradores em bairros da periferia de Porto Alegre com características próprias e peculiares de seu contexto sociocultural. Esta seria uma possibilidade de demonstrar uma reserva de capacidades, de enfrentamento e de adaptabilidade para o desenvolvimento nesta fase, não ligadas tão-somente às condições socioculturais e financeiras consideradas ideais em nossa sociedade, podendo ser um grande incentivo às pessoas que envelhecem em situações com poucos privilégios como é o caso de muitas comunidades brasileiras. Esta será a questão básica que orientará a elaboração desta tese.

Estaremos iniciando o *primeiro capítulo, Quatro perspectivas clássicas em desenvolvimento humano*, apresentando teorias relevantes que tiveram enorme penetração

²⁸ Ontogênese = Desenvolvimento do indivíduo desde a fecundação até a maturidade para reprodução. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.1447.

²⁹ BALTES, P. B.; LINDENBERGER, U.; STAUDINGER, U. M. Lifespan Theory in Developmental Psychology. In: LERNER, R. M. (Ed.). *Handbook of Child Psychology*. v. 1: Theoretical Models of Human Development. 5. ed. New York: Wiley, 1998. p. 1029-1143.

³⁰ LICHTENFELS, H. *Satisfação e sentido de vida no envelhecimento*. São Leopoldo: EST, 2002. Dissertação (Mestrado em Teologia), Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia.

³¹ BALTES, P. B. Theoretical Propositions in Lifespan Development Psychology: On the Dynamics between Growth and Decline. *Developmental Psychology*, v. 23, p. 611-626, 1987.

na área da psicologia e educação, sendo a sua principal base a Teoria da Evolução de Charles Darwin³², que se orienta por mudanças regulares, relacionadas à idade fisiológica humana. É um processo relativamente fechado, programado, influenciado pela nutrição como aspecto ambiental e pelo apoio no aspecto social. Esta visão de desenvolvimento humano conduziu durante décadas a uma visão deficitária do envelhecimento, que seria um declínio progressivo, inevitável e irreversível em todos os domínios: biológico, psicológico e social. Segundo Neri: “A psicologia do desenvolvimento e a do envelhecimento compartilham uma ancestral comum: a teoria evolucionista de Darwin (1801-1882), que foi ponto de partida para todas as concepções científicas sobre o desenvolvimento humano que conhecemos no século XX”.³³ Apresentaremos as perspectivas de desenvolvimento da personalidade humana que seguem esta teoria de base e têm grande influência em nosso meio: as de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Jean Piaget e Erik Homburg Erikson, com a preocupação de não enclausurar a vida e suas possibilidades, desatando nós e laços bem atados, para abrir oportunidades para concretizar uma vida ativa em cada dia.

Pesquisar inclui questionar e desestabilizar conceitos e paradigmas, colocando em dúvida crenças antigas e populares acerca das coisas. O estudo científico do envelhecimento tem origens recentes. A formação acadêmica nas últimas décadas esteve amplamente amparada na premissa de que os anos de vida adulta incluiriam estabilidade e conquistas, e os da velhice estariam ligados à defasagem e ao declínio, ligada aquelas teorias expostas no primeiro capítulo. É certo que o desenvolvimento concebido como processo que ocorre ao longo de toda a vida é um fenômeno que sensibiliza a vários profissionais e estudiosos, mais especialmente a mim. Conseqüentemente, estaremos apresentando, no *segundo capítulo*, um constructo do fenômeno de desenvolvimento e crescimento contínuos, *lifespan*. Segundo o educador Paulo Freire: “Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. E que não se esgota num tipo padronizado de resposta”.³⁴

Neste *segundo capítulo*, estaremos evidenciando como um desafio às teorias de desenvolvimento clássicas em estágios seqüenciais com seus modelos deficitários para a velhice, a perspectiva de orientação dialética, o *Paradigma do desenvolvimento humano no*

³² DARWIN, C. *Origem das espécies*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985.

³³ NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E.V.; PY, L.; NERI, A.L. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002. p. 33.

³⁴ FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p. 39.

curso de vida, lifespan.³⁵ A perspectiva dialética evidencia as oposições e as contradições e sua possível resolução numa síntese. Na área de desenvolvimento na idade madura, o enfoque dialético distingue a pessoa como potencialmente ativa e capaz de mudanças, integrada ao seu contexto e em constante transição. O paradigma de desenvolvimento no *lifespan*, no curso de vida, visualiza o desenvolvimento potencial em qualquer idade, de forma individual ou ligada à coletividade. O desenvolvimento é determinado por forças biológicas e culturais que o moldam numa tensão incessante e não percorre um caminho linear. Realiza o ser humano constantemente um esforço de adaptação, de troca de papéis, de procura de novos conhecimentos, de mecanismos adaptativos e de enfrentamento, caminhando sempre em direção a uma nova síntese. Adota para isso o modelo de seleção, otimização e compensação SOC, “uma perspectiva de ‘declínio com compensação’ em relação à velhice”, um gerenciamento da vida enquanto pessoa idosa e muito idosa, selecionando, otimizando e compensando, para um desenvolvimento e crescimento satisfatório.³⁶

A teoria está projetada de tal modo que mostra um alto grau de generalização, sendo praticamente aplicável a todos os conteúdos de desenvolvimento, constituindo-se numa metateoria: a teoria SOC pode ser, ao mesmo tempo, relativista e universalista. Sua relatividade está fundamentada, em princípio, nas diferenças que dependem da própria pessoa e do contexto em termos de recursos motivacionais, sociais e materiais que caracterizam a individualidade no processo de desenvolvimento. Já a universalidade, na teoria SOC, está baseada, em primeiro lugar, no argumento de que todo processo de desenvolvimento contém alguma combinação de seleção, otimização e compensação, ainda que não sejam usadas as três, concomitantemente. Em segundo lugar, as combinações de seleção, otimização e compensação acompanham o curso da vida, a biografia. Com o avanço da idade, uma ou outra estratégia é mais utilizada para que o desenvolvimento não estagne.³⁷

Nosso interesse foi o de aprofundar o estudo por meio da abordagem qualitativa, buscando compreender a realidade objetiva e subjetiva dos idosos em seu cotidiano de moradores da periferia, suas capacidades, suas limitações e como se adaptam as adversidades. No *terceiro capítulo*, estaremos tratando então do *percurso, do caminho*

³⁵ BALTES, P. B. Theoretical Propositions of the Lifespan Development Psychology. Op. cit., p. 611-696.

³⁶ NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento. Op. cit., p. 40.

³⁷ BALTES, Paul B.; BALTES, Margarteh M. Optimierung durch Selektion und Kompensation: Ein psychologisches Modell erfolgreichen Alterns. *Zeitschrift für Pädagogik*, v. 35, p. 85-105, 1989a.

metodológico escolhido para compreender a realidade objetiva e subjetiva dos sujeitos estudados, fundamentado pela pesquisa fenomenológica que se volta para a compreensão e não só para a explicação. E “valoriza como essencial a presença do homem como experiência fundamental, considera o mundo vivido pelo sujeito como a origem de todo o conhecimento”.³⁸ Portanto, não parece existir “um” ou “o” método fenomenológico, mas uma atitude. Seria uma atitude de abertura ao ser humano, de compreensão, de estar livre para perceber aquilo que se mostra. Para Heidegger, a atitude fenomenológica é retomar um caminho que nos conduza a ver nosso existir simplesmente como ele se mostra, reorientar nosso olhar para além da aparência do fenômeno.³⁹ Falamos aqui especialmente com e de sujeitos, pessoas moradoras de vilas de periferia de um Brasil marcado pela diversidade de raças, recursos naturais e traços culturais. Falamos de segregação territorial, de exclusão, de falta de moradia digna, de oportunidades, de miséria e principalmente de desigualdade. Segundo DaMatta:

O que torna original a cultura brasileira é precisamente essa multiplicidade de imagens e representações que exprimem uma sociedade movida pelo acasalamento e pela mistura. Um sistema que, a despeito de todas as pressões individualistas, recusa o compartimento, a pureza e o isolamento individual. É essa lógica que tem salvo o Brasil, pois é ela que junta a casa com a rua, esse mundo com o outro, o antigo com o moderno, a ideologia individualista com os laços de família e, no calor da hora, pode insinuar o amigo no lugar do inimigo político.⁴⁰

Nosso objetivo fundamental na pesquisa de campo é apresentar este sujeito idoso por meio de suas próprias narrativas, constitui-se esse aspecto num grande estímulo, pois temos observado que em muitos estudos quase sempre outros atores ou mesmo números têm falado por eles. O seu envolvimento proporcionou uma compreensão mais clara de suas estratégias de vida o que contribui de forma significativa, visto que, pesquisas relacionadas a esta perspectiva teórica do *lifespan*, do curso de vida serem pouco efetuadas em realidades menos favorecidas, como as da periferia de grandes cidades brasileiras.

Mesmo tendo a possibilidade de apreender algumas das características empíricas, concretas, visíveis e verificáveis do envelhecimento sob estas condições, em um momento preciso, nossa pesquisa é uma faceta de um processo funcionante, investido de interesses e

³⁸ MORAES, Roque. *Fenomenologia*: uma introdução. Porto Alegre: Faculdade de Educação da PUCRS, 1997. p. 20.

³⁹ HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. 14. ed. Tübingen: Max Niemeyer, 1977. p. 28-30.

⁴⁰ DAMATTA, Roberto, *Entendendo o Brasil*. Disponível em: <[http://www.cieam.com.br/dawnloads_notaveis/ENTENDENDO%20O%20BRASIL%20\(Da%20Matta\).doc](http://www.cieam.com.br/dawnloads_notaveis/ENTENDENDO%20O%20BRASIL%20(Da%20Matta).doc)>. Acesso em: 30/11/2006.

significações simbólicas, é um trabalho aproximativo e inacabado de interpretação da realidade do fenômeno e uma ação transformadora; transformando a todos que dele fizeram e fazem parte.

Apresentar e discutir os resultados no quarto capítulo se configura naturalmente por meio do coro das vozes dos idosos que participaram ativamente desta empreitada. Este foi, na realidade o grande estímulo de escrever e reescrever sem encontrar as palavras certas. Foram eles, na verdade, que nos deram os tons para tecer esta intrincada rede de dar voz para formular um texto, de descrição, de interpretação e de diálogo. Traduzir as falas em categorias, com o uso de um software apropriado para a pesquisa qualitativa, refleti-las então em relação à teoria do curso da vida, nos desafiou a caminhar entre a realidade e os conceitos teóricos, imaginar um desenvolvimento contínuo e flexível, no curso de toda a vida, do *lifespan*, utilizando para isso os relatos dos idosos moradores em bairros de periferia, numa situação sociocultural desprivilegiada. Dar voz às pessoas tornou o diálogo com a complexidade da temática mais leve e fluente. Quando se sai de viagem em terrenos novos, muitas vezes simplesmente não se percebe quanto levamos de ingenuidade e de preconceitos na nossa maleta. Isso naturalmente também é nosso problema, a saber, poder ir além do que a própria investigação como psicóloga e cientista social o permite.

Partindo, então, dos depoimentos do capítulo anterior em relação à flexibilidade e à procura de novas formas de viver e experimentar a religiosidade/espiritualidade dos idosos, passamos no *quinto capítulo* a uma reflexão que tenta *construir novas pontes* e percorrer os caminhos *entre a religiosidade contemporânea e o modelo de desenvolvimento lifespan, do curso de vida*. Revendo a maneira como enclausuramos as pessoas idosas em temas e tabus de sabedoria, de graça, de enfermidade e de finitude também na área religiosa; enquanto os idosos estão almejando e buscando realizar atividades novas e interessantes, viver sua fé de acordo com o tempo e o contexto em que vivem. Realizamos, para isso, um diálogo entre a teoria *lifespan*, de curso de vida com a teoria de estágios da fé de Fowler, amplamente utilizada na área de formação teológica, considerando especialmente a biografia de vida, a narrativa de fé, os *stories*. Não é possível retratar a história da fé individual por meio de evoluções normativas, de superações ou retrocessos, somente podemos nos aproximar dela por meio das vivências e experiências de fé pessoais, descritas pela própria pessoa em sua biografia. O ser humano se encontra em sua história e a constrói a cada dia, elaborando seus caminhos de fé e de esperança, de forma única e pessoal.

Consideramos da maior importância modificar, com este estudo, um tanto desta visão tão pessimista e negativa que domina a nossa sociedade em geral, para que o envelhecimento tenha um futuro. É um movimento de reforma baseado em pesquisa, metodologia e análise científicas, considerando que a verdade não está engessada; ela se movimenta para que sempre de novo se descortinem paisagens que nos desafiem e encantem. Colaborar com a possibilidade da construção de um novo modo de ver, imaginar e praticar o envelhecimento tanto para quem o vive, como para quem o espera, espero ter sido esta a contribuição deste estudo.

Compartilhamos do seguinte pensamento de Bernard Shaw: “Alguns homens vêem as coisas como são e dizem: por quê? Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo: por que não?”.⁴¹

⁴¹ GEORGE BERNARD SHAW em volta a Matusalém. Literatura: Obra essencial. SESC-SP. *Revista E*, São Paulo, n. 92. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=206&Artigo_ID=3195&IDCategoria=3450&reftype=2. Acesso em: 10/12/2006.

1 QUATRO PERSPECTIVAS CLÁSSICAS EM DESENVOLVIMENTO HUMANO

Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, princípio, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez seja esse o jeito de se escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem [...].⁴²

1.1 INTRODUÇÃO

A teoria evolucionista de Charles Darwin (1809-1882) é, sem sombra de dúvida, a ancestral mais conhecida de todas as teorias do desenvolvimento humano, abrangendo tanto a psicologia do desenvolvimento como a do envelhecimento.⁴³ Todo o século XX, com suas pesquisas e produções, como também a teoria do desenvolvimento da criança e do adolescente devem muito às idéias darwinistas.

A influência de Darwin ultrapassa todas as fronteiras das ciências e da biologia, onde foi criada; sua teoria da evolução por meio da seleção natural ganhou os campos da sociologia, da antropologia, até da economia e muitas outras áreas do conhecimento na atualidade. “Os meios de comunicação servem-se fartamente de jargões e raciocínios

⁴² ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Op. cit., p. 89.

⁴³ DARWIN, Charles. *Origem das espécies*. Op. cit.

tirados do darwinismo e até mesmo programas de computador vêm sendo criados usando técnicas derivadas do que se entende por evolucionismo darwiniano”.⁴⁴

O darwinismo, a rigor, explicitado de maneira simples, “é a evolução por seleção natural regida pelo acaso, ou seja uma teoria que explica a evolução dos seres vivos através do surgimento de mutações ao acaso”, resultando daí variações em relação a um conjunto designado como “espécie” e uma seleção posterior de algumas dessas mutações pela ação do meio circundante, também denominado de “ambiente” ou “natureza”. “O resultado final se expressa na condição de indivíduos com tais mutações serem mais ‘adaptados’ às hostilidades do ambiente e conseguirem ter mais descendentes do que as variações menos ‘adaptadas’”.⁴⁵

As teorias de estágios, que, de certa forma, descendem em maior ou menor grau do darwinismo, pois surgem em épocas históricas diferenciadas, estão incluídas, na psicologia do desenvolvimento, justamente no paradigma das mudanças ordenadas, pois se desenvolveram baseadas em seis princípios: “1) seqüencialidade das transformações que ocorrem no indivíduo ao longo do tempo; 2) unidirecionalidade; 3) orientação à meta; 4) irreversibilidade; 5) natureza estrutural-qualitativa das transformações; 6) universalidade dos processos de mudança”.⁴⁶

Durante as últimas décadas, a psicologia do desenvolvimento, e com ela todas as outras áreas da ciência que tratam do desenvolvimento e do crescimento do ser humano, foi dominada por esta idéia de ordem biológica, que prediz o desenvolvimento psicológico em todas as suas nuances, em concomitância ao desenvolvimento biológico. Os períodos de crescimento ocorreriam, neste caso, em ordem sucessiva, chegando a uma culminância e depois a uma involução. O envelhecimento, justamente a velhice estaria, então, marcada por estagnação; em seguida viriam o declínio e a involução tanto biológica como psicológica, e isto dentro de uma ordem universal e irreversível.

Este ideário parece ser produto de uma série de mudanças que se dão quando se avança na idade: mudanças biológicas, físicas, sociais e até econômicas, entre tantas mais. Desde logo, não se pode deixar de admitir a realidade de que o envelhecimento traz

⁴⁴ MAGALHÃES, Gildo. *Darwin*: herói ou fraude. Disponível em: <<http://cfc.ul.pt/equipa/gildo/gildomagalhaes.htm>>. Acesso em: 5/04/2006.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ LERNER. Apud NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento. Op. cit., p. 33.

consigo uma maior probabilidade de contrair enfermidades, diminuições sensoriais e déficits numa série de funções psicológicas. Por outra parte, a regulamentação social e trabalhista impede o trabalho formal após uma determinada idade, independentemente do desejo ou da capacidade do cidadão. Com isto, o papel social da pessoa muda, vendo-se ela alijada das funções que até aqui exerceu e com pouca probabilidade de concorrer a alguma nova função no mercado de trabalho atual, restando-lhe funções menos valorizadas em todos os sentidos. O baixo valor das aposentadorias determina a precariedade econômica deste grupo, dificultando o seu espírito empreendedor e não lhe concedendo possibilidades de novas formações. São mudanças amplamente sentidas em toda a sociedade.

Nesse sentido, os conceitos de crescimento de C. Darwin correspondem ao paradigma do desenvolvimento de *mudança ordenada*, um dos que presidem a investigação e a construção de grande parte das teorias mais conhecidas na área do desenvolvimento e foram contemplados e amplamente utilizados em toda a ciência, ressaltando-se aqui a área da educação, durante muitas décadas. Trata-se de um paradigma que impregna o pensamento neste mundo globalizado, capitalista e tecnocientífico, tornando descartável toda e qualquer pessoa, e mesmo utensílio, que não tenha utilidade imediata.

Como modelos dentro deste paradigma de *mudanças ordenadas* temos grande quantidade de teorias de estágios. Entre elas, poder-se-iam citar algumas que deixaram um legado importante e construíram a nossa história e visão de mundo em muitos sentidos. Por ordem histórica, poder-se-ia colocar em realce os seguintes pensadores: Sigmund Freud (1905), com a teoria psicosexual que corresponde a cinco fases de desenvolvimento do bebê até a idade adulta; Carl Gustav Jung (1933), que focaliza a vida em crescimento e desenvolvimento constantes, dividida em duas grandes metades ou quatro idades: infância, vida adulta, meia-idade e velhice; Jean Piaget (1925), com a teoria dos estágios cognitivos, sendo estes seqüenciais e as mudanças ordenadas e previsíveis; Erik Homburg Erikson (1950) apresenta sua teoria psicossocial com o desenvolvimento em oito estágios seqüenciais da vida, em sua extensão total, fases que dependem da elaboração de crises intermediárias. Estas teorias, acrescidas de mais algumas, como as de Charlotte Bühler (1935), Kühlen (1964) e Daniel Levinson (1978), afirmam que o desenvolvimento humano se dá em etapas, segundo padrões ordenados de mudança.⁴⁷ Estes seriam, então, padrões de

⁴⁷ Ibid., p. 34.

ordem universal porque a sua origem é ontogenética, e os outros determinantes, como os socioculturais e históricos, apresentariam de maneira quase uniforme as devidas condições para a manifestação dos elementos que apresentam essa base ontogenética. Erikson, Piaget e até Jung, em vários momentos de suas pesquisas e análises, levantam dúvidas em relação ao grau de interferência da cultura no desenvolvimento, mas não chegam a modificar a base de suas estruturas de etapas bem definidas.

Não existe uma linguagem comum para estabelecer, com precisão, as etapas do ciclo de vida de cada pessoa, que podem ser descritas por vários termos: estágio, época, fase, período, inclusive etapa. Estes são termos usados conceitualmente de forma intercambiável nos diversos modelos apresentados. Na seqüência deste capítulo, apresentaremos esses modelos de forma cronológica e histórica, ressaltando que, pelo volume, magnitude e abrangência de suas obras e do material de cada autor, esta apresentação será bastante sucinta. Na seqüência, então, as perspectivas de Sigmund Freud, de Carl Gustav Jung, de Jean Piaget e de Erik Homburg Erikson.

1.2 TEORIA PSICOSSEXUAL DE SIGMUND FREUD (1856-1939)

Sigmund Schlomo Freud nasceu em 6 de maio de 1856 em Freiberg (hoje: Pribor/República Checa), filho de Jacob e Amalia, judeus. Em 1860, a família se muda para Viena, onde Freud estuda Medicina e passa a atuar, depois de formado, como pesquisador do Instituto de Fisiologia de Viena. Em 1882, passa a trabalhar no Hospital Geral de Viena, em clínica médica, mas não aprecia seu trabalho nesta área; participa, neste mesmo hospital, da pesquisa, inédita na Europa, sobre o efeito de analgesia com cocaína. Faz seu doutoramento em Neuropatologia e torna-se professor na área. Trabalha três anos no setor de psiquiatria com o professor Meynert; faz, em seguida, um estágio na Clínica de Nervos de Paris Salpêtrière, onde conhece o trabalho de Jean-Martin Charcot (1825-1893) e tem contato com a hipnose e a sugestão, que passam a ser de seu grande interesse. Casa com Marta Bernays e tem seis filhos. A partir de 1895, trabalha com Breuer, seu amigo e professor, e participa de seus casos de análise, publicando em conjunto *Studien über Hysterie* (1895) (*Os estudos sobre a histeria*).

Freud desenvolve em seus estudos, como primeiro e grande conceito, o do inconsciente, e inicia seu pensamento teórico propondo que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Freud afirma que nada ocorre por acaso, muito menos os processos mentais; há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, para cada sentimento ou ação. Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente, é determinado pelos fatos que o precederam (determinismo psíquico).⁴⁸ Uma vez que alguns eventos mentais ocorrem espontaneamente, Freud analisa e descreve os elos ocultos que ligam um evento consciente a outro. O termo *psicanálise* (associação livre) é concebido por Freud em 1896. Rompe logo em seguida suas relações com Breuer, seu grande amigo; sofre a perda de seu pai no mesmo ano e vive uma profunda crise. Freud inicia sua auto-análise em 1897, ao examinar seus sonhos e fantasias, contando com o apoio emocional de seu amigo íntimo Wilhelm Fliess. No ano de 1899, publica *A interpretação dos sonhos (Die Traumdeutung)*, a qual o próprio Freud considera como o mais importante de todos os seus livros. A data de impressão desta obra, ele a coloca como 1900, pois gostaria que ela fosse associada ao início de um novo século.

Freud absorveu as idéias do século XIX e, com base em suas experiências, criou um aporte teórico que, na época, era muito avançado e até rejeitado pela elite científica, mas que até os dias de hoje é de grande significado para a psicologia. Sem Freud, a ciência hoje não seria aquilo que é. Ele definiu conceitos que não podem mais ser imaginados fora da psicologia e das ciências em geral, como consciente, inconsciente, neurose e libido. Na área médica da época, ele foi desconsiderado, mas seu legado duradouro teve grande influência na cultura do século XX.⁴⁹

O modelo de desenvolvimento humano que Freud criou é o modelo psicosssexual, descrito nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905). O desenvolvimento humano é entendido em fases e compreende o desenvolvimento da personalidade ligado ao desenvolvimento da sexualidade; isto significa que em toda nova fase o ser humano conquista uma nova zona erógena, que passa a ser central para ele. Um conceito de Freud que, naquela época, recebeu especial atenção, por se opor à moral geral então vigente, era de que a sexualidade se inicia logo com o nascimento, e não somente na puberdade, como se acreditava. Outro conceito importante é a distinção clara entre os termos “sexual” e

⁴⁸ ROAZAN, Paul. *Sigmund Freud und sein Kreis: Eine biographische Geschichte der Psychoanalyse*. Bergisch Gladbach: Gustav Lübbe, 1976. p. 48-49.

⁴⁹ GAY, Peter. *Freud para historiadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1989a.

“genital”. O primeiro amplia o conceito e abrange muitas manifestações que não têm nada a ver com a genitália. E, mais explicitamente, propõe que a vida sexual abrange as funções do ganho de prazer de zonas corporais que posteriormente promovem o crescimento geral do ser humano.⁵⁰ Nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905)⁵¹, Freud expressa a suposição de que a pulsão sexual surja dos órgãos somáticos, das zonas erógenas, como excitação sexual.

A pulsão sexual, portanto, se compõe de várias pulsões parciais (“Partialtriebe”; na tradução inglesa: “component instincts”). Estas se definem por suas fontes e seus alvos e incluem, notadamente, as pulsões oral, anal e fállica, mas também a pulsão de ver e a pulsão sádica.⁵²

Foi exatamente no segundo dos *Três ensaios sobre a sexualidade* que Freud postulou o processo de desenvolvimento psicosssexual em estágios ou fases. O indivíduo encontra o prazer no próprio corpo, pois, nos primeiros tempos de vida, a função sexual está intimamente ligada à sobrevivência.⁵³ O corpo está erotizado, e há um desenvolvimento progressivo destas partes corporais, numa seqüência invariável, onde o prazer muda de uma zona do corpo para outra, numa seqüência da boca para o ânus e depois para os órgãos sexuais; portanto, a fonte de gratificação varia.⁵⁴

As fases psicosssexuais:

As fases se sucedem, mas as idades correspondentes não são totalmente exatas, estando dentro de uma média aproximada.

Fase oral (0 a 18 meses) – a zona de erotização é a boca, e o prazer ainda está ligado à ingestão de alimentos, como o tocar, chupar, mastigar e engolir. Este impulso é de conservação e manutenção da vida. Com o passar do tempo, o chupar se apresenta não mais ligado exclusivamente à ingestão de alimentos, mas também já como fonte de prazer,

⁵⁰ FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1989c. v. XVIII (1925-1926) (CD-ROM).

⁵¹ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989a. v. VII (1901-1905), p. 118-217. [CD-ROM].

⁵² GOMES, Gilberto. The Two Freudian Concepts of Trieb. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online], v. 17, n. 3, p. 249-255, set. 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300007&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: 4/04/2006.

⁵³ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade. Op. cit., p. 162-188.

⁵⁴ PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 40-42.

denominado, então, como prazer sexual. O objetivo sexual desta fase consiste na incorporação do objeto.⁵⁵

O primeiro órgão que aparece como zona erógena e que faz uma exigência libidinosa à alma é, desde o nascimento, a boca. Todas as atividades psíquicas a serviço de criar satisfação para a necessidade desta zona.⁵⁶

Durante a vida posterior, esse impulso pode ser satisfeito pelo ato de fumar, beijar, fofocar, etc.

Fase anal (18 meses a 3 anos aproximadamente) – a zona de erotização é o ânus, e o modo de relação de objeto é “ativo” e “passivo”, do segurar e do largar, ou do brincar com as fezes. O controle do esfíncter é a nova fonte de prazer. O mundo externo coloca limites a essa atividade: ela só pode acontecer em lugares determinados e de forma higiênica. Isto pode ocasionar conflitos entre mãe e filho, em que a criança usa as fezes, o segurar e o largar, como presentes para a mãe.⁵⁷

Fase fálica (3 a 6 anos) – nesta fase, a sexualidade infantil alcança seu apogeu e seu final. A zona de erotização é o órgão sexual. A criança apresenta um objeto sexual e alguma convergência dos impulsos sexuais sobre esse objeto; ela se estimula sexualmente pelo manuseio e pelo ato de urinar. Esta fase assinala o ponto culminante e o declínio do complexo de Édipo pela ameaça de castração. A criança faz suas primeiras escolhas de objetos sexuais. O menino ama a mãe e vê o pai como concorrente; ao mesmo tempo, vê que a mãe não possui um pênis (o que lhe causa um trauma). Experimenta medo de seu pai, pelo seu objeto de jogo (a mãe), e imagina que será castrado pelo próprio pai. O complexo de Édipo se encerra quando o menino se identifica com o pai e aceita suas normas e idéias. Dessa forma, ele vai formando o superego, que é de grande importância para a sua vida posterior.⁵⁸ Na menina acontece um processo idêntico, porém invertido no gênero.

Em anos muito precoces da infância (aproximadamente entre as idades de dois e cinco anos) ocorre uma convergência dos impulsos sexuais, da

⁵⁵ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre sexualidade. Op. cit., p. 162-181.

⁵⁶ FREUD, Sigmund [1940]. *Abriss der Psychoanalyse*. Frankfurt a.M.: Fischer, 1996. p. 49. “Das erste Organ, das als erogene Zone auftritt und einen libidinösen Anspruch an die Seele stellt, ist von der Geburt an der Mund. Alle psychischen Tätigkeiten sind zunächst darauf eingestellt, dem Bedürfniss dieser Zone Befriedigung zu schaffen”.

⁵⁷ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre sexualidade. Op. cit., p. 162-181.

⁵⁸ FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989b. v. XIX (1923-1925), p. 217-224. [CD-ROM].

qual, no caso dos meninos, o objeto é a mãe. Essa escolha de um objeto, em conjugação com uma atitude correspondente de rivalidade e hostilidade para com o pai, fornece o conteúdo do que é conhecido como o complexo de Édipo, que em todo ser humano é da maior importância na determinação da forma final de sua vida erótica. Descobriu-se ser característica de um indivíduo normal aprender a dominar seu *complexo de Édipo*, ao passo que o neurótico permanece envolvido nele.⁵⁹

Latência (5/6 anos à puberdade) – essa fase tem sua origem na dissolução do conflito edipiano da fase anterior e se caracteriza por uma diminuição das atividades sexuais, como um intervalo entre os estágios de maior inquietude. Segundo Freud, de forma crescente, “o complexo de Édipo revela sua importância como o fenômeno central do período sexual da primeira infância. Após isso, se efetua sua dissolução, ele sucumbe à regressão”⁶⁰ e, conforme a teoria, vem acompanhado pelo período de latência.

Ainda não se tornou claro, contudo, o que é que ocasiona sua destruição. As análises parecem demonstrar que é a experiência de desapontamentos penosos [...] Mesmo não ocorrendo nenhum acontecimento especial tal como os que mencionamos como exemplos, a ausência da satisfação esperada, a negação continuada do bebê desejado, devem, ao final, levar o pequeno amante a voltar as costas ao seu anseio sem esperança. Assim, o complexo de Édipo se encaminharia para a destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna. [...] Outra visão é a de que o complexo de Édipo deve ruir porque chegou a hora para sua desintegração, tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a crescer.⁶¹

Nenhuma parte do corpo mostra-se erotizada, especialmente nesta fase, e a vida sexual está como que em descanso. Surgem nas crianças características como os sentimentos de repugnância e pudor, a identificação com os pais e a intensificação de repressões; também a capacidade de sublimar se desenvolve nesta fase.

Fase genital (puberdade à idade adulta jovem) – o objeto de erotização ou de desejo não está mais somente no próprio corpo, mas em um objeto externo ao indivíduo – o outro. Neste momento, o jovem está consciente de sua identidade sexual distinta.⁶² As zonas erógenas antigas recebem novo valor. Todas as pulsões parciais (*Partialtriebe*) se dissolvem com a dominância da genitalidade.

Até este momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que independentemente umas das outras, buscavam um certo

⁵⁹ FREUD, Sigmund. Psicanálise. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1989c. v. XVII (1917-1919) [CD-ROM].

⁶⁰ FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. Op. cit.

⁶¹ Ibid.

⁶² Ibid., p. 41-42.

tipo de prazer como alvo exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. [...] A pulsão sexual coloca-se a serviço da função reprodutora: torna-se altruísta, por assim dizer.⁶³

Dos cinco estágios psicosssexuais de desenvolvimento da personalidade, Freud considerava os três primeiros os mais importantes e totalmente determinantes para a formação da personalidade e para a vida posterior até a velhice. Ele sugeriu, por exemplo, que, se as crianças nesse período recebessem gratificação em excesso ou escassez, corriam o risco de desenvolver fixações – um bloqueio no desenvolvimento –, e essas fixações infantis apareceriam no comportamento na vida adulta. Como exemplo, poderíamos citar: uma pessoa excessivamente limpa, asseada ou ligada demais à pontualidade ou a rotinas rígidas poderia ter recebido um treinamento inadequado de higiene pessoal quando criança, muito rígido, dando-lhe pouca liberdade para mover seu intestino quando isso lhe dava prazer.⁶⁴

Como já foi dito anteriormente, o desenvolvimento da personalidade humana estaria fundamentado no desenvolvimento da sexualidade, que acontece exclusivamente nestas cinco fases. Inicialmente, existe somente o Id (*Es*), mais tarde vem o Ego (*Ich*), e então se acrescenta o Superego (*Über-ich*). Alcançar a fase seguinte, quer dizer, o acréscimo de consciência e controle consciente sobre o comportamento, este processo estaria concretizado até a idade adulta. O que ocorre na vida adulta tem relativamente poucas conseqüências para a personalidade humana.

O desenvolvimento é acionado somaticamente; isto significa que o primeiro impulso é determinado geneticamente. Para Freud, nem o meio ambiente nem a família (pais) influenciam este acionar das pulsões; o corpo produz libido, sendo esta a fonte das pulsões. O ambiente físico e social seria determinante somente no destino das pulsões (princípio da realidade), como também os compromissos do ego. O motor da vida física e psíquica é, em sua essência, a produção de libido.^{65 66}

Segundo Luiz Hanns, professor convidado do Instituto de Psicologia da USP, nos últimos 100 anos, as idéias apresentadas nos *Três ensaios sobre a sexualidade* fizeram

⁶³ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre sexualidade. Op. cit., p. 195.

⁶⁴ Ibid., p. 127-161.

⁶⁵ DAS ENTWICKLUNGSMODELL nach Sigmund Freud, Universität Greifswald, Fachbereich: Entwicklungspsychologie, Seminar: *Entwicklungsbegriffe*, Dozent: C. Tesch-Römer. Disponível em: <<http://www.uni-greifswald.de>>. Acesso em: 20/03/2006.

⁶⁶ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre sexualidade. Op. cit., p. 162-194.

história, pois modificaram profundamente nosso modo de conceber a sexualidade. Freud foi audacioso, arriscou hipóteses e trouxe novas possibilidades, algumas amplamente aceitas e aperfeiçoadas, e outras rejeitadas. Arriscou idéias polêmicas em relação à sexualidade ligada ao desenvolvimento humano e, de forma idêntica a Galileu (1564-1642) ou Darwin (1809-1882), aceitou pagar um preço por seus atos. As idéias vão se renovando e se sobrepondo, mas ainda são conceitos vivos que “dialogam intensamente conosco, lançando questões para as neurociências, a antropologia, a psicologia social, a análise literária e, acima de tudo, para a psicologia deste início de século 21”.⁶⁷

1.3 PERSPECTIVA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG (1875-1961)

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875 numa pequena localidade da Suíça, Kessewil. Seu pai era pastor de uma comunidade rural, e sua mãe se chamava Emilie Preiswerk Jung. Cresceu numa família muito educada e culta; seu avô foi médico e professor, impulsionou a universidade e o hospital de Basiléia, foi pessoa muito envolvente e influenciou toda a família. Carl Gustav aprendeu latim já aos 6 anos com seu pai, aprendendo posteriormente quase todas as línguas da Europa Ocidental e algumas línguas antigas, como sânscrito, por exemplo.⁶⁸

Carl era um jovem bastante solitário na adolescência, tinha uma inclinação para sonhar e fantasiar, fatores que influenciaram em grande medida seu trabalho posterior. Estudou em colégio interno em Basiléia, na Suíça. Inicialmente estudou Biologia, Zoologia, Paleontologia e Arqueologia e, em seguida, cursou Medicina na Universidade de Basiléia. Ali conheceu o famoso neurologista Kraft-Ebing, trabalhou com ele e, por sua influência, estudou Psiquiatria. Depois de seu doutorado, passou a trabalhar no Hospital Mental de Burghoeltzli, em Zurique, com o professor Eugene Bleuler, o maior especialista da época em esquizofrenia. Casou-se em 1903 com Emma Rauschenbach.⁶⁹

⁶⁷ HANNS, L. Ensaio sobre a sexualidade: há 100 anos Sigmund Freud publicava um clássico da psicanálise. *Revista CH*, n. 215, maio 2005. Disponível em: <<http://ich.unito.com.br/3361>>. Acesso em: 1º/04/2006.

⁶⁸ HOLLIS, James. *Reflections on Psychology, Culture and Life, The Jung Page*. A Brief Note on Carl Jung. Disponível em: <<http://www.cgjungpage.org/index.php>>. Acesso em: 04/01/2006.

⁶⁹ BISHOP, Paul (Ed.). *Jung in Contexts: A Reader*. London: Routledge, 1999.

Seu livro *The Psychology of Dementia Praecox* o aproximou de S. Freud, que veio a conhecer em Viena em 1907. A primeira conversa entre os dois durou 13 horas! Freud o considerou sua mão direita e o príncipe herdeiro da psicanálise.⁷⁰ Sua base é psicanalítica, discordando de Freud, apesar disso, em alguns pontos, entre eles que “todas as neuroses fossem causadas por recalques ou traumas sexuais”.⁷¹ Criou sua própria linha teórica, a escola de psicologia analítica, desenvolvendo sua teoria com base em uma vasta experiência clínica e experiência de vida, pesquisas e estudos pessoais em muitas e diferenciadas culturas.⁷²

Desenvolveu sua teoria da personalidade trazendo um amplo e profundo conhecimento da mitologia (publicou trabalhos com Kerensky) e da história, recorrendo a diversas culturas que havia visitado; conheceu as tribos e os povos de Quênia, Uganda (África), Allahabad, Calcutá na Índia, México, bem como Ravena e Roma na Itália.⁷³ Em 1921, publicou um dos trabalhos mais interessantes para o mundo científico, *Psychologische Typen (Os tipos psicológicos)*⁷⁴, em que apresenta o vínculo entre consciente e inconsciente, propondo ainda os tipos de personalidade hoje bastante conhecidos e utilizados em várias áreas: extrovertido e introvertido. E ainda quatro divisões adicionais: reflexivo-sensitiva; sensitivo-reflexiva, intuitivo-sentimental e sentimental-intuitiva. Nosso tipo funcional indica nossas forças e fraquezas relativas e o estilo de atividade que tendemos a preferir.

Um dos conceitos mais significativos de sua teoria é o inconsciente coletivo, que contém os arquétipos, usados por Platão, que são as imagens primordiais. Estes correspondem a pensamentos, sensações e memórias compartilhadas por toda a humanidade e que aparecem em mitos, religiões, contos de fadas e na alquimia. Segundo o autor: “O inconsciente, porém, em sua manifestação mais importante e de maior influência, pode ser considerado um fenômeno coletivo, sempre idêntico a si mesmo, e como parece nunca desviar-se de si mesmo, formaria uma estranha unidade [...]”.⁷⁵ Para Jung, a

⁷⁰ JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972. p. 133-151.

⁷¹ *Ibid.*, p. 135.

⁷² PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. *Op. cit.*, p. 462-464.

⁷³ JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. *Op. cit.*, p. 212-252.

⁷⁴ JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1978. [Obras completas de Carl Gustav Jung, VI].

⁷⁵ JUNG, Carl Gustav. *A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência*. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 16, p. 118-119.

presença universal, por exemplo, do Salvador como coelho, cordeiro, peixe, serpente e homem reflete os componentes estruturais do inconsciente humano.

Vale salientar que sua obra abrange uma quantidade enorme de livros, artigos e cartas. Existe uma coleção de 20 obras intitulada *Gesammelte Werke (Obras Completas)*, editada no Brasil ainda de forma não-completa pela Editora Vozes. Carl G. Jung faleceu em 6 de junho de 1961 em Zurique.

Toda a teoria junguiana acerca do desenvolvimento humano está arraigada no princípio do crescimento, da individuação e da realização do si-mesmo. O ciclo vital seria um processo contínuo de transformação, homeostaticamente controlado pelo si-mesmo. Os estágios de cada ser humano são como os de toda a espécie animal, uma extensão evolutiva. A individuação é parte deste processo biológico – dependendo do caso, pode ser simples ou complicado – pelo qual todo ser vivo vai se tornando aquilo que estava destinado a ser. “A individuação é o tornar-se um consigo mesmo, e ao mesmo tempo com a humanidade toda, em que também nos incluímos”.⁷⁶

Segundo Jung, a vida humana está dividida em duas metades e em quatro idades: infância, vida adulta, meia-idade e velhice. Ele simbolizou o transcurso da vida numa planta com seus ramos que nasce com o sol, põe-se de pé e esmorece no final do dia. Em outro texto, Jung fala da vida também como uma fonte de água: nasce, torna-se maior e mais forte e desaparece no mar.⁷⁷

Cada idade, infância, vida adulta, meia-idade e velhice, mais os estágios de transição como a adolescência e a idade avançada, têm, conforme o autor, um tema principal e tarefas e metas próprias.

- Na primeira metade da vida: a meta é o envolvimento com o mundo externo.

Problemas da primeira e da segunda fase são de ordem biológica e social. Os temas básicos são: crescimento, expansão e natureza.

⁷⁶ Ibid., p. 103.

⁷⁷ HEUFT, G.; KRUSE, A.; RADEBOLD, H. *Lehrbuch der Gerontopsychosomatik und Alterspsychotherapie*. München: E. Reinhardt, 2000. p. 37.

- Na segunda metade da vida: as metas são de realização e de expansão do self.

Os problemas da terceira e quarta fases são de ordem essencialmente cultural e espiritual. Os temas básicos são: individuação, morte e cultura.

Argumenta Jung que o arco da vida tem 180 graus, sendo estes divisíveis em quatro partes. Na primeira parte, que está no extremo leste, somos na verdade um problema para os outros e não temos consciência de nossos próprios problemas. Já na segunda e terceira partes, que se situam ao meio do arco, inclinando-se para o oeste, estamos conscientes de nossos problemas. Na última parte, no extremo oeste, voltamos a ser um problema para os outros, apesar do nosso estado de consciência. Nas passagens de uma parte à outra, de uma etapa à outra, vivemos crises. Jung via os ritos de passagem nas sociedades primitivas como modo de auxílio para o desenvolvimento, em suas distintas fases.⁷⁸

O processo de individuação é uma luta cultural e espiritual para “SER” durante todo o espaço de vida, desvelando todos os aspectos do self, também os mais reprimidos.⁷⁹ Jung entendia que pessoas mais velhas que não conseguiam se desapegar do poder, ou tinham desejos insatisfeitos e muita necessidade de expandir o self, estariam com seus lados reprimidos como a sombra. Teriam dificuldades de ajustar-se aos temas que a velhice traz, que seriam, na sua visão, transcender a materialidade, a vida ligada ao ter, e desenvolver a espiritualidade para encontrar a completude da vida, o verdadeiro ser e aceitar a morte.⁸⁰

A personalidade se desenvolve, no decorrer da vida, a partir de situações embrionárias que dificilmente podem ser explicadas ou que nem são explicáveis, e só nossa ação revela quem somos. Nós somos o sol que nutre a vida da terra e produz muitas coisas belas, estranhas e más; somos as mães que carregam em seu ventre felicidade e sofrimento ignotos. A princípio nós não sabemos que ações ou crimes, que destino, que bem e que mal contemos; e só o outono mostrará, o que a primavera criou, só à noite ficará claro o que a manhã iniciou.⁸¹

⁷⁸ JUNG, Carl Gustav. *A dinâmica do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1980a. v. 8, par. 403.

⁷⁹ NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento. Op. cit., p. 35.

⁸⁰ JUNG, Carl Gustav. O desenvolvimento da personalidade. In: _____. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1998. v. XVII, p. 20-85.

⁸¹ JUNG, Carl Gustav. *Wiklichkeit der Seele*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1992. p. 101. “Die Persönlichkeit entwickelt sich im Laufe des Lebens aus schwer oder gar undeutbaren Keimlagen, und erst durch unsere Tat wird es offenbar, wer wir sind. Wir sind die Sonne, welche das Leben der Erde nährt und allerhand Schönes, Seltsames und Übles hervorbringt; wir sind die Mütter, die unbekanntes Glück und Leiden im Schosse Tragen. Wir wissen zunächst nicht, welche Taten oder Untaten, welches Schicksal, welches Gute und welches Böse wir enthalten; und erst der Herbst wird zeigen, was der Frühling gezeugt hat, und erst am Abend wird deutlich sein, was der Morgen begann”.

Segundo Jung, todo indivíduo possui uma tendência para a individuação ou autodesenvolvimento. Individuação significa tornar-se um ser único, homogêneo, na medida em que por individualidade o autor entende a singularidade mais íntima, última e incomparável. Pode-se traduzir individuação como se tornar si mesmo, ou realização do si-mesmo. Seria um processo de desenvolvimento da totalidade e de uma maior liberdade. Isto inclui o desenvolvimento do eixo que Jung descreve como Ego-Self, além da integração de várias partes da psique: Ego, Persona, Sombra, Anima ou Animus e outros arquétipos inconscientes. Quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, tanto mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo. Desta forma, emerge uma consciência livre do mundo mesquinho, suscetível e pessoal do Eu, aberta para a livre participação em um mundo ampliado e repleto de interesses objetivos.^{82 83}

Do ponto de vista do Ego, crescimento e desenvolvimento consistem na integração de material novo, das experiências de vida, na consciência, o que inclui a aquisição de conhecimento a respeito do mundo e da própria pessoa. Como analista, Jung descobriu que aqueles que vinham a ele na primeira metade da vida estavam relativamente desligados do processo interior de individuação; seus interesses primários centravam-se em realizações externas, no “emergir” como indivíduos e na consecução dos objetivos do Ego. Isso se concretizaria na procura de realizações, de formação de família, de aquisição de bens. Analisando pessoas mais velhas, que haviam alcançado tais objetivos de forma razoável, essas tendiam a desenvolver propósitos diferentes, interesse maior pela integração do que pelas realizações, busca de harmonia com a totalidade da psique.

Segundo o autor, existem quatro passos no processo de individuação, no processo de desenvolvimento. O primeiro passo é o desnudamento da Persona. Embora esta tenha funções protetoras importantes, ela é também uma máscara que esconde o Self e o inconsciente. O próximo passo é o confronto com a Sombra. Na medida em que nós aceitamos a realidade da Sombra e dela nos distinguimos, podemos ficar livres de sua influência. O terceiro passo é o confronto com a Anima ou Animus. Este arquétipo deve ser encarado como uma pessoa real, uma entidade com quem é possível comunicar-se e de quem se pode aprender. O estágio final do processo de individuação é o desenvolvimento do Self. Jung dizia que o si-mesmo é nossa meta de vida, é o desenvolvimento integral,

⁸² JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. Op. cit. v. 6.

⁸³ HOFFMAN, Edward (Org.). *A sabedoria de Carl Jung*. São Paulo: Palas Athena, 2005. p. 130.

pois é a mais completa expressão daquela combinação do destino a que damos o nome de indivíduo.⁸⁴

É importante lembrar que, embora seja possível descrever a individuação em termos de estágios definidos, o processo de individuação é bem mais complexo do que uma simples progressão bem delineada em anos, cronológica. Todos os passos mencionados sobrepõem-se, e as pessoas voltam continuamente a problemas e temas antigos, procurando solucioná-los ou equilibrá-los. A individuação poderia ser apresentada como uma espiral na qual os indivíduos permanecem se confrontando com as mesmas questões básicas, de forma cada vez mais refinada.⁸⁵

O homem deve sentir que vive num mundo misterioso, sob certos aspectos, onde ocorrem coisas inauditas – que permanecem inexplicáveis – e não somente coisas que se desenvolvem nos limites do esperado. O inesperado e o inabitual fazem parte do mundo. Só então a vida é completa. Para mim, o mundo, desde o início, era infinitamente grande e inabarcável.⁸⁶

1.4 TEORIA DOS ESTÁGIOS COGNITIVOS DE JEAN PIAGET (1896-1980)

Jean Piaget, estudioso suíço, nascido em 9 de agosto de 1896 em Neuchâtel, Suíça, sempre foi considerado um gênio pela precocidade de seu talento intelectual e pela originalidade e importância de suas pesquisas e teorias sobre o conhecimento. Foi o filho primogênito de Arthur Piaget, professor de Literatura Medieval, e de Rebecca Jackson. Desde o ensino básico se interessa por biologia, e é nessa área que ele se torna um especialista já antes dos 15 anos, permanecendo durante toda a sua vida com uma das áreas mais interessantes. Com 15 anos, publica os seus primeiros artigos sobre moluscos, com os quais inicia sua brilhante carreira como pesquisador. Piaget mesmo diz: “Proteção contra o demônio da filosofia”.⁸⁷ Esse posicionamento foi, com certeza, o que determinou as crises que vivenciou num primeiro momento, quando tentou ligar os dogmas religiosos com as descobertas da biologia. Outra crise aconteceu quando leu o livro *Schöpferische Entwicklung*, do filósofo Henri Bergson, que o influenciou sobremaneira em sua vida.

⁸⁴ STEVENS, Anthony. *Jung: sua vida e pensamento: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 63-75.

⁸⁵ FADIGMAN, J.; FRAGER, R. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1985.

⁸⁶ JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Op. cit., p. 308.

⁸⁷ “Schutzmittel gegen den Dämon der Philosophie”.

Surgiu, em consequência disso, uma nova perspectiva de pesquisa: o problema do conhecimento.⁸⁸

Depois de cursar a escola básica, ele passou a estudar na Universidade de Neuchâtel, onde fez a faculdade de Ciências Naturais, tornando-se doutor na mesma área logo em seguida. Em 1918, viajou para Zurique para trabalhar no Laboratório de Psicologia de Gottlob Friedrich Lipps e Arthur Wreschner, e também na Clínica Psiquiátrica de Eugen Bleuler. Em 1919, mudou-se para Paris, iniciando uma nova etapa de vida ao trabalhar com Théodore Simon, na validação dos testes de inteligência de Cyril Burt, para crianças de Paris. Descobriu, durante a aplicação deste teste, vários modos de pensamento das crianças que o deixaram intrigado. Dali em diante descobriu a sua nova área de pesquisa juntando filosofia, biologia e psicologia. A base de suas pesquisas sempre foi o desenvolvimento do pensamento simbólico e a formação do pensamento formal. Em 1921, ele foi convidado pelo professor Edouard Claparède e por Pierre Bovet para assumir a direção de pesquisa da Universidade de Genebra. Em 1924, Piaget casou com Valentine Châtenay, tendo duas filhas e um filho.

Tornou-se diretor do Bureau Internacional de l'Éducation em 1933, trabalhando ainda como diretor do Instituto de Ciências da Educação, em Genebra. Nos anos seguintes, assumiu como professor de Psicologia e Sociologia da Universidade de Neuchâtel, e na Universidade de Genebra lecionou a disciplina de História da Ciência. Recebeu o primeiro título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Harvard, recebendo mais 29 honrarias deste gênero durante sua vida. Foi editor dos *Archives de Psychologie* e fundador da revista *Revue Suisse de Psychologie*. Ainda em 1950, foi convidado a lecionar na Sorbonne, em Paris, sucedendo Maurice Merleau-Ponty. Participou da elaboração da Constituição da UNESCO, órgão das Nações Unidas para educação, ciência e cultura.⁸⁹

Entre 1924 e 1933, publicou os seus primeiros cinco livros de importância, que ele mesmo assim considerou inacabados e posteriormente voltou a reescrever e complementar. Publicou em sua carreira aproximadamente 50 livros e centenas de artigos.

Piaget é considerado um dos mais importantes pesquisadores e teóricos do século XX. Observou passo a passo a evolução do comportamento da criança. Esse trabalho foi

⁸⁸ FATKE, Reinhard. Jean Piaget. In: SCHEUERL, Hans (Ed.). *Klassiker der Pädagogik*. München: Beck, 1979. v. 2, p. 290-314.

⁸⁹ Ibid.

realizado, num primeiro momento, com seus próprios filhos, envolvendo depois, junto com sua equipe de pesquisadores, outras crianças, em outras culturas. Os primeiros resultados de suas observações, experimentações e conclusões, que serviram de base para seus modelos hipotético-dedutivos, foram publicados em 1936 sob o título de *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. A partir de suas observações, criou uma teoria abrangente do desenvolvimento cognitivo. Estudou a evolução do pensamento, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo, sempre baseado nas suas observações com crianças. O conceito de estrutura cognitiva é central para sua teoria. Estruturas cognitivas são padrões de ação física e mental subjacentes a atos específicos de inteligência correspondendo a estágios do desenvolvimento, e estes têm como conseqüência uma capacidade crescente de adquirir e usar o conhecimento sobre o mundo. As mudanças qualitativas no pensamento se desenvolvem entre a primeira infância e a adolescência, sendo a própria pessoa, a criança, o jovem, um iniciador ativo deste desenvolvimento.^{90 91}

Conhecer não consiste, com efeito, em copiar o real mas em agir sobre ele e transformá-lo (na aparência ou na realidade), de maneira a compreendê-lo em função dos sistemas de transformação aos quais estão ligadas estas ações.⁹²

A teoria de J. Piaget tem dois aspectos que se complementam: o primeiro é o de construir os modelos de estruturas mentais orgânicas, cujo funcionamento especial está virtualmente contido no funcionamento cerebral da espécie humana. Piaget afirma que o núcleo do comportamento inteligente é uma capacidade inata de adequação ao ambiente em que se vive. As estruturas cognitivas mudam através dos processos de adaptação: assimilação e acomodação. A assimilação envolve a interpretação de eventos em termos de estruturas cognitivas existentes, enquanto que a acomodação se refere à mudança da estrutura cognitiva para compreender o meio. O desenvolvimento cognitivo consiste de um esforço constante para se adaptar ao meio, em termos de assimilação e acomodação.⁹³

Em conclusão, a assimilação e a acomodação, inicialmente antagônicas, na medida em que a primeira permanece egocêntrica e em que a segunda é simplesmente imposta pelo meio exterior, completam-se mutuamente

⁹⁰ KESSELRING, T. Jean Piaget: entre ciência e filosofia. In: FREITAG, B. (Org.). *Piaget: 100 anos*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-45.

⁹¹ UNIVERSIDAD ABIERTA. Disponível em: <<http://www.universidadabierta.edu.mx/>>. Acesso em: 15/03/2006.

⁹² PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento*: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 15.

⁹³ PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. São Paulo: Ática, 1996. p. 357-363.

na medida em que se diferenciam, sendo os progressos da acomodação favorecidos pela coordenação dos esquemas de assimilação e reciprocamente.⁹⁴

O segundo aspecto fundamental é o de mostrar a ontogênese desse funcionamento por intermédio de uma embriologia mental, conhecida popularmente como teoria dos estágios do desenvolvimento da inteligência.

Chama-se seqüencial uma série de estágios cada um dos quais é necessário, por conseguinte, e resulta forçosamente do precedente (exceto o primeiro), preparando o seguinte (exceto o último). No campo da embriogênese dos metazoários parece ser assim, porque as grandes fases reaparecem sempre e numa ordem constante.⁹⁵

Sendo essa uma teoria de etapas ou estágios, onde existe um paralelismo entre a embriogênese orgânica e a embriologia mental, pressupõe-se que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis⁹⁶, sendo que em cada um dos estágios a pessoa desenvolve novos modos de pensar e organizar o ambiente. Cada estágio está baseado no anterior e é significativo para o próximo. A ênfase está na interação de fatores inatos e da experiência. O estágio é um todo estruturado de modo equilibrado. Cada estágio se sobrepõe ao anterior, integra a este e o transforma, preparando o próximo. Os estágios estão numa seqüência invariável e são universais.⁹⁷

Ora um tal sistema de estágios (que se pode de fato diferenciar ainda mais em subestágios, etc.) constitui um processo seqüencial. Não é possível chegar às operações “concretas” sem passar por uma preparação sensorio-motora [...] e não é possível alcançar as operações proposicionais sem apoio nas operações concretas prévias, etc.⁹⁸

Pressupostos básicos de sua teoria são, então, o interacionismo, a idéia de construtivismo seqüencial e ainda os fatores que interferem no desenvolvimento. A criança é concebida como um ser dinâmico, que a todo momento interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. Essa interação com o ambiente faz com que construa estruturas mentais e adquira maneiras de fazê-las funcionar. O eixo central seria, portanto, a interação organismo-meio, e essa interação acontece através de dois processos

⁹⁴ PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1987. p. 389.

⁹⁵ PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento*. Op. cit., p. 26-27.

⁹⁶ Ibid., p. 86-151.

⁹⁷ Ibid., p. 26-29.

⁹⁸ Ibid., p. 28.

simultâneos: a organização interna e a adaptação ao meio, acrescentando-se a equilíbrio.⁹⁹

Atos de inteligência de qualquer espécie envolvem construções anteriores do sujeito e a adaptação do organismo a novos eventos e, sendo assim, implicam a construção contínua de novas estruturas. Essas construções evoluem segundo alguns preceitos: da periferia aos centros do sujeito e do objeto, da indiferenciação à diferenciação, de ajustamentos mecânicos a ajustamentos ativos, de opções inconscientes a opções voluntárias, da compreensão dos objetos a ações mais classificadas, da assimilação das coisas práticas à assimilação de conceitos, de coordenações simples a coordenações genericamente complexas, dos planos limitados e provisórios à programação de conjunto, sempre na dependência da atividade real de cada ser humano. Deve-se lembrar sempre que as ações são limitadas pelo meio físico em que se vive, mas, principalmente, pelo meio social, que, segundo Piaget, pode apressar, retardar ou mesmo impossibilitar a manifestação de um estágio. O conhecimento, para o autor, somente é adquirido mediante a ação do sujeito, desde a experiência imediata à experimentação orientada teoricamente.¹⁰⁰

Estágio, na perspectiva de Piaget é uma organização complexa que coordena todos os movimentos, comportamentos ou até atos de inteligência.¹⁰¹

Os estágios cognitivos¹⁰²:

1. Período sensorial-motor (nascimento a 1 ano e meio/2 anos, em média):

Neste período se constituem os sistemas de esquemas que prefiguram as futuras operações, ainda sem nenhuma reversibilidade operatória. Reversibilidade seria a percepção no âmbito do mundo físico, a ida e a volta como dois aspectos do mesmo ato. O bebê gradualmente torna-se apto para organizar atividades em relação ao ambiente em que vive.

⁹⁹ PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. Op. cit., p. 13-29.

¹⁰⁰ Ibid., p. 301-334.

¹⁰¹ FLAVELL, John H. *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1988, p. 416-417.

¹⁰² PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. Op. cit.

2. Período do pensamento intuitivo, pré-operacional (2 a 7 anos, em média):

A criança desenvolve um sistema de representações usando símbolos, agora para representar as pessoas, os lugares e os acontecimentos. No final, nota-se a presença de regulações semi-reversíveis.

3. Período das operações concretas (7 a 12 anos, em média):

Durante esse período, a criança alcança uma certa reversibilidade na formação das primeiras estruturas. Conseqüentemente, ela já consegue resolver problemas com uma certa lógica do aqui e agora.

4. Período das operações formais ou proposicionais (12 anos até a idade adulta):

Alcança-se uma reversibilidade completa e a distinção entre fenômenos atemporais e temporais, entre fenômenos mecânicos e históricos, isto é, fenômenos reversíveis e irreversíveis. A pessoa consegue pensar de forma abstrata para lidar com hipóteses e consegue pensar em forma de possibilidades.¹⁰³

Um dos aspectos nunca bem entendidos dessa proposta de estágios de J. Piaget, da embriologia mental que o autor identificou, é que existe uma necessidade de uma etapa acontecer seqüencialmente à outra, dependendo desta e preparando a seguinte. Piaget certamente acreditava que o desenvolvimento ideal, com o “equilíbrio ótimo”, se realizaria num sujeito que vivesse as etapas de forma seqüencial, alcançando com isto uma boa organização interna. Acontecendo um desvio desta seqüência de estágios, isto determinaria um desequilíbrio do sujeito, uma dificuldade em seu comportamento.

Embora os estágios de desenvolvimento cognitivo identificados por Piaget estejam associados a faixas características de idade, eles variam para cada indivíduo. Além disso, em cada estágio existem muitas formas estruturais detalhadas. Por exemplo, o período operacional concreto tem mais de 40 estruturas distintas, cobrindo classificação e relações, relações espaciais, tempo, movimento, oportunidade, número, conservação e medida. Justamente por causa da variabilidade, para Piaget não existe uma linearidade no desenvolvimento de capacidades; a pessoa pode ter um pensamento abstrato em algumas áreas e, em outras, ainda estar no concreto. O sujeito pode estar, muitas vezes, muito bem

¹⁰³ PIAGET, Jean. *A evolução intelectual da adolescência à vida adulta*. Porto Alegre: Faculdade de Educação, 1993. p. 5-11.

em áreas específicas conceituais, por exemplo, cultura, história, e na área do afeto estar no pré-operatório. O ser humano é, então, assimétrico no seu crescimento.

Mas o caráter próprio da vida é ultrapassar-se continuamente e, se procurarmos o segredo da organização racional na organização vital, inclusive em suas superações, o método consiste então em procurar compreender o conhecimento por sua própria construção, o que nada tem de absurdo, pois o conhecimento é essencialmente construção.¹⁰⁴

1.5 PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE ERIK HOMBURG ERIKSON (1902-1994)

Erik Homburg Erikson nasceu em 15 de junho de 1902 em Frankfurt am Main. Seu pai era um dinamarquês desconhecido que abandonou sua mãe antes de seu nascimento. Sua mãe, Karla Abrahamsen, era judia e criou seu filho durante três anos sozinha. Então casou com o pediatra de seu filho, Theodor Homberger. A família passou a morar em Karlsruhe, Alemanha.

Erik frequentou a escola da sinagoga e o ginásio; quando criança foi bastante molestado por ser judeu. Na juventude, queria ser artista plástico, frequentou muitos museus e, durante uma época, foi um jovem rebelde e viajante. Aos 25 anos, por indicação de seu amigo Peter Blos, candidatou-se ao cargo de professor de Arte na *Schule für Amerikanische Schüler* de Dorothy Burlingham. Recebeu ali o certificado da Sociedade Psicanalítica de Viena como educador montessoriano, fazendo sua psicanálise pessoal com Anna Freud. Casou com a canadense Joan Serson, e tiveram três filhos.¹⁰⁵

Quando os nazistas tomaram o poder, a família mudou-se para Copenhague e depois para Boston. Foi convidado a ser professor na *Harvard Medical School*, e mantinha uma clínica privada de psicanálise infantil. Nesta fase conheceu Henry Murray e Kurt Lewin, como também antropólogos como Ruth Benedict, Margaret Mead e Gregory Bateson. Poderíamos dizer que esses antropólogos tiveram tanta influência em sua vida como Sigmund e Anna Freud. Foi professor ainda em *Yale* e na *University of California at Berkeley*. Dali se originaram suas pesquisas com os povos Lakota e Yurok, nas quais fundamentou muitos dos seus conceitos desenvolvidos posteriormente.

¹⁰⁴ PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento*. Op. cit., p. 409.

¹⁰⁵ SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002. p. 203-231.

Em 1950, publicou *Childhood and Society (Infância e sociedade)*, que se compõe de uma análise dos povos primitivos dos Estados Unidos da América do Norte, uma discussão da personalidade americana e um texto sobre a sua versão da teoria freudiana. Esses temas, da influência da cultura na formação da personalidade e a análise de personagens históricos, retornam em obras posteriores suas.¹⁰⁶

Em 1950, durante a época de terror do senador Joseph McCarthy Berkeley, ele deixou a cátedra, pois não assinou um termo obrigatório de *loyalty oaths* (juramento de lealdade) para com os EUA. Trabalhou então durante 10 anos em Massachusetts como psicoterapeuta numa clínica privada, e mais 10 anos em Harvard novamente como professor. Após sua aposentadoria trabalhou, pesquisou e editou muitos textos com sua mulher Joan. Faleceu em 1994.¹⁰⁷

Erikson é um psicólogo freudiano do ego (psicologia do ego). Isso significa que, para ele, as teorias freudianas estão na sua essência corretas, inclusive as idéias controversas do complexo de Édipo e também as teorias do Ego acrescentadas posteriormente por Heinz Hartmann e Anna Freud. Diz o autor, sobre o que ele considera mais individual em cada ser humano: “[...] no entanto, também mais básico para um senso comunal de ‘nós’ [...] o senso de ‘eu’ que é a consciência central do indivíduo de ser uma criatura sensória e pensante [...] capaz de confrontar-se com um self [...] capaz de construir um conceito de um ego inconsciente”.¹⁰⁸ Apesar disso, Erikson orienta-se muito mais pela sociedade e pela cultura do que a maioria dos freudianos, como seria de esperar de um pesquisador com forte interesse na antropologia; muitas vezes ele relega a um segundo plano os *instintos* e o *inconsciente*. Talvez resida aí a razão de sua popularidade entre freudianos como também entre não-freudianos.

O princípio epigenético:

Erikson se tornou famoso pelas novas definições e ampliações da teoria de desenvolvimento de estágios de Freud. Para ele, o desenvolvimento humano ocorre dentro do princípio epigenético. Isto quer dizer que desenvolvemos nossa personalidade em oito

¹⁰⁶ Ibid., p. 203-231.

¹⁰⁷ BOERRE, George C. *Personality Theories*. Electronic textbook ("e-text"), Psychology Department, Shippensburg University, Pennsylvania. Disponível em: <<http://www.ship.edu/~cgboeree/erikson.html>>. Acesso em: 05/04/2006.

¹⁰⁸ ERIKSON, Erik Homburg. *O ciclo de vida completo*. Versão ampliada com novos capítulos sobre o nono estágio do desenvolvimento, por Joan Erikson. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

estágios bem definidos. A passagem de um estágio ao outro depende de nosso sucesso em vencer as crises (questões importantes) de cada etapa. Esse processo seria idêntico ao desabrochar de uma rosa: cada pétala se abre no tempo certo, numa seqüência que está determinada geneticamente. Se houver uma interferência na ordem desse processo, se a pétala abrir muito cedo, todo o desenvolvimento sofrerá as conseqüências.

Este termo é tomado emprestado da embriologia e, seja qual for seu *status* atualmente, nos primeiros dias do nosso trabalho ele fez avançar o nosso entendimento da relatividade que governa os fenômenos humanos ligados ao crescimento organísmico.¹⁰⁹

O crescimento e o desenvolvimento seguem um padrão análogo, na sua compreensão; sendo assim, cada órgão surge no tempo certo, não podendo ultrapassar certas etapas para não prejudicar a outra. Depois do nascimento, o organismo continua a se desdobrar, cresce planejadamente, vindo a desenvolver capacidades físicas, cognitivas e sociais.

Cada estágio possui tarefas desenvolvimentais psicossociais específicas. Erikson nomeia as etapas como crises, de forma idêntica a Freud, mas, ao mesmo tempo, considera-as mais amplas e menos específicas. Segundo ele, “[...] não consideramos que todo o desenvolvimento é uma série de crises: afirmamos somente que o desenvolvimento psicossocial é uma sucessão de fases críticas [...] momentos de opção entre o progresso e a regressão, a integração e a sujeição”.¹¹⁰

As variadas tarefas recebem dois conceitos diferentes, por exemplo, *trust-mistrust*, confiança-desconfiança. Para Erikson, temos que aprender um equilíbrio entre os dois termos contrapostos; a rigor, é necessária a confiança para crescer, mas, por outro lado, não se pode esquecer a desconfiança, para não sermos tratados como bobos.

Vale salientar que Erikson ampliou a teoria freudiana, destacando que a personalidade é influenciada também pela sociedade; não via a sociedade como um empecilho para os impulsos biológicos, como Freud a via. Ele destacava a sociedade como determinante para moldar o desenvolvimento do ego de cada pessoa. Freud sustentava a idéia de que as experiências infantis moldavam a personalidade permanentemente, mas, segundo Erikson, o desenvolvimento do ego de cada pessoa se dá ao longo de toda a vida.

¹⁰⁹ Ibid., p. 28.

¹¹⁰ ERIKSON, Erik Homburg. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 249.

Ele utiliza, para explicar isso, um diagrama epigenético, que são os diversos estágios de formação da identidade; vale a pena ressaltar os pressupostos desse diagrama, segundo o autor:

1) que a personalidade humana se desenvolve em princípio de acordo com etapas predeterminadas na disposição do indivíduo em crescimento para se deixar dirigir no sentido de um raio social cada vez mais amplo, para se tornar ciente dele e para interagir com ele; 2) que a sociedade, em princípio, tende a se constituir de tal modo que satisfaça e provoque esta sucessão de potencialidades para a integração e de tentativas para salvaguardar e ativar a proporção adequada e a seqüência apropriada de sua abrangência.¹¹¹

Resolver adequadamente cada uma das oito crises exige um equilíbrio de um traço positivo e um negativo. O resultado positivo de cada crise leva ao desenvolvimento posterior de uma “virtude” e à passagem para o novo estágio.¹¹²

Segundo o autor: “O termo e conceito ‘psicossocial’, num contexto psicanalítico, obviamente pretende complementar a teoria dominante da psicosexualidade”. E completa, dizendo:

[...] eu só posso começar com a suposição de que a existência de um ser humano depende, em todos os momentos, de três processos de organização que devem complementar-se. Há, seja em que ordem for, o processo biológico da organização hierárquica dos sistemas de órgãos que constituem um corpo (Soma); há o processo psíquico que organiza a experiência individual através da síntese do ego (psique) e há o processo comunal da organização cultural da interdependência das pessoas (*ethos*).¹¹³

Os estágios psicossociais segundo E. Erikson:

1. Confiança básica versus desconfiança básica (nascimento até 12-18 meses):

- Desenvolvimento de um sentimento de um mundo bom ou não;
- Virtude a alcançar: esperança.

2. Autonomia versus vergonha e dúvida (12-18 meses a 3 anos):

- Desenvolvimento de equilíbrio entre a independência, a dúvida e a vergonha;

¹¹¹ Ibid., p. 249.

¹¹² PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. Op. cit., p. 42-44.

¹¹³ ERIKSON, Erik Homburg. *O ciclo da vida completo*. Op. cit., p. 19 e 27.

- Virtude a alcançar: vontade.
3. Iniciativa *versus* culpa (3 a 6 anos):
- Na experiência de novas coisas desenvolve-se iniciativa; se não, experimenta-se o fracasso;
 - Virtude a alcançar: propósito.
4. Produtividade *versus* inferioridade (6 anos à puberdade):
- Aprender habilidades ou a enfrentar sentimentos de inferioridade;
 - Virtude a alcançar: habilidade.
5. Identidade *versus* confusão de identidade (puberdade ao início da fase adulta):
- Determinação de senso de identidade ou dificuldade de papéis;
 - Virtude: fidelidade.
6. Intimidade *versus* isolamento (jovem adulto):
- Estabelecimento de compromissos com outros, ou desenvolvimento do egocentrismo;
 - Virtude: amor.
7. Geratividade *versus* estagnação (idade adulta):
- Orientação à geração seguinte ou sentimento de empobrecimento social;
 - Virtude: cuidado.
8. Integridade *versus* desespero (terceira idade):
- Aceitação da própria vida e da morte ou sentimento de desespero;
 - Virtude: sabedoria.¹¹⁴

Para alcançar ou viver a integridade, o indivíduo tem de conseguir aderir a líderes na religião e na política, no universo econômico e no conhecimento técnico, na vida aristocrática, nas artes e ciência. Por isso, a integridade do Ego compreende uma ampliação dos sentimentos que abarca tanto

¹¹⁴ ERIKSON, Erik Homburg. *Infância e sociedade*. Op. cit., p. 227-253.

a participação como adepto quanto a assunção de responsabilidades como líder; ambas as coisas precisam ser aprendidas e exercitadas.¹¹⁵

9. Numa versão ampliada do ciclo de vida completo, Joan Erikson, já perto dos 90 anos, inclui um nono estágio no gráfico original de oito (Erik Erikson já havia falecido). Segundo ela, “a velhice depois dos 89 anos traz consigo novas exigências, reavaliações e dificuldades diárias”. As pessoas idosas, mesmo bem cuidadas, enfraquecem mais e não funcionam mais tão bem. O corpo perde uma boa parte de sua autonomia, mesmo que a pessoa faça todo esforço. Surge mais fortemente o desespero pela visão mais iminente da perda de capacidades físicas e psíquicas. Conforme Joan Erikson: “Na medida em que a independência e o controle são desafiados, a auto-estima e a confiança enfraquecem”. Para ela, ter sabedoria nesse momento está amparado em enfrentar o desespero com “fé e humildade apropriada”.¹¹⁶

Um dos temas mais importantes para Erikson, em sua visão de ser humano, é a busca contínua por identidade. Ele chama a atenção especialmente para o ego, que enfrenta de forma ativa o mundo, renovando-se em cada época da vida, permitindo, com essa renovação, a modificação das vivências e dos comportamentos, possibilitando, assim, o desenvolvimento contínuo da personalidade.¹¹⁷ Afirma o autor: “O estudo da identidade, então, chega a ser tão estratégico em nosso tempo como o da sexualidade o foi na época de Freud”.¹¹⁸

1.6 CONCLUINDO

Iniciaria emprestando as palavras de Joan Erikson, no início do capítulo sobre o nono estágio de vida do livro *O ciclo de vida completo*. Diz ela:

Quando os oito estágios foram inicialmente colocados em gráfico, parecia óbvio que, fora a data de chegada do bebê, existe uma tal variedade no

¹¹⁵ ERIKSON, Erik Homburg. *Wachstum und Krisen der gesunden Persönlichkeit*. Stuttgart: Ernst Klett, 1966. p. 61. “Um Integrität zu erreichen oder zu erleben, muss der Einzelne verstehen, sich Bannerträgern in Religion und Politik, in Wirtschaft und technischem Können, im aristokratischen Leben, in Künsten und Wissenschaften anzuschliessen. Ich-Integrität umfasst daher eine gefühlsmässige Ausweitung, die die Teilnahme als Anhänger wie auch die Übernahme von Verantwortung als Führer umfasst; beides muss gelernt und ausgeübt werden”.

¹¹⁶ ERIKSON, Erik Homburg. *O ciclo de vida completo*. Op. cit., p. 89-90.

¹¹⁷ ERIKSON, Erik Homburg. *Identity and the Life Cycle*. New York: W. W. Norton, 1980. p. 51-107.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 243-5.

timing do desenvolvimento humano que é impossível validar algumas especificações para cada estágio, independentemente de critérios e pressões sociais.¹¹⁹

As quatro teorias do desenvolvimento humano apresentadas acima, dentro do paradigma das mudanças ordenadas, cada qual em seu tempo histórico, foram vistas como escandalosas, não científicas, estranhas a tudo que se conhecia como verdadeiro, objetivo e claro. Sem dúvida, levantaram questões imensamente relevantes, criaram verdadeiras escolas de pensamento, tiveram e têm seguidores da mais alta competência e se firmaram dentro de nossa cultura tanto científica como popular.

Apesar dos progressos, da globalização, da era tecnológica, da relevância, da aplicabilidade destas teorias nas mais variadas áreas, estamos ainda hoje bastante enclausurados nesta idéia da vida em etapas, em estágios bastante inflexíveis e bem programados, apesar das palavras da própria Joan Erikson de que “existe uma tal variedade no *timing* do desenvolvimento humano”. Foram esses conceitos que nos fizeram enquanto crianças, estudantes, pessoas pensantes, relacionais e pesquisadores. O grande *Estudo sobre o envelhecimento de Berlim (BASE)* constatou o seguinte: “O que nós achamos que sabemos sobre a velhice como fase de vida e sobre o envelhecer como processo tem conseqüências extraordinárias”.¹²⁰ Podemos estar ouvindo e aprendendo que existem outras visões, outros e novos paradigmas na mídia falada e impressa que nos apresenta isto quase todos os dias, mas ainda assim estamos enraizados numa luz darwinista de estágios, em que tudo acontece e transcorre de forma predeterminada, epigenética, assim como acontecem os cabelos brancos e as rugas, que são maquiáveis mas inevitáveis.

Em relação a essa questão do desenvolvimento e envelhecimento humanos, temos a pesquisa de U. Lehr, da Universidade de Heidelberg, que apresentou dados de um grupo de pesquisadores (1983) que trabalham com o objetivo de modificar as imagens sociais que os mais variados grupos de pessoas têm sobre a velhice e os velhos, levantando, para este fim, dados em textos escolares, em programas de rádio e televisão, em encontros de grupos, em testes, enfim nos mais variados locais e com as mais variadas pessoas. Os dados contêm resumidamente este resultado:

¹¹⁹ ERIKSON, Erik Homburg. *O ciclo de vida completo*. Op. cit., p. 89.

¹²⁰ MAYER, K. U.; BALTES, P. B. (Eds.). *Die Berliner Altersstudie*. Berlin: Akademie, 1999. p. 599. “Was wir über das Alter als Lebensphase und über das Altern als Prozess zu wissen meinen, ist ausserordentlich folgenreich”.

1. As atitudes frente às pessoas de idade são mais positivas quanto mais primitiva é a sociedade investigada, se comparada às sociedades industrializadas;
2. O prestígio das pessoas de idade está diretamente relacionado com a proporção, o número de habitantes desta categoria na sociedade em geral;
3. O jovem parece ter uma imagem muito mais negativa dos velhos do que o resto da população (pela linguagem pejorativa que usa ao se referir a eles).¹²¹

Pode-se confirmar esta visão negativa dos jovens utilizando as pessoas mais jovens que trabalham e convivem intensamente com idosos, em instituições ou famílias, e verificando como desenhariam sua imagem de tempo de vida. Certamente encontraremos os mais variados desenhos, mas o “modelo de meia-lua” estaria inevitavelmente presente: após o divisor da vida, a metade, que é colocada lá pelos 40-50 anos, todos vão descendo a montanha da vida (popularmente: vão “barranco abaixo”). O modelo da meia-lua surge no consciente das pessoas sem elas mesmas perceberem e é um modelo utilizado há muitas décadas.¹²²

Se existem provas empíricas em torno de um estereótipo negativo das pessoas de idade em nossa sociedade, e se isto está em íntima conexão com as normas e papéis sociais que se permite aos velhos exercer, podemos apresentar tudo isto como um processo interativo em que os papéis e estereótipos se determinam reciprocamente e influenciam decisivamente num autoconceito negativo do próprio ancião.¹²³

A pesquisadora e gerontologista Matilda White Riley interessou-se pela interação idade/sociedade e pelo papel do envelhecimento na vida das pessoas. Ela comenta que as funções diferenciadas por idade são uma herança de uma época em que se vivia menos cronologicamente e as instituições sociais eram menos variadas.

A aposentadoria compulsória por idade, por exemplo, nos dias atuais, não atinge mais a grande massa de trabalhadores, pois as pessoas não têm mais empregos formais e fixos, em grande parte são autônomas ou biscateiras. A possibilidade de continuar na vida de trabalho ativa até os 70-80 ou mais anos não é mais nenhuma exceção. Conforme o

¹²¹ CARRETERO, M.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Op. cit., p. 243.

¹²² HEUFT, G.; KRUSE, A.; RADEBOLD, H. Op. cit., p. 37.

¹²³ FERNANDEZ-BALLESTEROS. Apud CARRETERO, M.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Op. cit., p. 244. “Si existen pruebas empíricas en torno a un estereotipo negativo de las personas de edad en nuestra sociedad y si esto está en íntima conexión con las normas y roles sociales que se permite ejercer a los viejos, podemos presentar todo ello como un proceso interactivo en el que roles estereotipos se determinan reciprocamente e influyen decisivamente en un autoconcepto negativo del propio anciano”.

programa de televisão “Fantástico” (26/12/2004), temos o exemplo de um senhor de 86 anos, que é fabricante de redes de voleibol e futebol, na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, ou de Oscar Niemeyer, que aos 90 anos continua trabalhando em projetos arquitetônicos. A aposentadoria precoce, processo utilizado como forma de enxugamento das grandes corporações nos anos 80-90, tende a desaparecer, pois o sistema de seguridade social está beirando o seu limite. “Mudanças no trabalho e no lazer trazem mudanças paralelas na educação”.¹²⁴ Muitas pessoas de idade mais avançada voltam a freqüentar cursos, aprendem novas atividades e participam de escolas em todos os níveis.

Essas mudanças na área funcional do ser humano e na expectativa de vida ativa ocasionam mudanças fundamentais nos papéis sociais. Nas sociedades industrializadas como a nossa, a estrutura de vida tradicional está fundamentalmente baseada na idade: em cada idade, em cada fase, em cada estágio se fazem certas coisas, espera-se uma certa resposta. Crianças crescem e brincam, jovens estudam e se divertem, os de meia-idade trabalham, produzem e se reproduzem, pessoas mais velhas se aposentam, têm atividades de lazer e esperam a morte chegar.

Matilde W. Riley observa o seguinte:

Essas estruturas não acomodam muitas das mudanças nas vidas das pessoas. Afinal, faz sentido passar quase um terço do tempo da vida adulta aposentado? Ou acumular a maior parte do trabalho nos atormentados anos intermediários? Ou rotular de “velhos demais” aqueles que têm apenas 55 anos que querem trabalhar? Faz sentido assumir que [...] pessoas de mais idade fisicamente capazes – estima-se que haverá 40 milhões delas no próximo século – deveriam esperar maior suporte da sociedade do que contribuem para com ela? [...] Com certeza, algo terá que mudar!¹²⁵

Numa sociedade que vive um modelo de funções baseadas somente em idades, isto é, em que as pessoas se dedicam a um ou a poucos aspectos da vida de cada vez, elas estariam se concentrando e se restringindo demais, fazendo em cada idade só aquilo que lhes foi predeterminado há décadas, esquecendo os outros aspectos, como o brincar, o lazer, o estudo de novas coisas, não se preparando, assim, para as novas oportunidades, novas possibilidades de concretizar a vida a cada dia.

As principais finalidades das teorias são a construção do conhecimento e a compreensão sistemática e cumulativa. Os pesquisadores e os

¹²⁴ PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. Op. cit., p. 452.

¹²⁵ RILEY, Matilda W.; RILEY JR., John W. Aging and Society: Past, Present, and Future. *The Gerontologist*, v. 34, p. 445, 1994b.

profissionais que lidam com intervenções têm nas teorias um conjunto de lentes através das quais podem olhar, enxergar e compreender o que é observado na pesquisa e na prática profissional.[...] O uso de teorias traz pelo menos quatro vantagens: a integração do conhecimento, a explicação do conhecimento [...], a predição e a orientação de intervenções que melhoram a condição humana.¹²⁶

Na aproximação do próximo capítulo, coloco a minha *preocupação*, no sentido exato da palavra, *preocupa + ação*, associada à complexidade e à pluridimensionalidade do desenvolvimento e, conseqüentemente, do envelhecimento humano. O desenvolvimento, neste sentido, tem aspectos biológicos, sociais, psicológicos e espirituais que acontecem no curso de vida, no *lifespan*, tendo acréscimos e decréscimos, ganhos e perdas em todas as etapas. Qualquer consideração que não se assente sobre estes pilares simultaneamente corre o risco da deformação e do cultivo de crenças condenadas a uma substituição muito rápida, pois não conseguem se sustentar frente à realidade vivencial das pessoas que estão envelhecendo.

É óbvio que os conteúdos psicológicos da etapa final da vida humana não se alimentam somente das ocorrências desta etapa. A pessoa em desenvolvimento é sempre depositária de toda a sua experiência prévia; de uma ou de outra forma, de toda a sua história passada que está presente e contribui com sua substância. As possibilidades de crescimento, de modificação, de transformação não se encerram em certas etapas, fases ou estágios da vida, que, com o progresso da ciência e da tecnologia, se torna cada vez mais longa.

Como o Riobaldo era sábio. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data.¹²⁷

Usando palavras de Piaget, “pensar é agir sobre o objeto e transformá-lo”, lembro que objeto, no caso, não são só as coisas materiais, mas tudo que pode ser pensado pelo homem: as relações sociais, o mundo simbólico, o mundo conceitual, as produções culturais, as construções científicas. Com este desafio do “pensar” em vista da circunstância de que “contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância”, aproximamo-nos do segundo capítulo.

¹²⁶ NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento. Op. cit., p. 32.

¹²⁷ ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Op. cit., p. 89.

2 O PARADIGMA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DO *LIFESPAN*, DE CURSO DE VIDA

Não vivemos para ser úteis. Dizem os textos sagrados que Deus trabalhou seis dias para plantar um jardim. Terminado o trabalho, já não havia nada mais para ser feito. E foi justamente então que Deus sentiu a maior alegria. Terminado o tempo do trabalho, chegara o tempo do desfrute. E o Criador se transformou em amante: entregou-se ao gozo de tudo que fizera. Com as mãos pendidas (pois tudo que devia ser feito já havia sido feito), seus olhos se abriram mais. Olhou para tudo e viu que era lindo. Pôs-se a passear pelo jardim, gozando as delícias do vento fresco da tarde. E, embora os poemas nada digam a respeito, imagino que o Criador tenha também se deleitado com o gosto bom dos frutos e com o perfume das flores – pois que razões teria ele para criar coisas tão boas se ele não sentisse nelas prazer? Se há uma lição a ser aprendida desses textos, lição que você deve aprender com toda a atenção – esquecendo-se de tudo mais que lhe ensinaram – é que não somos como serrotes, enxadas, alicates, fósforos e lâmpadas que, uma vez sem o que fazer, são jogados fora. A nossa vida começa realmente com o advento da inutilidade. Pois o momento da inutilidade marca o início da vida do gozo.¹²⁸

2.1 ANTECEDENTES RELEVANTES

Olhando retrospectivamente, pode-se afirmar que sempre existiram pessoas que envelheceram muito; a novidade contemporânea reside na quantidade de pessoas que envelhecem e são longevas. Em países desenvolvidos, mais da metade das pessoas alcançam mais de 70 anos, e, em países em desenvolvimento, estes índices de longevidade estão melhorando a cada ano. Esse prolongamento da vida humana se deve com certeza aos progressos da área médica, da saúde pública, à descoberta de novas tecnologias que propiciam cuidados e tratamentos básicos e especializados ao ser humano. É improvável que o desenvolvimento sociocultural, em seus vários formatos, tenha até aqui contribuído para aumentar a longevidade ou otimizar o envelhecimento. Afirmam Riley e Riley Jr. que

¹²⁸ ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Op. cit., p. 56.

“o envelhecimento é desvalorizado, com seu potencial latente, porque falta uma cultura da velhice”.¹²⁹

Apresentam-se, na seqüência, alguns conceitos e achados históricos relevantes em relação ao envelhecimento e à velhice, seu estudo, suas perspectivas no âmbito da ciência na atualidade. O envelhecimento e a velhice (*old age, aging, senescence*) não são entendidos e explicados de forma idêntica em todas as áreas científicas, nem mesmo dentro de uma área. Na área das ciências biológicas, por exemplo, coexistem várias linhas de pensamento, divididas entre pesquisadores como Hayflick¹³⁰; Müller e Rohen; Rockstein, Chesky e Sussman.¹³¹ Há um grupo que reconhece basicamente a velhice como a época pós-reprodutiva, com suas conseqüências dentro da vida ontogenética. Outro grupo define a velhice pelo conjunto de mudanças ligadas ao envelhecimento (*age changes*), que envolvem a diminuição das capacidades biológicas, ligada à diminuição da capacidade funcional, podendo contribuir de forma direta ou indireta para aumentar a probabilidade da morte. Apesar disso, e além disso, a biologia, em seus estudos atuais, salienta que o envelhecimento e mesmo a velhice podem trazer consigo um “aumento na capacidade das funções corporais”.¹³² Paul e Margaret Baltes apresentam como exemplo dessa ampliação a reação do sistema auto-imune em pessoas com mais idade: “[...] baseado numa ‘vivência’ de lesões e infecções antigas, o corpo passa a apresentar uma maior capacidade na idade mais avançada, capacidade esta de reação mais eficaz e mais rápida”.¹³³ Estes resultados, que se apresentam de forma quase paradoxal em relação aos pressupostos básicos da biologia, os estudiosos situam “antes como uma concepção teórica de crescimento (*growth*), e não de envelhecimento (*aging*)”¹³⁴ do corpo humano.

Segundo Paul e Margareth Baltes, tem-se nesta escolha de definição teórica uma preferência que deve ser creditada aos biólogos ligados à gerontologia e também à

¹²⁹ RILEY, Matilda W.; RILEY JR., John W. Individuelles und gesellschaftliches Potential des Alterns. In: BALTES, P.B.; MITTELSTASS, J.; STAUDINGER, U.M. *Alter und Altern*: Ein interdisziplinärer Studientext zur Gerontologie. Berlin: de Gruyter, 1994a. p. 437-459.

¹³⁰ HAYFLICK, Leonhard. *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

¹³¹ ROCKSTEIN, M. J.; SUSSMAN, M.; CHESKY, J. (Eds.). *Theoretical Aspects of Aging*. New York: Academic, 1990.

¹³² BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Problem Zukunft des Alterns und gesellschaftliche Entwicklung. Gerontologie: Beriff, Herausforderung und Brennpunkte. In: BALTES, P.B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U.M. (Eds.). *Alter und Altern*: Ein interdisziplinärer Studientext zur Gerontologie. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 10. “[...] Steigerungen der Körperlichen Funktionsfähigkeit [...]”.

¹³³ Ibid., p. 10. “[...] das aufgrund früher ‘erlebter’ Läsionen und Infektionen im Alter besser und schneller auf solche Angriffe reagieren kann”.

¹³⁴ Ibid., p. 10. “[...] werden dann aber auf theoretischer Ebene eher einer Konzeption der Entwicklung (*growth*) und nicht der des Alters (*aging*) zugeordnet”.

pesquisa; esta definição implicaria uma necessidade de centralizar as pesquisas nas “causas da degeneração”, enquanto o ser humano vai envelhecendo, “estudando potencialmente a mortalidade em detrimento da sobrevivência e da longevidade”. Na verdade, a degeneração e as perdas são os marcadores físicos desta fase: “o rim envelhece quando ele não cumpre mais sua função adequadamente; nossos olhos envelhecem quando diminui a acuidade visual”. Se seguirmos essa linha de pensamento, o envelhecer e a velhice (*senescence*), ontogeneticamente, são vistos como o contrário do fenômeno chamado desenvolvimento ou crescimento (*growth*). Falamos aqui, de fato e efetivamente, de decadência e de perdas.¹³⁵

Seguindo esta linha de pensamento, pressupõe-se que, partindo da biologia, em toda a área científica é vantajoso definir o processo de envelhecimento como processo degenerativo e de perdas, pois isto apresentaria uma possibilidade de estudar cada órgão e sistema em separado, já que cada sistema e cada órgão envelhecem a seu tempo. Cientificamente, esta seria uma forma mais simplificada de pesquisar e gerenciar as perdas funcionais para possivelmente diminuí-las ou até evitá-las. Isto seria um objetivo no mínimo grandioso.

Na área de pesquisa e de estudos psicossociais e do comportamento, o envelhecimento e a velhice são conceituados de forma bastante diferenciada. A visão biológica naturalmente está implícita, pois na velhice o corpo apresenta “menos capacidade funcional e menor capacidade adaptativa”, por estar mais fragilizado e mais vulnerável biologicamente. Mas o diferencial está na perspectiva com a qual se olha o processo, a saber, “de que necessariamente isto ainda não significa que o comportamento do ser humano (pensar, sentir, agir) estejam num processo somente degenerativo, de perdas funcionais”.¹³⁶ De acordo com Paul Baltes¹³⁷, Riley e Riley Jr.¹³⁸ e Rosenmayr¹³⁹, o envelhecimento é também reconhecido como processo psicológico, cultural e social que contém aspectos positivos e está em constante crescimento. Este é, aparentemente, um

¹³⁵ Ibid., p. 10.

¹³⁶ Ibid., p. 10. “[...] keinesfalls bedeuten muss, dass menschliches Verhalten (Denken, Fühlen, Handeln) im Alter nur durch Abbauprozesse gekennzeichnet ist [...]”.

¹³⁷ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Erfolgreiches Altern: Mehr Jahre und mehr Leben. In: BALTES, M.M.; KOHLI, M.; SAMES, K. (Eds.). *Erfolgreiches Altern: Bedingungen und Variationen*. Bern: Huber, 1989b. p. 5-10.

¹³⁸ RILEY, Matilda; RILEY JR., John W. Longevity and Social Structure: The Added Years. *Daedalus*, n. 115, p. 51-75, 1986.

¹³⁹ ROSENMAYR, L. *Die Kräfte des Alters*. Wien: Edition Atelier, 1990.

modo novo de olhar este processo, mas na verdade não é novo, pois já Marco Túlio Cícero (106 a.C.), jurista e filósofo romano, comentava sobre isto em 44 a.C. “Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades como a sabedoria, a clarividência, o discernimento”.¹⁴⁰

Como poderiam se apresentar aspectos positivos do envelhecimento se biologicamente acontece um processo degenerativo quase que inverso? [...] O argumento central é que a força do conhecimento – sendo que a influência da cultura engloba aqui os aspectos tecnológicos – manifesta-se de forma mais eficaz, em muitos momentos, que a força biológica [...].¹⁴¹

A possibilidade de realizar-se um processo de desenvolvimento com aspectos positivos no envelhecimento depende, em grande parte, da existência de uma cultura mais favorável aos idosos, uma cultura que favoreça conhecimento, recursos externos, papéis sociais e possibilite um “avanço” na ontogênese. Usando a formulação e publicação do Relatório Final, intitulado *Limits of Growth*, do *Clube de Roma*, em 1972¹⁴², formou-se uma consciência de que um *plus*, um ganho no desenvolvimento em geral, global, tecnológico não representa sempre melhores condições de vida para o ser humano. Argumenta Baltes que a publicação de *Limits of Growth (Limites do crescimento)* mostrou que limitações e fragilidades levam, em muitas ocasiões, a avanços mais felizes, responsáveis e eficazes, acrescentando que o desenvolvimento cultural da espécie humana é conceituado por muitos estudiosos como a superação de carências biológicas. É uma constatação

¹⁴⁰ CÍCERO, M. T. *Saber envelhecer e a amizade*. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 18-19.

¹⁴¹ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. *Problem Zukunft des Alterns und gesellschaftliche Entwicklung*. Op. cit., p. 11. “Wie können positive Aspekte des Alter(n)s aussehen, wenn es gleichzeitig biologische Abbauprozesse gibt? [...] Das zentrale Argument lautet, dass die Kraft des Wissens, der Einfluss der Kultur einschliesslich ihrer technologischen Aspekte, aus geprägter wirksam sein können als die Kraft der Biologie [...]”.

¹⁴² CAMARGO, A. L. B. *As dimensões e os desafios do desenvolvimento sustentável: concepções, entraves e implicações à sociedade humana*. Florianópolis: UFSC, 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina. “O Clube de Roma, entidade formada por intelectuais e empresários, que não eram militantes ecologistas, foi uma iniciativa que surgiu das discussões a respeito da preservação dos recursos naturais do planeta Terra. Ele produziu os primeiros estudos científicos a respeito da preservação ambiental, que foram apresentados entre 1972 e 1974, e que relacionavam quatro grandes questões que deveriam ser solucionadas para que se alcançasse a sustentabilidade: controle do crescimento populacional, controle do crescimento industrial, insuficiência da produção de alimentos e o esgotamento dos recursos naturais. Após a publicação da obra *Os limites do crescimento*, pelo Clube de Roma em 1972, este conceito toma um grande impulso no debate mundial, atingindo o ponto culminante na Conferência das Nações Unidas de Estocolmo, naquele mesmo ano”.

interessante e aplicável para o desenvolvimento humano e o envelhecimento, em todos os sentidos.^{143 144}

James Hillman afirma que se deveria mudar a “móvel de lugar, passando-a da frente do cenário para os fundos”. Não podemos negar a biologia, os processos degenerativos, as influências genéticas, mas coisas que vêm primeiro, como “bactérias, mitocôndrias, bolores do lodo, compostos químicos, cargas elétricas – não necessariamente vêm primeiro em termos de valor ou de pensamento”.¹⁴⁵

Nesse mesmo sentido, salienta Hans-Werner Wahl: “No nível científico deve ser destacada a discrepância persistente entre resultados encontrados nos laboratórios em comparação com as capacidades no dia-a-dia de pessoas idosas”.¹⁴⁶ A pesquisa científica apresenta um envelhecimento com déficits, perdas generalizadas em todas as funções corporais, mas o cotidiano dos idosos demonstra capacidades e adaptabilidades surpreendentes aos desafios ambientais.

Que construtos seriam, então, os mais adequados como orientadores gerais e estruturas organizativas do desenvolvimento humano, lembrando a proposição de que “limitações e fragilidades levam em muitas ocasiões a avanços mais felizes, responsáveis e eficazes?”. A psicologia do desenvolvimento sempre se preocupou com a questão de quais seriam os construtos mais apropriados para o desenvolvimento humano. As teorias de realce que foram arroladas no primeiro capítulo, por exemplo, se orientaram por essa questão e propuseram variados processos. O paradigma de desenvolvimento no curso de vida, do *lifespan*, que será o objeto deste capítulo e o fundamento deste trabalho, segue o modelo dialético. Este modelo pressupõe basicamente a atividade efetiva do ser humano, que atua e modifica o seu ambiente, segundo a sua experiência, mas que é moldado da mesma forma, no seu ser e na sua experiência, pelo mesmo ambiente que o circunda.

¹⁴³ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. (Eds.). *Successful Aging: Perspectives from the Behavioral Sciences*. New York: Cambridge University, 1990.

¹⁴⁴ LABOUVIE-VIEF, G. Proactive and Reactive Aspects of Constructivism: Growth and Aging in Lifespan Perspective. In: LERNER, R.M.; BUSCH-ROSSNAGEL, N.A. (Orgs.). *Individuals as Producers of Their Development*. New York: Academic, 1981. p. 197-230.

¹⁴⁵ HILLMAN, James. Op. cit., p. 15.

¹⁴⁶ WAHL, Hans-Werner. A competência no cotidiano: um constructo buscando uma identidade. In: _____. *Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento*. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da PROEXT/UFRGS, 1999. v. 1, p. 104.

Ambiente e experiências internas estão sempre em um conflito de forças, tanto positivas como negativas, e o objetivo do desenvolvimento seria a busca incessante de equilíbrio.¹⁴⁷

Vale salientar que o paradigma dialético evidencia as oposições e as contradições e uma possível resolução numa síntese adequada. É apropriado justamente para o desenvolvimento e para o crescimento porque busca uma renovação, uma mudança, uma adaptação equilibrada. Na área do desenvolvimento humano em geral, e mais especificamente do desenvolvimento na idade madura, o enfoque dialético distingue a pessoa como potencialmente ativa e capaz de mudanças, integrada ao seu ambiente, que também vive em constante transição.

Esse paradigma na área da psicologia do desenvolvimento foi iniciado pelo autor Klaus Riegel (1971).¹⁴⁸ A psicologia dialética surgiu em contraposição à psicologia tradicional; alguns temas básicos, especialmente problemas em relação ao desenvolvimento humano, são abordados a partir de uma nova perspectiva integrativa. Exatamente neste sentido, o autor aborda as crises pelas quais os seres humanos passam em todo o seu desenvolvimento como fontes de influência e como originadoras de resultados que podem ter valência negativa ou positiva sobre todo o desenvolvimento posterior. Essa influência teria origem biológica inata, psicológica individual, psicológica ligada à cultura e também seria de natureza ecológica. O desenvolvimento, desta forma, acontece em qualquer momento da vida, como também em qualquer idade, de forma inesperada ou esperada, ligada a um grupo em particular, à coletividade ou até mesmo de forma individual.

O enfoque dialético de Riegel rechaça o estabelecimento de estágios de desenvolvimento, por considerar que o ser humano vive em evolução permanente e que, freqüentemente, as mudanças apresentam-se como resultado das contradições inerentes à situação vivenciada.¹⁴⁹ O desenvolvimento seria determinado, na visão teórica de Riegel, por forças que o moldam numa tensão incessante, percorrendo um caminho não linear, com períodos previsíveis e períodos surpreendentes e inesperados de mudanças e crises. Forças biológicas internas, psicológicas individuais, físicas externas e socioculturais movimentam o ser humano, fazendo com que ele faça um esforço constante para trocar de

¹⁴⁷ SCHNEEWIND, Klaus A. *Persönlichkeitstheorien*. Stuttgart: UTB, 2000. p. 216-220.

¹⁴⁸ RIEGEL, K. F. *Grundlagen der dialektischen Psychologie*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1980.

¹⁴⁹ RIEGEL, K. F. The Dialectics of Human Development. *American Psychologist*, Washington, DC, n. 31, p. 689-700, 1976.

papéis, procurar novos conhecimentos, mecanismos de adaptação e de enfrentamento, caminhando sempre em direção a novas possibilidades e novas sínteses.¹⁵⁰

Faz aproximadamente 30 anos que acontece um esforço científico por parte de pesquisadores como P. B. Baltes, Reese e Lipsitt (1980), Binstock e George (1995), Birren e Schaie (1996), Staudinger e Pasupathi (2000) e Lachman (2001), em muitos centros de pesquisa, para compilar e testar empiricamente uma teoria psicológica do desenvolvimento específica e apropriada para a idade adulta e a velhice.¹⁵¹ É nesse contexto, dentro desta perspectiva dialética acima apresentada, que surge o paradigma teórico de desenvolvimento chamado *lifespan* (do curso de vida), do pesquisador Paul B. Baltes e seus colaboradores. Trata-se de uma perspectiva que trouxe uma reformulação na maneira de se visualizar o desenvolvimento, alterando a concepção biológica bastante estanque de que nas idades mais avançadas haveria apenas declínios e perdas¹⁵², preocupando-se com o estudo do desenvolvimento individual, da ontogênese, justamente com a idéia de que esta não é completada quando se chega à idade adulta, ou mesmo em qualquer outra idade. A ontogênese acontece do nascimento até a morte, em processos constantes e vitalícios de adaptação, que ocorrem tanto nos diferentes domínios e funções, como, por exemplo, percepção, memória, etc., quanto em todo o desenvolvimento global.¹⁵³

A perspectiva do *lifespan* ou do curso de vida na área da psicologia do desenvolvimento passa a ter seu espaço próprio nos anos 70, mas vale salientar que existiram muitos antecedentes históricos importantes para que isso viesse a acontecer. Pode-se mencionar como marco referencial o belga Adolphe Quetelet (1796-1874), que foi matemático e astrônomo e se interessava por questões como taxas de crescimento e de mortalidade, transformações da moralidade e da inteligência que tinham ligação com a idade e o envelhecimento. Ele descobriu em suas pesquisas que os dramaturgos ingleses e franceses cresciam em produção até os 55 anos, e depois disso sua produtividade decrescia. Em 1885, Sir Francis Galton fez um levantamento entre milhares de visitantes de uma

¹⁵⁰ NERI, Anita Liberalesso. O curso do desenvolvimento intelectual na vida adulta e na velhice. Op. cit., p. 40.

¹⁵¹ FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Entwicklungsaufgaben als Organisationsstrukturen von Entwicklung und Entwicklungsoptimierung. In: FILLIP, S.H.; STAUDINGER, U.M. (Eds.). *Enzyklopädie der Psychologie: Entwicklungspsychologie des mittleren und höheren Erwachsenenalters*. Göttingen: Hogrefe. [no prelo]. Disponível em: <<http://www.uni-ulm.de>>. Acesso em: 3/11/2006.

¹⁵² BALTES, P. B.; LINDENBERGER, U.; STAUDINGER, U. M. *Lifespan Theory in Developmental Psychology*. Berlin: Max Planck Institute for Human Development and Education, 1996.

¹⁵³ BIASOLI-ALVES, Zélia M. *O idoso e seu cotidiano*: relato e opiniões. Ribeirão Preto: USP, 2003. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. p. 4-5.

feira, onde aplicou um questionário sobre a capacidade produtiva psicofisiológica e constatou um decréscimo a partir dos 70 anos.¹⁵⁴ Isso representou o início de uma preocupação maior com o envelhecimento. Na seqüência vieram muitos outros estudiosos, como Hollingworth (1927), Bühler (1933), Pressey, Janney e Kühlen (1939), Havighurst (1948), Erikson (1950), Bayley (1963), Birren (1963), Neugarten (1965), entre outros. Na área da sociologia, esta perspectiva teórica veio a firmar-se mais recentemente com Riegel (1976), Riley (1974), Riley, Johnson e Foner (1972) e Featherman (1981). Na área da psicologia, podem ser ressaltados autores como Thomae (1959, 1961 e 1964), Nesselroade (1979), Datan (1970), Gouler (1975), Labouvie-Vief (1977) e Baltes (1968, 1979, 1987, 1990 e 1993). Existem, então, duas vertentes, uma sociológica, denominada *life course*, curso de vida, e a outra da área psicológica, denominada *lifespan*, ao longo da vida. Na literatura psicológica internacional, utiliza-se com mais freqüência o termo “curso de vida” por não existir um termo mais correspondente ou mais apropriado para *lifespan* na língua portuguesa.¹⁵⁵ Neste estudo, será utilizado o termo original inglês, *lifespan*, acompanhado do termo português “curso de vida”.

No Brasil, especificamente, em apoio a esta concepção teórica, podemos falar de estudiosas, como Anita Liberalesso Neri, que perseguem o mesmo objetivo e fundamentam suas propostas na área do desenvolvimento nesta perspectiva teórica, em relação ao envelhecimento/crescimento. Nesse sentido, em entrevista à revista eletrônica *Idade Ativa*, a autora comenta:

Com as minhas pesquisas pude observar que a psicologia dos anos 60 já começava a pensar de um jeito diferente sobre a velhice, até porque ficou muito claro que psicologia tradicional não dava conta de explicar o fenômeno. De algumas décadas para cá, a psicologia e várias ciências comportamentais criaram novos paradigmas para dar conta dos processos de envelhecimento, o qual hoje se admite que ocorre paralelamente aos processos de desenvolvimento. Fala-se hoje da teoria “Lifespan”. “Span” corresponde à duração entre dois limites. “Lifespan” significa toda a duração da vida, do nascimento até a morte. A psicologia do desenvolvimento passou a considerar o desenvolvimento humano durante todo o ciclo vital.¹⁵⁶

Nesse mesmo sentido, também Guita Debert, da área da antropologia, defende a idéia de “curso da vida” (*lifespan*) como processo gradual que considera aspectos

¹⁵⁴ SCHELLING, H. R. Lebenslauf Als systemischer Prozess. *Unimagazin – Die Zeitschrift der Universität Zürich*, Zentrum für Gerontologie der Universität Zürich, n. 1, p. 1-6, 1999. Disponível em: <<http://www.unicom.unizh.ch/unimagazin/archiv/1-99/lebenslauf.html>>. Acesso em: 30/11/2006.

¹⁵⁵ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 13-30.

¹⁵⁶ Ibid.

históricos, sociais e individuais para compreender os períodos da vida, numa visão mais complexa e elaborada. A autora alerta para o fato de que o agrupamento em idades e a consideração das faixas etárias se fazem necessários para o estudo da antropologia, mas ressalta que esses grupos etários reservam significados específicos para cada grupo social e em cada momento histórico, devendo ser entendidos dessa forma. Para a autora, esta concepção da vida em ciclos bem definidos e estabelecidos está impregnada de uma “visão essencialista e de caráter a-histórico da vida”.¹⁵⁷

Na mesma direção, registra Ana Bassit:

[...] o estudo sobre o curso da vida vem se movimentando de uma tendência que divide o estudo do desenvolvimento humano em estágios descontínuos para um firme reconhecimento de que qualquer ponto do curso da vida precisa ser analisado dinamicamente, como conseqüência das experiências passadas e das expectativas futuras, e de uma integração entre os limites do contexto social e cultural correspondente.¹⁵⁸

Há, portanto, novas tendências, novos rumos. Há uma discussão das tendências de mudanças evidenciadas no campo do desenvolvimento humano, nas últimas três décadas, tanto na teoria como na pesquisa. Conforme Maria Aparecida Trevisan Zamberlan¹⁵⁹, como um novo enfoque na visão desenvolvimentista ao longo do “ciclo vital” apresenta-se o paradigma do “lifespan”, de curso de vida, que nos propõe estas novas perspectivas de desenvolvimento contínuo. Para essa pesquisadora, trata-se de uma visão clara da maturidade do campo do desenvolvimento em geral, como evidenciam seus indicadores organizacionais e a corrente do “Zeitgeist”.¹⁶⁰ Da mesma forma, subscrevendo a base teórica do *lifespan* como a mais adequada e menos estereotipada para pesquisar o desenvolvimento humano tardio, temos o estudo “El desarrollo de los valores en la tercera edad: un estudio desde el marco cultural-contextual”. Os autores, do País Basco, Espanha,

¹⁵⁷ DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000. p.9-18.

¹⁵⁸ BASSIT, Ana Zahira. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. (Eds.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarim, 2000. p. 218.

¹⁵⁹ ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. A teoria e pesquisa em desenvolvimento humano nos últimos 30 anos: novas tendências? *Teoria e Prática da Educação*, v. 3, n. 5, p. 73-86, mar. 2000.

¹⁶⁰ SHETARA, M. *Portal Vermelho*. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/base.asp>>. Acesso em: 1º/12/2006. *Zeitgeist* “é um substantivo composto alemão que se tornou um conceito de psicologia social e de filosofia, usado literalmente em outras línguas (inclusive entre intelectuais brasileiros). *Zeit* quer dizer tempo. *Geist* quer dizer espírito. *Zeit + Geist* = espírito do tempo, o sentimento de uma época, o pensamento de um momento histórico. Segundo o dicionário Webster, o ‘Aurélio’ da língua inglesa, ‘the general intellectual, moral, and cultural climate of an era’ (o clima intelectual, moral e cultural geral de uma época). Além de expressar movimentos políticos, manifestações de psicologia coletiva em certos momentos da história, *zeitgeist* também é usado para expressar fenômenos culturais arrematadores”.

utilizam como base teórica a teoria do *lifespan*, acrescentando que esta base possibilita conhecer os dilemas reais, psicossociais e de valores do contexto de vida dos idosos, o que não era propiciado pelas outras teorias de desenvolvimento humano.¹⁶¹

2.2 DESPEDIDAS E RECOMEÇOS: UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA DO PARADIGMA TEÓRICO DE DESENVOLVIMENTO DO LIFESPAN OU DO CURSO DE VIDA

STUFEN

*Wie jede Blüte welkt und jede Jugend
Dem Alter weicht, blüht jede Lebensstufe,
Blüht jede Weisheit auch und jede Tugend
Zu ihrer Zeit und darf nicht ewig dauern.
Es muss das Herz bei jedem Lebensrufe
Bereit zum Abschied sein und Neubeginne,
Um sich in Tapferkeit und ohne Trauern
In andre, neue Bindungen zu geben.
Und jedem Anfang wohnt ein Zauber inne,
Der uns beschützt und der uns hilft zu leben.*¹⁶²

ESTÁGIOS

Como toda flor murcha e toda juventude
Dá lugar à velhice, assim floresce todo estágio da vida,
Toda sabedoria e toda virtude também florescem
A seu tempo e não podem durar para sempre.
A cada chamado da vida deve o coração
Estar pronto para se despedir e começar de novo,
Para, com coragem e sem pesar,
Assumir vínculos outros e novos.
E cada começo contém um encanto
Que nos protege e ajuda a viver.

O olhar sobre o envelhecimento e sobre a velhice é um olhar absolutamente interdisciplinar. As mais variadas áreas preocuparam-se e preocupam-se com o tema, em tempos antigos e na atualidade, entre estudiosos, religiosos, pessoas do povo e muitos poetas, entre os quais se destaca o erudito Hermann Hesse com parte do poema acima destacado.

¹⁶¹ AIRBE BARANDIARAN, A.; CORTÉZ-PASCUAL, A.; MEDRANO SAMANIEGO, C. El desarrollo de los valores en la tercera edad: un estudio desde el marco cultural-contextual. *Revista Psicodidáctica*, Vitoria-Gazteis, España: Universidad del País Vasco, n. 12, 2001. Disponível em: <<http://www.pebpanas@vc.ehu.es>>. Acesso em: 30/04/2006.

¹⁶² HESSE, Herrmann. *Mit der Reife wird man immer jünger*: Betrachtungen und Gedichte über das Alter. Frankfurt/M.: Insel, 1990. p. 87. O original permanece no corpo do texto pela beleza da expressão verbal do poeta na língua alemã.

Nesse poema de H. Hesse, *Stufen (Estágios)*, o tema central é o que caracteriza basicamente as preocupações e o questionamento central desta pesquisa: o desenvolvimento humano e suas inúmeras possibilidades, as condições de cada pessoa em todas as etapas da vida, a criatividade, as novas idéias, iniciativas e novas tarefas. O autor descreve com grande propriedade os estágios como espaços que surgem trazendo consigo possibilidades; em cada um dos estágios que se vai galgando surgem novas oportunidades de estruturação e de desenvolvimento – isto, naturalmente, se a pessoa estiver disposta a aceitar desafios e a estabelecer novos vínculos. A vida humana é entendida pelo poeta como uma sucessão de oportunidades, também uma sucessão de perdas, mas especialmente de recomeços. Para Hesse, em sua linguagem expressiva e maravilhosa, toda pessoa se desenvolve na medida em que consegue se desligar de tarefas e papéis passados, conectando-se a novas pessoas, a novos grupos e a novas áreas de atividade. O elemento central é, sem dúvida, a abertura para a vida, compreendida como abertura para o mundo, capacidade de reorientação.¹⁶³

Prosseguindo ainda o seu pensamento em outra obra escrita já em idade bem avançada, Hesse afirma:

O fato de, muitas vezes, as pessoas adquirirem na velhice a percepção da história que não tinham na juventude se baseia no conhecimento que têm dessas muitas camadas que, no decorrer de algumas décadas de experiência e sofrimento, se sobrepõem no rosto e no espírito humanos. No fundo, todos os idosos pensam de maneira histórica, ainda que decerto nem sempre o façam conscientemente. Eles não ficam satisfeitos com a camada bem de cima, que fica tão bem nos jovens. Não pretendem prescindir dela ou extingui-la, mas gostariam de perceber, debaixo dela, a seqüência das camadas de vivência que, só elas, dão ao presente toda a sua importância.¹⁶⁴

Hesse ressalta aqui a importância da biografia, da história de vida, do desenrolar de atos e fatos, de perdas e ganhos, de crescimento e de estagnação, que formaram cada pessoa ao longo de sua vida. Os aspectos emocionais estão constantemente interligados com as vivências e as confrontações de vida de cada um. O contexto biográfico está

¹⁶³ KRUSE, A. Konzepte: Alter im Lebenslauf. In: BALTES, P.B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U.M. (Eds.). *Altern und Altern: Ein interdisziplinärer Studientext zur Gerontologie*. Sonderausgabe des 1992 erschienen 5. Forschungsberichts der Akad. der Wissenschaft zu Berlin: de Gruyter, 1994. p. 332.

¹⁶⁴ HESSE, Herrmann. Op. cit., p. 142. “Das häufig Menschen im Alter den Sinn für Geschichte bekommen, den sie in der Jugend nicht hatten, beruht auf dem Wissen um diese vielen Schichten, die im Lauf mancher Jahrzehnte des Erlebens und Erleidens sich in einem Menschengesicht und einem Menschengesicht überdecken. Im Grunde, wenn auch längst nicht immer bewusst, denken alle Alten historisch. Sie sind mit der obersten Schicht, die den Jungen so gut steht, nicht zufrieden. Sie möchten sie nicht missen oder tilgen, aber sie möchten unter ihr auch die Folge jener Erlebens-Schichten wahrnehmen, die der Gegenwart erst ihr volles Gewicht geben”.

sempre conectado com a estrutura central, a maneira como a pessoa mais velha vivencia e se confronta com novas situações na velhice. A velhice só pode ser compreendida neste contexto biográfico, pois os idosos não se conformam com a exterioridade, com a aparência. Eles optam por “mostrar a verdadeira cara” e – por que não? – “dar a cara para bater”. Tentam constantemente conhecer as coisas de maneira mais profunda, enfrentar as situações adversas e conhecer as pessoas mais intimamente. É uma busca constante de crescimento interno, de auto-realização, da “beleza da alma”, como dizia Aristóteles. James Hillman constata que “os últimos anos são preciosos para se fazer uma revisão da vida e para reparar erros, para especulações cósmicas e para transformar lembranças em histórias, para usufruir sensorialmente as imagens do mundo e para ligar-se a espíritos e a ancestrais – valores que a nossa cultura deixou fenecer”.¹⁶⁵

Pois essa parece ser a tarefa principal da biografia: apresentar o ser humano em sua contemporaneidade e mostrar até que ponto o todo lhe resiste, até que ponto o favorece, mostrar como ele formou uma visão do mundo e do ser humano a partir daí e como ele – caso seja artista, poeta, escritor – a refletiu de novo para fora. Para isso, entretanto, exige-se algo difícil de alcançar, a saber, que o indivíduo que conheça a si e ao seu século, conheça até que ponto permaneceu o mesmo sob todas as circunstâncias e ao século como aquele que arrasta consigo, determina e molda tanto aquele que tem vontade quanto aquele que não tem vontade – de tal forma que se possa dizer: qualquer um que fosse nascido 10 anos antes ou depois certamente ter-se-ia tornado alguém bem diferente no que diz respeito à sua própria formação e atuação para fora.¹⁶⁶

O desenvolvimento no curso de vida (*lifespan*) é influenciado, segundo Johann Wolfgang von Goethe, poeta magnífico, pelos acontecimentos e pelas experiências históricas, culturais e sociais, não podendo ser olhado de forma simplificada ou dentro de padrões preestabelecidos. Os idosos são capazes de reconhecer a beleza que está escondida da visão comum, pois os anos lhes ensinaram a olhar mais intensamente para as coisas e para as pessoas, procurando a singularidade. Eles tentam localizar algo da essência, do essencial da vida, daquilo que pode ter alguma importância, algum sentido para sua vida. A pessoa em idade mais avançada só pode ser entendida dentro deste contexto bem específico, cada qual vivendo suas experiências internas e externas bem específicas e

¹⁶⁵ HILLMAN, James. Op. cit., p. 47.

¹⁶⁶ GOETHE, J. W. von. *Dichtung und Wahrheit*: 1. Teil. München: DTV, 1962. p. 5. “Denn dieses scheint die Hauptaufgabe der Biographie zu sein, den Menschen in seinen Zeitverhältnissen darzustellen, und zu zeigen, inwiefern ihm das Ganze widerstrebt, inwiefern es ihn begünstigt, wie er sich eine Welt- und Menschenansicht daraus gebildet und wie er sie, wenn er Künstler, Dichter, Schriftsteller ist, wieder nach aussen abespiegelt. Hierzu wird aber ein kaum Erreichbares gefordert, dass nämlich das Individuum sich und sein Jahrhundert kenne, sich, inwiefern es unter allen Umständen dasselbe geblieben, das Jahrhundert, als welches sowohl den Willigen als Unwilligen mit sich fortreisst, bestimmt und bildet, dergestalt, dass man wohl sagen kann, ein jeder, nur zehn Jahre früher oder später geboren, dürfte, was seine eigene Bildung und die Wirkung nach aussen betrifft, ein ganz anderer geworden sein”.

modificando, adaptando e renovando objetivos e, principalmente, levando a sua vida adiante.

2.3 A PERSPECTIVA DO *LIFESPAN* OU DO CURSO DE VIDA: UMA INTEGRAÇÃO ENTRE BIOLOGIA E CULTURA

Uma das questões mais complexas da vida e, conseqüentemente, da ciência reside atualmente na razão da longevidade humana. Por que o ser humano envelhece tanto, para que existe esta velhice tão prolongada? Uma resposta científica esclarecedora e apropriada para esta questão ainda permanece numa relativa obscuridade. Na verdade, não se tem uma explicação convincente do motivo, da razão por que existe a longevidade humana, por que tanto tempo de vida após a fase reprodutiva, dentro do processo biológico natural e seletivo.¹⁶⁷

Envelhecer não é algo acidental à condição do ser humano; está embutido na fisiologia. Mas, surpreendentemente, a vida se estende muito além da época fértil e dura muito mais do que a capacidade muscular e a acuidade sensorial das pessoas. Segundo Hillman:

Também eu estou tentando livrar-me de uma idéia — ou pelo menos empurrá-la para longe: a idéia de que somos basicamente criaturas fisiológicas e portanto o nosso pensar sobre nós mesmos pode ser reduzido ao pensar sobre o nosso corpo. Esta teoria nos condena: tornando-nos vítimas da idade. Acreditamos que a nossa existência inteira é subjugada à fisiologia e, mais drasticamente na velhice, governada por ela.¹⁶⁸

Conhecer de forma aprofundada a razão da existência da velhice dentro da extensão da vida humana é instigante para todas as áreas de conhecimento que lidam com o ser humano e suas relações, sendo uma questão basicamente interdisciplinar. Para muitos estudiosos, entre eles Gerald J. Gruman, a procura das razões, dos motivos, do esclarecimento da complexidade do prolongamento da vida na velhice é um dos baluartes sociais para o desenvolvimento e o otimismo. Em estudos realizados por Gruman sobre o envelhecimento entre vários povos, diferentes culturas e em várias épocas históricas, ele

¹⁶⁷ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Berlin: Max Planck Institute for Human Development, 1999. p. 1-18. Disponível em:

<<http://www.mpib-berlin.mpg.de/en/institut/dok/full/Baltes/alterund/index.htm>>. Acesso em: 07/03/2006.

¹⁶⁸ HILLMAN, James. Op. cit., p. 14.

ressalta a confluência de ciência, superstição e religião para abarcar várias explicações para este período da vida humana.¹⁶⁹

Precisamos reconhecer a extensão em que o nosso pensar sobre a duração da vida tem sido emboscado num “idadeísmo” depreciativo — um conceito de classificação que relega todos os idosos a uma categoria com limites definidos e inescapáveis, por causa do colapso do organismo e do esgotamento de suas reservas. A biologia e a economia são o nosso modelo ocidental básico.¹⁷⁰

As concepções de áreas tanto genéticas como biológicas continuam ainda bastante limitadas, isto quando pretendem um esclarecimento específico sobre o envelhecimento e a velhice ligado somente a uma das áreas. Numa perspectiva histórica da vida humana, observam-se diferentes graduações em relação à expectativa de vida, ligadas, por exemplo, a grupos étnicos como também a posições geográficas no planeta terra, tornando compreensível a influência de fatores socioculturais associados aos fatores biológicos e genéticos na longevidade humana.¹⁷¹

Segundo Danner e Schröder, é surpreendente que mesmo entre especialistas não se consiga chegar a um consenso mínimo quanto à definição geral do envelhecimento. Apesar de muita pesquisa e de resultados promissores na área da biologia do envelhecimento humano, apesar de alguma previsibilidade e de pontos esclarecedores, o problema de definição reside na variabilidade, i. e. nos diferentes aspectos, valores, circunstâncias do envelhecimento: “diferenças entre os próprios indivíduos e em parte diferenças entre os variados tipos” do envelhecer. Um exemplo seriam as mudanças arterioscleróticas (calcificação das artérias): num idoso de 70 anos, estas mudanças são muito maiores do que num indivíduo de 50 anos, mas as diferenças nas proporções podem variar tanto que o indivíduo de 50 anos pode estar com mais vasos prejudicados do que o idoso.¹⁷²

Envelhecimento e velhice são basicamente fenômenos da fase pós-reprodutiva, acontecem depois dos principais processos genéticos seletivos. Esta constatação leva a uma

¹⁶⁹ GRUMAN, Gerald J. *A History of Ideas about the Prolongation of Life*. New York: Springer Publishing in cooperation with the International Longevity Center (ILC-USA), 2003. p.1-42.

¹⁷⁰ HILLMAN, James. Op. cit., p. 16.

¹⁷¹ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Problem Zukunft des Alterns und gesellschaftliche Entwicklung. Op. cit., p. 17-19.

¹⁷² DANNER, D. B.; SCHÖDER, C. S. Biologie des Alterns (Ontogenese und Evolution). In: BALTES, P.B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U.M. (Eds.). *Alter und Altern: Ein interdisziplinärer Studientext zur Gerontologie*. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 97. “Unterschieden zwischen einzelnen Individuen und zum Teil auf den Unterschieden zwischen den verschiedenen Arten”.

questão importante: o que de fato seria importante e contribuiria para a duração desta fase longa pós-reprodutiva da vida humana que se alcançou neste século e que se manifestaria no genoma das gerações posteriores? Numa visão bastante positiva, poder-se-ia falar de uma transmissão genética ligada a efeitos seletivos indiretos; por exemplo, as pessoas poderiam estar vivendo muito tempo, aprendendo a lidar com situações psicossociais difíceis, para influenciar positivamente a conduta das gerações posteriores, para influenciar a vida de netos e outros descendentes.

[...] construir de modo intencional e pró-ativo o seu mundo de vida físico, material e social por meio de condições sociais, desenvolvê-lo adaptativamente, bem como transmitir às próximas gerações o que se alcançou na forma de aprendizagem cultural. A evolução humana contém, portanto, mais do que o princípio de progressos funcionais adaptativos definíveis *a posteriori* com base em variação e seleção genética, princípio esse bem conhecido a partir da teoria biológica da evolução.¹⁷³

Os estudos realizados até o momento apresentam resultados promissores, mas ainda bastante frágeis; segundo Hayflick, a pesquisa nesta área está muito dificultada porque organismos vivos de desenvolvimento superior não atingem uma vida pós-reprodutiva longa dentro de sua evolução. Na natureza, os organismos infra-humanos morriam e morrem antes de envelhecer, dando pouca margem para uma pesquisa consistente.¹⁷⁴

Ao abordar o processo de envelhecimento e a questão da deterioração das funções e das perdas que ocorrem nesta fase, Petr Vaclav cria uma controvérsia perguntando se esta questão seria explicável por fatores extrínsecos (culturais, sociais) ou estaria ligada apenas aos fatores geneticamente pré-programados. O que de fato estaria no centro da preocupação com o envelhecimento: uma velhice bem-sucedida ou satisfatória, ou tão-somente o prolongamento dos anos de vida?

Os gerontologistas não conseguem, até o momento, dar uma resposta satisfatória. Alguns autores ainda acreditam que os fatores extrínsecos exercem a maior influência sobre o envelhecimento, mas a maioria dos gerontologistas não acredita que essa opinião esteja trazendo qualquer contribuição fundamental sobre o envelhecimento. O estilo de vida e o meio ambiente certamente

¹⁷³ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Problem Zukunft des Alterns und gesellschaftliche Entwicklung. Op. cit., p. 3. “[...] nämlich intentional und proaktiv seine körperliche, materielle und soziale Lebenswelt durch gesellschaftliche Bedingungen zu konstruieren, adaptativ weiterzuentwickeln sowie das Erreichte in Form von kulturellem Lernen an die nächsten Generationen weiterzugeben. Menschliche Evolution beinhaltet also mehr als das aus der biologischen Evolutionstheorie wohlbekannte Prinzip von a posteriori definierbaren adaptiven Funktionsfortschritten aufgrund von genetischer Variation und Selektion”.

¹⁷⁴ HAYFLICK, Leonard. Biological aging theories. In: MADDUX, G .L. (Ed.). *The Encyclopedia of Aging*. New York: Springer, 1987. p. 64-68.

influenciam a nossa taxa de envelhecimento, mas é evidente que os processos de envelhecimento representam apenas outro aspecto dos processos de desenvolvimento em si mesmos. De fato, os agentes extrínsecos funcionam apenas como catalisadores (positivos ou negativos) dos processos internos (intrínsecos) que iriam ocorrer de qualquer forma. Um camundongo vive no máximo alguns poucos anos, mesmo em condições laboratoriais ideais.¹⁷⁵

Em oposição a essa concepção se manifesta o médico e cientista Étienne-Émile Baulieu. Apesar de o ser humano não ter modificado em nada a fase de término da vida reprodutiva, pois ela continua acontecendo por volta dos 50 anos, o ser humano vive cada vez mais. Ele pergunta: “Teríamos sofrido uma mutação? Teríamos adquirido novos genes?”. Ele mesmo responde que não acredita nesta possibilidade, pois nada está a indicar isto. Esclarece então que a sobrevivência do homem se dá pelo trabalho e pelo desenvolvimento, que modificou “habitação, alimentação, práticas sociais, pelas mudanças, portanto pelo meio ambiente”, um termo certamente muito abrangente. Estas modificações acarretaram mudanças no funcionamento do “corpo, do sistema nervoso, do sistema imunológico e também do sistema hormonal”, modificações que beneficiaram e prolongaram a vida humana.¹⁷⁶

A maioria dos experimentos de orientação genética e biológica que procuram formular teorias do envelhecimento encontra-se, no momento, frente a um tipo de vácuo na evolução da espécie. Os “potenciais” genéticos alcançados pela evolução biológica estabelecem um quadro do desenvolvimento humano; este quadro emoldura um determinado espaço de vida, e nele está incluído muito pouco do envelhecimento e menos ainda da morte. Olhando para o quadro, pode-se constatar que, a rigor, a moldura se fecha quase que em torno da fase de vida reprodutiva. Como consequência, as teorias biológicas do envelhecimento e todas as que delas fazem uso geralmente estão baseadas nos processos de vida e de desenvolvimento relacionados ao crescimento corporal e à reprodução, sendo estes os aspectos norteadores dos quais se extraem possíveis consequências para a velhice e a morte. Estas permanecem, então, fora do quadro, não

¹⁷⁵ VACLAV, Petr. Animal Extinctions in the Fossil Record: A Developmental Paradigm. *Bulletin of the Czech Geological Survey*, Prague, v. 71, n. 4, p. 351-365, 1996. Disponível em: <<http://www.natur.cuni.cz/~vpetr/Develop.htm>>. Acesso em: 18/05/2006. “Gerontologists cannot as yet give a satisfying answer. Some authors still believe that extrinsic factors mostly influence the ageing but the majority of gerontologists don’t think that such an opinion is telling us anything fundamental about ageing. Life style and environment certainly influence the rate of our ageing but it is self-evident that the ageing processes represent only another aspect of the developmental processes themselves. In fact, the extrinsic agents work only as speeding up or slowing down factors of internal (intrinsic) processes that would occur anyway. A mouse has a maximum of only a few years of life even in the best laboratory environment”.

¹⁷⁶ BAULIEAU, Étienne-Émile. A longevidade humana. In: MORIN, Edgar (Org.). *Jornadas temáticas: a reafirmação dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 245.

sendo entendidas como fazendo parte da intenção do processo evolutivo. Com isso se cria e se mantém um contingente de mitos populares de degeneração total e irrestrita.^{177 178}

Um exemplo prático, de fácil compreensão, que comprova esta visão, seria o argumento dos genes deletérios de atuação tardia (*late life deleterious genes*). Estes genes de atuação tardia são considerados prejudiciais, pois não foram eliminados no tempo certo, isto é, nas fases anteriores, pré-reprodutivas de mutação e seleção. Não foram eliminados por não terem sido reconhecidos como de efeito potencialmente negativo. São considerados, de toda forma, totalmente ineficientes por serem tardios. Nesse sentido, pode-se afirmar que a falta de uma teoria biológica convincente facilita a apresentação da proposta de que o envelhecimento e a velhice prolongada são, em grande parte, um produto da cultura humana. Nós seres humanos nos tornamos mais e mais velhos(as) porque a cultura em seu desenvolvimento nos proporciona condições e possibilidades para uma longevidade sempre mais extensa, o que não inclui necessariamente o conceito de uma longevidade feliz ou satisfatória.¹⁷⁹

2.4 A VELHICE É JOVEM E INCLUI NOVAS REVELAÇÕES

Envelhecer é bom e é ruim ao mesmo tempo. Traz desvantagens e vantagens, traz liberdade e dependência, traz perdas e ganhos... poder-se-ia continuar enumerando expressões antagônicas durante alguns parágrafos, com certeza. Partindo da perspectiva científica de pesquisa sobre o tema envelhecimento e velhice, poder-se-ia ressaltar que a “[...] velhice é jovem, evolutiva e cultural! Por causa dessa juventude da velhice não surpreende que se fale da incompletude da velhice”.¹⁸⁰

Pesquisas científicas sobre mecanismos biológicos do envelhecimento estão na fase final do seu princípio, mas as principais questões sobre o porque do

¹⁷⁷ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Problem Zukunft des Alterns und gesellschaftliche Entwicklung. Op. cit., p. 18.

¹⁷⁸ VIJG, J.; PAPAConstantinou, J. Aging and Longevity Genes: Strategies for Identifying DNA Sequences Controlling the Lifespan. *Journal of Gerontology*, v. 45, p. 179-182, 1990.

¹⁷⁹ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Problem Zukunft des Alterns und gesellschaftliche Entwicklung. Op. cit., p. 18.

¹⁸⁰ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Op. cit., p. 2. “Das Alter ist jung, evolutionär und kulturell! Wegen dieser Jugendlichkeit des Alters ist es nicht überraschend, wenn man von der Unvollendetheit des Alters spricht”.

estudo do envelhecimento e do uso apropriado deste conhecimento ainda estão em fases primárias.¹⁸¹

O que seria essa falta de completude, ou então, melhor, essa incompletude? Estar-se-ia falando aqui da capacidade de adaptação funcional do organismo, com ganhos e perdas fenotípicas¹⁸² próprias da faixa de idade em que se vive? Quanto mais o ser humano é dominado pelas perdas na esfera física, psíquica, social e econômica, tanto maior o estado de incompletude. Tomando-se a relação entre ganhos e perdas como critério de avaliação nesse processo, a construção fenotípica do curso da vida humana (*lifespan*) seria tanto mais completa quanto mais os ganhos para todos os indivíduos em todas as faixas etárias superarem as perdas funcionais, sendo ela sempre uma construção processual.¹⁸³

Para melhor entender este processo da evolução do ser humano, é importante perceber que é evidente que o indivíduo vai envelhecendo e chega à velhice de forma incompleta, inacabada, por assim dizer, de acordo com Baltes; em seus últimos passos, na quarta idade, nos idosos bem idosos, chega a ser até disfuncional. Dessa forma, parece, na nossa visão atual, que o caráter evolutivo-biológico da ontogênese não estava previamente projetado, pois apresenta muita imperfeição, deixando uma suspeita instigante de que não estivesse projetada uma vida tão longa para o ser humano. A compreensão do final de vida como incompleto e inacabado está baseada na premissa de que, na idade mais avançada, o ser humano apresenta poucos aspectos positivos, de acordo com nossa visão contemporânea, que compensem os negativos e sejam relevantes para o indivíduo e para a sociedade.^{184 185}

¹⁸¹ MARTIN, George M.; LAMARCO, Kelly; STRAUSS, Evelyn; KELNER, Katrina L. Research on Aging: The End of the Beginning. *Science*, v. 299. n. 5611, p. 1339-1341, 28 fev. 2003. "Scientific research on biological mechanisms of aging may be at the end of the beginning, but the larger discussions of why we study aging and the proper use for this knowledge are yet in their infancy".

¹⁸² *Fenotípica* – relativa ao fenótipo, que é a característica de um indivíduo determinada pelo seu genótipo e pelas suas condições ambientais. *Genótipo* – o conjunto dos genes de um indivíduo (FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Op. cit.).

¹⁸³ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Op. cit.

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 2-3.

¹⁸⁵ BALTES, P. B.; REESE, H. W.; LIPSITT, L. P. Lifespan Developmental Psychology. *Annual Review of Psychology*, v. 31, p. 65-110, 1980.

Aprofundando mais esta reflexão em torno do desenvolvimento ontogenético¹⁸⁶ dentro do paradigma do *lifespan*, do curso de vida e suas variações fenotípicas no caso do envelhecimento, existe um ingrediente importante, que é a interatividade entre a biologia e a cultura. Na verdade, elas evoluíram em compassos de tempo diferenciados, uma aparentemente de forma mais lenta até o *homo sapiens*, a outra de maneira bem mais rápida, podendo, em nossa visão, ser medida em séculos e décadas.¹⁸⁷

Para um melhor entendimento do ser humano em sua passagem pela vida, em que acontece um avanço claro na ontogênese, é uma necessidade contemporânea, segundo Baltes, que a biologia e a cultura se tornem ainda mais parceiras daquilo que se denomina atualmente de co-evolução. Naturalmente, essa parceria de modo algum é sempre sinérgica. A biologia e a cultura podem se inspirar reciprocamente, mas também podem estorvar-se mutuamente em seus conceitos e paradigmas.¹⁸⁸

Para fundamentar a teoria do *lifespan*, do curso de vida, é necessário olhar a co-evolução biológica e cultural, ressaltando a importância destas duas correntes de transmissão hereditária, que seriam responsáveis pela transmissão de informações importantes de geração em geração. Por isso, devem-se destacar as opiniões de antropólogos culturais, entre eles Durham¹⁸⁹, que reconhecem e ressaltam esse princípio co-evolutivo. Esses processos cooperativos na evolução humana não são estanques nem prefixados, estando sempre sujeitos também a modificações históricas.

Nesse sentido, podem-se arrolar duas linhas de argumentação teórica, que se apresentam como decisivas para uma compreensão do envelhecimento e sua organização no contexto da ontogênese humana. A primeira linha de argumentação se relaciona com a interação de influências genético-biológicas e socioculturais (Figura 1). A segunda linha se

¹⁸⁶ Ontogênese = desenvolvimento do indivíduo desde a fecundação até a maturidade reprodutiva (FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Op. cit.).

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. Das Leben der Metazellen. In: _____. *Der Baum der Erkenntnis*. Die biologischen Wurzeln menschlichen Erkennens. München: Scherz-Verlag, 1987. p. 84. “Die Ontogenese ist die Geschichte des strukturellen Wandels einer Einheit ohne Verlust ihrer Organisation”. “A ontogênese é a história da mutação estrutural de uma unidade sem perda de sua organização”.

¹⁸⁷ FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Entwicklungsaufgaben als Organisationsstrukturen von Entwicklung und Entwicklungsoptimierung. Op. cit., p. 51-54. Biólogos moleculares como Hayflick (1987) e Martin, Austad e Johnson (1996) também expuseram que não existe um programa genético forte para a velhice. Fatores ocasionais desempenham um papel relevante e crescente em relação à expressão genética.

¹⁸⁸ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Op. cit.

¹⁸⁹ DURHAM, William H. Advances in Evolutionary Culture Theory. *Annual Review of Anthropology*, v. 19, p. 187-210, 1990.

baseia em três princípios básicos que interagem conjuntamente durante a ontogênese humana (Figura 2).

- Princípio 1: A vantagem da seleção natural (evolutiva) diminui ao longo da vida;
- Princípio 2: Com o avanço da idade eleva-se a necessidade de cultura;
- Princípio 3: No decorrer da vida e principalmente na velhice, a força efetiva da cultura diminui.

A Figura 1 apresenta, esquematicamente, segundo Baltes, os argumentos de que o desenvolvimento moderno dentro da ontogênese humana acontece principalmente por fatores socioculturais.¹⁹⁰

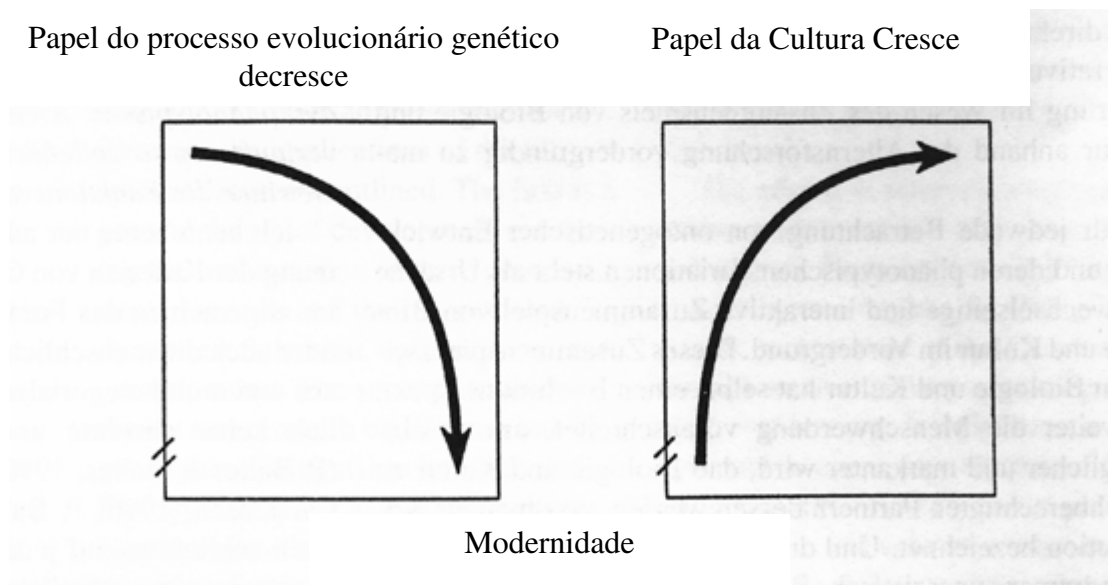


Figura 1: Interação de influências genético-biológicas e socioculturais

A figura 2 apresenta, esquematicamente, os três sistemas de influências que contribuem decisivamente para determinar a forma do transcurso de vida. O transcorrer da vida é sempre uma expressão da dinâmica e interação entre esses sistemas. Uma conseqüência é que a plasticidade diminui com o passar dos anos.¹⁹¹

¹⁹⁰ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Op. cit., p. 4.

¹⁹¹ Ibid., p. 5.

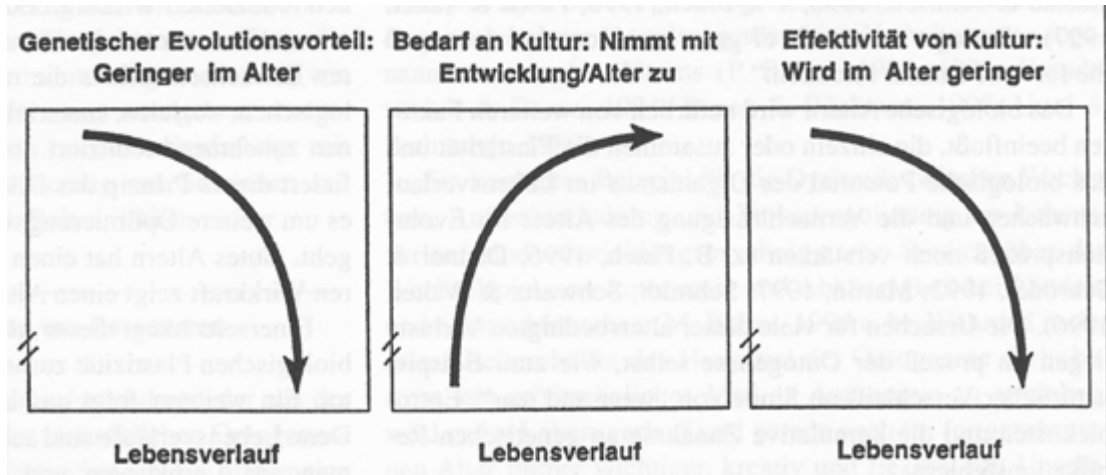


Figura 2: Três sistemas de influências que determinam a forma do transcurso da vida

Os grandes processos evolutivos e os expressivos resultados adaptativos genético-biológicos se encontram primordialmente num passado bastante distante, como se vê na Figura 1. “Dentro de uma visão mais atual, numa janela do tempo moderno pode-se falar que o genoma é amplamente estável. Naturalmente ele continua atuando exatamente como no passado mais longínquo, mas sua incompletude estrutural bem como funcional na atualidade é pouco modificável por meio de processos naturais de seleção genética”. Salientamos aqui uma possibilidade inovadora realmente atual que está se disponibilizando aos cientistas e ao ser humano: o uso da manipulação genética, “[...] a humanidade decidir-se-ia, com base no seu conhecimento, a interferir na estrutura do genoma”.¹⁹²

2.5 A PERSPECTIVA TEÓRICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO *LIFESPAN* OU DO CURSO DE VIDA

Sendo fiel à tradição dominante na sociedade, a área da psicologia do desenvolvimento humano subscreve descrições e explicações ligadas à idade cronológica, isto é, ligadas ao calendário e ao tempo social. Isto produz uma “falsa noção de que existe um tempo físico objetivo responsável pelas alterações comportamentais”, passando uma idéia de que as idades ou mesmo os estágios ou fases são as causas do desenvolvimento; na verdade, eles são somente construtos teóricos, marcadores sociais artificiais. A idade

¹⁹² Ibid., p. 5. “Im Lichte des Zeitfensters der modernen Zeit ist das Genom weitgehend stabil. Es wirkt natürlich in der Gegenwart durch natürliche Prozesse der genetischen Selektion nur wenig veränderbar. [...] die Menschheit würde sich entscheiden, aufgrund ihres Wissens in die Keimbahnstruktur des Genoms einzugreifen”.

estabelecida por uma divisão no tempo é apenas um indicador, sendo o envelhecimento e o desenvolvimento eventos correlatos na transformação da vida de cada pessoa.¹⁹³

A teoria do *lifespan* ou do curso de vida “tem uma conotação de extensão ou abrangência, quer da vida em toda a sua duração, quer de algum período particular, mas sem o recurso teórico a qualquer forma de periodização”.¹⁹⁴ A idéia central consiste em que o desenvolvimento não está completado até a idade adulta, diferentemente das teorias tradicionais, mas se estende e é constante por todo o curso da vida, iniciando na concepção e se mantendo num processo constante até a morte. É uma perspectiva teórica que depreende fundamentalmente que o envelhecimento é uma propriedade exclusiva dos organismos vivos, em processos constantes de desgaste e degeneração, compreendendo então que os seres inorgânicos não são afetados por fatores intrínsecos e organizados de mudança.^{195 196}

Teóricos que escolhem a perspectiva do *lifespan*, do curso de vida, como Birren e Bengston, compreendem o envelhecimento do ser humano como um processo de transformação do organismo que ocorre após a maturidade sexual. As diferentes partes, os diferentes órgãos e as funções do organismo humano iniciam este processo em épocas diferenciadas. Ele ocorre em ritmo e velocidade diferentes para um indivíduo, como também para indivíduos de um mesmo grupo.¹⁹⁷ Esses processos pressupõem a diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. O processo de envelhecimento se faz acompanhar por alterações regulares na aparência, no comportamento, na experiência e nos papéis sociais.

Por compreenderem a vida humana desta forma, os teóricos que usam o modelo centrado no curso de vida entendem que o envelhecimento é determinado por elementos biológico-genéticos, ecológicos, psicológicos e socioculturais que agem em concomitância. O envelhecimento é determinado pela interação dos elementos do ambiente natural e dos elementos do mundo construído pelo próprio homem.

¹⁹³ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 28.

¹⁹⁴ Ibid., p. 30.

¹⁹⁵ THOMAE, H. The Concept of Development and Lifespan Developmental Psychology. In: BALTES, P.B.; BRIM JR., O.G. (Eds.). *Lifespan Development and Behavior*. New York: Academic, 1979. v. 2, p. 282-312.

¹⁹⁶ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Optimierung durch Selektion und Kompensation. Op. cit.

¹⁹⁷ BIRREN, J.; BENGSTON, V. (Eds.). *Emergent Theories of Aging*. New York: Springer, 1988.

É justamente o contexto histórico-cultural que oferece ao ser humano a oportunidade de uma interação contínua e que é fundamental à sua socialização. Esse processo contínuo de trocas gera uma agenda de desenvolvimento¹⁹⁸, cuja influência se sobrepõe, em muitos momentos, à ontogênese. Este conceito é arrolado nas Figuras 1 e 2, por Baltes, neste mesmo capítulo. Em contraposição às teorias de desenvolvimento tradicionais, de uso corrente na sociedade, segundo as quais existe um tempo físico objetivo responsável pelas alterações comportamentais, a teoria do curso de vida ou *lifespan* sustenta que “qualquer conceito de tempo, seja ele social, biológico ou psicológico, é sempre uma variante da escala do tempo e dos calendários. A idade cronológica é então apenas um indicador, e não uma variável independente do desenvolvimento”.¹⁹⁹ Na mesma direção, vai a seguinte afirmação de Bassit:

A modernidade, ao estar associada ao desenvolvimento do capitalismo, da ciência e tecnologia e ao nascimento do Estado Moderno, acarreta um maior interesse em registrar, regular e disciplinar a vida das pessoas, quer por meio do desenvolvimento das ciências humanas ou do corpo. A preocupação central na modernidade é periodizar a vida humana, institucionalizando as transições das pessoas da família para a escola ou o trabalho, instituindo a idade ideal para se casar ou se aposentar, entre outras. [...] a lógica da modernidade está fundamentada na uniformização e “universalização das transições” em uma grande variedade de contextos institucionais, bem como uma maior segregação de grupos sociais. Esse processo acarretou uma maior diferenciação no curso de vida, com limites claramente definidos por meio de idades cronológicas pré-definidas, que separam as diferentes fases da vida como a infância, a adolescência, a maturidade e as emergentes meia-idade e velhice.²⁰⁰

A idade, como um marcador, de certa forma sempre esteve presente nas sociedades, também nas primitivas, mas não apresentava a mesma relevância que na sociedade contemporânea, onde, na verdade, ela é determinante, pois constitui um complexo processo de institucionalização do curso de vida, que regulamenta as seqüências etárias, incluindo a definição adequada de projetos de vida individuais e coletivos, não permitindo quase nenhum espaço de movimentação e de criatividade.

Na psicologia e nas ciências sociais, em geral o determinismo e o universalismo de leis, por exemplo, não têm cabimento. Regularidades da psicologia e das ciências sociais são, com exceção de alguns aspectos do sistema sensorial e da sensomotricidade, inerentemente imprecisas, probabilísticas e construtivistas. Assim, por exemplo, é próprio do psicológico retratar a realidade não apenas isomorficamente, portanto, conhecê-la objetivamente, mas também transformar a realidade seletivamente no interesse da psique. Também o ato de

¹⁹⁸ Agenda de desenvolvimento: tarefas ou ações a serem realizadas para o desenvolvimento; conceito utilizado na área de gerenciamento de desenvolvimento humano empresarial.

¹⁹⁹ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 28.

²⁰⁰ BASSIT, Ana Zahira. Op. cit., p. 222.

driblar e eliminar determinações biológicas faz parte da estrutura e da função do elemento cultural.²⁰¹

Discutindo perspectivas para a velhice na época pós-moderna, Bassit prevê a diluição dos grupos estruturados a partir das idades cronológicas, seja por conta da ampliação da influência da cultura, seja pela impregnação da busca de plasticidade na vida das pessoas, seja pela valorização da juventude engendrada na modernidade. Os idosos têm se mostrado capazes de criar estilos de vida e de lutar por/pelo reconhecimento de sua individualidade, como outros setores da população, trazendo movimento para o curso da vida como um todo.

[...] a pós-modernidade está vinculada ao reverso dos processos que contribuíram para a normatização das idades cronológicas e de suas transições. O curso de vida na pós-modernidade será fundamentado na desinstitucionalização e na não-diferenciação, ou seja, na desconstrução de todos os parâmetros utilizados anteriormente para a análise do curso de vida das pessoas; enquanto a modernidade estabeleceu parâmetros claros entre diferentes períodos etários, a pós-modernidade irá obscurecê-los de novo.²⁰²

Os princípios da Organização Mundial da Saúde (OMS-WHO) em relação ao envelhecimento/desenvolvimento humano apóiam esta visão da diluição do valor da idade cronológica e do uso mais intenso da plasticidade, pois salientam que o desenvolvimento do ser humano é contínuo, não se restringe a alguma etapa específica, acontece desde a concepção e se estende ao longo de toda a sua vida. “[...] o envelhecimento é um processo que se estende pela vida toda, iniciando antes de nascermos e continuando durante a vida inteira”.²⁰³

Grande parte dos estudos atuais sobre o desenvolvimento adulto, nesta direção, estende-se para todas as etapas ao longo da vida, apoiadas na perspectiva teórica do desenvolvimento do curso de vida, *lifespan*, proposta inicialmente por Baltes, Reese e Lipsitt.²⁰⁴ Esse paradigma leva em consideração três classes de influência (variáveis)

²⁰¹ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Op. cit., p. 3. “Determinismus und Universalismus von Gesetzen, beispielweise, sind in der Psychologie und den Sozialwissenschaften oft fehl am Platz. Psychologische und sozialwissenschaftliche Regelmässigkeiten sind, von einigen Aspekten des sensorischen Systems und der Sensumotorik einmal abgesehen, inhärent unscharf, probabilistisch und konstruktivistisch. So gehört es beispielweise zum Psychologischen, die Realität nicht nur isomorph abzubilden, also sie objektiv zu erkennen, sondern Realität auch selektiv im Interesse der Psyche zu transformieren. Auch das Überlisten und das Ausschalten biologischer Determination gehören zur Struktur und Funktion des Kulturellen”.

²⁰² BASSIT, Ana Zahira. Op. cit., p. 223-224.

²⁰³ WORLD HEALTH ORGANIZATION. Op. cit., p. 4. “However, ageing is a life-long process, which begins before we are born and continues throughout life”.

²⁰⁴ BALTES, P.B.; REESE, H.W.; LIPSITT, L.P. *Lifespan Developmental Psychology*. Op. cit.

importantes para o desenvolvimento: *normativas ligadas à graduação por idade, normativas ligadas à graduação pela história e não-normativas.*

Variáveis normativas ligadas à graduação por idade são os determinantes biológicos e os socioculturais, que são influenciados claramente pela passagem dos anos do calendário. Como exemplo dessas variáveis normativas teríamos “[...] a maturação física durante a infância inicial, ou eventos típicos da vida adulta envolvendo família, a educação e o trabalho”.²⁰⁵ A maturidade biológica e a socialização permitem ao ser humano adquirir papéis e competências sociais associadas à idade. Exemplos seriam o primeiro ano de aula ou ser mãe.²⁰⁶

Influências normativas ligadas à graduação pela história compõem-se de eventos de alcance genérico, acontecimentos vivenciados dentro de um grupo, de uma cultura específica e que afetam todo o grupo, modificando fatores biológicos e sociológicos do mesmo. Esses acontecimentos seriam, por exemplo, as crises econômicas, a violência, terrorismo, guerras, migrações, globalização econômica e política com suas conseqüências, novas descobertas científicas e tecnológicas. Eles são experienciados por todo o grupo de maneira bastante uniforme.²⁰⁷

Influências não-normativas são aquelas que acontecem a uma ou a mais pessoas ao mesmo tempo. Uma influência não-normativa pode ser de caráter ambiental como também biológico, porém não tem caráter universal, e a sua ocorrência também não é previsível. Essas influências seriam aqueles acontecimentos pessoais ou de pequenos grupos, como separações, perdas afetivas e monetárias, mudanças de domicílio, patologias graves, ganhar um prêmio na loteria, etc.²⁰⁸

Em nossa realidade brasileira, possivelmente em outras da mesma forma, os limites entre influências normativas e não-normativas são, em muitos momentos, de difícil estabelecimento, a não ser que se adote uma perspectiva contextualista. Segundo Neri, “eventos crônicos como a pobreza e a desestruturação familiar, embora sejam não-normativos do ponto de vista dos ideais culturais”²⁰⁹, atingem grupos humanos extensos,

²⁰⁵ ERBOLATO, Regina M. P. Leite. Gostando de si-mesma: a auto-estima. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000. p. 40.

²⁰⁶ BALTES, P.B.; REESE, H.W.; LIPSITT, L.P. Lifespan Developmental Psychology. Op. cit.

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ ERBOLATO, Regina M. P. Leite. Op. cit., p. 40.

²⁰⁹ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 31.

populações até, colocando-os em risco pessoal e social. Poderíamos hoje falar da violência em áreas de tráfico de drogas, por exemplo, que passam a ser, nestas regiões, influências normativas ligadas à história.

Essas três categorias de influências, normativas graduadas pela idade, normativas ligadas à graduação pela história e as influências não-normativas, interação, são bastante dinâmicas, podem mudar ao longo do tempo, tendo efeito cumulativo e sendo específicas para cada pessoa ou grupo.

Apresentam-se, na seqüência, os conceitos centrais para a psicologia do desenvolvimento do *lifespan* ou curso de vida que foram propostos por Paul B. Baltes e seus colegas e elaborados pelo Max Planck Institut de Berlin²¹⁰, sendo divulgados em inúmeras publicações amplamente conhecidas.^{211 212}

²¹⁰ MAX PLANCK INSTITUT FÜR BILDUNGSFORSCHUNG. Zentrale Konzepte. Disponível em: <<http://www.mpib-berlin.mpg.de/de/forschung/lip/konzepte.htm>>. Acesso em: 30/03/2006.

- Entwicklung ist ein lebenslanger Prozess (d.h. in jeder Lebensphase möglich).
- Entwicklung ist multidimensional und verläuft multidirektional.
- Entwicklung ist in jedem Lebensalter durch eine Dynamik von Gewinnen und Verlusten gekennzeichnet. Am Anfang des Lebens überwiegen die Gewinne, mit fortschreitendem Alter verändert sich jedoch die Bilanz von Gewinnen und Verlusten. Im späteren Erwachsenenalter und besonders im Alter beginnen die Verluste zu überwiegen.
- Die psychische Entwicklung eines Menschen findet nicht in einem Vakuum statt, sondern wird von biologischen, historischen, sozialen und kulturellen Bedingungen mitbestimmt.
- Der Lebensverlauf eines Individuums ist das Ergebnis von Wechselwirkungen zwischen drei Faktoren. Zum einen sind es altersentsprechende Entwicklungen, zum zweiten die historischen und sozialen Umstände und zum dritten so genannte nicht-normative oder idiosynkratische Einflüsse (wie Zufälle, individuelle Umstände), die seine Entwicklung bestimmen.
- Die menschliche Entwicklung ist durch interaktive und dialektische Prozesse bestimmt: Individuen können eine aktive Rolle bei der Gestaltung ihrer eigenen Entwicklung einnehmen.
- Die relative Verteilung von Ressourcen für Wachstum (z.B. das Erreichen von besseren Leistungen in einem bestimmten Bereich), Aufrechterhaltung und Verlustregulation verändert sich über die Lebensspanne. Während in jungen Jahren die meisten Ressourcen in den Aufbau von Fähigkeiten investiert werden, werden mit fortschreitendem Alter mehr und mehr Ressourcen für die Aufrechterhaltung einmal erworbener Fähigkeiten und für die Regulation von Verlusten benötigt.
- Entwicklung ist durch eine große intraindividuelle Plastizität (d.h. Potential für Veränderung innerhalb des Individuums) gekennzeichnet. Diese Erkenntnis wurde im Rahmen von Trainingsstudien (z.B. basierend auf dem Paradigma "Testen der Grenzen") empirisch bestätigt. Solche Trainingsstudien untersuchen Ausmaß und Grenzen der individuellen Plastizität in verschiedenen Lebensphasen und Funktionsbereichen und tragen zu neuen Einsichten bei, zum Beispiel über die Möglichkeiten zur Optimierung von Entwicklungsprozessen über die gesamte Lebensspanne.
- Die Entwicklungspsychologie der Lebensspanne betrachtet den Austausch zwischen den Disziplinen für ein vollständiges Verständnis menschlicher Entwicklung als unabdingbar.

²¹¹ BALTES, P. B. Theoretical Propositions of Lifespan Developmental Psychology. Op. cit.

²¹² BALTES, Paul B.; STAUDINGER, U. M.; LINDENBERGER, U. Lifespan Psychology: Theory and Application to Intellectual Functioning. *Annual Review of Psychology*, v. 50, p. 471-507, 1999.

- “O desenvolvimento é um processo que se estende pela vida toda (i. e, possível em toda fase da vida)”.

A idéia do *lifespan* ou curso de vida tem um sentido subjacente de duração ao longo do tempo, de abrangência. É importante tanto um período particular como a vida em toda a sua duração, não sendo necessário priorizar a periodização. Pode ser necessário escolher algum período em especial (*short span*), como também se pode optar pelo *lifespan*, sempre dependendo daquilo que está em pauta no momento. Os encadeamentos dos processos de comportamento e de personalidade acontecem numa dinâmica constante, sendo compreendidos pelos processos de desenvolvimento anteriores e pelos subseqüentes de igual forma. Considerar a idade como a variável organizadora de tudo o que está por acontecer nas etapas da vida não é importante neste paradigma. “Nenhum período do curso de vida tem supremacia na regulação da natureza do desenvolvimento”.²¹³

- O desenvolvimento é multidimensional e transcorre de forma multidirecional.

O desenvolvimento apresenta múltiplos valores e graduações; assim sendo, cada passo no desenvolvimento implica não somente processos isolados de crescimento, mas também de declínio. “Existe considerável sobreposição entre os vários aspectos do desenvolvimento, que se dão em ritmos diferentes, em diferentes domínios e em diferentes momentos da vida”.²¹⁴ O idoso pode progredir no domínio cultural e perder controle funcional, por exemplo.²¹⁵

- “O desenvolvimento se caracteriza, em cada idade da vida, por uma dinâmica de ganhos e perdas. No início da vida preponderam os ganhos, com o avanço da idade a balança se altera e na idade adulta mais avançada, particularmente na velhice, as perdas começam a adquirir preponderância”.
- “O desenvolvimento psíquico do ser humano não acontece num vácuo, mas é co-determinado por condições biológicas, históricas, sociais e culturais”.
- “O transcorrer da vida de uma pessoa é o resultado de interações entre três fatores. O primeiro são desdobramentos (desenvolvimentos) ligados à idade; o

²¹³ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 30.

²¹⁴ ERBOLATO, Regina M. P. Leite. Op. cit., p. 45.

²¹⁵ FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Entwicklungsaufgaben als Organisationsstrukturen von Entwicklung und Entwicklungsoptimierung. Op. cit., p. 48.

segundo, as circunstâncias históricas e sociais; e o terceiro são as influências não-normativas ou idiossincráticas (como acasos, circunstâncias individuais) que definem o seu desenvolvimento”. Estas influências foram comentadas acima.

- “O desenvolvimento humano é determinado por processos interativos e dialéticos: os indivíduos podem assumir um papel ativo na configuração do seu próprio desenvolvimento”.
- “A divisão relativa de recursos para o crescimento (por exemplo, alcançar melhores resultados em certas áreas), a manutenção e a regulação de perdas se modificam no transcorrer da vida. Enquanto nos anos iniciais a maior parte dos recursos são investidos na construção de capacidades, em idades mais avançadas necessita-se mais e mais recursos para a manutenção dos recursos já adquiridos e para a regulação de perdas”.
- “O desenvolvimento se caracteriza por uma grande plasticidade intra-individual (i. e., potencial de transformação dentro do indivíduo). Esta percepção foi confirmada empiricamente em estudos de treinamento (p. ex., baseados no Paradigma ‘Testes dos Limites’). Estes estudo de treinamento pesquisam a extensão e os limites da plasticidade individual em variadas fases de vida e em diferentes âmbitos funcionais, contribuindo para novas percepções, por exemplo sobre as possibilidades de otimização de processos de desenvolvimento em toda a extensão da vida”.

O termo “plasticidade” revela e aponta para o potencial de mudança e flexibilidade do ser humano, sua resistência para enfrentar adversidades, para lidar com desafios. Os recursos de cada ser humano não são reservas fixas, são mutáveis no tempo histórico, na cultura, no grupo étnico, no *status* econômico (recursos externos), nas reservas internas, como as capacidades cognitivas e a saúde física.²¹⁶

²¹⁶ STAUDINGER, U. M.; MARSISKE, M.; BALTES, P. B. Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice: perspectivas da teoria de curso de vida. In: NERI, A. L. (Org.). *Psicologia do envelhecimento*: temas selecionados na perspectiva do curso de vida. Campinas: Papyrus, 1995. p.196-197.

- “A psicologia do desenvolvimento do curso de vida considera imprescindível o intercâmbio entre as disciplinas para uma compreensão total do desenvolvimento humano”.

Neste aspecto, a integração de uma ampla gama de disciplinas como biologia, antropologia, sociologia, psicologia, filosofia, teologia, etc. é reconhecida como necessária para possibilitar um melhor conhecimento do ser humano em desenvolvimento, de forma integral e integrada, tendo em vista que esse desenvolvimento é multideterminado e multifacetado.

As capacidades de reserva que cada ser humano possui e desenvolve dentro da proposta da teoria do *lifespan* ou curso de vida são conceituadas duplamente: a) *capacidade de reserva em linha de base*: “[...] significa o potencial atual do indivíduo para o máximo desempenho, isto é, até onde ele é capaz de ir com base em seus atuais recursos internos e externos [...] os recursos podem ser ativados ou ampliados [...] através de intervenções otimizadoras de novos desenvolvimentos”²¹⁷; b) *Capacidade de reserva para o desenvolvimento*: o potencial latente de recursos que pode vir a se desenvolver. Enquanto aumenta a capacidade de reserva, “cresce também o potencial para a plasticidade”. Investigar a extensão e os limites da plasticidade no desenvolvimento é o marco deste modelo teórico. Reconhecer esses dois aspectos da capacidade de reserva auxilia muito a compreensão e a interpretação das possíveis fontes de desempenho e de perda e declínio ao longo dos anos.²¹⁸

2.6 UM MODELO DE ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO: SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO – SOC²¹⁹

Olhando para as pessoas que envelhecem e seus exemplos de energia, de capacidades e de reservas, constatam-se grande dignidade própria e uma satisfação de vida que aparentemente não têm razão de ser. É surpreendente como pessoas mais velhas se instalam satisfatoriamente em territórios cada vez mais restritos de vida e em condições físicas mais precárias, demonstrando uma maestria fabulosa na arte da vida.

²¹⁷ Ibid., p. 197.

²¹⁸ Ibid., p. 197.

²¹⁹ SOC: *Selection, Optimization and Compensation* – termo utilizado internacionalmente para *Optimierung durch Selektion und Kompensation*, cunhado por Paul P. e Margareth M. Baltes.

Mesmo que, por exemplo, muitas pessoas idosas, olhando objetivamente, não apresentem mais o esplendor de sua forma física, na média elas demonstram a mesma satisfação de vida dos mais jovens. Os idosos fazem uso da comparação de vida, utilizando para isto sempre novos parâmetros; comparam a sua situação com a de outros que têm na mesma etapa de vida dificuldades ou perdas mais consistentes. Estudos extensos com idosos na faixa etária entre 65 e 94 anos demonstram que comparações sociais com outras pessoas levam a auto-avaliações mais favoráveis do que uma comparação temporal com o que a pessoa era antigamente. É interessante observar que comparações sociais podem inclusive compensar o efeito negativo de “autocomparação temporal”.^{220 221}

Comparar-se aos outros desempenha um papel realmente importante na avaliação e construção da realidade e no enfrentamento de eventos negativos em qualquer etapa da vida. Em situações que geram uma diminuição no bem-estar, as pessoas irão freqüentemente se comparar com outros que elas acreditam estar em situação pior. Especialmente quando não se têm em vista oportunidades de ações concretas, isto proporciona uma melhora em seu bem-estar e na sua auto-estima. Quanto mais tempo se vive, mais perdas são observadas na vida dos outros. Por exemplo: alguém que perde uma perna conhece outros que perderam as duas; aquele que tem 80 anos está feliz, pois grande parte de seus consortes já morreu, e ele continua vivo. As perdas e as incapacidades proporcionam às pessoas muitas oportunidades de tirar conclusões sobre como sua situação se compara com a de outras pessoas.²²²

Na compreensão de Wills (1997), esse mecanismo de enfrentamento é a comparação descendente (*downward comparison*). Quando o indivíduo toma conhecimento e se conscientiza de que existem outros indivíduos com problemas piores ou deficiências mais graves e que há situações potencialmente mais difíceis, isso faz emergir a percepção de que seu *status* é relativamente mais favorável, o que, naturalmente, produz

²²⁰ HECKHAUSEN, J., KRUEGER, J. Developmental Expectations for the Self and Most Other People: Age-grading in Three Functions of Social Comparison. *Developmental Psychology*, v. 29, p. 539-548, 1993.

²²¹ FILLIP, S. H.; FERRING, D.; MAYER, A. K.; SCHMIDT, K. Selbsewertung und selective Präferenz für temporale vs. soziale Vergleichsinformation bei alten und sehr alten Menschen. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, v. 28, p. 30-43, 1997.

²²² TENNEN, H.; AFFECK, G. Social Comparison as a Coping Process: A Critical Review and Application to Chronic Pain Disorders. In: BUUNK, B.P.; GIBBONS, F.X.. *Health, Coping, and Well-Being: Perspectives from Social Comparison Theory*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. p. 263-298.

um aumento no bem-estar subjetivo. A comparação descendente poderá atuar melhorando a auto-estima atual e permitindo que a pessoa se sinta melhor no momento.²²³

De forma subjetiva, pode-se reverter uma grande perda em lucro. A realidade subjetiva é totalmente diferente da realidade objetiva. Essa diferença causa surpresa e problemas aos pesquisadores e cientistas naturais. Um questionamento importante que surge é a possibilidade de coexistirem duas realidades paralelas para manter uma vida com sentido e alegria. A capacidade impressionante de adaptação e de plasticidade do Ego é reconhecível ao longo de toda a vida.²²⁴

Descobrir as virtudes da velhice, envelhecer de forma feliz, com bem-estar – esta é uma das grandes preocupações do ser humano em todos os campos, desde a filosofia, psicologia, teologia, direito, medicina até as ciências sociais. Na pesquisa gerontológica nacional e internacional, é constante a preocupação com este tema: modelos de processos de envelhecimento bem-sucedido, modelos que buscam a realização de potenciais latentes e manifestos durante toda a extensão da vida. Anita Neri conceitua velhice bem-sucedida como a manutenção dos níveis habituais de adaptação do indivíduo:

[...] velhice bem-sucedida é assim uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, referenciada aos ideais da sociedade, às condições e aos valores existentes no ambiente em que o indivíduo envelhece e às circunstâncias de sua história pessoal e de seu grupo etário. [...] Uma velhice bem-sucedida preserva o potencial individual para o desenvolvimento, respeitados os limites da plasticidade de cada um.²²⁵

Envelhecer com qualidade, com bem-estar, não é um modismo. Ligar esses dois conceitos parece controverso, porém, objetiva a procura por fatores e condições que ajudam a entender o largo espectro de possibilidades do envelhecimento humano. “Seria possível imaginar uma estratégia, um modelo de envelhecimento efetivo prototípico que, apesar do envelhecimento e das crescentes fragilidades físicas, das inúmeras perdas e das reservas de capacidade reduzidas, permite afirmar que é possível desdobrar efetivamente

²²³ WILLS, T. A. Modes and Families of Coping: An Analysis of Social Comparison in the Structure of Other Cognitive and Behavioral Mechanisms. In: BUUNK, B.P.; GIBBONS, F. (Eds.). *Health, Coping, and Well-Being: Perspectives from Social Comparison Theory*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. p. 167-194.

²²⁴ BALTES, Paul B. *Die Zukunft des Alterns*: Forschung tut Not! Berlin: Max-Planck-Institut für Bildungsforschung, 2003. [Fortschritte des Alterns: Einführung 26. Mai 2003, Vertretung des Landes Mecklenburg-Vorpommern]. p. 4.

²²⁵ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 34.

seu *self*, seu si-mesmo?”.²²⁶ Exatamente nesta direção, Baltes desenvolve junto com outros estudiosos um modelo denominado SOC – seleção, otimização e compensação.

Essa visão geral da estrutura básica da ontogênese humana tem muitas implicações. Uma delas é o fato de que o desenvolvimento por toda a vida não é apenas um processo unidimensional de crescimento ou de degeneração. Pelo contrário, uma concepção de desenvolvimento adequada ao processo da vida exige uma visão multidirecional e multifuncional, pois esta expressa melhor o balanço de ganhos e perdas em modificação constante no curso da vida e o que se conseguiu em termos de adaptação. Baltes ressalta que é exatamente nesse sentido que o campo de pesquisa da psicologia centrada no *lifespan*, no curso de toda a vida, se propôs a apresentar um novo conceito de desenvolvimento, tentando compreender a ontogênese ou o curso da vida como a combinação orquestrante desses três processos: seleção, otimização e compensação.²²⁷

O modelo descreve um processo geral de adaptação, uma estratégia de gerenciamento da vida, no qual se integram esses três elementos e processos em interação: seleção, otimização e compensação – SOC. Nesse modelo, o envelhecimento é definido como a maximização e consecução de resultados positivos (desejados) e a minimização e o impedimento de resultados negativos (indesejados).²²⁸

Uma das ilustrações clássicas utilizadas por um dos seus idealizadores, Paul B. Baltes, é a vida de A. Rubinstein, pianista famoso. Respondendo a pergunta de como ele conseguia, mesmo com idade avançada, continuar sendo um excepcional pianista e concertista, ele deu três razões: executava menos peças (exemplo de seleção); essas peças ele treinava mais vezes (exemplo de otimização); além disso, na execução das obras, utilizava grandes contrastes no tempo da execução, para aparentar que as executava com mais rapidez. Assim, olhando de forma objetiva, ele continuava em condições de apresentar seus concertos (exemplo de compensação).²²⁹

²²⁶ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Optimierung durch Selektion und Kompensation. Op. cit., p. 85-105. “Lässt sich eine prototypische effektive Alternsstrategie vorstellen, die es trotz zunehmender körperlicher Anfälligkeit und trotz reduzierter Kapazitätsreserven erlaubt, seind Selbst wirksam zu behaupten und zu entfalten?”.

²²⁷ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Op. cit, p. 1-18.

²²⁸ FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Selection, Optimization, and Compensation as Strategies of Life Management: Correlations with Subjective Indicators of Successful Aging. *Psychology and Aging*, v. 13, n. 4, p. 531-543, 1998.

²²⁹ BALTES, Paul B. *Die Zukunft des Alterns*. Op. cit., p. 4.

As pesquisas do Max Planck Institut de Berlim demonstram que pessoas que utilizam a seleção, otimização e compensação como estratégias de comportamento sentem-se em melhores condições e têm um melhor desempenho de vida, sendo mais efetivos na arte de viver bem a vida. Outro exemplo do uso do SOC no cotidiano de uma senhora idosa: aos 70 anos, ela tinha um grande prazer em cuidar do grande jardim de sua casa; em torno dos 80 anos, ela cultivava um belo canteiro de flores; já aos 90 anos, restringiu a proporção da jardinagem para seus vasos de flores na janela. O que vale na verdade não é a quantidade, mas sim a qualidade. As pesquisas que levantam tais dados, essas imagens positivas do envelhecimento, modificaram e modificam as imagens que existem e se perpetuam de um envelhecimento muito negativo, apresentando potenciais e possibilidades que podem ser encontrados e desenvolvidos nesta fase.²³⁰ A otimização seletiva com compensação, segundo Wahl, é uma forma de aplicar meios disponíveis para alcançar uma melhor qualidade de vida, “[...] de forma especial, a competência no cotidiano de pessoas idosas e sua capacidade de manutenção pró-ativa de uma vida boa, apesar de todas as restrições relacionadas à velhice”.²³¹

O modelo SOC se baseia em duas suposições básicas. Em primeiro lugar, na suposição de que o desenvolvimento contenha um processo de formação de recursos de crescente plasticidade e adaptabilidade. Em segundo lugar, que o desenvolvimento opere inerentemente dentro do conjunto de recursos (internos e externos) existentes. Os recursos são a base para o desenvolvimento, tanto podem delimitar como incentivar o indivíduo. De um lado, pessoas podem ser engessadas em condicionamentos biológicos e sociais, que representam determinadas estruturas que proporcionam oportunidades para a perseguição de objetivos, que devem ser ativadas e cujo ganho deve ser desenvolvido. Por outro lado, no entanto, os recursos que estão à disposição de uma pessoa também são sempre limitados a cada momento do desenvolvimento. Isso vale tanto para recursos externos, como dinheiro, infra-estrutura básica, educação formal, como também para recursos internos, como energia, saúde e determinadas habilidades.²³²

Essa visão de recursos internos e externos é apoiada por Anita L. Neri, que apresenta elementos que dariam sustentação ao desenvolvimento e à busca de uma velhice satisfatória:

²³⁰ Ibid., p. 4.

²³¹ WAHL, Hans-Werner. A competência no cotidiano. Op. cit., p. 105.

²³² FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Selection, Optimization, and Compensation as Strategies of Life Management. Op. cit., p. 531-543.

O principal sem dúvida é de ordem econômica, fundamental à promoção de boa saúde e à educação ao longo do curso de vida. Outro é a adoção de providências reais no sentido de potencializar o desenvolvimento e a adaptação da pessoa humana, educando-a continuamente e realizando as adaptações sociais necessárias à sua melhor qualidade de vida. O terceiro é o estímulo à flexibilidade individual e social em relação às questões da velhice.²³³

Um envelhecimento “bem-sucedido” não é mero atributo do indivíduo biológico, psicológico ou social, mas resulta da qualidade da interação entre os próprios indivíduos em mudança, que vivem numa sociedade globalizada em constante transição. Como tal, ele “depende da história individual, do contexto histórico-cultural e de fatores genético-biológicos”.²³⁴ Vale salientar que, para a situação brasileira, envelhecer bem depende das reais chances de cada pessoa. Urbanização, habitação, saúde, educação e trabalho não são assegurados a ninguém, muito menos aos idosos. Favorecer a competência dos que envelhecem, formar novos conceitos sociais menos preconceituosos sobre a velhice é uma das metas do modelo SOC. Conforme Baltes, o conceito de envelhecimento bem-sucedido já existe há mais de uma década, mas passou a ser de interesse da pesquisa, bem como uma tarefa política e social, recentemente. Esse avanço do conceito não se deve a uma melhor compreensão dos problemas da velhice na atualidade, deve-se a ao seguinte:

A discussão de questões do envelhecimento bem-sucedido desemboca, antes, numa busca de fatores e condições que poderiam ajudar a entender todo o espectro das possibilidades do processo de envelhecimento humano e, caso se desejar, encontrar caminhos para transformar a maneira como ele transcorre normalmente. Se a concepção de envelhecimento bem-sucedido vai mostrar que é um tema produtivo e passível de desenvolvimento é, em última análise, uma questão menos importante do que o fato de que ela serve para identificar e interligar questões pendentes e esforços de pesquisa atuais nessa área.²³⁵

Inicialmente, o modelo SOC foi criado para descrever o envelhecimento bem adaptado, aqueles idosos que conseguem fazer o melhor da situação em que vivem. Contudo, nos últimos anos, o modelo foi ampliado para explanar o desenvolvimento bem-sucedido ao longo do curso de vida. Um desenvolvimento exitoso neste modelo é um desenvolvimento adaptado à situação de vida particular de cada pessoa. “De acordo com o

²³³ NERI, Anita Liberalesso. *Psicologia do envelhecimento*. Op. cit., p. 38.

²³⁴ *Ibid.*, p. 38.

²³⁵ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. *Optimierung durch Selektion und Kompensation*. Op. cit., p. 85-86. “Die Erörterung von Fragen des erfolgreichen Alterns mündet vielmehr in einer Suche nach Faktoren und Bedingungen, die helfen könnten, das gesamte Spektrum der Möglichkeiten des Menschlichen Alternsprozesses zu verstehen und, falls erwünscht, Wege zu finden, ihn so, wie er heute normalerweise abläuft, zu verändern. Ob sich das Konzept des erfolgreichen Alterns auf lange Sicht als ergiebige und entwicklungsfähiges Thema erweist, ist dabei letztlich weniger wichtig als die Tatsache, dass es dazu dient, heute anstehende Fragen und aktuelle Forschungsbemühungen in diesem Bereich auszumachen und miteinander zuverknüpfen”.

modelo SOC, o desenvolvimento bem-sucedido é condicionado pela combinação dos processos de adaptação da seleção, otimização e compensação”.²³⁶

Existe uma preocupação dos autores deste modelo em esclarecer o uso do conceito “bem-sucedido”. De toda forma, encontrar conceitos ou indicadores adequados é uma grande dificuldade. “Sucesso” é um destes conceitos de difícil definição. Dentro da gerontologia, normalmente viver durante muito tempo já é um bom indicador de uma vida com sucesso. Viver muito tempo tem aspectos interessantes, porém pessoas que vivem muito tempo experimentam muitas perdas, perdem familiares e amigos pela morte, acompanham doenças fragilizadoras em si e nos outros, isto só para citar alguns exemplos não tão agradáveis.

Na realidade, não existe um consenso em relação a uma definição esclarecedora, pois os critérios são múltiplos, as ligações variadas e os valores relativos. No geral, pode-se afirmar que existem ligações positivas e variadas entre os critérios, mas que ainda não permitem uma explicação definitiva. Segundo Baltes: “Além disso, ao menos na gerontopsicologia ainda não se chegou a ponto de poder fazer ‘afirmações causais’ seguras sobre elementos preditores ou fatores de risco ou prevenção”.²³⁷

Conforme Neri, pode-se utilizar como proposta para explicar um funcionamento positivo: 1) auto-aceitação; 2) relações positivas com os outros; 3) autonomia; 4) domínio sobre o ambiente; 5) propósito na vida; 6) crescimento pessoal²³⁸. Ainda, Baltes e Baltes²³⁹ afirmam que uma definição abrangente deve estar orientada por valores sistêmicos e ecológicos. O contexto cultural e o ecológico são determinantes para os indicadores subjetivos e objetivos. Aspectos objetivos, como o funcionamento eficiente da medicina e do psicossocial, bem como aspectos subjetivos da qualidade e sentido de vida formam o

²³⁶ JOPP, D. *Erfolgreiches Altern: Zum funktionalen Zusammenspiel von personalen Ressourcen und adaptiven Strategien des Lebensmanagements*. Fachbereich Erziehungswissenschaft und Psychologie, Freie Universität Berlin, Digitale Dissertation, 2003. p. 55-56. Disponível em: <<http://www.diss.fu-berlin.de/2003/50/index.html>>. Acesso em: 30/11/2006. “Erfolgreiche Entwicklung wird nach dem SOC Modell durch das Zusammenspiel der Adaptationsprozesse Selektion, Optimierung und Kompensation bedingt (P. Baltes & Baltes, 1990)”.

²³⁷ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Optimierung durch Selektion und Kompensation. Op. cit., p. 87. “Ausserdem ist man – zumindest in der Gerontopsychologie – noch nicht so weit, dass man gesicherte “Kausalaussagen” über Prädiktoren oder Risiko bzw. Präventivfaktoren machen könnten”.

²³⁸ FREIRE, Sueli Aparecida. Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000. p. 26.

²³⁹ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Optimierung durch Selektion und Kompensation. Op. cit., p. 88.

desafio do conceito; este, com toda certeza, só será possível tomando em consideração os múltiplos aspectos envolvidos.

É somente no contexto prático que se pode acompanhar o uso de estratégias de envelhecimento bem-sucedido. Seleção, otimização e compensação correspondem, nesse contexto, a estratégias de escolha de metas e de ações para concretizá-las. Com isso, descrevem um comportamento ativo da regulação de ações responsáveis pelo desenvolvimento e são designadas como estratégias de administração da vida.²⁴⁰

A *seleção* descreve a escolha entre uma variedade de possibilidades, a especificação e centralização de objetivos e de tarefas durante a vida. Serve para canalizar os potenciais existentes e, com isso, dar uma direção ao desenvolvimento. No contexto da seleção acontece mais uma diferenciação: a seleção pode ser condicionada por objetivos, formando uma hierarquia de preferências individuais, como pode também ser uma seleção baseada em perdas, privilegiando-se então, pelo contrário, os momentos de resgate de prejuízos.²⁴¹

No processo de seleção, quando se faz escolhas, também se delimitam os recursos; escolhas são sempre preferências, reduzindo assim o número de alternativas remanescentes e levando em consideração a finitude de recursos humanos. “Se um enfoque nesse sentido se refere, por exemplo, a áreas específicas da vida, a normas e tarefas de desenvolvimento, isso acarreta a redução do número das alternativas remanescentes”.²⁴² Sendo assim, a seleção é parte fundamental de todo processo de desenvolvimento, determinando o caminho, a direção do desenvolvimento.²⁴³

A *otimização* abarca todas as transações que envolvem ganhos e melhoramentos em possíveis atividades. Estaria incluído aqui, ao lado da aprendizagem de novas capacidades, o emprego adicional de tempo e energia, que serviria para melhorar consideravelmente a atividade escolhida. Quando uma atividade não pode mais ser exercida, por qualquer razão, mas por causa do objetivo final ainda terá que ser realizada,

²⁴⁰ JOPP, D. Op. cit.

²⁴¹ Ibid., p. 56.

²⁴² BALTES, P. B. Theoretical Propositions of Lifespan Developmental Psychology. Op. cit., p. 611-626. “Bezieht sich eine solche Fokussierung z. B. auf spezifische Lebensbereiche, Normen und Entwicklungsaufgaben, führt dies zur Reduktion der Anzahl der verbleibenden Alternativen”.

²⁴³ MARSISKE, M.; LANG, F. R.; BALTES, P. B.; BALTES, M. M. Selective Optimization with Compensation: Lifespan Perspectives on Successful Human Development. In: DIXON, R. A.; BÄCKMAN, (Eds.). *Compensating for Psychological Deficits and Declines: Managing Losses and Promoting Gains*. Mahwah: Erlbaum, 1995. p. 35-79.

ela pode ser substituída por algum meio alternativo disponível; este é o processo de *compensação*. Pode ser necessária também uma ação de resgate, quando meios utilizados no passado não se mostraram eficientes. Ações internas podem ser complementadas ou totalmente substituídas. A compensação pode incluir ainda mudanças de contexto.²⁴⁴

Segundo pesquisas de Labouvie-Vief e Medler, os idosos têm grande capacidade de resiliência e, frente a situações de perda, tendem a organizar seu ambiente de maneira a maximizar afetos positivos e a minimizar os negativos. Nesse processo de regulação na ordem afetiva estariam envolvidas duas estratégias ligadas à otimização: a otimização afetiva, que está relacionada principalmente com a família e com a qualidade dos relacionamentos, e a complexidade afetiva, que está relacionada com a complexidade do ambiente, o *status* econômico e a educação.²⁴⁵

Otimização descreve processos do progresso do desenvolvimento: ela contém a aquisição, o uso ou a ampliação de recursos ou reservas que o indivíduo pode aproveitar para a consecução das metas de desenvolvimento propostas. *Compensação* designa os processos da manutenção do curso do desenvolvimento: Ela abrange a substituição de recursos (de ação) perdidos por outros meios, a fim de manter o nível de funcionamento.²⁴⁶

A *compensação*, como se viu acima, designa os processos de manutenção do nível de funcionamento necessários ao desenvolvimento já alcançado, tendo em vista a perda de recursos imposta pela vida. Um exemplo de compensação é a aquisição e o uso de uma bengala depois de um acidente, que limita o apoio corporal em uma das pernas.²⁴⁷

Os processos de compensação são respostas às perdas na capacidade e incluem processos psicológicos ou esforços comportamentais para melhorar a funcionalidade. A manutenção da competência dependeria, então, da seleção dos domínios em que o

²⁴⁴ BALTES, P. B. Theoretical Propositions of Lifespan Developmental Psychology. Op. cit., p. 611-626.

²⁴⁵ LABOUVIE-VIEF, G.; MEDLER, M. Affect Optimization and Affect Complexity: Modes and Styles of Regulation in Adulthood. *Psychology and Aging*, v. 17, n. 4, p. 571-588, 2002.

²⁴⁶ JOPP, D. Op. cit., p. 56. "Optimierung beschreibt Prozesse des Entwicklungsfortschritts: Sie beinhaltet den Erwerb, den Einsatz oder die Erweiterung von Mitteln oder Reserven, die das Individuum zum Erreichen angestrebter Entwicklungsziele nutzen kann. Kompensation bezeichnet die Prozesse der Aufrechterhaltung des Entwicklungsverlaufs: Sie umfasst den Ersatz verlorener (Handlungs-)Mittel durch andere Mittel, um das Funktionsniveau zu erhalten".

²⁴⁷ FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Entwicklungsaufgaben als Organisationsstrukturen von Entwicklung und Entwicklungsoptimierung. Op. cit., p. 62.

indivíduo retém melhor nível de funcionamento, otimizando-os mediante estratégias de treino e garantindo, assim, a compensação das perdas.²⁴⁸

Para um melhor entendimento desta dinâmica do modelo SOC, Baltes e seus colaboradores colocaram os três processos e seus mecanismos, de forma ilustrada – teórica. São descritas como condições prévias os fundamentos básicos do desenvolvimento humano: desenvolvimento é entendido como um processo adaptativo que transcorre ao longo da vida, caracterizando-se por uma quantidade de recursos esgotáveis, pelas modificações na plasticidade ligadas às etapas e pelas perdas de recursos internos e externos. As estratégias servem para uma adequação aos recursos, tanto de ordem interna como externa, bem como às modificações ligadas à idade. O uso da seleção, otimização e compensação traz como resultados: a) a maximização tanto objetiva como subjetiva de ganhos e a minimização de perdas; b) o desenvolvimento bem-sucedido quando se alcançam os objetivos; c) a manutenção das funções; d) a recuperação de capacidades em áreas onde houve perda de recursos específicos; e) a regulação das perdas (Quadro 1).

Quadro 1: A dinâmica da Seleção, Otimização e Compensação ao longo do tempo

Condições prévias	Estratégias	Resultados
<p>Desenvolvimento ao longo da vida consiste num processo de adaptação seletiva.</p> <p>Pressão seletiva adicional provém de recursos limitados.</p> <p>Pressão seletiva provém também de Modificações ligadas a plasticidade e a idade. Com isso, perdas associadas a recursos internos e externos.</p>	<p>Seleção: Identificação de áreas e direções de processos ontogenéticos. Limitações de possibilidades de ações e objetivos.</p> <p>Otimização: Dilatação de meios de ação disponíveis para alcançar os objetivos. Procura de contextos que incentivem o desenvolvimento.</p> <p>Compensação: Procura de novos meios internos e externos baseado em perdas de meios ou de modificações em contextos ou áreas adaptativas.</p>	<p>Maximização de ganhos e minimização de perdas (subjetivas e objetivas).</p> <p>Desenvolvimento eficaz ou o alcance de objetivos importantes.</p> <p>Manutenção dos níveis de funcionamento.</p> <p>Recuperação de perdas em áreas escolhidas.</p> <p>Regulação de perdas.</p>

Adaptado a partir de P. Baltes et al. (1998), por Daniela Jopp.²⁴⁹

²⁴⁸ RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. Recursos psicológicos e ajustamento pessoal frente à incapacidade funcional na velhice. *Psicologia em Estudo* [online], v. 10, n. 3, p. 403-412, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300008&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: 21/06/2006.

²⁴⁹ JOPP, D. Op. cit.

O modelo SOC foi concebido como um metamodelo, sendo que modelos desta categoria podem ser definidos dentro de várias teorias. Muitos estudos trouxeram resultados consistentes, corroborando este modelo teórico: um exemplo seria a pesquisa da teoria socioemocional de Carstensen (1992, 1998)²⁵⁰, ou de Freund e Baltes²⁵¹, pesquisa empírica sobre o modelo de envelhecimento bem-sucedido, modelo de seleção, otimização e compensação, conduzida dentro do contexto do BASE (*Berlin Aging Study*). A pesquisa envolveu os dados de um seguimento longitudinal prospectivo do BASE, abrangendo 206 idosos, sobreviventes da amostra original de 516 indivíduos do BASE. O questionário SOC (desenvolvido em 1995) não foi incluído nas duas primeiras coletas de dados do BASE. O resultado indicou que idosos que relataram comportamentos relacionados ao uso do SOC também foram aqueles que relataram um funcionamento mais positivo, em cada uma das áreas escolhidas para indicar o envelhecimento bem-sucedido.

As estratégias de seleção, otimização e compensação ocorrem de forma simultânea, possivelmente também em ordem seqüencial, e numa interação dinâmica. Atrás disso se encontra a idéia da *orquestração* desses processos: As estratégias SOC representam um sistema harmônico, no qual acontece uma ação conjunta entre as estratégias, que obedece a regras internas de cada indivíduo. As pessoas, quando querem atingir um desenvolvimento bem-sucedido, feliz, têm que selecionar, escolher metas ou áreas nas quais vão investir seu tempo. Todavia, essa seleção não basta para que aconteça um desenvolvimento. Essas metas têm que ser perseguidas e realizadas, o que acontece por meio de estratégias otimizadoras, que cooperam na ampliação do potencial de cada ser humano.

Segundo Lang, Rieckmann e Baltes²⁵², o emprego de estratégias de seleção, otimização e compensação está associado com uma melhor funcionalidade física e mental e requer o uso da capacidade individual nos domínios do funcionamento sensório-motor, cognitivo, social e da personalidade. Assim, quanto mais favorecido em recursos sensório-motores, cognitivos, sociais e de personalidade for o indivíduo que envelhece, melhor será

²⁵⁰ CARSTENSEN, Laura L.; FUNG, Helene H.; CHARLES, Susan T. Socio-emotional Selectivity Theory and the Regulation of Emotion in the Second Half of Life. *Motivation and Emotion*, Springer Netherlands, v. 27, n. 2, p. 103-123, 2003.

²⁵¹ FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Selection, Optimization, and Compensation as Strategies of Life Management. Op. cit., p. 531-543.

²⁵² LANG, F. R.; RIECKMANN, N.; BALTES, M. M. Adapting to Aging Losses: Do Resources Facilitate Strategies of Selection, Compensation, and Optimization in Everyday Functioning? *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, v. 57B, n. 6, p. 501-509, 2002.

o seu engajamento no uso das estratégias de seleção, otimização e compensação. No estudo realizado pelos mesmos autores, com base no *Berlin Aging Study*²⁵³, foi definido que os idosos que detêm estes recursos apresentam menos perdas associadas ao envelhecimento, mantendo um funcionamento mais adequado no cotidiano em comparação com aqueles idosos que são menos favorecidos nestes recursos. Os resultados sugeriram que, no cotidiano dos idosos, aqueles que já eram mais favorecidos em recursos também utilizam mais intensamente as estratégias do SOC. Os idosos mais favorecidos em recursos sensório-motores, cognitivos, sociais e de personalidade investem mais tempo na convivência com seus familiares, reduzem a diversidade de atividades de lazer, escolhem melhor, dormem melhor, aumentando, assim, a variabilidade de investimentos de tempo através de atividades que lhes trazem mais interesse e prazer.

O modelo SOC é especialmente útil para integrar as tarefas de desenvolvimento de cada indivíduo, no que se refere à direção do desenvolvimento. Isto se refere às áreas da vida e aos temas que são de importância central para cada pessoa em determinada sociedade, em determinado grupo, em determinada idade. Melhorar os ganhos e minimizar as perdas concomitantemente – isto é o objetivo máximo deste modelo de desenvolvimento, e é um processo de adaptação contínua, que não se encerra em determinados períodos, mas abrange a vida em toda a sua extensão e tem um sentido especial para a vida adulta tardia pela sua associação, neste período, à perda nas reservas de capacidades em geral.

É preciso encontrar um equilíbrio entre limitações e potencialidades; como diz a psicóloga Maria H. Novaes, “envelhecer não é seguir um caminho já traçado, mas construí-lo permanentemente”.

²⁵³ MAYER, K. U.; BALTES, P. B. (Eds.). Op. cit.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO

Para escrever esta crônica, eu preciso de dois fios que deixei soltos. Porque eu escrevo como os tecelões que tecem seus tapetes trançando fios de linha. Também eu tranço fios. Só de palavras.²⁵⁴

3.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO

Neste espaço, descreveremos os procedimentos metodológicos adotados, explicitando as estratégias para a coleta e a análise dos dados. Vale ressaltar que a nossa visão de mundo, valores e ideais, experiências de vida e experiência profissional, além de conhecimento teórico e metodológico, contribuíram para esta escolha. A perspectiva epistemológica adotada nesta pesquisa entende os fenômenos humanos e sociais de forma dialética como processos complexos. Segundo Vasconcelos, isso significa “fenômenos multideterminados, multidimensionados e em constante interação com seu contexto, frutos de conflitos e contradições, em processo ininterrupto de transformação, e sempre articulados a interesses, sentidos e significações múltiplas”.²⁵⁵ Minayo²⁵⁶ e Alves-Mazzoti e Gewandszajder apóiam igualmente esta perspectiva epistemológica.²⁵⁷

Numa abordagem positivista em ciências naturais ou humanas, estaríamos entendendo o objeto da pesquisa como um fato; ele seria um átomo de uma realidade

²⁵⁴ ALVES, R. *Transparências da eternidade*. Campinas: Verus, 2002. p. 19.

²⁵⁵ VASCONCELOS, E.M. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 142.

²⁵⁶ MINAYO, M.C.S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

²⁵⁷ ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002.

passível de observação estática, isolável de seu contexto e do seu processo, quase que inteiramente elucidável pela investigação do homem. A pesquisa fenomenológica utilizada aqui neste contexto, em contraste, volta-se para a explicação e para a compreensão; por isso, ela “valoriza como essencial a presença do homem [...] considera o mundo vivido pelo sujeito como a origem de todo o conhecimento”.²⁵⁸ Portanto, não parece existir “um” ou “o” método fenomenológico, mas uma atitude. Seria uma atitude de abertura ao ser humano, de compreensão, de estar livre para perceber aquilo que se mostra. Para Heidegger, a atitude fenomenológica é retomar um caminho que nos conduza a ver nosso existir simplesmente como ele se mostra. Ele quis reeducar e reorientar nosso olhar para além da aparência do fenômeno.²⁵⁹

Mesmo tendo a possibilidade de apreender algumas das características do fato, características essas empíricas, concretas, visíveis e verificáveis em um momento preciso, essa é uma faceta de um processo em funcionamento, investido de interesses e significações simbólicas dos entrevistados, das instituições envolvidas, da pesquisadora. Enfim, este é um trabalho aproximativo e inacabado de compreensão e interpretação da realidade do fenômeno e uma ação ao mesmo tempo transformadora.

Este estudo é de tipo transversal, pois busca uma análise de um fenômeno em um momento específico, nesta cidade, nestas vilas, com estas pessoas que ali se fazem presentes. É também um estudo de base qualitativa; ao optarmos pela investigação qualitativa, esta pareceu ser a escolha mais adequada, uma vez que “realidades sociais se manifestam de formas mais qualitativas do que quantitativas, dificultando procedimentos de manipulação exata”.²⁶⁰

A metodologia qualitativa é considerada, por Minayo,

o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade, no qual estão embutidas concepções teóricas, conjunto de técnicas utilizadas e o potencial criativo do pesquisador. Esta metodologia incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.²⁶¹

²⁵⁸ MORAES, Roque. Op. cit., p. 20.

²⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. Op. cit., p. 28-30.

²⁶⁰ DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987. p. 16.

²⁶¹ MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996. p. 10.

O conceito de investigação qualitativa congrega diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Dados avaliados qualitativamente compreendem riqueza em pormenores descritivos relativos às pessoas, aos locais, ao ambiente sociocultural, de complexo tratamento estatístico. O centro da investigação está na compreensão dos comportamentos dos sujeitos em seu ambiente circundante, sendo o contato com eles próximo e aprofundado.²⁶²

Na pesquisa de base qualitativa, existe uma relação entre o mundo real e a subjetividade do sujeito; isto possibilita a apreensão do sujeito, como afirma Chizzoti:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.²⁶³

A análise qualitativa é, portanto, fundamental neste estudo, pois busca apreender em profundidade os significados de vida, de realizações, de expectativas e de trabalho que conformam a vivência dos idosos, numa perspectiva dialética que focaliza indivíduo e sociedade.²⁶⁴ Ela favorece a análise dos significados e dos valores pessoais e os socialmente construídos, auxiliando, assim, a compreensão do imaginário que alicerça as práticas e os próprios comportamentos dos idosos.²⁶⁵

Esta pesquisa caracteriza-se, em sua forma de obtenção de dados, como intencional, estando predefinido o grupo que será pesquisado: idosos moradores em bairros de periferia de Porto Alegre, que se reúnem em grupos de convivência em Centros de Assistência à Saúde do programa de Saúde da Família do Hospital Moinhos de Vento, ou são atendidos pelas Unidades Morro da Cruz e Ilhas, não sendo uma amostra aleatória simples e representativa no sentido científico estatístico de investigação quantitativa. Serão pessoas idosas que, por meio de Relato Oral, trarão os dados de suas vidas, suas atitudes, seus sentimentos e os valores subjacentes ao seu comportamento, significando uma

²⁶² BIKLEN, Sari; BOGDAN, Roberto. *Investigação qualitativa em educação*: uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto, 1994.

²⁶³ CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 79.

²⁶⁴ HAGUETE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

²⁶⁵ CHIZZOTTI, Antônio. Op. cit., p. 79.

agregação de dados que podem tornar a análise mais rica, aproximando a pesquisadora da complexidade da contextualização das vivências dos entrevistados.

As pesquisas de caráter descritivo, como esta, têm, então, como fundamento a descrição, registro, análise e interpretação de um conjunto de dados, de determinada população ou fenômeno, procurando explorar suas dimensões, a maneira pela qual o sujeito se manifesta e os outros fatores relacionados. Utilizam para isso técnicas padronizadas na coleta de informações, como questionários e a observação sistemática.²⁶⁶ Este estudo descritivo está baseado no Relato Oral. A opção pela coleta de dados possui dois formatos: entrevista estruturada para obter informações bio-sociodemográficas a respeito dos idosos e entrevista semi-estruturada ou focalizada, que são relatos descritivos relativamente livres, mas sempre focalizados nos objetivos da pesquisa, com a finalidade de levantar comportamentos e a própria subjetividade das pessoas entrevistadas.

O recurso de entrevistas talvez seja um dos mais utilizados em pesquisas humanas, clínicas, sociais e organizacionais. Nesse sentido, afirma Vasconcelos, a entrevista é “especialmente adequada para obter informações sobre o que as pessoas e grupos sabem, acreditam, esperam, sentem e desejam fazer, fazem ou fizeram, bem como suas justificativas ou representações a respeito desses temas”.²⁶⁷ Segundo Biklen e Bogdan: “As entrevistas qualitativas variam quanto ao grau de estruturação”.²⁶⁸ A escolha recai num tipo particular de entrevista segundo os pressupostos teóricos do entrevistador e dos objetivos da investigação. Esses objetivos podem ir da mera coleta de um repertório de informações, na qual a relação entre entrevistador e entrevistado não é levada em consideração, até as modalidades mais livres e complexas, que procuram investigar o campo dinâmico que se constitui entre entrevistado e entrevistador. Existe ainda a possibilidade de utilizar diferentes tipos de entrevista, em fases diferenciadas do estudo.

A base teórica que será utilizada para este diálogo está claramente definida. Ele será um estudo inicialmente bibliográfico, pois apresentaremos um histórico do ideário da psicologia e de algumas áreas afins em relação ao desenvolvimento e envelhecimento psicológico e social humano. Num segundo momento do estudo bibliográfico, estaremos ressaltando o paradigma teórico do desenvolvimento no curso de vida, *lifespan*, de Paul B. Baltes e seus colaboradores, que fundamenta o construto exploratório, interrogatório e

²⁶⁶ GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

²⁶⁷ VASCONCELOS, E.M. Op. cit., p. 220-221.

²⁶⁸ BIKLEN, Sari; BOGDAN, Roberto. Op.cit., p. 136.

dialógico desta pesquisa. Afirma Gil: “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema”.²⁶⁹

O quadro teórico anteriormente descrito forma o arcabouço que orienta esta investigação. Assim, do ponto de vista metodológico, nossa intenção foi investigar o cotidiano das pessoas idosas, identificar seus recursos, tanto adaptativos como de enfrentamento, e sua capacidade de reserva para o desenvolvimento nesta etapa da vida. Para conhecer o significado do envelhecimento e as condições de vida de cada um, dentro de sua realidade, optamos por ouvi-los diretamente em relação a sentimentos, pensamentos, escolhas e decisões.

Nossa pretensão neste estudo foi, partindo da realidade vivida pelas pessoas idosas, apreender o significado da sua experiência de vida, mantendo uma interlocução reflexiva com o paradigma teórico de curso de vida, *lifespan*. Assim, reunimos informações detalhadas acerca do objeto de investigação e, a partir delas, buscamos uma compreensão dialogal com a teoria apresentada.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Como primeiro passo desta etapa, encaminhamos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Moinhos de Vento da Associação Hospitalar Moinhos de Vento (AHMV), de Porto Alegre, RS, conforme as diretrizes que regulamentam as pesquisas com seres humanos, *Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos*, através da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, estabelecida em outubro de 1996.²⁷⁰ O objetivo da avaliação ética do projeto é garantir três princípios importantes: a beneficência, o respeito à pessoa e a justiça, incluindo todas as pessoas que possam vir a ter alguma relação com a pesquisa, tanto o sujeito da pesquisa como o pesquisador, o

²⁶⁹ GIL, A.C. Op. cit., p. 48.

²⁷⁰ CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/comissao/eticapesq.htm>>. Acesso em: 30/11/2006.

trabalhador da área onde a mesma se desenvolve, protegendo a sociedade como um todo.²⁷¹ O projeto foi aprovado em janeiro de 2006 (Anexo A).

Participaram como sujeitos desta pesquisa 30 pessoas adultas idosas que estão integradas às áreas de atendimento das Unidades Básicas de Saúde Morro da Cruz e Ilha da Pintada. Como critério de inclusão, foi delimitada a idade maior ou igual a 60 anos, critério adotado no *Plano de Ação Internacional sobre Envelhecimento das Nações Unidas* (1982), acompanhando a orientação da Divisão de População. Assim, classifica-se o início da velhice aos 60 anos nos países em desenvolvimento e aos 65 anos nos países desenvolvidos.²⁷² Buscando contemplar a diversidade, estão incluídas pessoas de gênero masculino e feminino, que possuíssem, no ato da entrevista, condições cognitivas para manter um diálogo e que concordassem em participar da pesquisa.

A análise qualitativa ancora sua escolha de universo amostral em critérios distintos dos da metodologia quantitativa (critério de representatividade estatística). A amostragem qualitativa “privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o(a) pesquisador(a) deseja conhecer, portanto sua escolha é proposital e não aleatória. Ainda, tal amostragem busca incluir um número suficiente de depoimentos com o objetivo principal de garantir certa reincidência das informações e perspectivas, viabilizando o exercício interpretativo”.²⁷³ Porém não deixa de observar as informações ímpares cujo significado necessita ser descrito e entendido. Entende que o conjunto de informantes a ser escolhido deve contemplar uma diversidade representativa das experiências do grupo analisado, possibilitando a apreensão das semelhanças e das diferenças. Segundo a tradição compreensivista das Ciências Sociais, a fala dos sujeitos entrevistados é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, bem como das suas vivências particulares, numa dinâmica onde o macro e o micro convergem e interagem.²⁷⁴

Primeiramente, verificamos com a direção de cada Unidade Básica de Saúde o melhor procedimento para acessar os sujeitos, os idosos. Para esse fim, foram utilizados os

²⁷¹ GOLDIM, José R. *Ética aplicada à pesquisa em saúde*. Texto atualizado em 21/08/2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/biopesrt.htm>>. Acesso em: 30/07/2006.

²⁷² AKTIV ALTERN: *Rahmenbedingungen und Vorschläge für politisches Handeln*. Active Ageing: A Policy and Framework. Abteilung für Vorbeugung und nicht übertragbare Krankheiten und Förderung der geistigen Gesundheit. Altern und Lebenslauf. Beitrag der World Health Organisation für die zweite UN-Weltversammlung zu Altersfragen, Madrid, Spanien, April 2002. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8_ger.pdf>. Acesso em: 30/04/2006.

²⁷³ MINAYO, M.C.S. et al. *Pesquisa social*. Op. cit.; ALVES-MAZZOTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. Op. cit., p.174.

²⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas* – sobre a teoria da ação. Oeiras: Celta, 1997.

registros da Unidade, verificados endereços e possibilidades de visitas domiciliares. Nestas visitas, nos acompanharam funcionários da Unidade, para a devida apresentação. Também foram utilizados momentos de Encontros dos Idosos para a realização de contatos e de entrevistas. Todos os que manifestaram interesse foram entrevistados, mantendo os critérios de inclusão acima descritos.

3.3 LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado no município de Porto Alegre, que é a capital do Rio Grande do Sul, estado localizado no extremo sul do País, que faz fronteira com a Argentina e o Uruguai. Ela está localizada a 2.111 km de Brasília e é o local de moradia e atuação da pesquisadora.

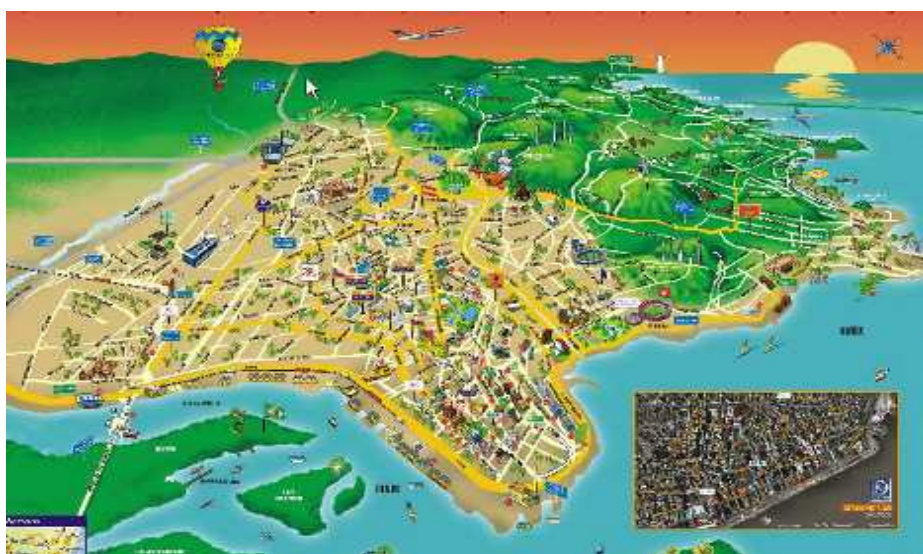


Figura 3: A cidade de Porto Alegre/RS

Porto Alegre está situada no Paralelo 30° sul, com 30 km de comprimento e 15 km de largura no sentido leste-oeste e é circundada por morros; possui espaços de planícies e é limitada pela orla fluvial do lago Guaíba com seus 72 km de orla. O pôr-do-sol sobre suas águas cobre a cidade de luzes douradas ao final da tarde.

A capital da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, como foi chamada, foi criada em 1773. Nos seus dois séculos de existência, sempre ocupou lugar de destaque no cenário nacional. Tem uma população atual de mais de 1.360.590 habitantes, 635.820

homens e 724.770 mulheres, de 25 etnias. O crescimento populacional é de 1,35% ao ano (1996/2000) (Censo IBGE/2000) A expectativa de vida média é de 71,4 anos; entre as mulheres: 76,2 anos e entre os homens: 66,2 anos. O PIB é de R\$ 14 bilhões, 655 milhões, 093 mil (1ª posição no Estado), e o PIB per capita é de R\$ 10.437,00.²⁷⁵

Trata-se de um município que tem o corpo de uma metrópole, o espírito cosmopolita e a alma de uma província. Porto Alegre é considerada uma cidade com grande potencial de desenvolvimento. A consultoria inglesa Jones Lang LaSalle inclui a capital gaúcha entre as “cidades do futuro”; Porto Alegre foi citada em razão dos quesitos ambiente (tem 13,62 metros quadrados de área verde/habitante), tecnologia e economia, além de ser a 11ª cidade brasileira no Índice de Desenvolvimento Humano e de estar em segundo lugar em produção rural e industrial.²⁷⁶

Sendo os sujeitos de nossa pesquisa o grupo de pessoas com mais de 60 anos, apresento a expectativa de vida ao nascer e os grupos de moradores por faixa etária no Rio Grande do Sul.

Tabela 2: Expectativa de vida, por sexo, no Brasil e no Rio Grande do Sul – 1992 e 2003

UNIDADES GEOGRÁFICAS	1992(1)			2003(2)		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Brasil	62,8	70,1	66,3	65,4	73,3	69,3
Rio Grande do Sul	67,2	75,9	71,4	69,3	77,6	73,4

Fonte: Para Brasil: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Brasil. Ministério da Saúde/DATASUS/IDB-2004. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br>>. Acesso em: 30/9/2006.

²⁷⁵ FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. 2003. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/infocidade/default.php?p_secao=19>. Acesso em: 30/10/2006..

²⁷⁶ FOLHA ONLINE. *Dinheiro*. 11/08/2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u87716.shtml>>. Acesso em: 30/10/2006.

Tabela 3: População residente, por grupos etários, no Rio Grande do Sul – 1991 e 2000

GRUPOS ETÁRIOS	1991		2000	
	População	%	População	%
De 0 a 14 anos	2 747 149	30,1	2 654 727	26,1
De 15 a 64 anos	5 858 028	64,1	6 799 984	66,7
Mais de 65 anos	533 493	5,8	733 087	7,2
TOTAL	9 138 670	100,0	10 187 798	100,0

Fonte dos dados brutos: IBGE. *Censo demográfico 1991*. Rio de Janeiro,1993; IBGE. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro, 2001.

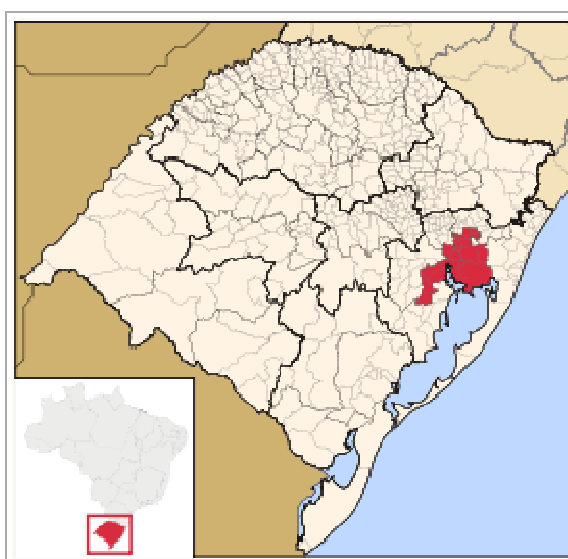


Figura 4: Localização do município de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil

Porto Alegre abriga 78 bairros oficiais, com população mista, de muitas etnias e de todas as classes sociais. Cada bairro possui características próprias, como a infraestrutura: com mais ou menos saneamento básico, com mais ou menos recursos de ordem educacional, moradia, vias públicas, transporte, etc. Nesse espaço, nesse meio vivem os sujeitos idosos que fazem parte da população e que participaram desta pesquisa. São moradores de bairros de periferia, com renda reduzida, pouca educação formal e menores

possibilidades de emprego. A escolha dos locais está diretamente associada aos postos de saúde básica mantidos pela Associação Hospitalar Moinhos de Vento nestes locais e ao vínculo (professora do Instituto de Pesquisa e Educação) da pesquisadora com esta instituição. É difícil reconstruir, do ponto de vista histórico, a formação destas comunidades. Uma delas está ligada ao Lago Guaíba, sendo denominada Ilha da Pintada, e a outra está situada numa elevação denominada Morro da Cruz. A formação das comunidades, sua origem remonta, em grande parte, a pequenos núcleos de moradores antigos, índios e açorianos, e grande parte a migrações internas. Trata-se de pessoas que se transferiram de outras regiões do próprio estado do Rio Grande do Sul, mais raramente de outros estados do Brasil, na tentativa de melhorar sua condição de vida.

3.3.1 Ilha da Pintada

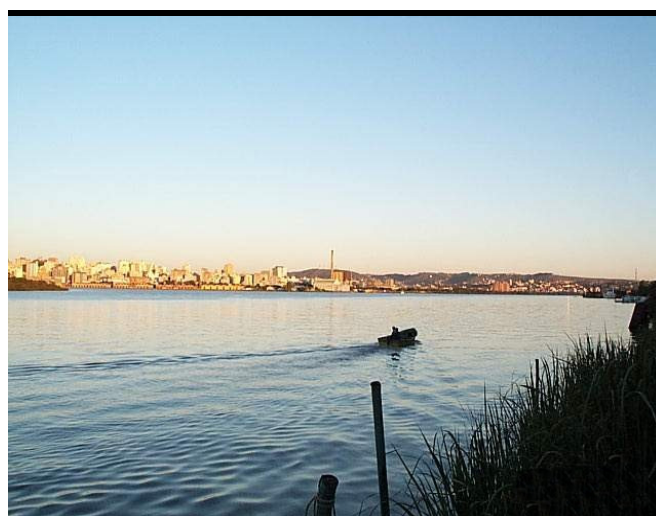


Figura 5: Ilha da Pintada

Fonte: IMAGENS DE PORTO ALEGRE. Disponível em:
<http://nutep.adm.ufrgs.br/fotospoa/fotospoa.htm>. Acesso em: 30/10/2006.

A Ilha da Pintada faz parte do Bairro Arquipélago, que foi criado pela Lei nº 2022 de 7 de dezembro de 1959. Conforme dados da prefeitura municipal:

População/2000: 5.061 moradores

Homens: 2.557

Mulheres: 2.504

Taxa de crescimento 1991-2000: 9,30% ao ano

Área: 4.718 ha

Densidade: 1,0 hab/ha

Número de domicílios: 1.480

Rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio/2000: 2,96 salários mínimos

A Ilha da Pintada é uma localidade situada na periferia do município de Porto Alegre, que faz parte das ilhas do Delta do Jacuí. Estas ilhas espalham-se por 210 km², no encontro das águas dos rios Jacuí, Sinos, Caí e Gravataí com o Lago Guaíba. São 30 ilhas, a maioria delas desabitadas, entrecortadas por canais, formando o Arquipélago do Delta do Jacuí.²⁷⁷ O ecossistema do arquipélago desempenha um papel importante ao servir de abrigo para aves e espécies aquáticas. Ali vivem 329 espécies vegetais, 108 tipos de aves e mais de 30 espécies de peixes, além de centenas de outros animais. Algumas ilhas são ligadas ao continente pela Travessia Regis Bittencourt, a popular “Ponte do Guaíba”.

No final do século XVIII, a Ilha da Pintada passou a ser ocupada por imigrantes açorianos que, através do trabalho ali desenvolvido, abasteciam a cidade de peixes, verduras, frutas e leite. A pesca sempre foi uma das atividades mais significativas para a população. A travessia para o centro da cidade de Porto Alegre era realizada durante várias décadas por barcos. Atravessando os tempos da colonização e da vinda de novos moradores do interior, as lendas e as crenças contadas pelos atuais ilhéus mostram a identidade singular de sua cultura.

A Ilha da Pintada tem atualmente na pesca artesanal a atividade econômica mais representativa, mas existem diversas ações desenvolvidas em conjunto com vários parceiros procurando melhores condições de sustento e emprego, como o artesanato, a prestação de serviços e a melhoria das condições na reciclagem do lixo. Além disso, percebe-se um potencial para o desenvolvimento do turismo na região; a beleza natural da ilha é pouco divulgada.

A Unidade Básica de Saúde Ilha da Pintada²⁷⁸, local da pesquisa de campo, é mantida pela Associação Hospitalar Moinhos de Vento (AHMV) em convênio com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, tendo iniciado suas atividades em julho de 2004. O trabalho é desenvolvido de acordo com a estratégia do Programa de Saúde da Família, que

²⁷⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, RS. Disponível em:

<<http://www.portoalegre.rs.gov.br/>>. Acesso em: 30/07/2006.

²⁷⁸ Endereço: Av. Presidente Vargas, 397. Fone: (51) 3289-2680. E-mail: ilha.pintada@hmv.org.br.

tem como princípios de orientação a ética, a dignidade, a valorização, a fortificação das comunidades e a atenção integral e humanizada, que se viabilizam por meio de uma prática interdisciplinar e intersetorial, visando o enfrentamento das necessidades de saúde da população. O território sob a responsabilidade desta Unidade Básica de Saúde compreende 1.100 famílias da Ilha da Pintada. Ali são realizadas consultas individuais, vacinas, procedimentos, visitas domiciliares e atividades coletivas de educação em saúde.²⁷⁹

3.3.2 Morro da Cruz

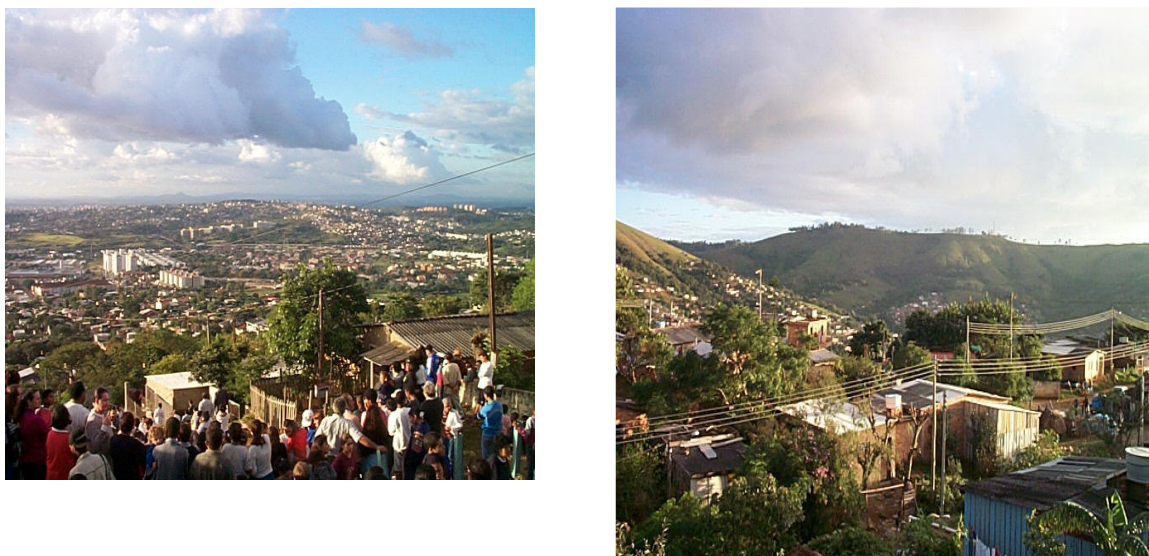


Figura 6: Morro da Cruz

Fonte: IMAGENS DE PORTO ALEGRE. Disponível em:
<<http://nutep.adm.ufrgs.br/fotospoa/fotospoa.htm>>. Acesso em: 30/10/2006

Localidade situada dentro do Bairro São José, o Morro da Cruz é uma elevação com 120 metros de altura, considerada popularmente como a “Favela do Morro da Cruz”.²⁸⁰ Conforme relato dos próprios moradores que ali residem há mais de 40 anos, estas áreas não tinham dono; quem chegava se apropriava do espaço. Algumas pessoas

²⁷⁹ HOSPITAL MOINHOS DE VENTO, Porto Alegre, RS. Disponível em:
<http://www.hmv.org.br/?on=responsabilidade&in=projetos_sociais&id=7>. Acesso em: 30/07/2006.

²⁸⁰ WIKIPÉDIA: A enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Favela>>. Acesso em: 30/8/2006. “Favela” é o termo usado no Brasil para descrever regiões urbanas de baixa qualidade de vida e cujos moradores possuem limitado poder aquisitivo. São áreas com edificações inadequadas, muitas vezes apertadas aos morros, onde é difícil construir edifícios estáveis e com os materiais tradicionais. Oficialmente, porém, define-se como uma favela qualquer região cujas construções tenham sido erguidas em terrenos invadidos.

mais poderosas ficavam com áreas grandes e tentavam expulsar os que apareciam. Este foi, portanto, desde o início, um local de disputa de disputa pela terra.²⁸¹

A maior parte dos habitantes das favelas é pobre, vivendo com poucos recursos financeiros. Acidentes naturais, principalmente decorrentes de chuvas fortes, são freqüentes em áreas assim, pela falta de infra-estrutura. As favelas também sofrem pelo crime, tráfico de drogas e lutas de gangues.²⁸² Sendo esta situação vivenciada neste local de igual forma, as pessoas vivem uma situação melindrosa em relação aos acidentes naturais, às moradias precárias, ao tráfico, às gangues e à denúncia. Ao cair da noite, poucas pessoas se encorajam a sair para as ruas.

Bairro São José

Foi criado pela Lei nº 2.022, de 7/12/59.

População/2000: 28.957 moradores

Homens: 13.878

Mulheres: 15.079

Área: 212 ha

Densidade: 137 hab/ha

Taxa de crescimento 1991-2000: 0,9% ao ano

Número de domicílios: 8.156

Rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio/2000: 3,60 salários mínimos

Rendimento médio mensal do chefe do domicílio/1991: 2,60 salários mínimos²⁸³

Limites atuais: Rua Dona Firmina, da esquina da Avenida Bento Gonçalves até a junção com a Rua 26 de Dezembro; desta, por uma linha reta, seca e imaginária, até encontrar a Rua Ângelo Barcelos, junto ao Arroio do Moinho, e ao longo deste curso de água, sempre em direção norte-sul, até encontrar a Rua Aquidaben; desta até a Rua São Guilherme; desta em toda a sua extensão, inclusive o prolongamento previsto até a margem do Arroio Dilúvio, e da margem deste braço líquido, em direção leste/oeste, até encontrar a

²⁸¹ Relato de um morador de 82 anos que foi entrevistado. Quando foi morar ali no Morro, tomou posse de uma área que havia pertencido a negros que não mais estavam ali. Seu vizinho, grande proprietário, homem de destaque na cidade, contratava empregados que o ameaçavam com armas, para que deixasse as terras, coisa que não aceitou. Enfrentou a situação e mora ali até hoje.

²⁸² WIKIPÉDIA: A enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Favela>>. Acesso em: 30/8/2006

²⁸³ PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, RS. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br/>>. Acesso em: 30/7/2006.

Estrada do Beco do Salso, e desta até a Avenida Bento Gonçalves, em direção ao centro, até encontrar a Rua Dona Firmina.²⁸⁴

A Unidade Básica de Saúde Morro da Cruz²⁸⁵ atua no local desde 1998. O Serviço é mantido pela Associação Hospitalar Moinhos de Vento (AHMV), em convênio com a Secretaria Estadual da Saúde, por meio do Centro de Saúde Escola Murialdo. O trabalho é desenvolvido de acordo com o princípio da vigilância à saúde, e o acompanhamento abrange atualmente mais de 1.000 famílias que moram no Morro da Cruz. As ações são coordenadas por um grupo multidisciplinar em que atuam nutricionista, assistente social, médico de família, pediatra, cirurgião dentista, enfermeira, técnico de enfermagem, auxiliar administrativo e auxiliar de serviços gerais. A atuação tem algumas prioridades em relação à promoção, proteção e recuperação da saúde, de forma integral e contínua. O local onde está situada a Unidade Básica também é utilizado como campo de formação em saúde coletiva. São realizadas consultas individuais, vacinas, procedimentos, visitas domiciliares e atividades coletivas de educação e prevenção em saúde.²⁸⁶

3.4 PROCEDIMENTOS NA PESQUISA DE CAMPO

3.4.1 Aspectos éticos

A pesquisa foi apresentada e avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Moinhos de Vento para sua validação e concretização, por se tratar de pesquisa com seres humanos. Isto, naturalmente, incluiu o consentimento das chefias dos Centros de Assistência à Saúde envolvidos.

Considerando o fato de esta pesquisa ser efetuada com seres humanos, alguns cuidados éticos foram fundamentais. Esta pesquisa se comprometeu a manter em absoluto sigilo a identidade das pessoas participantes, utilizando para este fim somente uma numeração dos participantes nas entrevistas, bem como a deixá-los cientes de seus objetivos, do uso dos dados colhidos, que ficarão armazenados com a pesquisadora. Tais

²⁸⁴ Ibid.

²⁸⁵ Endereço: Rua 25 de Julho, 1589. Fone: (51) 3318-1566. *E-mail*: morro.cruz@hmv.org.br

²⁸⁶ HOSPITAL MOINHOS DE VENTO, Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://www.hmv.org.br/?on=responsabilidade&in=projetos_sociais&id=5>. Acesso em: 30/7/2006.

informações estão incluídas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B), que também se constitui em autorização do sujeito, mediante o qual o idoso autoriza a sua participação na pesquisa desenvolvida.

Foi estabelecido um compromisso verbal com os participantes e com a coordenação, por parte da pesquisadora, em apresentar, após a defesa da tese, um relatório baseado na análise dos dados obtidos e nas considerações levantadas a partir deles.

3.4.2 Coleta e registro dos dados

Realizamos a coleta de dados empíricos no período de março a junho de 2006, fazendo, primeiramente, duas reuniões, uma com cada equipe multidisciplinar dos Centros de Assistência à Saúde, para lhes prestar informações a respeito da pesquisa e da forma de coleta de dados. Utilizamos como fonte para a coleta de dados empíricos a entrevista aberta. Minayo argumenta que a entrevista, como técnica para a coleta de dados, privilegia a obtenção de informações mediante a fala individual, que revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, por intermédio de um porta-voz, a representação de determinados grupos.

A entrevista utilizada tinha dois formatos que se apresentaram como os mais adequados para a obtenção de dados relacionados aos objetivos propostos na pesquisa: Entrevista Estruturada, formatada pela pesquisadora para a obtenção dos dados formais, como idade, sexo, interesses, etc., e Entrevista Semi-Estruturada, elaborada com base em questionários de Kruse²⁸⁷ e de Freund e Baltes²⁸⁸, relacionados a modo de vida, expectativas e a seleção, otimização e compensação (Anexo C).

Não existe uma fórmula de sucesso na realização da entrevista, constatam Lüdke e André²⁸⁹; no entanto, alguns cuidados propiciam a criação de uma atmosfera favorável,

²⁸⁷ KRUSE, A. *Kompetenz im Alter in ihren Bezügen zur objektiv gegebenen und subjektiv erlebten Lebenssituation*. Habilitationsschrift. Fakultät für Sozial- und Verhaltenswissenschaften, Universität Heidelberg, 1990; HEUFT, G.; KRUSE, A.; RADEBOLD, H. Op. cit., p. 69.

²⁸⁸ FREUND, A.; BALTES, P. B. Selection, Optimization, and Compensation as Strategies of Life Management. Op. cit., p. 533.

²⁸⁹ LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

como evitar julgamentos, deixar as pessoas falarem sem muitas interrupções, demonstrar interesse e sensibilidade, prestando atenção ao entrevistado.

Numa investigação qualitativa, segundo Beck et al.²⁹⁰, observamos três características importantes: a intuição, a intersubjetividade e a imaginação. Somente a pessoa que vive tal situação pode dar testemunho dela com autenticidade. Concordamos plenamente com os autores, pois ninguém melhor do que os idosos destas localidades para relatar sua vivência e experiência e sua expectativa em relação aos anos que ainda viverão.

Vale ressaltar que antes de começar a coleta de dados empíricos com os idosos realizamos um estudo-piloto com dois idosos, pertencentes a grupos de idosos onde atuamos. Esta etapa foi necessária para o aperfeiçoamento do instrumento de coleta de dados. A utilização do gravador nas entrevistas foi descartada, pois os idosos não se sentiam confortáveis com a gravação, necessitando ouvir posteriormente o que falaram, pois achavam necessário corrigir os possíveis erros.

A coleta de dados por entrevista foi realizada pela pesquisadora e duas psicólogas voluntárias, as quais foram devidamente treinadas pela pesquisadora para a utilização do instrumento. Na realização das entrevistas, utilizamos diferentes formas de acesso aos idosos. No Morro da Cruz, fomos auxiliadas pela equipe da Unidade, que nos informou a respeito dos idosos que entrariam em cogitação por estarem presentes em suas moradias, nos acompanhando até o domicílio deles. Lá chegando, fomos apresentadas e expusemos o objetivo da visita. Antes de iniciar a entrevista, líamos e explicávamos o Consentimento Livre e Esclarecido, que era assinado, caso o entrevistado fosse alfabetizado. Uma cópia ficava com o próprio entrevistado.

Noutro momento, realizamos as entrevistas com idosos que participavam da Reunião do Grupo de Hipertensos no Salão da Igreja Batista, local cedido para estas reuniões. Lá nos reunimos num grupo de cerca de 12 pessoas, com a assistente social. Apresentei a pesquisa e seus objetivos a essas pessoas, perguntando quem gostaria de participar dela voluntariamente. O grupo reagiu de forma bastante positiva. Fizemos entrevistas neste local, como também nos domicílios visitados posteriormente. Assim, tomamos conhecimento da situação de moradia, de urbanização e de grupo de relação dos idosos.

²⁹⁰ BECK, C. L. C. et al. Detalhamento da metodologia. In: LEOPARDI, M. T. *Metodologia da pesquisa na saúde*. Santa Maria: Palloti, 2001. p. 187-209.

Na Ilha da Pintada, as entrevistas aconteceram em vários momentos: em Encontros de Idosos que tratavam de temas ligados à Prevenção em Saúde e na sala de espera de atendimento da própria Unidade. Os idosos desta Unidade realizaram vários encontros, três deles dirigidos pela própria pesquisadora. Ao final dos encontros, foram realizadas as entrevistas da pesquisa com os idosos que aceitaram voluntariamente o convite.

Neste local, a coleta de dados por entrevistas aconteceu sempre no mesmo formato, com pouca variação na seqüência das questões. Inicialmente, a entrevistadora se apresentava, explicava em que consistia o trabalho que estava desenvolvendo e seus objetivos e a maneira como ia acontecer a participação dos idosos. A seguir, falava sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o lia. Nele, constavam as questões éticas que envolviam a pesquisa, em havendo concordância por parte do participante. (Ninguém se recusou). Manifestavam opiniões como: “Isso não é necessário”; “Não precisa deixar esse papel”; “A gente vê que a senhora é honesta”. A impressão que fica é que as pessoas estão acostumadas a ser invadidas em sua privacidade. Pedia-se que o(a) participante o assinasse, ou, em caso de idoso analfabeto, escrevia-se o seu nome e se o mostrava a ele, entregando-lhe uma cópia.

Posteriormente, seguia-se com a aplicação dos instrumentos, na seguinte ordem: Entrevista Estruturada e Entrevista Semi-Estruturada. A aplicação dos instrumentos se deu de forma verbal, sempre com a leitura da pergunta pela entrevistadora, que se preocupava em deixar o entrevistado o mais livre possível para responder e tirar dúvidas. É importante assinalar que as colocações espontâneas, fora do contexto, não foram reprimidas, pois poderiam enriquecer as opiniões manifestadas pelas pessoas entrevistadas. As opiniões eram transcritas no mesmo momento, de forma resumida, sendo que logo após o encontro passava-se a fazer as anotações necessárias que ficaram pendentes, tentando reproduzir os depoimentos em sua íntegra. Corrigimos erros grosseiros da língua portuguesa, com o cuidado de não modificarmos as características básicas do conteúdo e dos significados dos relatos, visando possibilitar uma melhor compreensão e maior clareza dos depoimentos. As entrevistas duraram em média 70 minutos, obedecendo ao ritmo de cada interlocutor e à quantidade de informações que os entrevistados tinham para oferecer.

Utilizamos, também, um diário de campo, no qual anotamos as principais impressões obtidas nas entrevistas, tanto da entrevistadora como do(a) entrevistado(a),

gestos, pausas, risos, choro. Também as impressões sobre o local, bem como as nossas reflexões e percepções sobre a realidade das pessoas que ali convivem, bem como os cafezinhos e biscoitos oferecidos, foram registradas nesse diário de campo.

3.5 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise das entrevistas seguiu o modelo qualitativo de tradição compreensiva, que pressupõe que as pessoas agem segundo suas crenças, percepções, sentimentos e valores. Portanto, seus comportamentos têm um sentido e significado que não podem ser apreendidos de imediato, precisando ser desvelados.

A esse respeito, Biklen e Bogdan argumentam que os materiais recolhidos acerca do mundo que se pretende estudar são

os elementos que formam a base da análise dos dados e são simultaneamente as provas e as pistas, pois nos ligam ao mundo empírico. Incluem os elementos necessários para pensar de forma adequada e profunda acerca dos aspectos da vida que pretendemos explorar [...].²⁹¹

Inicialmente, lemos com atenção e por inteiro a transcrição de cada uma das entrevistas, sem qualquer interpretação daquilo que estava exposto ali, buscando a familiarização com a fala das pessoas. Posteriormente, as descrições foram relidas, e, neste momento, procuramos colocar-nos no lugar do sujeito, tentando despojar-nos dos nossos conhecimentos teóricos, “sem teoria sobre a explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos e de preconceitos”, nas palavras de Bicudo.²⁹²

Este primeiro momento de familiarização requer uma atenção rigorosa, leituras e releituras atentas de cada descrição, pois a cada volta que damos, eliminamos um pouco mais a obscuridade e lançamos um pouco mais de luz sobre as questões norteadoras. Neste sentido, a função de pesquisadora não é generalizar as percepções, mas indicar as várias perspectivas de um fenômeno.

Para Minayo, a organização dos dados empíricos engloba o conjunto do material coletado, advindo tanto das entrevistas como das observações ou de outras técnicas

²⁹¹ BIKLEN, Sari; BOGDAN, Roberto. Op. cit., p. 149.

²⁹² BICUDO, M. A. V. *Pesquisa qualitativa em educação*. Piracicaba: Unimep, 1994. p. 15.

empregadas, buscando aqui as regularidades e singularidades, sendo este um primeiro momento de abstração, para então chegar a categorias de identificação e de codificação.²⁹³ Segui, então, cinco estágios na elaboração de um plano de análise e interpretação de dados, conforme Pope, Ziebland, Mays (2000): Familiarização, Identificação da temática estrutural, Indexação, Tabelamento e Mapeamento e interpretação.²⁹⁴

A identificação da temática é a fase de exploração de todo o material, a administração sistemática das decisões tomadas durante a familiarização, como, por exemplo, codificação ou enumeração em função de indicadores e objetivos previamente formulados.

Tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto que podem servir de índices.

Para os passos de indexação, tabelamento e mapeamento, foi utilizado um software que facilita cumprir as etapas propostas, para processar as informações, encontrar conceitos-chave, frequências e fazer conexões com o tema. Há mais ou menos 20 anos recomenda-se o uso de programas de computador para apoiar a pesquisa qualitativa, conforme Pfaffenberger; Fielding e Lee; Huber. O ponto de partida para estes programas se deu, inicialmente, pela grande quantidade de material levantado em pesquisas qualitativas, como protocolos de observação e transcrições de entrevistas. Os programas facilitaram as tarefas de procurar, navegar, recortar e remontar, como também codificar.²⁹⁵ Utilizaram-se inicialmente processadores de textos; mais tarde, desenvolveram-se processadores mais complexos e, no mesmo programa, processadores de análise de dados. Hoje temos materiais interessantes de vários autores, entre eles Weitzman e Miles (1995), Fielding e Schreier (2001) e Kuckartz (1999). É importante salientar que é decisivo que esses

²⁹³ MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento*. Op. cit.

²⁹⁴ POPE; ZIEBLAND; MAYS. *Qualitative Research in Health Care: Analyzing Qualitative Data. Education and Debate*, BMJ Publishing Group, n. 320, p. 116, 2000.

²⁹⁵ PFAFFENBERGER, 1988; FIELDING e LEE, 1991; HUBER 1992 (Hrsg.). *Qualitative Analyse*. Computereinsatz in der Sozialforschung. Disponível em:

<[http://www.qualitative-forschung.de/publishing/modelle/psychologie/breuer.pdf#search=%22PFAFFENBERGER%2C%201988%3B%20FIELDING%20%26%20LEE%2C%201991%3B%20HUBER%20\(Hrsg.\)%201992.%20Qualitative%20Analyse.%20Computereinsatz%20in%20der%20Sozialforschung.%20%22](http://www.qualitative-forschung.de/publishing/modelle/psychologie/breuer.pdf#search=%22PFAFFENBERGER%2C%201988%3B%20FIELDING%20%26%20LEE%2C%201991%3B%20HUBER%20(Hrsg.)%201992.%20Qualitative%20Analyse.%20Computereinsatz%20in%20der%20Sozialforschung.%20%22)>. Acesso em: 28/11/2006.

programas não assumam o trabalho da avaliação e interpretação em si, como nos programas computadorizados para a análise quantitativa, mas exerçam uma função de apoio, facilitando e documentando os passos analíticos do intérprete.²⁹⁶

Para este segundo momento, a análise dos dados coletados nas entrevistas, fomos auxiliadas por uma profissional da área de informática/psicologia. Os dados qualitativos foram analisados com o programa NUD*IST, que apresenta os seguintes conceitos básicos, segundo Niche Teixeira²⁹⁷.

CAQDAS

Computer-aided qualitative data analysis software – Programas de computador orientados para o auxílio na análise de dados qualitativos. Surgiram no início da década de 80 nos Estados Unidos da América. Caqdas Networking Project: <<http://www.socresonline.org.uk/socresonline>>.

Informações e pedidos: <<http://www.sagepub.co.uk>>.

QSR NUD*IST²⁹⁸

Sistema de indexação, busca e teorização de dados não-numéricos e não-estruturados.

É um programa de gerenciamento e inferência de informação baseado no princípio da codificação de texto. Pode ser usado para explorar dados, bem como para operacionalizar e testar hipóteses.

²⁹⁶ WEITZMAN, Miles. *Computer Programs for Qualitative Data Analysis: A Software Sourcebook*. Thousand Oaks: Sage, 1995; FIELDING, N.; SCHREIER, M. On the compatibility between qualitative and quantitative research methods. *Forum Qualitative Sozialforschung* [On-line Journal], v.2, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://qualitative-research/fqs-eng.htm>>. Acesso em: 30/11/2006; KUCKARTZ, Udo. Computergestützte Analyse qualitativer Daten: Eine Einführung in die Methoden und Arbeitstechniken [12 Absätze]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [online journal], v. 5, n. 1, Art. 23, 1999. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-04/1-04review-ducac-d.htm>>. Acesso em: 30/07/2006.

²⁹⁷ TEIXEIRA, Alex Niche. Disponível em: <<http://www.professoralex.pop.com.br>>. Acesso em: 30/7/2006.

²⁹⁸ QSR NUD*IST 4. *User Guide*. Melbourne: Qualitative Solutions and Research, 1997. Disponível em: <<http://caqdas.soc.surrey.ac.uk/>>. Acesso em: 30/10/2006.

Aspectos organizacionais

Envolve o conhecimento do material a ser analisado, leitura minuciosa, organização prévia do material em tópicos, eixos temáticos ou outras formas de categorização.

Codificação

Os códigos são índices de referência adicionados ao texto.

Podem ser inseridos de forma manual ou automática, com vantagens e desvantagens de um e do outro modo, dependendo do caso.

Unidade mínima de codificação e análise: NUD*IST 4 = parágrafo. NVivo = caractere.

Árvore

A codificação atribuída a porções de texto é armazenada em “recipientes” denominados *nodes* (nós). O conjunto dos nós de codificação forma a *index tree root* (árvore principal de índices).

Este é o princípio básico de ação do NUD*IST: a codificação do texto e o armazenamento destas referências em nós específicos.

Ferramentas de Codificação e Análise

Make report (emissão de relatórios): precisa de codificação.

Text search (busca textual nos documentos): pode subsidiar a codificação.

Index search (busca por índices de referência): precisa de codificação.

Text Search (busca automática)

String search – busca toda a unidade de texto com uma determinada seqüência de caracteres, geralmente uma palavra ou frase.

Pattern search – encontra o texto que corresponda a um padrão de caracteres especificado utilizando caracteres especiais.

Index Search

Análise dos nós de codificação, ou seja, busca no conjunto daquilo que foi codificado.

Permite formular e responder perguntas sobre relacionamentos entre categorias e padrões de codificação dos documentos.^{299 300}

O método que se utiliza, na verdade, é um caminho a ser trilhado, e este não é um caminho contínuo e linear, mas um delineamento que acontece durante a própria caminhada; por isso, convive com a insegurança de uma pesquisa aberta para modificações, no próprio processo de sua realização.³⁰¹ Nesta trajetória fenomenológica, o pesquisador percorre três momentos na análise de dados: a descrição, a redução e a compreensão, em que, conforme Martins e Bicudo³⁰², está inserida a interpretação.

As descrições correspondem, neste estudo, às falas das mulheres e dos homens idosos, sujeitos desta pesquisa. São suas experiências reais vividas, as percepções desses momentos, suas expectativas, são também os gestos e as expressões que caracterizam seus sentimentos. Todos esses aspectos nos possibilitaram desocultar, em parte, como essas pessoas se percebem como seres-no-mundo, o “Lebenswelt”³⁰³ delas, para então chegar à compreensão dos significados da caminhada, de eixos temáticos importantes de sua experiência de vida.

Essa redução fenomenológica, que é a procura dos significados, foi realizada colocando-se em suspensão juízos de qualquer ordem (uma atitude bastante improvável), mudando da atitude natural para a fenomenológica, quando então se passa a visualizar o mundo e o sujeito como fenômeno, constituintes de uma totalidade, e se revelam algumas significações importantes para este momento de pesquisa.³⁰⁴

²⁹⁹ TEIXEIRA, Alex; BECKER, Fernando. Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistemas CAQDAS. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 94-113, jan./jun. 2001.

³⁰⁰ BAUER, Martin; GASKELL, George. *Qualitative Researching with Text, Image and Sound*. London: Sage, 2000.

³⁰¹ MORAES, Roque. Op. cit., p. 21.

³⁰² MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989. p. 23-52.

³⁰³ *Lebenswelt* – “o mundo da vida”. Expressão utilizada por RICOEUR, P. *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978. p. 10.

³⁰⁴ MORAES, Roque. Op. cit., p. 21-22.

O pesquisador aceita o resultado da redução como um conjunto de afirmativas significativas e expressivas da vida dos entrevistados, apreende as unidades de significados e passa à criação das categorias de convergência de opiniões. Nesta abordagem, a pesquisadora não tem a pretensão de generalizar as percepções, mas de indicar as várias perspectivas de um fenômeno.

Segundo Biklen e Bogdan³⁰⁵, estamos aqui na fase da análise e codificação dos dados, em que se procuram padrões, aspectos importantes do que vai ser transmitido na pesquisa. Esta análise surge dos dados recolhidos, mas também da perspectiva da pesquisadora, pois depende dos objetivos que ela se propõe.

As categorias estão definidas pelos objetivos da pesquisa: a percepção do idoso a respeito de seu envelhecimento; a seleção, que são as escolhas ou opções de tarefas e de objetivos para esta etapa da vida; a otimização, que é a aquisição, o uso ou a ampliação de recursos ou reservas que o idoso pode aproveitar para melhorar a sua vida; e a compensação, que apresenta a forma como o idoso mantém um nível de funcionamento adequado por meio do aproveitamento de recursos alternativos, quando os meios originais de ação perderam a efetividade.

Passamos à elaboração da “árvore”, do programa NUD*IST; as porções do texto são codificadas por eixos temáticos; a busca se dá por palavras-chave, por caracteres específicos, que passam a ser armazenados em recipientes específicos denominados *nodes* (nós). Ela constitui uma árvore de muitas ramificações e nós (Anexo D).

Realizada a organização do material, foi possível iniciar o tratamento dos resultados, que tem como objetivo fazer “falar”, tornar significativos esses agrupamentos e reagrupamentos temáticos, partindo de um modelo que favorece a inferência e a interpretação.

Então, já no terceiro momento, acontece uma interpretação das convergências e das divergências que passam a caracterizar a estrutura geral do fenômeno neste momento. Enquanto as divergências e idiosincrasias indicam percepções individuais resultantes de vivências e reações diferenciadas, a interpretação em seu plano maior acontece numa explanação das categorias acima apresentadas, buscando evidenciar as contribuições e as perspectivas dos entrevistados partindo dos dados obtidos nas entrevistas.

³⁰⁵ BIKLEN, Sari; BOGDAN, Roberto. Op. cit., p. 229-230.

Por último, nesta etapa busca-se sintetizar o resultado da discussão anterior e estabelecer um diálogo constante de idéias dos entrevistados com a fundamentação bibliográfica apresentada no segundo capítulo, a teoria do *lifespan*, de curso de vida no envelhecimento humano.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ele chegou, abriu um caderno e começou a fazer-me perguntas. A primeira pergunta – que abortou todas as outras – foi a seguinte: “Como é que o senhor planejou a sua vida para que chegasse aonde chegou?”... Queria que eu lhe contasse o segredo. Que lhe revelasse o caminho. Mas minha resposta pôs a perder as suas expectativas. Foi isso que eu lhe disse: “Eu estou onde estou porque todos os meus planos deram errado.” Isso é absolutamente verdadeiro. As pontes que eu construía para chegar aonde eu queria ruíam uma após a outra. Eu era então obrigado a procurar caminhos não pensados. [...] Lutei para ser pianista... Foi preciso que eu fracassasse como pianista para que o escritor que morava dentro de mim aparecesse.³⁰⁶

4.1 CONHECENDO OS IDOSOS PARTICIPANTES

As pessoas que participaram deste estudo têm em comum o fato de estarem na categoria de adultos maiores de 60 anos. No entanto, a maneira como vivenciaram e vivenciam os diversos aspectos presentes nessa etapa de vida diferenciou e diferencia uns dos outros, tornando-os singulares em seus depoimentos (Anexo E). Assim, os resultados deste estudo devem ser compreendidos a partir da sua realidade e das suas experiências.

³⁰⁶ ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver a minha vida novamente*. Op. cit., p. 13-14.

4.1.1 Características sociodemográficas

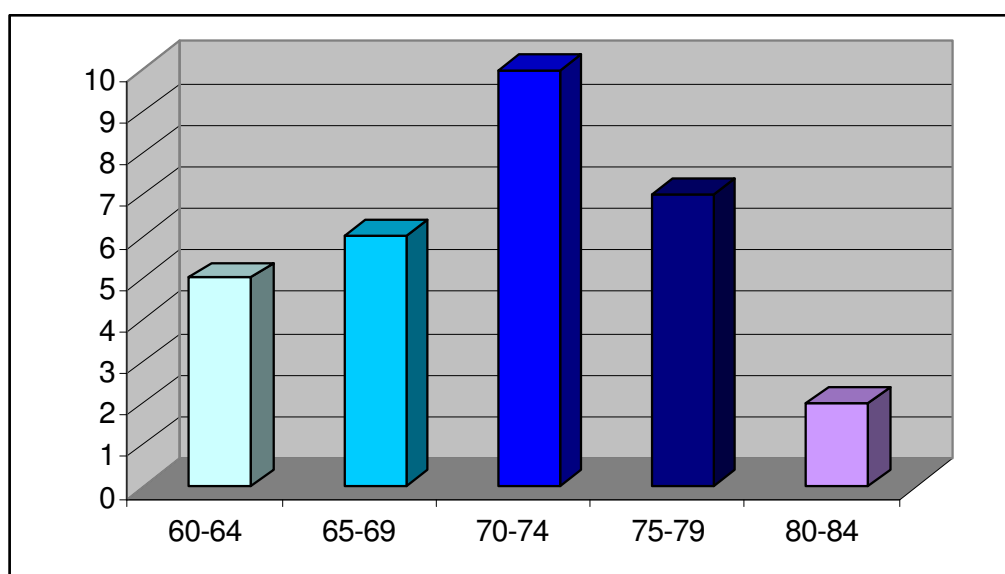


Gráfico 3: Distribuição dos idosos por idade

A idade da população entrevistada variou entre 62 e 82 anos, com média de 70,93 anos e desvio-padrão de 5,75. Observou-se que na população participante o espaço mais densamente povoado é o de pessoas na faixa etária entre 70 e 74 anos, 33%. Logo em seguida vem o grupo da faixa etária entre 75 e 79 anos, 23%. Portanto, os dois grupos preenchem mais da metade dos sujeitos pesquisados.

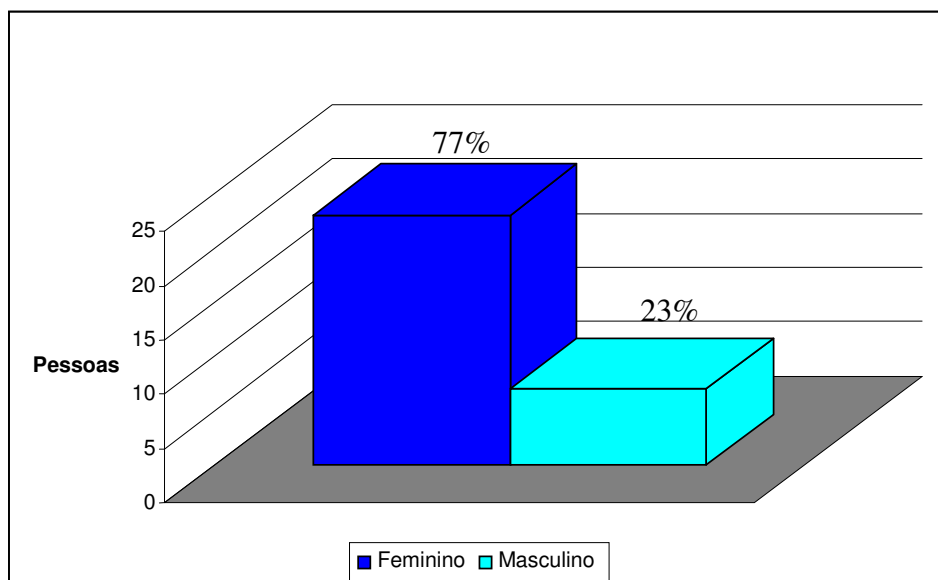


Gráfico 4: Distribuição dos idosos por sexo

Dos 30 entrevistados, 23 pessoas, 77%, eram do sexo feminino e 7 pessoas, 23%, do sexo masculino.

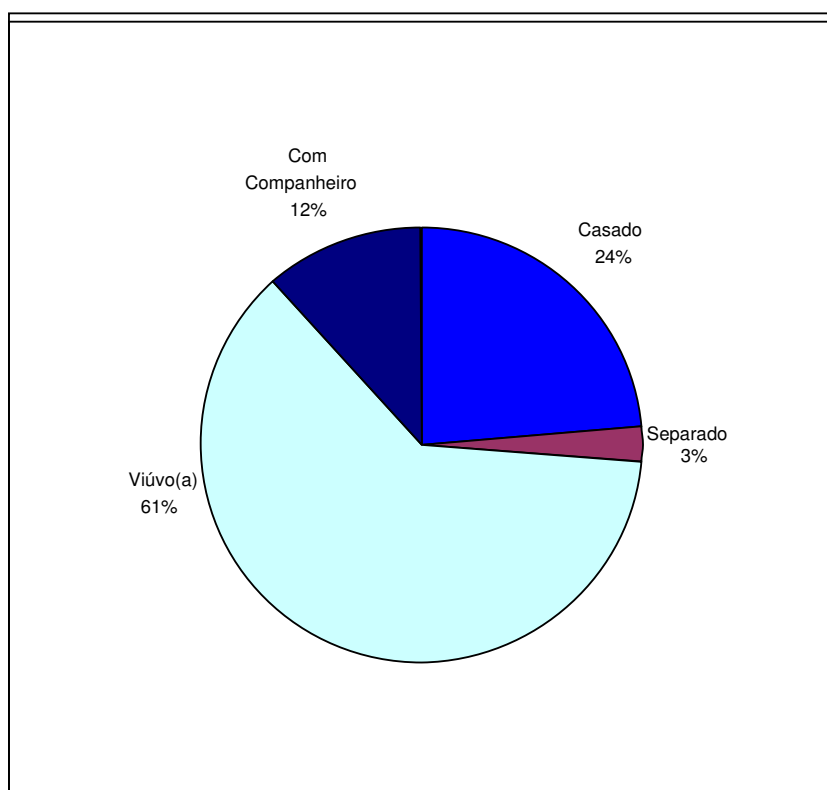


Gráfico 5: Distribuição dos idosos pelo estado civil

Os dados relacionados ao estado civil mostram quatro situações distintas. Observa-se a maior densidade de pessoas na situação de viúvos(os), 20 pessoas, 66%. Vale salientar que, destas pessoas viúvas, 4 vivem com companheiro(a). O grupo de casados(as) é de 9 pessoas, 31%. A situação de separados(as) é menos freqüente neste grupo talvez por terem vivido numa época quando esta prática não era muito usual, nem se tinham garantias financeiras asseguradas em lei. Na situação de separada temos só uma pessoa, 3%.

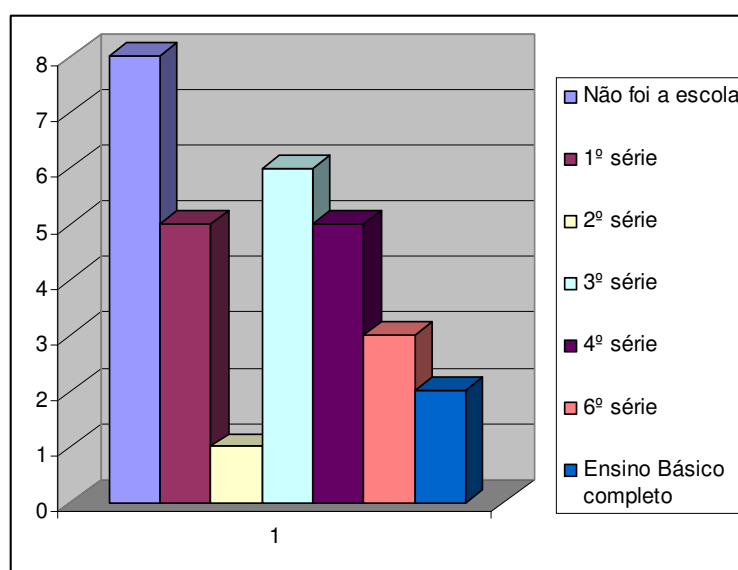


Gráfico 6: Distribuição dos idosos pelo nível de escolaridade

Em relação à escolaridade dos sujeitos pesquisados, encontramos 27% de analfabetos (foram incluídas nesta categoria as pessoas que responderam saber ler e escrever um pouco, mas que nunca freqüentaram escola), 17% que cursaram a primeira série, 1 pessoa que cursou a segunda série, já a terceira e a quarta série são 11 pessoas, 37%; e mais 3 pessoas, 10%, que cursaram até a sexta série. Já no nível pós-elementar (ginasial, colegial e/ou superior) a densidade se torna reduzida: são duas pessoas, 7%.

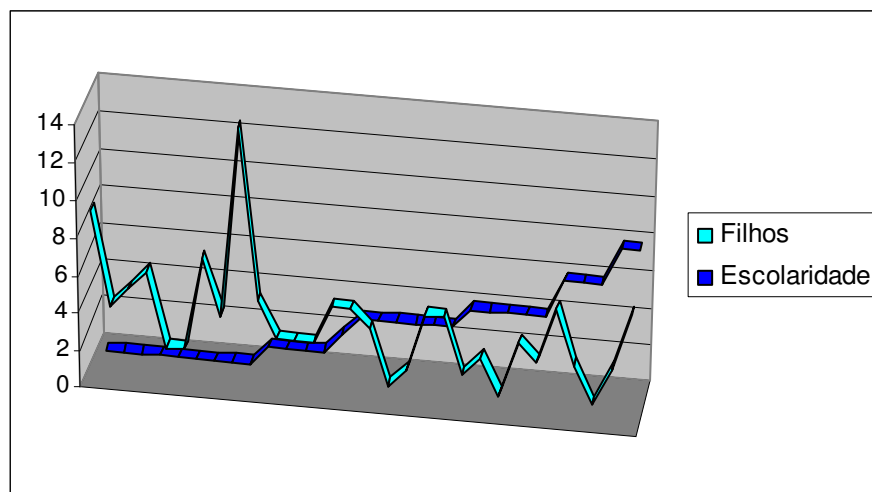


Gráfico 7: Distribuição dos idosos pelo número de filhos x escolaridade

O gráfico acima mostra a distribuição dos dados em relação a filhos e escolaridade. A densidade se torna mais concentrada, até 14 filhos, nos sujeitos com menor grau de escolaridade. Percebe-se uma clara diminuição no número de filhos quando os sujeitos apresentam um maior grau de escolaridade.

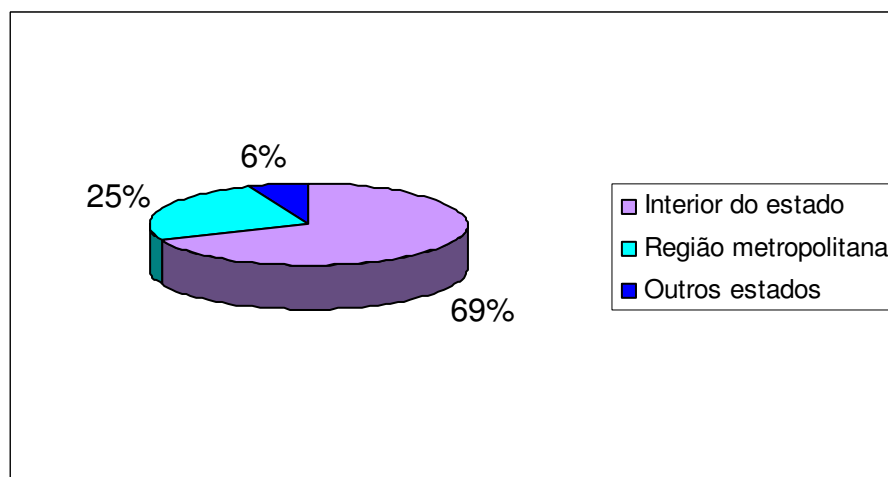


Gráfico 8: Distribuição dos idosos pela naturalidade

A maioria da população entrevistada, 69%, é oriunda de zona rural e se transferiu para a capital. 25% nasceram na região metropolitana e 6% são oriundos de outros estados da federação.

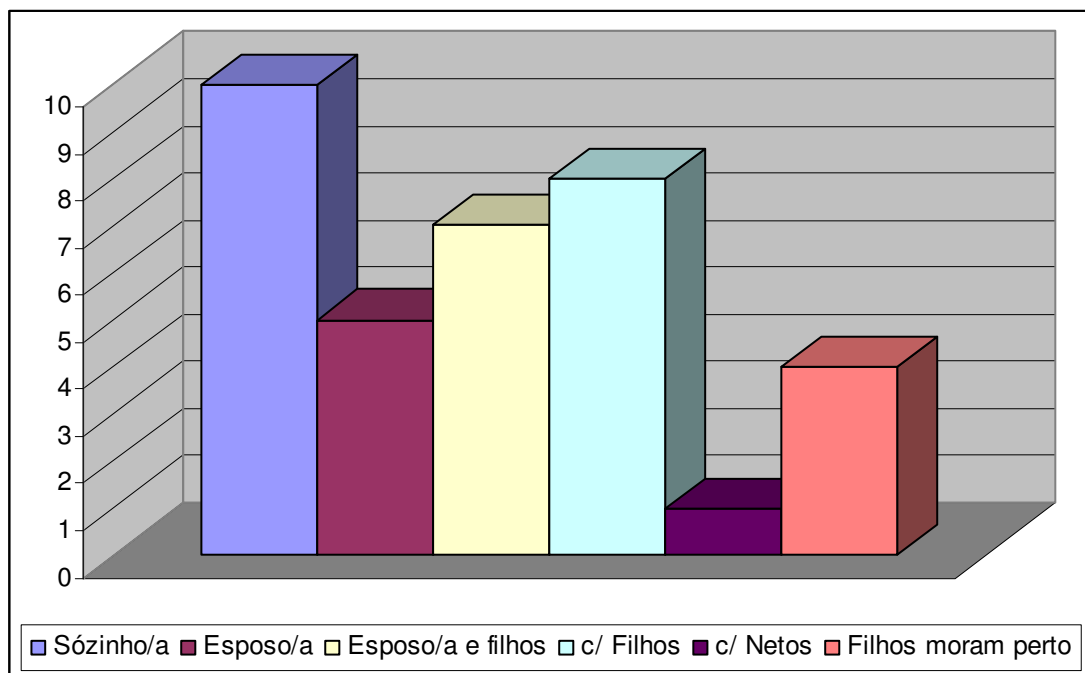


Gráfico 9: Distribuição dos idosos pelo estilo de moradia

O estudo mostrou que a maioria dos idosos, 32%, residiam sozinhos, em domicílios de uma geração. Um grande grupo vivia em domicílios multigeracionais: coabitavam com esposo(a): 15%; e/ou filhos e/ou genros ou noras – domicílio de duas gerações: 22%; ou somente com filhos(as): 18%; ou ainda com netos – domicílio de três gerações: 13%. Aspecto interessante é que 22% têm os filhos residindo na vizinhança.

4.2 AS CATEGORIAS TEMÁTICAS NOS DISCURSOS

Os resultados acham-se apresentados em quatro seções de categorias temáticas, determinadas pelos objetivos da pesquisa de descrever e identificar as maneiras e as capacidades de adaptação, de enfrentamento e de atuação do adulto idoso em seu ambiente, mantendo, no momento da apresentação de resultados, uma interlocução constante com o paradigma teórico de desenvolvimento no curso de vida, *lifespan*, e o modelo SOC de seleção, otimização e compensação.

As quatro categorias temáticas são preenchidas pelos depoimentos que respondem as questões formuladas pelas entrevistas. Os sujeitos entrevistados estão identificados pela letra E – acrescida do número da sua entrevista.

As categorias temáticas seguem praticamente a seguinte seqüência:

4.2.1 A percepção do próprio envelhecimento

Modificações percebidas ao envelhecer – Questões 1-2-3

A percepção de sua saúde – Questão 11

4.2.2 Selecionando

Escolhas de possibilidades e tarefas: passadas e atuais – Questões 4-4ab-8

4.2.3 Otimizando

Aquisição e ampliação de recursos – Questões 5-6-9-9c

4.2.4 Compensando

Manutenção da competência e funcionalidade – Questões 7-7a-10

4.2.1 A percepção do próprio envelhecimento

4.2.1.1 Modificações percebidas ao envelhecer

Neste contexto de modificações no envelhecimento, serão apresentadas, analisadas e discutidas as questões 1-2-3-11. Dos 30 adultos idosos entrevistados, em resposta ao questionamento de como percebem o seu envelhecimento, 33% referem que acreditam estar do mesmo jeito como sempre estiveram, que não mudaram em quase nada, e 67% consideram que se modificaram enquanto envelheceram.

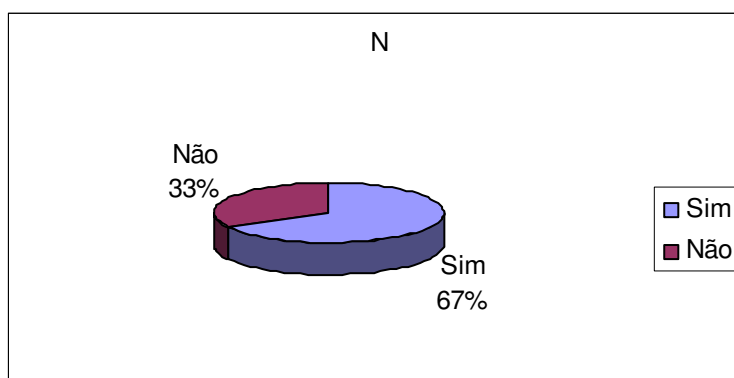


Gráfico 10: Mudanças no envelhecimento

Aqueles 33% que acreditam não ter mudado quando ficaram mais velhos, fundamentam isto em seus depoimentos de várias formas:

Tabela 4: Depoimentos sobre mudanças no envelhecimento

E1	Interno não mudou. Oro a noite toda na igreja. Não deito de dia. Limpo a casa, faço comida, costuro à mão. É tudo igual na vontade, vejo muito bem.
E5	A vontade de viver e fazer. Nem penso que estou com idade, tenho vontade para tudo. Queria fazer tudo como quando era jovem. Não sinto a idade.
E6	Trabalho sempre, tenho uma chácara e faço todo serviço.
E8	Ainda sinto as mesmas coisas por dentro, gosto da horta, da mata, das plantas. Caminho muito por tudo.
E11	Não mudei nada.
E13	Nas idéias é tudo igual, tenho boa cabeça.
E18	Não mudaram as emoções, é igual, acho que agora choro mais fácil.
E20	Faço de tudo como sempre. Nada mudou muito.
E24	Estudar não consegui, não. A vida é a mesma.
E26	É a mesma coisa. Faço tudo igual. Caminho 1h30m todos os dias. Converso com todos. Não mudou. Continuo com a mesma vontade de fazer as coisas.
E27	Continuo corajosa como sempre. Não tenho medo de novos desafios. Com o passar dos anos, mudei de atitudes, sei viver, amar e perdoar, relevar quando alguém ofende, amizades.
E29	Continuo firme no meu trabalho, vou às festas.

A fase adulta tardia, ou a velhice, se assim a quisermos denominar, é considerada, em termos biopsicossociais, uma etapa normal e natural de cada ser humano. Conforme Rita de Cássia S. Oliveira, “[...] o envelhecimento, necessariamente, não implica deterioração física e mental, porque varia quanto ao estilo de vida de cada pessoa e da fantasia que cada um atribui à velhice [...]”.³⁰⁷ Em relação à motivação para a vida, aos sentimentos, à percepção de si, os entrevistados declaram: E1: “Interno não mudou [...] é tudo igual na vontade”, ou E26: “Não mudou. Continuo com a mesma vontade de fazer as coisas”. Com entusiasmo, alguns refletem: E5: “A vontade de viver e fazer. Nem penso que estou com idade, tenho vontade para tudo”. Completa E26: “É a mesma coisa. Faço tudo igual. Continuo com a mesma vontade de fazer as coisas”. Ao se referirem aos desafios da vida, eles depõem assim: E27: “Continuo corajosa, como sempre. Não tenho

³⁰⁷ OLIVEIRA, Rita de Cássia S. *Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 89.

medo de novos desafios”, acrescentando em relação aos sentimentos: “Com o passar dos anos, mudei de atitudes, sei viver, amar e perdoar, relevar quando alguém ofende...”. Continuando na mesma direção, E18 afirma: “Não mudaram as emoções, é igual, acho que agora choro mais fácil.” Segundo Rollo May, tornar-se uma pessoa significa aprofundar essa experiência do próprio eu, de que sou o “eu” ativo, o sujeito de minha vida. A pessoa adulta madura tem consciência daquilo que deseja e de seus sentimentos.³⁰⁸ O entrevistado E19 fala com entusiasmo que, em termos de emoções, nada mudou: “O serviço é a mesma coisa, faço igual. Lá dentro do peito a gente sente igual, alegria, amor, tristeza”.

Relatam-se conexões entre estar bem disposto e motivado e a energia e o vigor físicos, por exemplo: caminhar bastante todos os dias, fazer diariamente a limpeza da casa, fazer a comida diariamente para a família, fazer faxina para outros, continuar no seu trabalho (emprego) de sempre. Estes fatores estão conectados diretamente ao fato de a pessoa não ter mudado com o passar dos anos. E19 comenta: “O serviço é a mesma coisa, faço igual”. Um comentário interessante: “Quando me divirto, não sinto cansaço”, instigando-nos a concluir que a fadiga estaria relacionada ao trabalho não desejado, e não à idade e à atividade em si.

Uma outra relação importante entre “continuar como sempre” e “não ter mudado” está relacionada ao afeto, ao amor e à amizade. Os entrevistados demonstram e declaram que os sentimentos, apesar da passagem dos anos, permanecem imutáveis. A amizade continua tendo grande importância para as pessoas. Acerca disso, diz Maria H. Matarazzo que o mundo está cheio de rivalidades, de obstáculos, de invejas. Por isso, sentimos fome de amizade sempre, dessa amizade “refúgio” em que o outro nos entende, nos apóia, nos impulsiona a favor da vida, revela coisas que jamais seríamos capazes de encontrar sozinhos dentro de nós mesmos.³⁰⁹

O sentimento de pertencer a alguém, de receber e mostrar amor, a troca de afeto é essencial para nos sentirmos felizes. Segundo Powell, quando nos expandimos, saímos pouco a pouco da escuridão em direção à luz, da solidão para o amor, de uma vida limitada para uma vida plena. A interlocução permite esta troca.³¹⁰ Ressaltam os idosos entrevistados: E22: “A amizade do Coral, das pessoas, é igual, é mais unido”, o que é

³⁰⁸ MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 92-95.

³⁰⁹ MATARAZZO, Maria H. *Encontros, desencontros & reencontros*. São Paulo: Gente, 1996. p. 142.

³¹⁰ POWELL, J. *Para viver em plenitude: uma nova vida através de uma nova visão*. Belo Horizonte: Crescer, 1994. p. 142-160.

confirmado por E13: “A convivência com o grupo de amigos, a amizade é muito importante, é do mesmo jeito de sempre”. Também a relação afetiva entre o casal é ressaltada: E21: “Acho que não mudou a amizade do casal”, igualmente com os filhos e os netos. E14 e E15 mencionam “conviver com o marido e com os filhos”, “convivência com a esposa, netos e vizinhos”. Ter amigos, ter pessoas com as quais se podem falar amenidades, bem como confidências sobre sentimentos, preocupações e mesmo sofrimentos, ameniza os impactos do estresse da vida. As pessoas idosas usam a comparação com os seus pares (amigos, vizinhos e familiares) para perceber que seu estado atual é bom; apesar das perdas decorrentes da idade, ele ou ela está melhor que os demais da mesma faixa etária. A comparação é um dos formadores da auto-estima do adulto idoso.³¹¹ Pessoas que têm amigos sofrem menos de solidão e de doenças na velhice.³¹² E20 comenta neste sentido: “Participar e conversar com as pessoas do grupo da grife e da Cláudia, sempre fui conversadeira. Nada mudou muito”. Ou ainda: “A bisneta renovou a minha vida”. As relações com familiares, com amigos, com vizinhos, também nos grupos de convivência, possibilitam uma troca de afeto, de cuidados, proporcionando mais oportunidades para rir, para compartilhar atividades, para estar juntos e não solitários.³¹³

Três pessoas manifestaram a sua alegria por não ter mudado em relação à capacidade mental, dizendo: “Tenho boa cabeça”, bem como: “Tenho uma boa memória, sempre tive”, e ainda: “Estudo da Bíblia, ainda tenho boa cabeça”. Esta é uma das grandes preocupações dos idosos atualmente: não perder a memória, pois essa perda poderia caracterizar uma demência senil. Esse é um sintoma (perda de memória) que segrega as pessoas acometidas por ele, tolhendo a sua autonomia e seu controle pessoal; por isso, é atemorizante para os idosos. Na sociedade contemporânea os valores estéticos e da produtividade, o lucro imediato e a utilidade da pessoa predominam. Não restou sequer um espaço social para o idoso mais lento ou adoecido viver.

Fica demonstrado que a maneira como estas pessoas idosas entrevistadas se percebem é de que não passaram por quase nenhuma mudança, pelo menos nenhuma modificação importante. Isso altera a concepção biológica bastante estanque de que nas

³¹¹ HECKHAUSEN, J.; KRUEGER, J. Op. cit.

³¹² DYKSTRA, E. A. Loneliness among the Never and Formerly Married: The Importance of Supportive Friendship and a Desire for Independence. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, v. 50B, p. 321-329, 1995.

³¹³ BEE, Helen. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.561.

idades mais avançadas haveria apenas declínios e perdas.³¹⁴ Em seus depoimentos, elas manifestam uma comprovação da ontogênese constante, de processos constantes de adaptação que ocorrem nos diferentes domínios e funções, como, por exemplo: percepção, memória, aprendizagem, afeto, etc., bem como em todo o desenvolvimento global, adaptados naturalmente ao seu contexto social e cultural.³¹⁵

Os 67% de sujeitos entrevistados(as) que, na sua compreensão, percebem mudanças na velhice referem situações ou acontecimentos que lembram estas modificações, que tanto podem ter sentido positivo quanto negativo. A subjetividade em relação à percepção de valores é algo surpreendente. De forma subjetiva pode-se reverter uma grande perda em lucro. A realidade subjetiva é totalmente diferente da realidade objetiva.³¹⁶

³¹⁴ BALTES, P.B.; LINDENBERGER, U.; STAUDINGER, U. M. *Lifespan Theory in Developmental Psychology*. Op. cit., 1996.

³¹⁵ BIASOLI-ALVES, Zélia M. Op. cit., p. 4-5.

³¹⁶ BALTES, P. B. *Die Zukunft des Alterns*. Op. cit., p. 4.

Tabela 5: Mudanças percebidas no envelhecimento

E1	Mudou pela aposentadoria, ficou com uma casa. Com a aposentadoria o dinheiro foi muito bom.
E4	Era muito braba. Agora estou mais tranqüila, calma. Antes, quando mais jovem, trabalhava muito, atualmente estou descansada. Os filhos são bons.
E8	A vida melhorou quando fiquei mais velha, menos esforços, mais passeios. Vida boa. Era mais triste.
E11	Saúde, me sinto bem apesar da gordura e das pernas cheias de varizes; era mais doente e cansada.
E14	Convivência com os grupos agora é bem boa, antes não tinha nada disso.
E20	Era acanhada. Agora mudei, participo dos grupos.
E24	Mais fácil, alegre. Melhor trabalho e menos coisas pesadas. Cuidar da mãe e dos netos. Fazer limpeza. Na Assembléia de Deus tem festa, reunião, estudo da Bíblia.
E25	Melhor. Vida muito difícil quando jovem. Não tinha nada dentro de casa. Mudou muito. Era muita pobreza e muito trabalho. A filha ajuda agora. Tive muitos filhos, nem casa tinha. Passava necessidade e fome. Agora tudo mudou.

Um grupo de 37% destes(as) entrevistados(as) acredita que mudaram para melhor quando envelheceram, e fazem afirmações como a seguinte: E20: “Era muito braba. Agora estou mais tranqüila, calma. Antes, quando mais jovem, trabalhava muito, atualmente estou descansada. Os filhos são bons”. Reforçando o sossego e a tranqüilidade adquiridos, relata E8: “A vida melhorou quando fiquei mais velha, menos esforços, mais passeios”. E24 acrescenta ainda outros ingredientes: “Mais fácil, alegre. Melhor trabalho, menos coisas pesadas”. Ou ainda, E25, quando apresenta sua forma de vida atual comparada à de antigamente, quando era mais jovem, afirma: “Melhor. Vida muito difícil quando jovem. Não tinha nada dentro de casa. Mudou muito. Era muita pobreza e muito trabalho. A filha ajuda agora. Tive muitos filhos, nem casa tinha. Passava necessidade e fome. Agora tudo mudou”. Outros comentam ainda sobre “mudança de atitudes”, “saber viver melhor”, “saber perdoar e relevar as coisas”. O termo “plasticidade” revela e aponta para o potencial de mudança e de flexibilidade que o ser humano possui, sua flexibilidade para enfrentar

adversidades, para lidar com o desafio.³¹⁷ O *status* econômico, a condição social, o local de moradia modificaram-se para melhor, mesmo que, para observadores externos, isso aparente ser muito pouco. Mas, olhando para as pessoas e ouvindo-as, percebemos reservas especiais, um caráter forjado a ferro e fogo, uma grande dignidade, digna-idade, e uma tranquilidade e satisfação de vida que aparentemente não têm razão de ser.

Vários pesquisadores, entre eles Wahl, salientam a discrepância entre teoria e prática, entre resultados de laboratório a nível científico em comparação com o cotidiano das pessoas idosas. A pesquisa científica apresenta um envelhecimento com déficits, perdas generalizadas em todas as funções corporais, mas o cotidiano dos idosos demonstra capacidades e adaptabilidades surpreendentes aos desafios ambientais. Os sujeitos desta pesquisa são porta-vozes desta capacidade e plasticidade nesta etapa de vida.

Os entrevistados que percebem mudanças de conotação negativa ressaltam uma maior vulnerabilidade na saúde e na própria disposição para enfrentar as tarefas que antes realizavam sem grande esforço:

³¹⁷ STAUDINGER, U. M.; MARSISKE, M.; BALTES, P. B. Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice. Op. cit., p.196-197.

Tabela 6: Mudanças percebidas de forma negativa no envelhecimento

E2	Antes tinha saúde, cuidava dos filhos, da casa, fazia de tudo. Hoje não consigo mais, tenho muita falta de ar, dor nos joelhos. Trabalhava com limpeza, hoje não tenho mais disposição pela dor e pela falta de ar.
E3	Não tenho saúde, sinto muita dor. Mesmo assim, ainda consigo andar, fazer os serviços, cuidar de dois netos.
E7	Fiquei mais velha, com dor nas pernas.
E13	Não faço nada sozinha, só saio acompanhada, já tive convulsão. A depressão me derrubou, eu gostava de fazer as coisas em casa. Tudo dificultou, ando muito esquecida, perdi a psicóloga, esqueci o dia de ir lá.
E15	Esquecimento. Problemas de visão. Agora estou devagar e às vezes caio, e machuquei as costelas.
E16	Envelheci muito rápido. Só a felicidade de estar vivendo. As pernas atrapalham, problemas nos olhos, convulsão.
E19	Fiquei perdida depois da morte do marido, entreguei os pontos, estou sem ânimo para nada.
E27	Gostaria de ter menos filhos. Eles me deram muito trabalho. Usei de tudo para ter poucos, foi muito difícil (lavagens, aborto, xaropes). Queria uma vida melhor para mim e para eles, coitados.
E28	Depois dos 55 anos, eu tive que cuidar mais da saúde, trabalhar menos, não ficar molhado. Hoje não consigo mais viver da pesca que gostava. No trabalho eu vou devagar, mas me esforço bastante.
E30	Casei com 16 anos, muita esperança numa vida boa. Queria trabalhar muito para melhorar. O marido não ajudou quase nada. Cuidei muito de todos os jeitos para ter uma só filha. Hoje estou mais cansada, tenho menos disposição para trabalhar e até para me divertir.

Um grupo de 30% dos(as) entrevistados(as) lamenta a perda de seu corpo saudável, iniciando por E15, que declara: “As pernas atrapalham, problemas nos olhos, convulsão”. E14 acrescenta: “Esquecimento. Problemas de visão. Agora estou devagar e às vezes caio, e machuquei as costelas”. E12 destaca: “A depressão me derrubou, eu gostava

de fazer as coisas em casa”. Surgem outros comentários como “dor nas pernas”, “falta de ar” e “mais cansada”.

Na velhice [...] diminui a capacidade de resistência e de adaptação do organismo, aumentando então o risco de adoecimento. Acrescente-se a isso – e isto é importante para a compreensão da doença no envelhecimento – que as conseqüências de influências prejudiciais à saúde no transcorrer da vida, como, por exemplo, sobrecargas prolongadas do organismo, fatores de risco, influências ambientais nocivas, doenças anteriores e vivências emocionais difíceis, muitas vezes só aparecem na velhice.³¹⁸

O ambiente de carência em quase todas as áreas importantes para uma sobrevivência digna levou muitas destas pessoas agora idosas a um nível extremo de trabalho, de atividade para assegurar a sobrevivência e de exaustão física e emocional. Envelhecer, na realidade, não é sinônimo de adoecer, dentro de uma visão gerontológica atual. O transcurso da vida é determinante para o modo como acontece o envelhecimento. As alterações fisiológicas naturais do envelhecimento, como a perda de elasticidade da pele, o embranquecimento dos cabelos, os problemas de audição, visão, osteoarticulares e cardiovasculares, por não serem sintomas de doença, nós as chamamos de senescência. Devem ser diferenciadas daquelas que decorrem de mecanismos patológicos, caracterizando as enfermidades da senilidade. Estas alterações acontecem de maneira diferente para cada pessoa, e, na verdade, devem ser benignas se não vêm acompanhadas de outras enfermidades.³¹⁹

Considerando a questão de gênero e da responsabilidade pelo cuidado da família e pelo controle de natalidade na vida de casal, na esperança de ter uma vida um pouco melhor, as mulheres afirmam, muitas vezes de forma amargurada e entristecida: “Gostaria de ter menos filhos. Eles me deram muito trabalho. Usei de tudo para ter poucos, foi muito difícil (fez lavagens, abortos, xaropes) [...]”. “Querida uma vida melhor para mim e para eles, coitados”. Outra senhora relata: “Casei com 16 anos, muita esperança numa vida boa. Querida trabalhar muito para melhorar. O marido não ajudou quase nada. Cuidei muito de

³¹⁸ HEUFT, G.; KRUSE, A.; RADEBOLD, H. Op. cit., p. 62. “Im Alter gehen, [...] Widerstands- und Anpassungsfähigkeit des Organismus zurück, so dass das Erkrankungsrisiko zunimmt. Es kommt hinzu – und dieser Aspekt ist für das Verständnis von Krankheiten im Alter bedeutsam – dass sich die Folgen gesundheitsschädigender Einflüsse im Lebenslauf, wie zum Beispiel langandauernde Fehlbelastungen des Organismus, Risikofaktoren, schädliche Umwelteinflüsse, frühere Erkrankungen, psychologische Belastungen, oftmals erst im Alter zeigen”.

³¹⁹ PASSARELLI, Maria C. G. O processo de envelhecimento em uma perspectiva geriátrica. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, ano 12, v. 21, n. 4, p. 208-212, jul./ago. 1997.

todos os jeitos (abortos, lavagens, etc.) para ter uma só filha. Hoje estou mais cansada, tenho menos disposição para trabalhar e até para me divertir”.

A condição de mulher e mais a questão de uma vida com necessidades extremas também são abordadas: “Não tinha nada dentro de casa. Muitos filhos e nem casa tinha. Passavam necessidade e fome”. As mulheres tiveram que absorver e carregar toda sorte de encargos na família. Demonstaram, ainda hoje, culpa pela situação que geraram, não tendo condições financeiras nem sociais adequadas. Tiveram muitos(as) filhos(as), e estes(as) passaram dificuldades e necessidades; como consequência, tiveram poucas oportunidades na vida, o que hoje causa profundo dissabor. Segundo Ivone Gebara,

é como se, sem o saber, eu tivesse errado em alguma coisa, não tivesse agido bem, não tivesse cumprido bem o que devia fazer; é por isso que sofro alguma coisa a mais além do meu sofrimento concreto. Sinto o mal e sinto também uma certa culpabilidade como mal, mesmo não tendo consciência de ter sido responsável pelo mal que me invade.³²⁰

Nas famílias de baixa renda, a maneira como as mães desempenham o seu papel se origina de uma série de fatores socioeconômicos. Estes fatores delimitam a base sociocultural da família, que, por sua vez, gera pressões ambientais responsáveis pelo desenvolvimento adequado ou não dos(as) filhos(as). Segundo muitos estudos atuais, a mulher ainda continua se realizando especialmente no papel de mãe, mas, ao mesmo tempo, demonstra uma grande vulnerabilidade em seu papel.³²¹

Gebara acrescenta em relação às mulheres:

A cultura me educou de modo a tomar consciência de que há coisas que são de minha responsabilidade como mulher. Tudo o que se refere à vida do lar, à alimentação e cuidado dos filhos e dos doentes, à produção da harmonia doméstica, é de minha responsabilidade. A cultura se ocupa em produzir em mim, por meio da culpabilidade, um mecanismo de controle de minha autonomia e de minha criatividade.³²²

De acordo com o estudo de Gomes, a maneira frágil como as mães executam seu papel de tornar seus(suas) filho(a)s seres sociais, tornando-os(as), assim, membros típicos

³²⁰ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 137-138.

³²¹ MARTIN, Viviane Barrére; ANGELO, Margareth. A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 4, out. 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691999000400012&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: 26/10/2006.

³²² GEBARA, Ivone. Op. cit., p. 140.

de uma classe específica, situa-se em uma estrutura social objetiva e ampla, mas sempre e antes de tudo em uma estrutura de classes. Isso torna, da mesma forma, frágil e pouco eficiente o processo de socialização dos seus filhos. A socialização não poderia ser considerada papel exclusivo da mulher nem obrigação somente da família, especialmente no caso de famílias em situação de baixa renda, pois essas já sofrem um quinhão diário de pobreza e de opressão, não podendo arcar com toda a responsabilidade pela construção do futuro de seus filhos.³²³

4.2.1.2 A percepção de sua saúde

Quando se aborda o tema da saúde e o que ele representa e o que cada um entende por saúde ou quando acha que está com saúde, estamos diante de um tema de difícil definição. Apresentamos aqui os gráficos de intervalos de frequências e idades, bem como as manifestações dos próprios adultos idosos em sua avaliação subjetiva de seu estado atual.

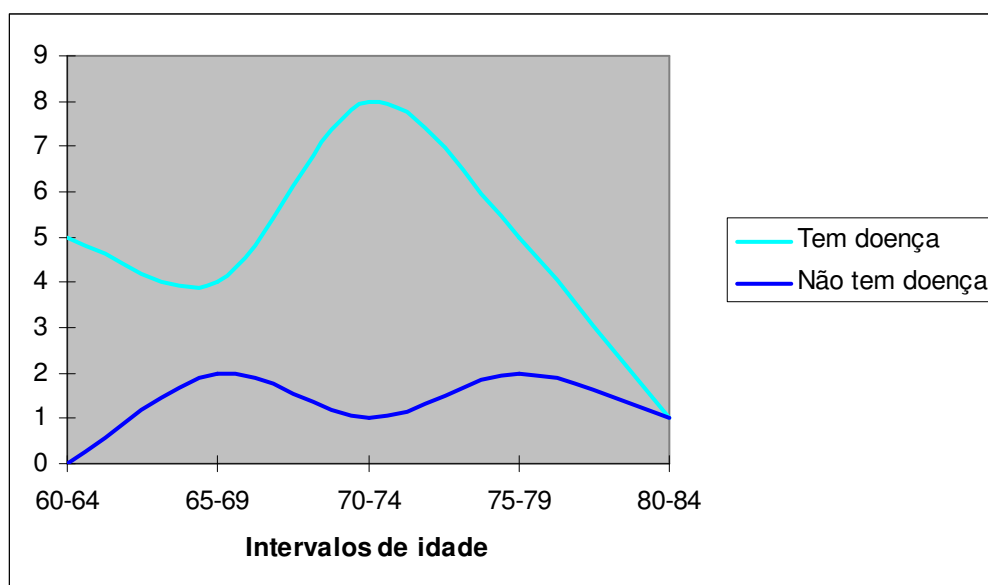


Gráfico 11: Percepção dos idosos de sua saúde x idade

Quando os próprios idosos definem sua saúde, isso, na realidade, pode se distanciar de modo positivo ou negativo dos diagnósticos médicos. A avaliação do idoso

³²³ GOMES, J. V. Socialização primária: tarefa familiar? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994.

sobre a sua própria saúde pode ser pior ou melhor do que a avaliação objetiva do seu estado de saúde. A faixa etária que mais se percebe com problemas se situa entre os 70 e 74 anos, diminuindo consideravelmente nos anos posteriores.

Os conceitos “saudável” e “saúde”, “doença” e “doente” são bastante relativos. Muitos estudiosos se dedicaram a pesquisar, com o auxílio de entrevistas, o que pessoas comuns mais velhas entendem sobre isso; entre eles estão Calnan³²⁴ e, da mesma forma, Borawski, Kinney e Kahana³²⁵. Nestes estudos aparecem afirmações em relação à saúde, como, por exemplo, ausência de doença, saúde como força, resistência à doença, equilíbrio, ser capaz de realizar as atividades cotidianas, ser capaz de lidar com situações de crise e estresse, ter atitudes saudáveis, manter relações sociais. Em outro estudo sobre definições de saúde de uma pesquisa de autoria de Blaxter³²⁶, evidencia-se a variedade de opiniões das pessoas idosas entrevistadas: não estar doente, não ter doença, ter energia, vitalidade, ser ativo fisicamente, ter atitudes saudáveis, funcionalidade, bem-estar psicossocial. Além disso, o termo “saúde” foi definido também como “entender-se bem com os outros”. A avaliação subjetiva da saúde é um componente importante da qualidade de vida e do bem-estar de modo geral.

A pesquisa aqui apresentada se aproxima destas conclusões. A percepção das pessoas entrevistadas em relação a problemas de saúde no envelhecimento aparece em expressões coloquiais sobre mudanças na aparência, perda de vitalidade, sobre o esquecimento de nomes, bem como em relação a sintomas observados no corpo, biológicos. Ao lado da preocupação com a doença do corpo, também existe a possibilidade de perda de memória, de doenças demenciais, por exemplo. A mídia, atualmente, fala muito sobre isso, e eles sentem medo desta possibilidade. Tudo que se esquece se supervaloriza então. Para pessoas mais velhas, não é mais tão normal ser saudável e ter vitalidade – a nossa cultura preconiza isto. O grupo de idosos entre 60 e 64 anos, no início da terceira idade, já se percebe surpreendentemente com tantos problemas de saúde quanto o grupo na faixa etária entre 75 e 79 anos.

³²⁴ CALNAN, M. *Health and Illness*. London: Tavistock, 1987.

³²⁵ BORAWSKI, E. A.; KINNEY, J. M.; KAHANA, E. The Meaning of Older Adults' Health Appraisals: Congruence with Health Status and Determinant of Mortality. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, v. 51B, p. 157-170, 1996.

³²⁶ BLAXTER, M. *Health and Lifestyles*. London: Routledge, 1990.

A rigor, segundo Ballone, é vergonhoso, para a pessoa idosa, “confessar sentir-se bem com sua própria idade cronológica e, ao contrário, soa bem dizer se sentir com 20 anos, mesmo tendo 80”. Pessoas que chegam aos 60-65 anos de idade apresentam muitas vezes grande dificuldade de adaptação a esta época de vida, tornando difícil a sua vida pelas novas situações tanto biológicas como psicossociais a serem elaboradas. Na “[...] adaptação sadia à idade madura, na aceitação sem frustração das naturais limitações determinadas pela idade e no descobrimento de tantas outras e novas aptidões”³²⁷ está a arte de envelhecer.

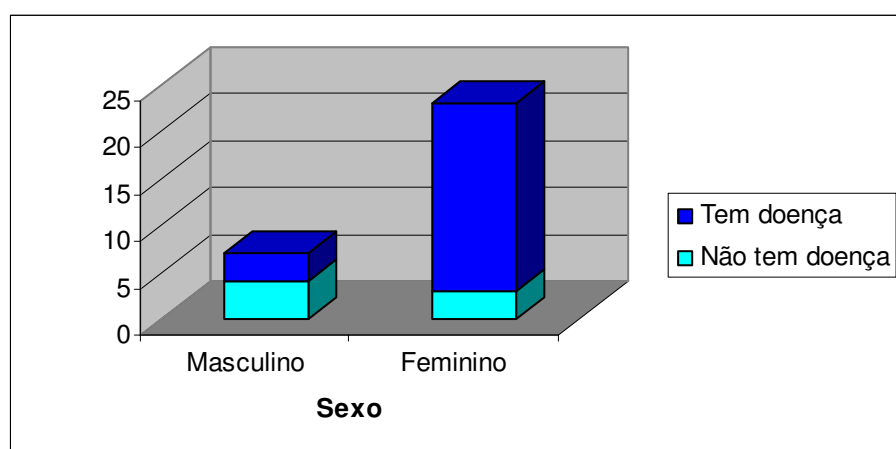


Gráfico 12: Percepção dos idosos de sua saúde x sexo

No levantamento da relação entre sexo e problemas de saúde, o grupo de mulheres povoa densamente o espaço de problemas de saúde quando comparado ao grupo masculino. Os homens demonstram um certo equilíbrio entre o número dos que se percebem saudáveis e dos que acham que estão doentes.

Na seqüência, apresentamos as expressões dos entrevistados sobre a temática da percepção da saúde, integrada ao contexto da percepção do seu envelhecimento. Por um lado, vêem-se o aspecto biológico natural claro do envelhecimento, a aparência, o cansaço em expressões como as de E29: “Estou careca”; E11 “[...] me sinto bem apesar da gordura e das pernas cheias de varizes” e E2: “hoje não tenho mais disposição”. E, por outro lado, na segunda metade da vida a saúde se torna especialmente relevante para todas as pessoas, com raras exceções. O próprio indivíduo manifesta e interpreta a si mesmo e a sua situação sem muita dificuldade, dando a impressão de que desaparece a certeza, de épocas em que

³²⁷ BALLONE, G. J. Alterações emocionais no envelhecimento. *PsigWeb*. Revisto em 2004. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br>>. Acesso em 30/7/2006.

se era mais jovem, de um funcionamento perfeito do corpo como fato normal. E19 diz: “[...] coisas da idade, gastrite e artrite”, e E24: “Coração fraco da idade”. Assim também se manifesta E27: “Hipertensa, diabetes, hérnia precisaria operar. Hepatite... Não é grave”, dando a nítida impressão de que tudo isto é normal na idade em que se encontra, 65 anos. E20 ressalta: “Coluna, pressão alta, é da idade.”. Na velhice, o corpo apresenta menor capacidade funcional e menor capacidade adaptativa, isto por estar mais fragilizado e mais vulnerável biologicamente. Esta “idéia de que somos basicamente criaturas fisiológicas [...] nos condena: tornando-nos vítimas da idade. Acreditamos que a nossa existência inteira é subjugada à fisiologia e, mais drasticamente na velhice, governada por ela”.³²⁸

O fator contextual sociodemográfico traz possivelmente marcadores próprios e diferenças em relação a outros contextos da sociedade, principalmente em relação ao atendimento público na área da saúde para a classe menos privilegiada. Uma delas diz respeito à área cirúrgica, por exemplo: vários entrevistados falam, no seu depoimento, da necessidade de cirurgia, que não conseguem realizar por vários motivos. E30 comenta: “Hérnia, precisa operar”; ou ainda E28: “Só a hérnia. Precisa cirurgia”, e mais E27: “[...] hérnia, precisaria de operar”.

Há diferenças em relação a certos preconceitos e tabus sobre o envelhecimento em si. Para as pessoas mais velhas, não é mais tão natural ser saudável e vital. Elas falam repetidamente sobre o desejo de manter uma saúde boa, para poderem continuar muito tempo autônomas e independentes nas suas atividades diárias. Também manifestam preocupação com a saúde mental, expressa em perda de memória. Tudo que se esquece parece ter relação com o envelhecimento. E13: “Tudo dificultou, muito esquecida, perdi a psicóloga, esqueci o dia de ir lá”, ou E24, que acha especial o fato de que, mesmo nesta idade, “ainda ter boa cabeça”.

O autor Leonhard Hayflick salienta que o envelhecimento humano tem como conseqüência maior sensibilidade e receptividade para desvios e perturbações, tanto de ordem aguda como crônica. Mas prevalecem ainda grandes dúvidas em relação a essas mudanças.

Não existe um padrão geral de envelhecimento que possa ser aplicado a todos os órgãos. O envelhecimento resulta da interação de fatores genéticos, ambientais e estilo de vida. As mudanças decorrentes do envelhecimento são altamente individualizadas. As deficiências que são freqüentemente associadas à

³²⁸ HILLMAN, James. Op. cit., p. 14.

velhice podem ser causadas pelos efeitos de doenças, muito mais do que pelos processos de envelhecimento.³²⁹

Na Organização Mundial da Saúde (OMS), organismo sanitário internacional integrante da Organização das Nações Unidas, fundado em 1948, a saúde é definida como “estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de enfermidade ou invalidez”. A definição consta no preâmbulo da Constituição da Assembléia Mundial da Saúde, adotada pela Conferência Sanitária Internacional realizada em Nova Iorque (19-22 de junho de 1946) e assinada em 22 de julho de 1946 pelos representantes de 61 Estados; ela entrou em vigor a partir de abril de 1948, não tendo sido emendada desde então.³³⁰ Essa definição holística de saúde é muito utilizada teoricamente, mas geralmente no mundo ocidental e no Brasil predomina a perspectiva biomédica, que tem como constructos principais um funcionamento normal de órgãos e sistemas. Essa visão mecanicista é negativa para um posicionamento em relação à saúde nas etapas mais avançadas da vida, estando, porém, profundamente arraigada em nossa cultura.

Essa perspectiva que tem como constructos principais um funcionamento normal de órgãos e sistemas associa as mudanças biológicas durante o processo de envelhecimento muito mais a desvios da normalidade; isso significa que, em muitos casos, se pode falar de pessoas não-saudáveis, ou pouco saudáveis. Essa concepção não é aceitável, pois então envelhecer seria um processo patológico que surgiria na vida de cada pessoa. De acordo com P. Baltes³³¹ e Rosenmayr³³², esta visão biológica naturalmente está implícita; o corpo na velhice apresenta “menos capacidade funcional e menor capacidade adaptativa”, mas o diferencial está na perspectiva como se olha para o processo, pois “necessariamente isto ainda não significa que o comportamento do ser humano, o pensar, o sentir e o agir estejam num processo somente degenerativo e de perdas funcionais”.

³²⁹ HAYFLICK, Leonhard. *Como e por que envelhecemos*. Op. cit., p. 140.

³³⁰ CONSTITUIÇÃO DA ASSEMBLÉIA MUNDIAL DA SAÚDE, adotada pela Conferência Sanitária Internacional realizada em Nova Iorque. Disponível em: <<http://www.who.int/home-page/index.es.shtml>>. Acesso em: 30/8/2006.

³³¹ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. *Erfolgreiches Altern*. Op. cit., p. 5-10.

³³² ROSENMAYR, L. Op. cit.

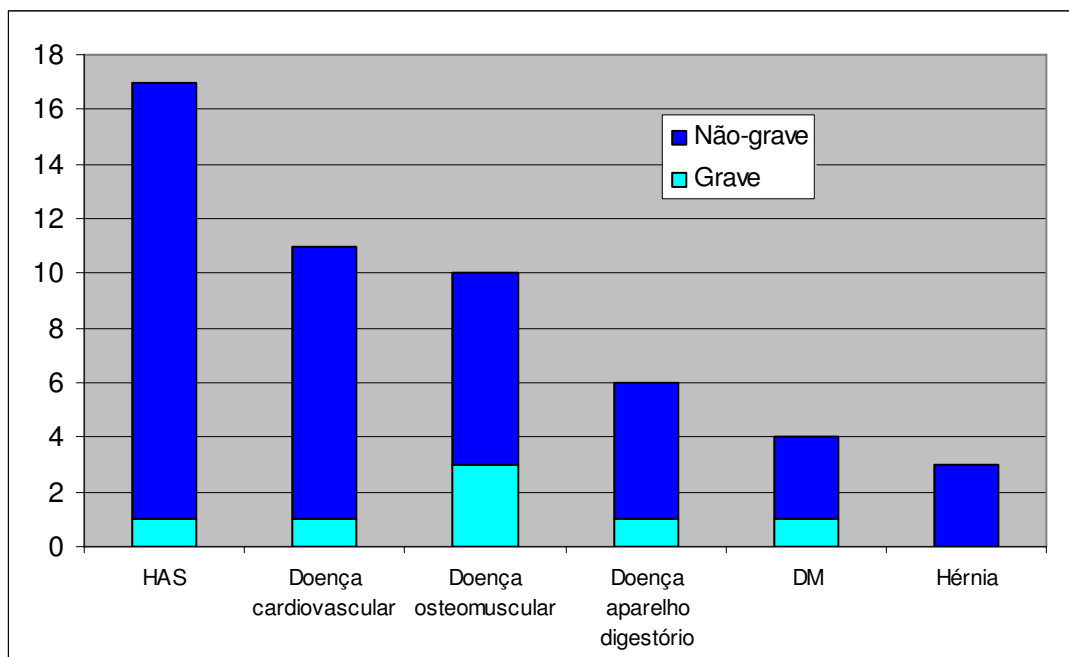


Gráfico 13: Proporção de doenças referidas pelos idosos

A proporção de doenças referidas pelos idosos entrevistados é demonstrada na Tabela 16. A HAS (hipertensão arterial sistêmica) revelou-se como a mais prevalente: 53%. Logo a seguir apresentam-se as doenças cardiovasculares com 33%. Entretanto, as doenças osteomusculares, que atingem 24% dos entrevistados, principalmente as dores na coluna e nas pernas, são referidas como as que mais interferem na vida dos idosos. No seguimento temos as doenças do aparelho digestório com 17%, Diabetes Melitus com 10% e hérnias com mais 10%.

Na avaliação e associação entre problema de saúde e gravidade da situação encontramos congruências e divergências na percepção de cada um dos entrevistados. Predomina, porém, a visão biomédica de saúde como um funcionamento normal de órgãos e sistemas. Depõe E4, afirmando que tem problema: “Sim. Problema na vesícula. Não posso mais comer de tudo. É grave”. Continua E3: “Sim [tem problema de saúde]. Coluna, Nervos. É grave”. Também E25 considera que “sim [tem problema de saúde]. Constipada. É muito grave”. A percepção é subjetiva e corresponde ao modo de a pessoa sentir seu estado. Podem-se também minimizar os incômodos considerando-os normais da idade, como o faz E19 quando refere: “Não [tem problemas de saúde], são coisas da idade. Tenho gastrite e artrite. Não é grave”. Ainda salienta E24: “Não [tem problema de saúde]. Coração fraco da idade. Não é grave”. Alguns idosos têm uma disfunção leve e a sentem como grave e difícil; já outros têm maiores dificuldades, mas acreditam que isso é um

quadro normal da sua idade. Veja o depoimento de E1: “Sim. Coração, reumatismo, osteoporose, 8 operações: câncer de mama, mioma, coluna. Não é grave”. Surpreende muito o modo como cada um encara a sua problemática, mostrando uma total plasticidade. Alguns, olhando objetivamente, não apresentam mais o esplendor de sua forma física, mas demonstram estar bem consigo e satisfeitos. Outros, em pequeno número, aparentam não ter problemas graves, mas percebem esta situação como desgastante e muito difícil. É surpreendente como pessoas mais velhas se instalam satisfatoriamente em espaço mais limitados e em condições físicas mais precárias, e na média elas denotam estar contentes com a sua vida, mesmo dentro de uma situação bastante precária em termos socioeconômicos, demonstrando uma maestria fabulosa na arte de viver.

4.2.2 Selecionando

4.2.2.1 Escolhas de possibilidades e tarefas: passadas e atuais

Os(as) idosos(as) entrevistados fizeram, durante as suas vidas, várias opções, procurando, quando mais jovens, assim como o fazem agora, caminhos para percorrer, alguns dentro de grandes limitações pela sua condição socioeconômica precária, outros sem grandes oportunidades de um leque maior de escolhas por necessitarem se estabelecer de qualquer forma para sobreviver.

Estaremos expondo, num primeiro momento, como foi o desenvolvimento dos sujeitos desta pesquisa neste aspecto, com base em suas respostas às questões 4-4ab-5-8. Em alguns momentos, são acrescentadas respostas que provêm de outras questões da entrevista, pois os sujeitos falaram livremente e os temas são interligados.

Em relação às escolhas feitas durante a sua vida anterior, às tarefas assumidas em relação às escolhas que não conseguiram realizar até agora, os entrevistados expõem:

Tabela 7: Escolha de possibilidades e tarefas assumidas durante a vida

Escolhas/tarefas assumidas	Frequência	%	Não realizou
Ter uma casa boa/maior/reformar	22	73	3
Casar	8	27	
Ter filhos(as)	17	56	
Vida melhor	18	60	4
Aprender, estudar	18	60	13
Viajar, conhecer outros lugares	5	17	3
Bom emprego	11	37	10
Trabalhar na roça	5	17	
Faxineira	6	20	
O que aparecesse	8	27	
Professora, enfermeira, psicóloga	5	17	5
Dar estudo aos filhos	15	50	8

A *seleção*, dentro do paradigma do *lifespan*, do curso de vida, descreve a escolha entre uma variedade de possibilidades, a especificação e centralização de objetivos, de tarefas e de áreas específicas de atuação durante todo o curso de vida. A *seleção* serve para canalizar os potenciais existentes e, com isso, dar uma direção ao desenvolvimento. Dentro deste contexto acontece mais uma diferenciação: a seleção eletiva, que é uma escolha condicionada por objetivos, formando uma hierarquia de preferências individuais. E uma outra seleção baseada em perdas, na qual, pelo contrário, privilegiam-se os momentos de resgate de prejuízos.³³³ Esta talvez seja a opção mais utilizada por este grupo, que precisou resgatar uma vida mais digna, melhores condições de educação, salário e moradia. As escolhas atuais são determinadas pelos mesmos objetivos das antigas, mas encontramos um novo ingrediente, que são mais opções e algumas preferências.

³³³ JOPP, D. Op. cit., p. 56.

Tabela 8: Escolha de possibilidades e tarefas atuais

Escolhas	Frequência	Porcentagem
Cuidar de familiares	18	60%
Cuidar/incentivar netos	5	13%
Cuidar de vizinhos	13	43%
Preparar alimentação	18	60%
Serviços de casa	18	60%
Faxina	6	20%
Horta	5	13%
Clube de Reciclagem	3	10%
Reformar casa	8	27%
Lavadeira	1	3,3%
Porteiro	2	6,6%
Músico	1	3,3%
Biscates	3	10%
Pregação na igreja	1	3,3%
Estudar/aprender	5	13%
Participar de grupos	10	33%
Viajar	13	43%
Artesanato	5	13%

A teoria do *lifespan*, no curso de vida, tem como idéia central o entendimento de que o desenvolvimento do ser humano não se completa até a idade adulta, como nas teorias tradicionais, mas se estende e se mantém constante durante todo o tempo em que se vive. Ele teve início na concepção e se mantém num processo contínuo de ganhos e perdas. O desenvolvimento é, portanto, determinado por elementos que atuam em concomitância, sendo tanto psicológicos quanto socioculturais. O envelhecimento é, então, determinado pela interação dos elementos do ambiente natural e daqueles do mundo construído pelo próprio homem, sendo a cultura o conjunto de significados compartilhado pelo grupo social.^{334 335}

³³⁴ THOMAE, H. The Concept of Development and Lifespan Developmental Psychology. Op. cit.

³³⁵ BALTES, Paul B.; BALTES, Margaret M. Op. cit.

Considerando a experiência de vida dos entrevistados, em seus relatos eles comentam como prioritário, em todo o seu tempo de vida, o desejo, a vontade, o empenho em ter uma casa própria, a sua moradia. Vinte e dois sujeitos, 73% da amostra, comentam que isso era muito importante: ter uma boa casa, ter uma casa maior, melhor, e usam muitos outros adjetivos que mostram o enorme valor deste objeto. Demos a palavra a eles mesmos: E1 relata: “Queria ter uma casa boa, pois morava num casebre, às vezes na rua, agora tenho minha casinha, tem piso bonito, tem banheiro, tudo de bom, né. Queria ter uma cama limpa, olha que linda ela é, tem até colcha! Queria ter fogão, bom forro de cama e máquina de lavar. Consegui a casa só com 65 anos e ainda estou arrumando, ainda quero ajeitar muita coisa aqui. Aquela janela [janela de vidro colorido] botei ano passado. Comprei material devagarinho, sem o marido, comia mal, todo dia a mesma coisa para construir a casa”. Assim continua E3, que almeja ainda “ter uma casa maior; essa só tem uma peça”; declara E25: “Queria uma vida definida, um lugar só meu. Casa boa. Cama para dormir, muito tempo não tinha uma cama minha”.

Já pensando em melhorar, continua E12: “Sempre quis reformar a minha casa, pois é muito velha”. Afirmando com convicção outros(as) entrevistados(as): “[...] ter uma casa minha”; “Sempre quis ter a minha casa. Eu consegui ter a minha casa nova”; “[...] ter a casa própria”. Acrescentam também aquilo que faz da casa um lugar de proteção, de conforto: “Casa boa. Cama para dormir. Durante muito tempo não tinha uma cama minha”. Outros contribuem com “bom banheiro, chuveiro, fogão a gás”. Revendo o grande esforço efetuado, E22 declara: “Construímos a casa com a aposentadoria, há 10 anos atrás, foi muito difícil”. Completa E21: “Tive que trabalhar a vida toda e construir a casa com a aposentadoria. Fizemos a nossa casa, eu e a minha velha, a coitadinha. Ela ficou mal, coitadinha, mas conseguimos fazer a nossa casinha. Até o aterro de 18 caminhões nós que descarregamos, faz uns 10 anos isso. Tudo lá dentro a gente fez e faz sozinho”. E25 fala de uma empreitada longa: “Dei toda a minha vida para conseguir minha casinha, meu canto, minha cama”. E30: “Era muito pobre. Vivia num ranchinho emprestado. Hoje tenho minha casa própria pequena. Melhorou muito depois da morte do marido”.

Considerando a casa como a maior escolha, o objetivo mais importante para os sujeitos quando mais jovens, os mesmos continuam optando por essa escolha quando mais velhos, pois 8 deles, 27%, continuam comentando as suas expectativas em reformar a casa. Afirma E1: “Continuar na arrumação da minha casinha”; ou E2: “Queria aumentar a casa ainda e melhorar o banheiro”; com toda a esperança, E3 comenta: “conseguir aumentar a

casa. Hoje moro com a filha e o neto em uma peça”. Outros querem melhorar o que já conseguiram; diz E10: “Cuidar da casa, reformar, construir fogão a lenha”; assim também E17: “Reforma na casa, faço de tudo para isso, pintura, massa de construção”.

São ressaltadas também as tarefas efetuadas dentro e em torno de suas moradias como atividade importante, atividade vital, bem como agregadora de familiares hoje. Assim fala E21: “Cuidar da casa, da moradia, da cerca, das flores, eu gosto muito de flores”; também E22: “Cuidar da casa, plantar flores, cravos e rosas, tempero verde”. Tem um sentido especial o preparo da alimentação em casa, geralmente para filhos e netos, no dizer de E9: “de preparar comida boa para todos”; E4: “levo eles para a aula, cozinho para todos”; E14: “Cozinho, faço doces para todos sempre”. Para alguns, esse é um encargo monetariamente difícil dentro de sua situação de aposentado(a), e comentam sobre isso: E28: “A gente trabalha muito e sempre fica tudo mais caro. Os filhos comem comigo, e é tudo caro demais”. Conformada mas preocupada, declara E9: “Meus filhos deram muito trabalho, ainda dão, são doentes mentais. Um é aposentado, outro não. O marido bebe muito, pouco ajuda. Tento sempre manter a casa como dá”.

O professor Marcos Ferreira Guedes da Costa³³⁶ expõe e justifica a necessidade da moradia para uma vida com dignidade, pois a própria natureza explica a essencialidade de um lar para o ser humano: “Nenhum ser vive sem um lugar. Temos os exemplos clássicos do João-de-Barro e do castor, excelentes construtores dos lugares onde vivem”. A importância da moradia também se justifica pelo seu significado para a evolução humana. “Estabelecido em um lugar, o homem pôde se preocupar menos com a natureza e dedicar-se a outras atividades, desenvolvimento da agricultura, por exemplo”. É com um lar que a pessoa “tem acesso a saneamento, higiene pessoal, endereço...”, aponta ele. “A pessoa que tem sua casa tem sua individualidade preservada, tem mais condições de exercer um papel digno na sociedade”. Além desses aspectos, a casa passa a ser um local para a formação de vínculos afetivos, de aprendizagem de valores e de realização de cidadania. O direito humano à moradia é um dos direitos sociais assegurados constitucionalmente, no artigo 6º. Todos têm o direito a um lugar adequado para viver. Isto significa que todas as pessoas têm o direito humano a uma moradia segura e confortável, localizada em um ambiente saudável que promova a qualidade de vida dos moradores e da

³³⁶ COSTA, Marcos F. G. da. Moradia: um direito fundamental. In: SOARES, Olavo. *A importância de um lar para a concretização dos direitos*. Agência USP de Notícias São Paulo, Divisão de Informação, Documentação e Serviços Online, n. 1094/02, 19 de novembro de 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/bols/2002/rede1094.htm>>. Acesso em: 30/11/2006.

comunidade. Entretanto, é necessário lembrar que 7 milhões de famílias não têm acesso a uma moradia digna, segundo dados do IBGE/Instituto Polis.³³⁷

A área de cuidados dentro da seleção de propósitos de vida é uma área especial, com alta densidade de propósitos (Tabela 9). As pessoas envelhecem e continuam *preocupando-se* com os familiares, especialmente com filhos e netos, mas também com amigos e vizinhos; alguns recebem monetariamente para isto, outros o fazem por amor e solidariedade, outros ainda por obrigação. Casar era um objetivo anterior de vida, uma escolha importante para 27% dos entrevistados, e ter filhos era uma escolha de grande importância para 57% dos entrevistados. Agora, em idade mais avançada, as escolhas recaem na área de cuidados destes(as) filhos(as) desejados, escolhidos como propósitos de vida. 60% deles falam em cuidar de familiares, 17% especialmente dos netos, a eles se acrescem agora mais 43% que comentam que pretendem cuidar de amigos e vizinhos.

É justamente esse contexto histórico-cultural que oferece ao ser humano a oportunidade de uma interação contínua, onde a socialização é fundamental. Esse processo contínuo de trocas, de cuidados gera uma agenda de desenvolvimento cuja influência sobrepõe-se em muitos momentos à ontogênese.³³⁸ Os entrevistados, apesar de toda a restrição a que estão sujeitos, têm uma forma especial de gerenciar, de otimizar as suas escolhas e preferências e manter uma vida ativa competente e de relativa qualidade.

Conforme Leonardo Boff, a palavra “cuidado” tem a mesma raiz da palavra “cura”. Em sua forma mais antiga, no latim, cura escrevia-se *coera* e era usada num contexto de relações tanto de amor como de amizade. Outros pesquisadores consideram-na derivada de *cogitare-cogitatus*, do latim, cujo sentido é o mesmo de cura: pensar, cogitar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de preocupação e desvelo. O autor destaca que “o cuidado significa uma constituição ontológica sempre subjacente”, sendo “a constituição ontológico-existencial mais original do ser humano”.³³⁹

Podem-se diferenciar duas formas de “ser-no-mundo”: o trabalho e o cuidado. O trabalho, dentro do contexto ocidental contemporâneo, passou a ser um modo de

³³⁷ Observações preliminares do relator especial das Nações Unidas para a moradia adequada, Sr. Miloon Khotari, sobre sua missão ao Brasil, 30 de maio a 11 de junho de 2004. Coletiva de imprensa, 11 de junho de 2004. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/institucional.asp>>. Acesso em: 30/10/2006.

³³⁸ NERI, Anita Liberalesso. L. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 28.

³³⁹ BOFF, Leonardo. *Ética e eco-espiritualidade*. Campinas: Verus, 2003. p. 31, citando Martin Heidegger: “do ponto de vista existencial, o cuidado é o *a priori*, é antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que o cuidado se acha em toda atitude e situação de fato”.

dominação e até de escravidão, onde mesmo a tecnologia em muitos momentos deixa de ser um recurso de auxílio ao ser humano e passa a ser um objetivo em si mesmo. Conforme Boff, o cuidado como parte deste “ser-no-mundo” não chega a se contrapor ao trabalho, mas lhe dá outros ingredientes, pois a relação se torna muito mais sujeito-sujeito do que sujeito-objeto. Este cuidado integra desvelo, solicitude, zelo, atenção, bom tratamento a alguém que passa a ter, então, uma importância especial.³⁴⁰

O modelo de desenvolvimento humano de seleção, otimização e compensação – SOC – se baseia em duas suposições básicas. Em primeiro lugar, na suposição de que o desenvolvimento ao longo de toda a vida contenha um processo de formação de recursos de uma crescente plasticidade e adaptabilidade. Em segundo lugar, que o desenvolvimento opere inerentemente dentro do quadro de recursos (internos e externos) existentes.³⁴¹

Ter uma vida melhor foi um dos maiores desejos e uma das grandes lutas dos entrevistados; 60% deles manifestaram isso, queriam sair dessa situação de pobreza, de falta de recursos, de “não ter estudo”, como eles dizem. Neste sentido, uma das escolhas para suas vidas se situava na aprendizagem, em freqüentar a escola. 60% dos entrevistados queriam ter estudado, mas 43% não conseguiram (Gráfico 6). Comenta E7 acerca do tema: “Querida aprender algo, nunca pude, tinha que trabalhar...”; acrescenta E2: “[...] mulher não precisava estudar, ia casar...”. As mulheres foram mais penalizadas; declara E2: “Querida estudar, o maior prazer era ter estudado mais. Era o que eu sempre queria para mim. Meu pai bebia muito e brigava, dizia que mulher não precisava estudar, pois depois ia casar mesmo. Era gastar tempo à toa”.

Na Tabela 8, temos 17% dos sujeitos que continuam escolhendo a educação, a alfabetização ou o aprender algo novo como objetivo atual. Afirma E21: “Estudar não consegui até agora, até penso em estudar mais, mas tenho um pouco de vergonha pela idade”. Em dúvida, acrescenta E11: “[...] voltar para a escola nunca mais consegui. Agora já é meio tarde, né?”. E20: “[...] às vezes a idéia não ajuda. Fiquei três meses aprendendo a ler, já assino o meu nome. Acho que eu devia aprender mais”. A luta pela sobrevivência impediu a muitos de continuar os estudos. Neste sentido, comenta E26: “Estudar para ser professora, isso eu queria, mas não deu. Tive que ir trabalhar para sustentar minha família”. Ainda E27: “Ser professora, meus pais eram analfabetos, não tive chance, nem de

³⁴⁰ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 91-95.

³⁴¹ WAHL, Hans-Werner. *A competência no cotidiano*. Op. cit., p.105.

ser enfermeira. Tive que trabalhar cedo para sobreviver”. A dúvida e o receio falam nas palavras de E25: “Não sei se consigo, já estou meio velha. Nunca aprendi nada na aula. Nunca aprendi nada na escola, não tinha escola perto de casa”. A dificuldade do acesso ao ensino é expressa por E28: “Eu gostaria de ter a leitura. Eu li um livro de ciência, achei tão lindo, queria ter mais desses livros. Sobre os bichos, sobre a terra, o mato, eu li duas vezes. Tinha aula para os adultos aqui, agora não tem mais. Gostaria de ir”. Acrescenta E30: “Quero aprender computador”.

Atualmente a educação é vista sob a perspectiva de um processo permanente, e, segundo A. Both, isto significa “a oportunidade de aprendizagens contínuas com a finalidade de construir um ser humano interessante, atualizando seus potenciais internos de querer, pensar e amar, e seus vínculos para atender a sua necessidade de interação, participação e reconhecimento público”.³⁴² Completa Gadotti³⁴³, afirmando que esta educação não se dá necessariamente em bancos escolares, mas é uma formação individual de caráter constante que ocorre em todos os contextos em que a pessoa idosa esteja inserida. No decorrer das entrevistas aparece ainda a “vergonha” nomeada por um idoso e sentida por outros pela falta da alfabetização; seria possivelmente a vergonha pela falta de conhecimentos para “a emancipação [...] dos laços perversos que aprisionam o desenvolvimento integral do ser humano”³⁴⁴ e que afastam e limitam o pleno desempenho de sua cidadania.

A Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) mantém, em Belo Horizonte, um Curso de Alfabetização Solidária/Brasil Alfabetizado³⁴⁵, que abrange pessoas adultas e idosas. Os alunos que participaram do Alfabetização Solidária asseguram que a qualidade de suas vidas melhorou depois de freqüentarem as aulas. Eles relatam que se tornaram mais independentes e autoconfiantes. Apontam razões cotidianas, como ir sozinhos ao centro da cidade, identificar ônibus, preencher cheques ou ler a carta de um parente.

Conectando falta de estudo, alfabetização com emprego, fica estabelecida a ausência de opção por um trabalho melhor, ao sair da roça, do trabalho braçal. Está demonstrado, no Gráfico 8, que 69% dos entrevistados provêm de cidades do interior, de

³⁴² BOTH, Agostinho. *Educação gerontológica: posições e proposições*. Erechim: São Cristóvão, 2001. p. 129.

³⁴³ GADOTTI, Moacir. *Educação contra a educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 28-30.

³⁴⁴ BOTH, Agostinho. *Educação gerontológica*. Op. cit., p. 28.

³⁴⁵ UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Curso de Alfabetização Solidária/Brasil Alfabetizado. Disponível em: <<http://www.uemg.br/cadastro2/PHP/downloads/06.doc>>. Acesso em: 2/12/06.

uma vida no campo e na roça. As escolhas se tornaram reduzidas ao virem para a cidade. Estaríamos falando aqui de “uma outra seleção baseada em perdas, na qual, pelo contrário, se privilegiam os momentos de resgate de prejuízos”.³⁴⁶ Os sujeitos foram condicionados pela sua situação a fazer escolhas possíveis ou viáveis. 43% dos sujeitos entrevistados manifestaram o desejo de escolher melhores empregos, e 33% manifestaram que não o conseguiram, ficando então com serviços menos qualificados; 27% declararam que acabaram ficando com o que aparecesse; 20% trabalharam na faxina e 17% continuaram na lavoura de alguma forma, em pequenos quintais ou trabalhando para terceiros. Temos uma pequena parcela que fez suas escolhas e as concretizou: 10% tiveram empregos melhores e 13% entendem que tiveram uma vida bem melhor.

Hoje, a escolha recai em trabalhar na horta, no jardim, na chacinha para 13%. Atualmente 20% dos sujeitos continuam trabalhando na faxina, 3,3% como lavadeira, 10% em qualquer serviço ou biscate e 7% como porteiro. A aposentadoria, para a maior parte dos idosos, trouxe um benefício em termos de qualidade de vida. Eles são quase unânimes em afirmar que a vida melhorou quando envelheceram. Isso transparece em afirmações como as seguintes: E8: “A vida melhorou quando ficou mais velha, menos esforços, mais passeios”. E25: “Passavam necessidade e fome. Agora tudo é melhor”. E29: “Fins de semana, reformamos e construímos com o dinheiro da aposentadoria. Filho mora em cima”. E24: “Mais fácil, alegre. Melhor trabalho, menos coisas pesadas, e tem a aposentadoria”.

O Censo 2000 verificou que 62,4% dos idosos eram responsáveis pelos domicílios brasileiros, observando-se um aumento em relação a 1991, quando os idosos responsáveis representavam 60,4%. É importante destacar que, no conjunto dos domicílios brasileiros (44.795.101), 8.964.850 tinham idosos como responsáveis e representavam 20% do contingente total. Destaca-se, ainda, que a idade média do responsável idoso, em 2000, estava em torno de 69,4 anos (70,2 anos quando o responsável era do sexo feminino e 68,9 para o idoso responsável do sexo masculino). De 1991 para 2000, o rendimento médio do idoso responsável pelo domicílio passou de R\$ 403,00 para R\$ 657,00, sendo que, no corte

³⁴⁶ JOPP, D. Op. cit., p. 56.

por gênero, os homens ganham, em média, mais do que as mulheres: R\$ 752,00 contra R\$ 500,00.³⁴⁷

Olhando adiante, vemos uma clara escolha, um desejo de dar aos filhos aquilo que se almejou e não se conseguiu. 50% manifestam a vontade de que os filhos estudem e 27% conseguiram que os filhos estudassem. Alguns ajudam atualmente a cuidar de casa e dos(as) netos(as) para filhos(as) ou netos(as) estudarem e, possivelmente, terem essa vida melhor tão almejada.

No processo de seleção, quando se fazem escolhas e opções, também se delimitam os recursos. Escolhas são sempre preferências, reduzindo, assim, o número de alternativas remanescentes, quando se leva em consideração a finitude de recursos humanos. “Se um enfoque nesse sentido se refere, por exemplo, a áreas específicas da vida, a normas e tarefas de desenvolvimento específicas, isso conduz à redução do número das alternativas remanescentes”. Sendo assim, a seleção é parte de todo processo de desenvolvimento e estabelece o caminho, a direção do desenvolvimento de modo determinante.^{348 349}

Dentro deste contexto histórico-social de vila de periferia, de baixo rendimento, de famílias migrantes, de pouco estudo, temos manifestações em relação a não ter possibilidades de sonhar, de escolher. As mulheres manifestam o seguinte, neste sentido: E19: “Não deu para sonhar alto, era logo casar e ter filhos”; participando do mesmo sentimento, diz E18: “Casei cedo, não dava para ter idéias assim para a gente mesmo”. E13 continua: “Casei cedo, nem pensava em outras coisas...”; já E3 procura esquecer: “Não lembro [o que queria da vida], mulher era para casar e ter filhos”. Um tanto amarga, fala E23: “Não lembro muito do passado...”.

Como se viu acima, é importante ressaltar que nós, mulheres, sempre nos enxergamos através do olhar masculino: foram os homens que durante milênios determinaram nossa forma de ser e agir, fazendo-nos acreditar que sempre havia sido assim, e, na sua fala, transmitiram-nos mentiras e preconceitos que se perpetuam ainda hoje. Na sociedade patriarcal, o homem fazia e ainda faz o que bem entende com os seus

³⁴⁷ IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios*. Comunicação Social, 25 de julho de 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>. Acesso em: 25/11/2006.

³⁴⁸ BALTES, Paul B. Theoretical Propositions in Lifespan Developmental Psychology. Op. cit. “Bezieht sich eine solche Fokussierung z. B. auf spezifische Lebensbereiche, Normen und Entwicklungsaufgaben, führt dies zur Reduktion der Anzahl der verbleibenden Alternativen”.

³⁴⁹ MARSISKE, M.; LANG, F. R.; BALTES, P. B.; BALTES, M. M. Op. cit.

familiares e agregados. Quando casavam, as mulheres saíam do jugo de seus pais para entrarem no jugo de seus maridos, que faziam o que bem entendiam com suas esposas.

O processo de submissão e exploração sofrido pelas mulheres desde a colônia até a cidade, em todas as fases de sua vida, incluía todas as partes do corpo: os braços para trabalhar, a cabeça para administrar todos os serviços da casa, incluindo os filhos, a propriedade, e os ventres para parir. O patriarcalismo foi sempre um dos alicerces das sociedades camponesas.³⁵⁰ A mulher boa era a mulher que paria muitos filhos. Ela devia também manter a moral religiosa; saber bordar, costurar, cozinhar, plantar, construir. Para os pais autoritários, esses eram os valores estimados em uma mulher. Ela não devia, porém, saber ler, pensar; falar em liberdade era perda de tempo. Alguns especialistas, como Claude Meillassoux³⁵¹, explicam que a defesa, o controle e a submissão das mulheres pelos patriarcas associados de uma comunidade ocorriam pela capacidade feminina singular da reprodução, principal *arma* na reprodução do grupo social.³⁵²

4.2.3 Otimizando

4.2.3.1 Aquisição e ampliação de recursos

O modelo de seleção e otimização com compensação – SOC – descreve um processo geral de adaptação, uma teoria de gerenciamento efetivo ao longo de toda a vida, em que se integram três elementos e processos que se influenciam reciprocamente. Nesse modelo, o envelhecimento é definido como a maximização e consecução de resultados positivos (desejados) e a minimização e o impedimento de resultados negativos (indesejados).³⁵³

O modelo SOC supõe que o desenvolvimento contenha um processo de formação de recursos de uma plasticidade e adaptabilidade sempre crescentes. Estes tanto podem

³⁵⁰ PAULILO, Maria Ignez. *Movimento de mulheres agricultoras e o machismo trabalhista*. Florianópolis: UFSC, 2003. p. 5.

³⁵¹ MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Afrontamento, 1976. p. 82.

³⁵² GOLDANI, A. M. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*, n. 1, p. 67-110, 1993.

³⁵³ FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Selection, Optimization, and Compensation as Strategies of Life Management. Op. cit..

delimitar como incentivar o indivíduo. Por um lado, pessoas podem ser engessadas em condicionamentos biológicos e sociais, que representam determinadas estruturas contendo oportunidades para a perseguição de metas. Por outro lado, no entanto, os recursos que estão à disposição de cada pessoa também são sempre limitados a cada momento da vida e do desenvolvimento. Isso vale tanto para recursos externos, como dinheiro, educação formal e subvenção social, quanto para recursos internos, como saúde, energia e determinadas habilidades.³⁵⁴

A *otimização*, dentro deste modelo, abarca todas as transações que envolvem ganhos e melhoramentos em atividades possíveis. Estaria incluído aqui, ao lado da aprendizagem de novas capacidades, o emprego adicional de tempo, de energia e de treinamento, que serviria para melhorar em grau considerável a atividade previamente escolhida por cada pessoa em determinada etapa da vida.³⁵⁵

Os sujeitos desta pesquisa apresentam em seus depoimentos as suas escolhas atuais, as suas atividades em exercício ou mesmo aquelas ainda pretendidas, integradas num processo de formação de recursos contínuo e mutável. Dentro deste contexto de opções e escolhas de atuação, no uso de recursos internos e externos, os idosos, quando questionados (Questão 5) sobre a necessidade de esforçar-se e dar tempo para conseguir o que almejam, respondem: que continuam se esforçando, dizem 27 idosas(os), que representam 90%. Outras(os) 3 idosas(os) (10%) dizem que não se esforçam mais.

Identificando alguns depoimentos em relação a este esforço (Questões 5 e 6), estes desejos a serem concretizados, vemos o seguinte: E1 comenta: “Sempre fui de pegar no pesado, não vou apodrecer sentada”; já E28 acrescenta: “Sim. Eu batalho pelo que eu quero e não aceito fracasso. Nunca. O que é difícil é que o salário é pouco, a gente trabalha muito e sempre fica tudo mais caro. Os filhos comem comigo, e é tudo caro demais”, falando sobre o envolvimento com a família. A energia e o vigor para lutar permanecem fortes, relata E24: “Faço tudo para conseguir”, e E26: “Quando quero algo, sempre consigo”. E29 acrescenta em relação à aprendizagem: “Sempre procuro fazer o que precisa. Não tenho preguiça de aprender e nem de trabalhar. Aprendo coisas novas para o meu serviço”. Temos ainda E30, que acrescenta uma situação nova: “Sim. Sou ambiciosa.

³⁵⁴ Ibid.

³⁵⁵ BALTES, Paul B. Theoretical Propositions in Lifespan Developmental Psychology. Op. cit.

Pelo que passei melhorei muito. Era muito pobre. Vivía num ranchinho emprestado. Hoje tenho casa própria pequena. Melhorei muito depois da morte do meu marido”.

Segundo pesquisas de Labouvie-Vief e Medler, os idosos têm grande capacidade de resiliência e, frente a situações de perda, tendem a organizar seu ambiente de maneira a maximizar afetos positivos e a minimizar os negativos. Nesse processo de regulação na ordem afetiva estariam envolvidas algumas estratégias ligadas à otimização. Uma otimização ligada afetivamente aos relacionamentos tanto familiares quanto com amigos e comunitários; outra ligada ao ambiente e sua complexidade, o modo de vida, as condições, a educação, a atividade desenvolvida ou pretendida.³⁵⁶

Na otimização ligada à área afetiva, de relacionamentos, de cuidado de outros, tanto de familiares quanto de amigos e vizinhos, os entrevistados comentam (Questões 5-6-8) sobre tomar conta de netos para os filhos trabalharem, cozinhar a comida para os filhos continuarem trabalhando e até estudando, incentivar os netos para frequentar a escola e o zelo pelos vizinhos. A otimização afetiva é beneficiada com a qualidade e a reciprocidade dos relacionamentos.

³⁵⁶ LABOUVIE-VIEF, G.; MEDLER, M. Op. cit.

Tabela 9: Depoimentos acerca de cuidados

E 4	Cuidar dos dois netos para os filhos trabalharem. Ajudo as filhas com prazer. Tenho uma neta até na faculdade.
E14	Continuar cuidando da família e ter saúde. Cozinho, faço doces para todos sempre.
E20	Sim. Ajudar o grupo de crianças que precisam.
E26	Aprender coisas novas para me cuidar e cuidar da família. Ajudar meus netos a terem uma vida melhor.
E7	Tem uma irmã que está em uma clínica, ela não levanta da cama, faço bastante esforços (faxinas) para conseguir comprar fraldas para a irmã, pois sei que ela precisa.
E1	... rezar com os necessitados. Visito em casa também.
E15	... cuidar da casa e da esposa.
E17	Cuido do neto, mas não quero compromisso.
E28	Ver minha mulher aposentada e cuidar dela...
E25	... visitar os amigos.

Na área de cuidados da saúde, os idosos buscam ampliar seus recursos se informando e melhorando seus conhecimentos, pelos programas educativos dos postos de atendimento à saúde, também com os netos, bem como a TV e o rádio. E26 relata: “Aprender coisas novas para me cuidar e cuidar da família”; E27: “Como cuidar da pressão”; E10: “Aprendi muito da televisão, das notícias. Também vou no posto de saúde quando dão aquelas aulas para a saúde. Mas acredito muito no destino, o que é para ser será. Aprendi muita coisa que não sabia ainda”; E8: “Coisas para melhorar a saúde nas palestras”; E9: “Cuidar da saúde” e E14: “Cuidar e ter saúde”. Quando falam, muitas vezes apontam em direção ao Posto de Atendimento ou falam o nome do médico.

Nosso corpo existe como parte integrante de nossa vida e da vida do ecossistema em que estamos integrados, em experiência de íntima conexão. O mundo externo, o social, as relações seriam uma estrutura introjetada pelo corpo, que, como estrutura mais compacta, poderia ser projetado no mundo externo, implicando uma troca dinâmica, um

intercâmbio contínuo com partes aceitas e partes rejeitadas.³⁵⁷ O relacionamento com amigos, com vizinhos, nos grupos de convivência possibilita relações com menos tensões e cobranças, por isso menos ambivalentes do que na família. Com amigos pode-se ter uma relação mais recíproca, menos parcial, com menos estresse, proporcionando mais possibilidades para rir, para compartilhar atividades, para estar juntos.³⁵⁸

É exatamente no contato com os grupos que acontece uma grande troca, uma vinculação que amplia e melhora em muito a qualidade de vida. No grupo, as pessoas se superam e fazem coisas que nem pensam em fazer quando estão sozinhas. Por exemplo, passear e viajar (Questão 6). Ou então: E11: “Me divertir, ir aos bailes”; E18: “... ir a bailes, à praia, tenho uns amigos que moram para lá”. Acrescento o depoimento da sra. E2, que, de forma triste, diz: “Ele nunca me levou a baile, não gosta. Então fico em casa!”.

Tabela 10: Depoimentos em relação a passeios e viagens

E7	Fazer passeios; quero ir conhecer muitos lugares ainda.
E8	Passear.
E9	Se der, passear um pouco.
E11	Passear com o grupo da 3ª idade.
E13	Passear; sempre queria e nunca consegui.
E16	Viajar... ir à praia.
E18	Viajar, ir a bailes, à praia, tenho uns amigos que moram para lá.
E19	Realizar visita a parentes em Portugal. Vou fazer tudo para ir lá um dia.
E24	Passeando com o grupo.
E26	Viajar com o grupo de idosos.
E27	Viajar, conhecer gente inteligente para conversar. Ir morar na praia. Gosto de ver o verde do mar, sei que posso ir lá um dia.
E30	Viajar muito e ir até Aparecida.

³⁵⁷ CAPISANO, H. F. Imagem corporal. In: FILHO, J. M. (Col.). *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p.183.

³⁵⁸ BEE, Helen. Op. cit., p. 561.

Otimização descreve processos do progresso do desenvolvimento: ela contém a aquisição, o uso ou a ampliação de recursos ou reservas que o indivíduo pode aproveitar para a consecução de metas de desenvolvimento que deseja alcançar.³⁵⁹

Pode-se asseverar que não existem pessoas em nenhuma faixa de idade que escapem ao processo educativo. “São inúmeras as práticas do mistério de aprender, e elas se encontram difusas na sociedade”. A educação ocupa seu espaço na rua, em casa, na mídia, nas igrejas, nos clubes, nas escolas, envolvendo desde crianças até os adultos idosos. Esse processo ocorre tanto no nível do aprendizado de coisas novas quanto no do ensino e repasse de experiências. “Na realidade, vida e educação se entrelaçam, se fundem e se confundem no caminhar da existência humana”.³⁶⁰

Na área da aprendizagem, na busca por mais ou novos recursos que melhorem a vida, temos muitos depoimentos interessantes e que demonstram a grande plasticidade e variedade que apresentam os mais velhos (Questões 9-9c).

³⁵⁹ JOPP, D. Op. cit., p. 56. “Optimierung beschreibt Prozesse des Entwicklungsfortschritts: Sie beinhaltet den Erwerb, den Einsatz oder die Erweiterung von Mitteln oder Reserven, die das Individuum zum Erreichen angestrebter Entwicklungsziele nutzen kann”.

³⁶⁰ OLIVEIRA, Rita de Cássia. Op. cit., p. 233.

Tabela 11: Depoimentos sobre o valor da aprendizagem

E1	Troquei de atitude. Faço oração, me converti faz 11 anos. Prego na igreja. Falo coisas bonitas. Agora não tenho mais vergonha de falar, digo aquilo que Deus quer que eu diga. Aprendi a fazer várias coisas na casa, até pintar sei. Aprendi a fazer pão caseiro no ano passado. Sempre fui curiosa na vida. Tudo que sei aprendi de ver. Sei ler bem pouquinho.
E5	Ler as mãos, mexer com tecnologia de música e telefone. Ler mais, gosto muito de ler.
E6	Vou à igreja, faço aulas de estudos bíblicos. Ensino aos jovens lá na igreja... aprendo de tudo para a vida. Sim, aprendo de tudo para a vida. Coisas novas, telefone, banco e outras.
E7	Faço bolsas, tapetes no Clube de Reciclagem. Faço os trabalhos para o Clube de Reciclagem, vendemos também. Tenho uma rendinha extra, compro coisas, como as fraldas da irmã.
E8	Muito. Muito importante, gosto de fazer novas coisas. [...] ler e escrever, estudar mais. Coisas para melhorar a saúde nas palestras.
E10	Sim, aprendi muito da televisão, das notícias. Também vou ao posto de saúde quando dão aquelas aulas para a saúde. Mas acredito muito no destino, o que é para ser será. [...] aprendi muita coisa que não sabia ainda... para viver melhor.
E11	Aprendi muita coisa. Artesanato, pintura, costura. É para ajudar mais gente que precisa. Tem muita gente que precisa.
E12	Fuxico, crochê. É muito bom para fazer coisas bonitas. Uso, sim, para mim e para os outros.
E13	Faço doces e vendo às vezes. E faço artesanato para um asilo.
E14	É muito bom aqui, foi boa a orientação de saúde e nutrição. Antes não sabia disso. Uso para me cuidar e da minha família. Já dei muitas idéias boas para eles, e ajuda na economia de farmácia. Na culinária eu treino sempre, tenho tudo na cabeça, nada de escrito (analfabeta).
E16	Aprendi a viver melhor com os amigos. Relações. Sabe, eu era muito egoísta, agora aprendi a viver melhor com os outros... para viver melhor. Brigava muito, isso melhorou. Sei conversar mais calma. Gosto de conversar com os sobrinhos, eles estudaram e sabem novas coisas sobre política, isso me interessa.

Tabela 11: Continuação

E17	Aprendi reforma de casa e uso sempre. Aprendi a fazer salgadinhos, às vezes ainda vendo, assim como sorvete, que vendia na porta de casa.
E18	Manual de bonecas e vendia. Fiz muita boneca e sei fazer bem, agora é que dei um tempo, mas vou voltar a fazer. Ainda faço de presente, às vezes.
E19	Depois da morte do marido, aprendi a fazer as coisas dele, sabe, as do banco e pagar as contas, sim, foi bem difícil. Uso para melhorar a minha vida.
E20	Confecção de roupas, bolsas da grife (do Morro da Cruz). Mas às vezes a idéia não ajuda. Fiquei três meses aprendendo a ler, já assino o nome. Acho que devia aprender mais.
E21	Instalação elétrica e hidráulica, faço para mim e para conhecidos, quando dá. Não sabia fazer isso, mas aprendi bem direitinho. É bom aprender alguma coisa nova.
E22	Faço tricô para a casa. Faço leitura para o marido, jornal e livros; leio bastante, compro um livro por mês, romance de José de Alencar é o que mais gosto.
E23	Sim, aprendi a fazer tricô. Faço para a casa e para os netos. Às vezes penso, mas a cabeça não ajuda.
E24	Sim, aprendi a costurar, bordar, vender por aí. Até dar entrevista para o jornal e a revista.
E26	Gosto de ler novas coisas, ouvir da rádio. Aprender coisas novas para me cuidar e cuidar da família. Para melhorar a vida. Me esforço sempre. Faço cafezinho, fresquinho, para os vizinhos que estão mal de saúde.
E27	Estou aprendendo sempre. Danças novas. Como cuidar da pressão. Cuido das plantas, estou aprendendo. Talvez ainda vá aprender a tocar alguma coisa. Uso para me alegrar. Para ter saúde.
E29	Aprendi a usar todas as coisas novas na portaria. Curso de vigilante. Aprendi a usar o telefone celular. Uso todos os dias no serviço e em casa, até já ensinei para outros. Aprendo a fazer as coisas de construção que gosto.
E28	Eu gostaria de ter a leitura. Eu li um livro de ciência (colégio dos netos), achei tão lindo, queria ter mais desses livros (explicou sobre passagens do livro). Sobre os bichos, sobre a terra, matos, eu li duas vezes. Tinha aula para os adultos aqui, agora não tem mais. Gostaria de ir.
E30	Desde que aprendi a costurar, costuro para mim. Crochê para presente. Antes não dava tempo para isso. Quero aprender computador.

Quando questionados sobre a importância ou o desejo de aprender algo novo agora, percebe-se que uma pequena quantidade, 13% dos idosos, demonstra um certo cansaço, um desânimo ou talvez uma falta de motivação neste momento (Questão 9c). Declara E2: “Agora não, tenho que parar para descansar a cabeça”. Também E5 se expressa de modo semelhante: “Me esforço para aprender, mas já não quero mais aprender muito, sei o que chega”. Já E12 está bem determinado: “Não, não quero mais nada, já chega”. E25 tem dúvidas sobre a sua capacidade, pois nunca teve a possibilidade de aprender algo na escola formal. Tem um sentimento derrotista. “É, pode ser. Não sei se consigo, já estou meio velha. Nunca aprendi nada na aula. Nunca aprendi nada na escola, não tinha escola perto de casa. Faço as coisas de casa. Só”.

4.2.4 Compensando

4.2.4.1 Manutenção da competência e funcionalidade

Os processos de compensação são respostas às perdas na capacidade e incluem processos psicológicos ou esforços comportamentais para melhorar a funcionalidade. A manutenção da competência dependeria, então, da seleção dos domínios em que o indivíduo retém melhor nível de funcionamento, otimizando-os mediante estratégias de treino e compensando, assim, até certo ponto as perdas.³⁶¹

Estaremos aqui apresentando, analisando e dialogando com as respostas às questões 7-7a-10 das entrevistas efetuadas. Entre os sujeitos entrevistados, temos um grupo de 60% deles que entendem que não perderam muitos dos seus recursos e de suas capacidades até este momento, pois conseguem realizar suas tarefas, suas atividades diárias rotineiras e não desistem delas com facilidade.

³⁶¹ RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. Op. cit.

Tabela 12: Comentários sobre a manutenção da capacidade de resistir (Questão 7a)

E1	De jeito nenhum.
E3	Às vezes quero desistir, mas penso que não devo.
E4	Não. Consigo arrumar a casa, cozinhar, cuidar da roupa. Fazer minhas voltas.
E14	Se é para fazer, a gente faz.
E5	Não, de jeito nenhum. Insisto. Consegui juntar muitos bens, não tinha nada. Hoje tenho terrenos e casas.
E15	Não. Eu batalho, toco o barco para a frente.
E20	Não. Vou em frente.
E21	Não. Dou um jeito com a minha velha para tudo.
E22	Quando é difícil, a gente evita. Muda o jeito de fazer. Tudo tem uma forma.
E24	Não. Faço tudo sempre. Vou atrás dos outros quando precisa.
E28	Não, eu luto. Tento acertar, aprender o que precisa.

Entre os idosos entrevistados, temos 14% que têm uma dificuldade maior em realizar suas atividades (Questão 7). Dizem eles: E2: “Sim. Não consigo ver os preços das mercadorias no supermercado [...] Gostaria de ir ao médico para fazer os óculos. Ver melhor. Assim tenho que perguntar aos outros”. Também E10: “Tenho pelo peso, mas a mulher me ajuda” (obesidade mórbida). A mulher ajuda a vestir, a tomar banho, a sair de casa, pois o morro é íngreme e causa dificuldade. Ainda E15: “Sim, caminhar a pé. Tem que parar duas ou três vezes para descansar. Mas nunca deixei de ir aos lugares”, sendo ajudada pelos netos disponíveis ou amigas. E20 acrescenta: “Sim. Tenho dor nas costas, água no pulmão. Tenho que arrumar um jeito. Me cuido, vou ao Posto, faço tudo direitinho”. Usa os recursos de saúde disponíveis para compensar as suas perdas, sentir-se melhor e realizar suas atividades.

Os processos de compensação podem incluir processos psicológicos ou esforços comportamentais para melhorar a funcionalidade geral do indivíduo. Estas pessoas idosas, que representam 14% dos entrevistados, compensam suas dificuldades geralmente com a ajuda de parentes, amigos e até desconhecidos. Uma das maneiras mais utilizadas por eles frente a dificuldades que aparentam ser intransponíveis é tranquilizar-se e tentar novamente com calma. Isto transparece em seus depoimentos: E2: “Peço ajuda para as pessoas que estão próximas, até para pessoas não conhecidas, como na rua ou no

mercado”. Diz que fala com calma para as pessoas; E10: “Procuro ajuda com a minha mulher”; E15: “Se eu puder, faço, mais devagar, mas acerto. Quando estou atrapalhado, peço ajuda para ler”; E20: “Refresco a cabeça, me acalmo e começo de novo. Peço ajuda para o neto ou a filha no supermercado e em outros lugares, pois não sei ler”.

Tabela 13: Estratégias utilizadas para manter a funcionalidade (Questões 7 e 10)

E6	Tento mais devagar.
E6	Não, eu largo de lado no momento, depois tento fazer de novo e dá mais certo. Não procuro ajuda, é bem difícil. Procuro fazer devagar até acertar.
E15	Sim, caminhar a pé. Tenho que parar duas ou três vezes para descansar.
E16	Tento.
E22	Ainda faço tudo, só mais devagar.
E23	Ainda consigo fazer o que preciso. Quando não dá ligeiro, faço devagar, isso dá bem certo, viu.
E27	Sempre arrumei um jeito. Escolho, vejo onde o tempo dá de algum jeito e faço.

Em consequência de perdas, de enfermidades, de condições sociais adversas torna-se mais difícil manter níveis ótimos de funcionamento em todos os domínios dentre aqueles em que se estava ativo. Faz-se, então, necessário selecionar certos domínios nos quais as pessoas gostariam ou precisariam preservar um bom desempenho, tendo freqüentemente que abandonar outros. A compensação torna-se, então, cada vez mais importante para a realização das tarefas rotineiras da vida. Segundo os entrevistados, na tabela acima, uma das formas de fazer isso é compensar o cansaço, a fadiga, a fragilidade física e emocional pelo uso do tempo mais estendido. Compensar significa, aqui, ter a tranqüilidade necessária, a calma para tentar de novo, tentar mais tarde e procurar, então, acertar o que se quer fazer. Mais de 20% falam nesse aspecto compensatório.

De outra forma, a compensação pode incluir mudanças de contexto. Dois entrevistados relatam que mudaram de atividade por não terem mais condições de exercer a atividade anterior da mesma forma. Diz E6: “Arrumei uma outra forma. Tinha uma venda no Morro e tive prejuízo, devedores, não conseguia negociar, fiquei mais medroso e fechei a venda. Fiquei muito triste. Passei da venda para a chacrinha que tenho hoje, coisas

que dá para fazer na idade”. El relata, em várias questões, sobre a mudança que veio com o envelhecimento: passou da vida de parteira e de faxineira para uma atividade mais leve, pois não tem mais tanta força, agora estuda, prega na igreja e visita as pessoas necessitadas. Ela descreve da seguinte maneira sua situação anterior: “Muito mesmo, trabalhei demais. Mas sempre gostei de trabalhar, de parteira 20 anos, de faxineira, 20 anos, até hoje trabalho. Trabalhava de dia e, se dava, à noite”. E a situação atual: “Trabalho na obra de Deus”; “Troquei de atitude. Faço oração, me converti faz 11 anos. Prego na igreja. Falo coisas bonitas. Agora não tenho mais vergonha de falar, digo aquilo que Deus quer que eu diga”.

Quando uma atividade não pode mais ser exercida, por qualquer motivo, mas por causa do objetivo final ainda terá que ser realizada, ela pode ser substituída por algum meio alternativo disponível; este é o processo de *compensação*.³⁶²

Tabela 14: Estratégias comportamentais para manter a funcionalidade

Buscam apoio com familiares	11	33%
Procuram apoio de amigos	10	30%
Procuram apoio de vizinhos ou desconhecidos	14	42%
Procuram apoio para conseguir ler	9	27%

Sobre o apoio da família os entrevistados comentam o seguinte: E5: “Não precisei. Sempre consegui fazer tudo. Só na cirurgia de catarata tive que pedir ajuda. Aí pedi ajuda para a família, os filhos me ajudaram”. Ou E14: “Não. Busco ajuda com família, vizinhos. Não consigo ler os preços”. Também E18: “Tenho as filhas. Elas assumem e cuidam dos remédios para eu não esquecer, que ando meio esquecida.” E19: “Tento fazer e acertar. Em último caso chamo os filhos”. E23: “Converso com minha filha, aí ela me dá umas idéias, sempre tenho conseguido. Peço ajuda para a filha”. Os depoimentos sobre amigos, vizinhos e até desconhecidos incluem aqui a busca de ajuda para a leitura em lojas e supermercados, principalmente. Relatam eles: E30: “Peço ajuda para quem está perto, leio um pouco mal”; E24: “Sim, tento. Peço ajuda para quem estiver

³⁶² BALTES, Paul B. Theoretical Propositions in Lifespan Developmental Psychology. Op. cit.

por perto”; também E20: “Peço ajuda para o neto ou a filha no supermercado e em outros lugares, pois não sei ler”. E17 continua: “Busco logo alguém para ajudar”; E14: “Busco ajuda com família, vizinhos. Não consigo ler os preços”; E13: “Eu logo peço ajuda para alguém”; E4: “Peço ajuda, pois não sei ler. Sempre tem alguém para ajudar em qualquer lugar que vá”; E3: “Peço para alguém ajudar. Que estiver mais próximo. Até pessoas estranhas do supermercado”.

Gostaria de ressaltar aqui o conceito de solidariedade, aspecto importante em todo o processo de desenvolvimento humano, especialmente neste contexto onde vivem os sujeitos deste estudo. Segundo Philippe Perrenoud, solidariedade é “um valor que se atribui aos outros e à comunidade que nos reúne. Em seguida, práticas que traduzem esse valor em atos concretos: partilhar, ajudar, acompanhar, apoiar, aceitar, integrar, proteger, cuidar, preocupar-se, etc.”.³⁶³ Nada disto, na realidade, é natural do ser humano: “a solidariedade não é espontânea”; é necessário enfrentar uma luta diária contra o egoísmo que nos caracteriza, contra aquilo que dentro de cada um de nós dá mais valor aos próprios interesses. Viver em comunidade, pertencer a uma família, a um grupo é condição do ser humano, é parte integrante da formação de nossa identidade, “de nosso desenvolvimento cultural, de nosso equilíbrio afetivo”. A solidariedade é construída a cada dia; tanto a criança como o idoso participam deste movimento, pois sair dele implica enfraquecer o grupo e os seus próprios interesses de cuidado e apoio. Na realidade, a solidariedade é uma “condição prática da sobrevivência de uma sociedade”.

“Na área do self e do funcionamento da personalidade, nós descobrimos [...] uma rica variedade de processos compensatórios”. Segundo Néri, podem-se citar, entre outros, os processos de “comparação social e temporal”, o uso de alternativas, como, por exemplo: “flexibilidade no ajustar-se a metas, manejo emocional bem equilibrado, os recursos externos, como a rede social de suporte”.³⁶⁴ Estes são recursos utilizados pelos idosos entrevistados nesta pesquisa. Além disso, nesse processo compensatório existem aspectos não comentados pelos entrevistados. Estes aspectos seriam todos os tipos de próteses que são muito utilizadas pelas(os) idosas(os), como: óculos, bengalas, prótese dentária, etc. Alguns destes recursos foram observados pelas entrevistadoras, mas não foram nominados.

³⁶³ PERRENOUD, Philippe. As competências a serviço da solidariedade. *Pátio*, n. 25, p. 19-24, 2003. Disponível em: <http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2003/2003_07.html#copyright>. Acesso em: 28/11/2006.

³⁶⁴ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 223.

Manter bons ou ótimos níveis de funcionamento em algumas áreas ou domínios torna-se mais difícil com o envelhecimento, em consequência da mudança no equilíbrio entre ganhos e perdas. Esta balança pode desequilibrar-se mais cedo ou mais tarde. Coordenar ações tanto internas quanto externas para conseguir viver uma velhice feliz ou bem-sucedida pode ser facilitado com a seleção de domínios, com escolhas na forma de ser e agir, e a compensação torna-se cada vez mais importante e necessária para otimizar estas escolhas. Com o declínio de algumas funções, é necessária a utilização de alternativas viáveis. As alternativas dependem, naturalmente, do meio sociocultural onde se está inserido.

Os sujeitos desta pesquisa demonstram, em seus depoimentos, um bom entendimento desta atuação segundo o modelo SOC, pois já desde muito cedo tiveram que compensar sua exclusão social, a sua exclusão educativa e cultural. Estas pessoas, agora idosas, procuraram alternativas durante toda a sua vida para sobreviver dentro de um contexto de menor número de escolhas. A partir destas escolhas, fizeram sua vida, tendo, em muitos momentos, que compensar e otimizar, pois já não podiam mais atuar em serviços fisicamente pesados ou cuidar de muitos filhos, e atuar paralelamente em algo compatível para que todos os componentes de seu grupo familiar, além delas próprias, sobrevivessem. A alegria pela vida, pela superação de muitos obstáculos, por participarem ou atuarem em algo que lhes causa prazer perpassa a maioria das entrevistas, restando um dissabor em alguns, por causa de enfermidades ou de situações mal resolvidas em seus relacionamentos.

Finalizo este capítulo com as palavras de Both, que usa a linguagem de Saramago em relação a não enxergar o que está por diante, o que está além do caminho promulgado para o idoso:

Estou cego, não te vejo. Deixa-te de brincadeiras estúpidas, há coisas com as quais não devemos brincar. Quem me dera que fosse uma brincadeira, a verdade é que eu estou mesmo cego, não vejo nada. Por favor, não me assustes, olha para mim, aqui, estou aqui, a luz está acesa. Mas o cego não podia ver.³⁶⁵

³⁶⁵ BOTH, Agostinho. *Gerontogogia*: educação e longevidade. Passo Fundo: Imperial, 1999. p. 153-154.

5 CONSTRUINDO PONTES ENTRE A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DO *LIFESPAN* DO CURSO DE VIDA E A RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA

Mas os anjos de que mais gosto são aqueles que foram fazer uma visita a Abraão e Sara, avós de Jacó. Abraão já era velho, desdentado, flácido, esquecido dos distantes prazeres do amor. Sara, sua mulher, enrugada, seios murchos e compridos, pendurados, velha – só lhe restavam os prazeres da cozinha. E ela estava cozinhando para os dois hóspedes quando ouviu a conversa que se desenrolava na sala. Um deles se pôs a dizer disparates. Com certeza bebera demais. Pois ele afirmou que ela ficaria grávida e teria um filho. Sara teve um ataque de riso – riu tanto que entornou o guisado que preparava. Os visitantes se ofenderam e, como castigo, disseram que o filho que ela ia ter chamar-se-ia Isaac, que quer dizer “riso”.³⁶⁶

5.1 CONTEMPORANEIDADE E VELHICE: AS TRANSFORMAÇÕES COM O CRESCENTE TEMPO DE VIDA

Após o estudo e a revisão dos modelos teóricos clássicos da psicologia do desenvolvimento humano, com o acréscimo, da teoria do *lifespan*, do curso de vida e sua nova visão do desenvolvimento humano, acontece um fortalecimento prático e sobremaneira humano com a apresentação dos discursos nas entrevistas e com a discussão dos resultados, de onde resulta então este quinto capítulo, onde passamos a abordar brevemente a expressão religiosa, de fé, das pessoas idosas na contemporaneidade. Contexto de fragmentação e de superficialidades e principalmente de pluralidade. Abordamos também um modelo clássico de estágios do desenvolvimento da religiosidade, o qual está intimamente ligado aos modelos clássicos de desenvolvimento da psicologia.

³⁶⁶ ALVES, Rubem. *Transparências da eternidade*. Op. cit., p. 103.

Comparações históricas entre pessoas são empreendimentos difíceis de realizar. Apesar disso, pode-se afirmar com certeza que aquelas pessoas que vivenciaram o século XX o acharam extremamente turbulento. Deflagraram-se duas grandes guerras mundiais, com perseguições de povos, exclusões e expulsões de pessoas de vários territórios. Aconteceram muitas crises políticas, a crise do petróleo, a guerra fria, etc. Vários países mudaram totalmente seus regimes políticos, passando de democracias a ditaduras. Emergiram as tensões monetárias, desajustes comerciais e as caras aventuras militaristas (Vietnam). Surgiu uma crescente multidão de pessoas socialmente marginalizadas, de desnutridos e esfomeados. As mudanças, tanto de ordem política quanto técnica, sociocultural e religiosa, foram brutais.

O caminho percorrido pelo ser humano desde o primeiro automóvel até as grandes viagens espaciais, do simples comunicador a distância até as grandes redes digitais de telecomunicação exemplifica as enormes mudanças tecnológicas ocorridas. São marcas importantes das mudanças socioculturais as transformações de uma sociedade estática para uma totalmente móvel, de uma cultura autoritária para uma libertária e, por último, mas não menos importante, a tematização das questões de gênero.³⁶⁷

Incluem-se neste contexto os signos da pós-modernidade, o aspecto cultural da sociedade pós-industrial, que atenta para valores como a multiplicidade, a fragmentação, a desreferencialização e a entropia, que aceita todos os estilos e todas as estéticas, pretendendo, com isso, a inclusão de todas as culturas como mercados consumidores em potencial.

Segundo Sérgio Paulo Rouanet, existe na verdade uma consciência de ruptura:

[...] depois da experiência de duas guerras mundiais, depois de Auschwitz, depois de Hiroshima, vivendo num mundo ameaçado pela aniquilação atômica, pela ressurreição dos velhos fanatismos políticos e religiosos e pela degradação dos ecossistemas, o homem contemporâneo está cansado da modernidade. Todos esses males são atribuídos ao mundo moderno. Essa atitude de rejeição se traduz na convicção de que estamos transitando para um novo paradigma. O desejo de ruptura leva à convicção de que essa ruptura já ocorreu, ou está em vias de ocorrer [...]. O pós-moderno é muito mais a fadiga crepuscular de uma época que parece extinguir-se ingloriosamente que o hino de júbilo de amanhã que despontam. À *consciência* pós-moderna não corresponde

³⁶⁷ WITTRAHM, A.; LEICHT, B. *Und wenn es hochkommt, sind es 80 Jahre*: Gestalten und Gestaltwandel erwachsener Religiosität. In: INITIATIVKREIS RELIGIÖSE ERWACHSENENBILDUNG (Ed.). Was ist erwachsene Religiosität? Mönchengladbach: B. Köhler Verlag, 2000. p. 9-22.

uma *realidade* pós-moderna. Nesse sentido, ela é um simples mal-estar da modernidade, um sonho da modernidade.³⁶⁸

A imagem da religião dentro deste contexto de fragmentação e superficialidade também é marcada por uma pluralidade até então desconhecida. A autoridade eclesial é contestada, e os fiéis passam a decidir as suas vidas gerenciados por seus próprios valores, determinados por uma crescente auto-estima e um sentimento profundo de individualismo.³⁶⁹

As pessoas, cansadas da modernidade, agregam as mudanças e as inovações, mas passam a sentir uma não pertença a lugar algum, uma falta de referenciais mais seguros, passam a procurar por algum tipo de estabilidade, algum tipo de sentido existencial. Nesta procura por referenciais para manter uma identidade pessoal consistente, as pessoas alteram os seus valores tradicionais, modificando, conseqüentemente, o seu comportamento.

Além dessas mudanças socioculturais e tecnológicas multifacetadas com as quais as pessoas, agora idosas, tiveram que se confrontar na passagem destas últimas décadas, deve-se tomar em conta mais uma modificação importante. O tempo de vida médio quase duplicou. Esse crescente tempo de vida não necessita mais ser usado pela grande maioria das pessoas para a luta diária pela sobrevivência. Aparece, então, um “espaço vazio” na vida humana, espaço “novo” que pode ser preenchido com outros sentidos e valores.

Conforme Oeppen e Vaupel³⁷⁰, as pessoas que vivem por 100 anos ou mais passaram a ser um fato bastante comum na sociedade, e a tendência do aumento no número de pessoas que vivem por muito tempo vai se manter pelos próximos anos. De acordo com o estudo destes dois pesquisadores, que se baseiam nos índices de expectativa de vida calculados desde 1840, publicado na revista *Science*, não há nenhum sinal de que exista um limite de longevidade para a vida humana. O limite que havia sido estabelecido por outros pesquisadores já foi superado em cinco anos, com um aumento anual médio de três meses. Caso esta tendência seja mantida, daqui a seis décadas as pessoas de países onde a expectativa de vida é mais elevada passarão a viver 100 anos em média.

³⁶⁸ ROUANET, Sérgio Paulo. *As origens do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁶⁹ WITTRAHM, A.; LEICHT, B. Op. cit., p. 9-22.

³⁷⁰ OEPPEN, Jim; VAUPEL, James W. Op. cit.

Surge, assim, uma das questões mais complexas da vida e, conseqüentemente, da ciência atual, a razão da longevidade humana. Por que o ser humano envelhece tanto, para que existe esta velhice tão prolongada? Uma resposta científica totalmente esclarecedora e apropriada para esta questão ainda permanece numa relativa obscuridade. Na verdade, não se tem um esclarecimento convincente sobre um motivo, uma causa para que exista a longevidade humana, tanto tempo de vida após a fase reprodutiva dentro do processo biológico natural e seletivo.³⁷¹

Do ponto de vista teológico, a velhice é parte da ordem natural, criada por Deus. Tanto no Novo quanto no Antigo Testamento se descrevem, por um lado, as fragilidades físicas da velhice, bem como os incômodos e lamentos em face desses limites (vide Eclesiastes 12.1-8). Por outro lado, atribui-se à velhice um valor especial, visto que a pessoa de idade mais avançada adquiriu, de muitas maneiras, conhecimentos a respeito da ordem natural, criada por Deus.³⁷² Temos na Bíblia Sagrada a velhice como bênção em Isaías 46.4 e no Salmo 92.14-15, e ainda como sabedoria no Salmo 111.10.

Continuando no Livro dos Salmos, observamos que estão cheios de súplicas e, ao mesmo tempo, de promessas de Deus em relação à velhice dos justos. A pessoa idosa que sente suas forças declinarem suplica: “Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares” (Sl 71,9; 18). E Deus promete, cheio de generosidade: “O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano [...]. Na velhice darão ainda frutos. Serão cheios de seiva e de verdor, para anunciar que o Senhor é reto [...]” (Sl 92.13-15).

A vida humana deveria ser entendida, em termos gerais, a partir desses dois aspectos: de seus potenciais (conhecimentos e habilidades), por um lado, e de seus limites (fragilidades), por outro. Soma-se a isso mais um aspecto: a liberdade. É dada à vida – ao lado dos potenciais e dos limites – a liberdade. A maneira como vivemos nossa vida depende também de nossas próprias decisões e ações em todas as idades.

Envelhecer, na realidade, é bom e ruim ao mesmo tempo. Traz desvantagens e vantagens, traz autonomia e dependência, traz perdas e ganhos, e assim poder-se-ia continuar enumerando expressões antagônicas por mais alguns parágrafos, com certeza. Refletindo a partir da perspectiva científica sobre o tema do envelhecimento, poder-se-ia

³⁷¹ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Op. cit.

³⁷² KRUSE, Andreas. Op. cit.

ressaltar que a velhice ainda é jovem, tanto na evolução quanto na cultura. Por causa dessa juventude da velhice, não surpreende que se afirme que a velhice não chegou à sua completude.³⁷³

Justamente pela possibilidade de a velhice ser desta forma tão variada, impôs-se nos últimos anos, em todos os setores da vida humana, uma idéia de desenvolvimento baseado em múltiplas influências: tanto de ordem ambiental quanto as do próprio ser humano. Cultura e biologia, pessoa e ambiente não podem mais ser entendidos de forma separada, devendo ser considerados em interação e crescimento constante. O ser humano em seu desenvolvimento influencia o seu contexto, e esse contexto mutante, por sua vez, age sobre o desenvolvimento da pessoa. Trata-se, portanto, sempre de uma construção processual.³⁷⁴

Nesse sentido, essa construção processual do desenvolvimento humano, por acontecer igualmente ao longo de toda a vida tanto no aspecto corporal, psíquico e emocional quanto identitário, faz com que seja improvável que o aspecto religioso não estivesse integrado neste processo.³⁷⁵ Esse aspecto também transparece em palavras dos sujeitos entrevistados para esta pesquisa, quando, por exemplo, uma senhora afirma que, como idosa, “mudou de atitude, sabe viver, amar e perdoar, relevar quando alguém ofende...” ou quando outra senhora diz: “Eu era acanhada. Agora mudei, participo dos grupos e até falo”. As pessoas passaram, em grande parte, a elaborar suas vidas de forma própria e independente, baseadas em sua própria caminhada e reflexão. Temos também os depoimentos dos idosos na Tabela 15, quando falam da pertença a alguma instituição religiosa. Fica demonstrada pelos depoimentos uma grande liberdade de escolha; naquele local onde são reconhecidos, amparados ou encontram sentido, eles permanecem ou se integram. 17% deles estudam a Bíblia e outros livros religiosos, e 7% ensinam o que aprendem às crianças. Temos mais uma senhora que estuda com o pregador que ela denomina “Profeta” e faz pregações para os enfermos entendendo que é inspirada por Deus para isso; anteriormente ela não sabia nem ler. Outros participam por tradição familiar ou por necessidade imediata de algum rito ou ato para dar sentido a algum momento de suas

³⁷³ BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Op. cit. “Das Alter ist jung, evolutionär und kulturell! Wegen dieser Jugendlichkeit des Alters ist es nicht überraschend, wenn man von der Unvollendetheit des Alters spricht”.

³⁷⁴ Ibid.

³⁷⁵ WITTRAHM, A.; LEICHT, B. Op. cit.

vidas. Há ainda outros que não se ligam a instituições religiosas, mas participam ativamente de programas e de atos religiosos.

Autoridades ou grupos não podem mais impor como as pessoas devem crer; elas têm livre-arbítrio e responsabilizam-se pessoalmente por sua fé. Possuir a liberdade requer reflexão sobre alternativas em relação a escolhas.³⁷⁶ Como as pessoas conjugam sua forma pessoal de fé com as muitas mudanças que ocorrem nelas mesmas e em seu entorno? Cada história de vida tem o seu contexto pessoal, histórico e social, além dos contextos biográficos. Este aspecto se configura em alguns depoimentos: conforme E18, ela faz sua escolha “conforme aquilo que vive no momento”, e E19 “vai aonde se sente ajudada, escolhe melhor”.

Tabela 15: Respostas à quinta questão: O(a) sr(a). freqüenta alguma igreja?

Sujeito	Opção	Freqüência
1	Evangélica	Praticante. Quando tenho alguma dificuldade, oro e peço um sinal para Deus. Estudo a palavra de Deus com o Profeta da igreja e o ajudo. Prego para os doentes.
2	Não	
3	Universal	Praticante.
4	Católica	Pouco.
5	Ocasional	
6	Assembléia de Deus	Ativo. Estudo a Bíblia e dou aulas de estudo para as crianças e os adultos.
7	Católica	
8	Católica	Praticante. Vou à missa e aos almoços da comunidade.
9	Católica	
10	Afro-brasileira	
11	Sim	
12	Católica	Praticante de missa.
13	Adventista	Ativa. Participo de estudos da Bíblia e distribuição de folhetos.
14	Católica	Praticante.
15	Católica	Raríssimo.
16	Católica	Vou à missa e participa participo dos almoços.
17	Afro-brasileira	
18	Católica e afro-brasileira	Escolho conforme aquilo que vivo no momento, não sou mais obrigada a ir a nada.
19	Católica	Pouco e outras também. Vou aonde se sente me sinto ajudada, escolho melhor.
20	Católica	Vou a um grupo da igreja.
21	Católica e afro-brasileira	Já fui à umbanda, acho muito barulho agora.

³⁷⁶ Ibid.

22	Católica	
23	Católica	
24	Assembléia de Deus	Ativa. Participo das reuniões, das festas e dos estudos, que gosto muito, aprendi a dar opinião.
25	Evangélica	Evangélica por causa da filha que vai por causa da depressão.
26	Católica	Ativa. O padre almoça em minha casa. Gosto muito de conversar sobre as coisas da fé. A gente sempre aprende.
27	Batista e espírita	Vou onde é melhor, gosto de ouvir.
28	Evangélico	Ativo. Aprendo muito lá e até ensino. O estudo da Bíblia me tirou da ignorância. Quase tudo que sei aprendi lá.
29	Católica e outras	
30	Católico	Pouco.

5.2 PENSANDO E REPENSANDO MODELOS: O DESENVOLVIMENTO DA RELIGIOSIDADE EM ESTÁGIOS

As teorias psicopedagógicas religiosas ligadas ao desenvolvimento humano que despontaram nas últimas décadas estão baseadas nos constructos básicos e tradicionais da psicologia do desenvolvimento, nas teorias cognitivas de estágios, como a teoria do desenvolvimento moral de Piaget ou de Kohlberg, e na teoria do desenvolvimento da identidade psicossocial de Erikson. Surgiram, em decorrência disto, concepções sobre uma formação da religiosidade na infância, na juventude e também na idade adulta.³⁷⁷

James W. Fowler é o criador da primeira teoria empírica de desenvolvimento da fé aplicada ao transcurso da vida (1981, 1988). Trata-se de uma teoria bastante divulgada e conhecida nos meios acadêmicos teológicos. Fowler³⁷⁸ é um estudioso da fé e sua relação com o desenvolvimento humano. Seus estudos com um grupo de colaboradores na Faculdade de Teologia da Universidade de Harvard, *Harvard Divinity School*, e no *Boston College* resultaram na teoria dos estágios da fé.³⁷⁹ No seu modo de conceber a fé, ela é uma postura existencial independente de conhecimentos de fé ou de tradição religiosa, sendo entendida como centro de poder e de valores que proporciona à pessoa sempre novas reações, baseadas na oferta variada de Deus nos ciclos da vida.³⁸⁰

A teoria de Fowler focaliza a forma da fé, não seu conteúdo ou objeto; neste conceito ele se alinha a W. C. Smith, que afirma:

³⁷⁷ Ibid.

³⁷⁸ Professor de Teologia e Psicologia do Desenvolvimento na Faculdade de Teologia de Emory University de Atlanta, Georgia.

³⁷⁹ FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1992. p. 7.

³⁸⁰ Ibid., p.15-19.

A fé é mais profunda, mais rica, mais pessoal. Ela é engendrada por uma tradição religiosa, em alguns casos e em certo grau por suas doutrinas; porém ela é uma qualidade da pessoa e não do sistema. É uma orientação da personalidade em relação a si mesmo, ao próximo, ao universo; é uma resposta total; uma forma de ver as coisas que se vêem e de lidar com as coisas com que se lida, quaisquer que sejam; uma capacidade de viver além de um nível mundano; de ver, sentir e agir em termos de uma dimensão transcendente.³⁸¹

Fowler, com seu interesse numa teoria de desenvolvimento da fé, conecta conceitos epigenético-cognitivos bem como da psicologia social e opta por um modelo de desenvolvimento em estágios normativos, seguindo os pressupostos de Erik Erikson, Piaget e Kohlberg, e uma divisão do desenvolvimento psicossocial do adulto em épocas, de acordo com a descrição de Daniel Levinson.³⁸² Para esta divisão em estágios, o autor utiliza ainda parte da teoria, mais atualizada na época, de Robert Kegan³⁸³, que trabalhava, segundo ele, em pesquisas para “ampliar o paradigma estrutural-desenvolvimental no sentido de explicar a constituição e transformação dos ‘eus’”.³⁸⁴

Usando as afirmações do próprio Fowler em relação à influência de Erikson em sua fundamentação, tida como “sutil” e “difusa”, diz ele: “ela tocou-me em profundezas conviccionais que os desenvolvimentistas estruturais não abordaram”. Esclarece que “o trabalho de Erikson tornou-se parte da atitude interpretativa que trago para a pesquisa sobre o desenvolvimento da fé”.³⁸⁵ Apresento abaixo, para melhor compreensão, uma tabela comparativa entre as duas teorias.

³⁸¹ SMITH, W.C. Apud FOWLER, James W. Ibid., p. 21.

³⁸² PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. Op. cit., p. 386.

³⁸³ KEEGAN, Robert. *The Evolving Self Problem and Process in Human Development*. Cambridge, Massachussets, London: Harvard University Press, 1983.

³⁸⁴ FOWLER, James W. Op. cit., p. 223.

³⁸⁵ Ibid., p. 97.

Tabela 16: Comparativo entre os estágios psicossociais de Erikson e os estágios da fé de Fowler

Estágios psicossociais de Erikson	Idades médias	Estágios da fé de Fowler	Idades médias
Confiança <i>versus</i> Desconfiança	0-2 anos	Fé indiferenciada	Lactância
Autonomia <i>versus</i> Vergonha e Dúvida	2-3 anos	Fé intuitivo-projetiva	Primeira infância
Iniciativa <i>versus</i> Culpa	3-6 anos		
Índustria <i>versus</i> Inferioridade	6-12 anos	Fé mítico-literal	7-12 anos
Identidade <i>versus</i> Confusão de Papéis	13-20 anos	Fé sintético-convencional	Adolescência
Intimidade <i>versus</i> Isolamento	21 em diante	Fé individualivo-reflexiva	Início da idade adulta
Generatividade <i>versus</i> Estagnação	35 em diante	Fé conjuntiva	Meia-idade e depois
Integridade <i>versus</i> Desesperança	60 em diante	Fé universalizante	Terceira idade

Adaptada da Tabela 3.3 de Fowler.³⁸⁶

A teoria de Fowler não deveria ser compreendida como uma escala de realização pela qual se pudesse medir a fé das pessoas. Os estágios não representam alvos educacionais ou terapêuticos, mas estão interligados entre si, ou seja, cada estágio a ser vivenciado traz conteúdos dos anteriores e forma os seguintes, como no constructo teórico de Erik H. Erikson, teoria já apresentada anteriormente no capítulo primeiro desta tese.

Fowler explica inicialmente que a progressão de estágio para estágio se dá pelas experiências de vida típicas de cada fase (crises, problemas). Mais tarde, aparecem ainda outros motivadores, como crises psicossociais e grupos de convivência espiritual significativos. A fé se desenvolve, então, por meio da interação entre a pessoa que vai amadurecendo e seu ambiente. Os estágios evoluiriam numa seqüência invariável, cada um apoiado no anterior.³⁸⁷ O modelo se estende por todo o transcurso da vida. Os três primeiros estágios estão diretamente ligados a idades predeterminadas, o estágio 4 integra os jovens adultos, o estágio 5 exige a experiência da meia-idade e o estágio 6 só pode ser atingido depois de se passar pelos estágios que o antecedem, sendo alcançado então somente na terceira idade. Algumas pessoas eventualmente poderiam nunca evoluir além de um determinado estágio.

³⁸⁶ Ibid., p. 100.

³⁸⁷ WITTRAHM, A.; LEICHT, B. Op. cit., p. 9-22.

Uma mudança de estágio estrutural representa uma transformação qualitativa nas formas pelas quais a fé se apropria dos conteúdos de tradições religiosas ou ideológicas. Tendo em vista que a prontidão para a mudança de estágio estrutural é, em parte, uma função da maturação biológica e do desenvolvimento psicossocial, cognitivo e moral [...] há, por exemplo, idades cronológicas mínimas abaixo das quais o início de determinadas transições de estágio seria altamente improvável.³⁸⁸

Numa revisão de suas pesquisas de base transversal, realizadas com 359 mulheres e homens, católicos, protestantes e judeus, entre 3 e 84 anos de idade, 75% dos sujeitos da amostra estavam nos estágios 3 e 4. Nas provas empíricas, pode-se afirmar uma relação clara entre idade e estágios da fé nas fases da infância e da adolescência. Surpreendentemente, na idade adulta e terceira idade essa correlação quase desaparece. O envelhecimento não mostra uma relação forte com o desenvolvimento da fé; os sujeitos desta pesquisa raramente vão além do estágio 4. Raras pessoas que alcançam idades mais avançadas desenvolvem-se além do estágio 4. Os estágios 5 e 6, mais elevados, são alcançados por raríssimas pessoas que tomaram parte nesta pesquisa.³⁸⁹

Vale salientar, segundo Wittrahm, que, numa pós-análise dos dados da obra de Fowler de 1981, no estudo de validação fica confirmada essa limitação. Fowler e pesquisadores associados realizaram entre 1972 e 1981 entrevistas orientadas por histórias de vida, nas quais os sujeitos da pesquisa relatavam em que etapa de vida e estágio da fé se encontravam no momento da pesquisa. Nessa pós-análise, foi calculada uma correlação, para todo o universo pesquisado, entre idade de vida, estágio da fé e momento da pesquisa. Para toda a amostra alcançou-se um coeficiente de relação de 39, o que significa, a princípio, que de fato idade e estágios de fé são interdependentes. Ofereceram-se dados mais concretos quando este universo pesquisado foi dividido em dois grupos, um grupo com os sujeitos entre 3 e 30 anos, e o outro grupo com aqueles entre 31 e 84 anos de idade. Para o grupo mais jovem, no tocante à correlação entre idade e estágios da fé 1 a 3, o resultado foi de 85, um coeficiente alto. Isto significa que os fatores ligados à idade têm influência significativa no desenvolvimento da fé. No tocante à correlação dos estágios da fé 4 a 6, que pressupõem o ser adulto que já alcançou no mínimo a meia-idade, o grupo de 31-84 anos ao contrário mostrou um valor mínimo de 0,01. A significância é quase nula.³⁹⁰

³⁸⁸ FOWLER, James W. Op. cit., p. 226.

³⁸⁹ WITTRAHM, A.; LEICHT, B. Op. cit.

³⁹⁰ Ibid.

A rigor, segundo Wittrahm³⁹¹, este estudo na realidade tem pouca significância para a compreensão do desenvolvimento da fé na segunda metade da vida; ele não compreende e nem responde a questões a respeito de como realmente a fé se desenvolve na idade adulta, incluindo aqui os idosos e os bem idosos. Este aspecto de crescimento espiritual está ligado ao vasto contexto do desenvolvimento psicossocial das pessoas mais velhas.

Em relação a isto, a pesquisa original de Fowler diz:

A faixa etária dos 51-60 anos inclui pessoas que se distribuem entre os estágios 2 e 5. Esta distribuição confirma que os estágios de fé não se correlacionam perfeitamente com a idade cronológica e que adultos com inteligência normal e estabilidade emocional podem alcançar e alcançam um equilíbrio duradouro de estágio da fé em qualquer dos estágios a partir do n° 2.

A faixa dos 61+ também mostra uma representação bem espaçada, das pessoas em transição entre os estágios 2 e 3 (com um longo equilíbrio, a um único respondente no estágio 6).³⁹²

5.3 O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DO *LIFESPAN*, DO CURSO DE VIDA: SUA CONTRIBUIÇÃO À TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DA RELIGIOSIDADE

Reverendo os resultados da pesquisa de Fowler, verifica-se que, na idade adulta, na terceira idade e quiçá na quarta idade, existe um desenvolvimento deficitário ou, no mínimo, estagnante da religiosidade pessoal. Esses resultados contradizem os demais conhecimentos e as demais teorias psicológicas diferenciadas do desenvolvimento na meia-idade e nas idades mais avançadas atualmente, sendo por isso questionáveis.

Sentindo a insuficiência destas teorias³⁹³ de estágios para compreender, entender e descrever o desenvolvimento religioso das pessoas tanto de meia-idade como da terceira e quarta idades, torna-se importante e necessário estudar e analisar o desenvolvimento

³⁹¹ Ibid.

³⁹² FOWLER, James W. Op. cit., p. 267.

³⁹³ Apresentam-se, além da teoria de Fowler, outras teorias ligadas ao desenvolvimento na área da religião, como a teoria de Oser e Gmünder, mais recente, que também concebe seis estágios do julgamento religioso em seus estudos, mas os estágios 5 e 6 igualmente foram raramente alcançados pelos sujeitos pesquisados. OSER, Fritz; GMÜNDER, Paul. *Der Mensch – Stufen seiner religiösen Entwicklung: ein strukturgenetischer Ansatz*. Zürich: Benziger, 1984. 287S.

religioso no contexto do modelo apresentado nesta tese, a teoria do *lifespan*, de curso de vida.

Wittrahm, em seus estudos, entende que,

atrás do *lifespan-developmental-concept* encontra-se uma corrente de pesquisa que não compreende o processo do envelhecimento unilinearmente em qualquer esfera de vida de acordo com o esquema “estruturação na primeira metade da vida” – “deseestruturação na segunda metade da vida”; reconhece, antes, “crescimento” e “perda” em todas as fases da vida.³⁹⁴

Nesse sentido, o modelo de *lifespan*, de curso de vida no desenvolvimento, “tem uma conotação de extensão ou abrangência, quer da vida em toda a sua duração, quer de algum período particular, mas sem o recurso teórico a qualquer forma de periodização”³⁹⁵, considerando o estudo do desenvolvimento humano individual, a ontogênese da concepção até a morte. A idéia básica e central consiste em que o desenvolvimento não está completado até a idade adulta, como nas teorias tradicionais, mas se estende e é constante durante todo o curso de vida.³⁹⁶ Os encadeamentos dos processos de comportamento e de personalidade acontecem numa dinâmica constante, sendo compreendidos pelos processos anteriores e pelos subseqüentes de igual forma. Neste modelo, considerar a idade como a variável organizadora dos eventos não é importante. “Nenhum período do curso de vida tem supremacia na regulação da natureza do desenvolvimento”.³⁹⁷

Modificações qualitativas e quantitativas são possíveis em cada fase da vida, seja como modificação gradativa ou súbita. Nesse processo, as diferentes esferas da vida podem variar independentemente umas das outras, ou, então, modificações em uma esfera da vida acarretam desenvolvimentos em outras esferas. O desenvolvimento apresenta múltiplos valores e graduações. Sendo assim, cada passo no desenvolvimento implica não somente avançar, um crescer em ganhos de ordem desenvolvimental ligado a tarefas evolutivas. Na realidade, o objetivo do desenvolvimento abrange sempre ganhos e também perdas.³⁹⁸

³⁹⁴ WITTRAHM, A.; LEICHT, B. Op. cit. “Hinter dem Lebensspannen- oder Lifespan-developmental-Konzept steht eine Forschungsrichtung, die Altern in keinem Lebensbereich einlinig nach dem Schema ‚Aufbau in der ersten Lebenshälfte‘ – ‚Abbau in der zweiten Lebenshälfte‘ versteht, sondern, ‚Wachstum‘ und ‚Verlust‘“ in allen Lebensphasen erkennt”.

³⁹⁵ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 30.

³⁹⁶ BALTES, Paul B.; BALTES, Margareth M. Optimierung durch Selektion und Kompensation. Op. cit.; THOMAE, H. The Concept of Development and Lifespan Developmental Psychology. Op. cit.

³⁹⁷ NERI, Anita Liberalesso. Op. cit., p. 30.

³⁹⁸ FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Entwicklungsaufgaben als Organisationsstrukturen von Entwicklung und Entwicklungsoptimierung. Op. cit., p. 48.

A liberdade (autodeterminação) do ser humano é um postulado da ética cristã válido para toda a vida. No processo do envelhecimento aparecem mudanças inerentes à sua natureza, que exigem, no mínimo em parte, outras formas de lidar com as exigências da vida, mas que não questionam a liberdade do ser humano para autodeterminar seu modo de vida.³⁹⁹

Entender que a vida está inserida numa ordem maior, abrangente e divina, desenvolve-se a partir da experiência da permanente aceitação por parte de Deus em toda e qualquer mudança da vida. “Deus é ‘fiador’”⁴⁰⁰ da história pessoal ou, como Barth o expressa, de “nosso tempo criado”. Já Romano Guardini, que estudou a religiosidade dos velhos, vê “o potencial da velhice na perspectiva ampliada que o ser humano tem ao olhar o passado, o presente e o futuro”, conjuntamente.⁴⁰¹

Vários estudiosos da área da teologia vêem na velhice uma continuidade do desenvolvimento da fé, pois liberdade e abertura para a vida são prerrogativas cristãs e elas se fazem presentes também na velhice. Segundo Rahner, “decisiva para a vida cristã é a aceitação da vida [...] sem se fechar perante tudo que é imposto e ordenado inevitavelmente ao ser humano na derradeira profundidade da realidade”.⁴⁰²

No modelo de desenvolvimento no curso de vida, *lifespan*, três fatores apresentam-se como impulsionadores de modificações e desenvolvimentos durante a vida:

- a) influências intimamente relacionadas com o envelhecimento individual (por exemplo, aposentadoria),
- b) influências históricas e sociais (guerra, mudanças globais das condições de vida);
- c) acontecimentos fortuitos, influências idiossincráticas, como, p. ex., uma enfermidade grave.⁴⁰³

Durante toda a vida do ser humano, esses três fatores de influência, segundo Baltes et al.⁴⁰⁴, estão atuantes e interagem, pois são dinâmicos e recíprocos e seus resultados se acumulam no decorrer do tempo, sendo responsáveis pela configuração dos

³⁹⁹ KRUSE, Andréas. Op. cit., p. 347.

⁴⁰⁰ BARTH, Karl. *Kirchliche Dogmatik*: Band III. Zürich: Theologischer Verlag, 1979. “Gott ist Bürge der personlicher Geschichte (oder, wie es Barth ausdrückt, ‘unserer geschaffenen Zeit’)”.

⁴⁰¹ KRUSE, Andreas. Op. cit., p. 348.

⁴⁰² RAHNER, K. *Grundkurs des Glaubens*. Freiburg: Herder, 1976. p. 388.

⁴⁰³ Fatores mais claramente detalhados por Paul Baltes, no capítulo 2, desta tese.

⁴⁰⁴ BALTES, P. B.; REESE, H. W.; LIPSITT, L. P. *Lifespan Developmental Psychology*. Op. cit.

curtos de vida de cada pessoa. É justamente o contexto histórico-cultural que oferece ao ser humano a oportunidade de uma interação contínua, fundamental para sua constante socialização. Esse processo contínuo de trocas gera uma agenda de desenvolvimento cuja influência se sobrepõe, em muitos momentos, à ontogênese. Em contraposição às teorias de desenvolvimento tradicionais, segundo as quais existe um tempo físico objetivo responsável pelas alterações comportamentais, a teoria do curso de vida ou *lifespan* e sua perspectiva entendem que “qualquer conceito de tempo, seja ele social, biológico ou psicológico, é sempre uma variante da escala do tempo e dos calendários. A idade cronológica é então apenas um indicador, e não uma variável independente do desenvolvimento”.⁴⁰⁵

Na mesma direção vai o pensamento de Bingemer quando constata que, para o crente, “a velhice e o envelhecimento [...] segundo Paulo, não devem ser problemas para o cristão, que em Cristo é uma nova criatura e sobre quem a caducidade do tempo ‘kronos’ não tem mais poder, já que este entrou numa nova ordem”.⁴⁰⁶ A autora ressalta um texto de Paulo à comunidade de Corinto para explicar que a idade cronológica não é importante, mas importa o tempo interno;

[...] por isso não desanimamos: pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas cousas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas (2 Coríntios 4.16-18).⁴⁰⁷

Tendo arrolado estes entendimentos, acrescento agora ainda os conceitos centrais da teoria do curso de vida:⁴⁰⁸

- o *desenvolvimento ao longo de toda a vida*;
- a *multidimensionalidade e multidirecionalidade*, sendo o desenvolvimento não unilinear e a velocidade também variada;

⁴⁰⁵ NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 28.

⁴⁰⁶ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *A velhice na Bíblia*: algumas pistas para hoje. Disponível em: <http://www.users.rdc.puc-rio.br/agape/vida_academica/artigos/amai/velhicebiblia.PDF>. Acesso em: 30/11/2006.

⁴⁰⁷ Ibid.

⁴⁰⁸ Conceitos esclarecidos no segundo capítulo desta tese, de acordo com: BALTES, Paul B. Theoretical Propositions in Lifespan Developmental Psychology. Op. cit.

- uma dinâmica constante de *perdas e ganhos*;
- a *plasticidade*, em que todas as dimensões são interdependentes e influenciáveis;
- a *inserção no contexto histórico*;
- a *contextualidade* da vida social concreta;
- a *multidisciplinaridade* na compreensão e atuação na área do desenvolvimento e envelhecimento.

É justamente em relação a alguns destes conceitos fundamentais da teoria do *life pan*, do curso de vida, arrolados acima que se encontram algumas discordâncias claras em comparação com as teorias de estágios de desenvolvimento psicossocial, incluindo a de desenvolvimento da religiosidade de Fowler.

Em relação à multidirecionalidade: as teorias de estágios partem do princípio da universalidade e unidirecionalidade, que implica a paralelidade do desenvolvimento humano. A crítica se daria em razão de que as condições de vida atuais não permitem mais a homogeneização das diferentes formas e condições de biografias humanas, também no tocante à religiosidade, ao desenvolvimento da fé, que necessita da liberdade pessoal para o seu desenvolvimento. Uma visão indiferenciada não é mais possível no nível de conhecimento atual.⁴⁰⁹

Em relação à inserção histórica: “os modelos de estágios da fé não levam em consideração a mudança histórica nas condições de socialização religiosa dos últimos 50 anos e, desse modo, comparam pessoas com situações e origens muito diferentes”. Os anos 60, 80 ou a virada de século são determinantes, por exemplo, no modo de analisar, julgar, determinar valores, enfim de viver. A realidade socio-cultural de uma vila brasileira não se pode comparar a uma pequena cidade européia, por exemplo. Uma pesquisa de corte *transversal*, como a de Fowler, poderia ser a causa determinante deste viés.⁴¹⁰

O desenvolvimento sempre acontece dentro de um determinado contexto de idéias, de valores, de situação econômica e política. Chegar a uma religiosidade madura, dependendo do contexto, é algo almejado ou não, não sendo passível de uma

⁴⁰⁹ WITTRAHM, A.; LEICHT, B. Op. cit.

⁴¹⁰ Ibid.

mensuração uniforme.⁴¹¹ Vale salientar aqui que os resultados das pesquisas de Lamprecht⁴¹² com idosos revelam o seguinte: “[...] os participantes de minha pesquisa descrevem o seu caminho de fé como processo de aprendizagem e crescimento até o final de suas vidas”. Este mesmo entendimento não se fez possível na pesquisa de Bierlein (1997)⁴¹³; segundo ele, poucas pessoas idosas achavam que para o futuro seria interessante ter novas experiências ou novos conhecimentos de fé. Contextos socioculturais diferentes, pessoas com outras caminhadas de vida com certeza determinam este diferencial tão importante.

Wittrahm⁴¹⁴ aborda mais um questionamento crítico aos modelos de desenvolvimento genético-estruturais (de estágios) em relação ao desenvolvimento religioso: nos modelos de estágios, parte-se do princípio de que os estágios superiores ocupam o lugar dos estágios inferiores. A forma hierárquica dessa colocação não se mostra adequada, pois pessoas adultas que já atingiram uma capacidade maior de julgamento e uma consciência religiosa mais elevada recorrem, não obstante – dependendo da situação –, a estruturas de pensamento e percepção de estágios anteriores. Mais adequada seria uma utilização de formas ou estilos disponibilizados lado a lado, aos quais se pode recorrer ou atualizar dependendo das circunstâncias de vida, da biografia pessoal.

Numa visão teológica, a história do ser humano necessitaria ser entendida como uma história individual, do perguntar e do ouvir. Conforme Kruse, “a palavra de Deus, na verdade, se dirige à comunidade cristã, no entanto, não de um modo impessoal, e, sim, antes, de um modo que concerne à existência individual”.⁴¹⁵ Sem dúvida, somos impulsionados em nossa vida pelas contingências que nos são apresentadas. As respostas que procuramos e encontramos não são respostas abstratas, mas estão ligadas à nossa vida pessoal.

O Deus da Bíblia mostra isso claramente em Sara, mulher de Abraão, que era idosa, avançada em anos, e não havia gerado filhos para Abraão. Eis, porém, que o Senhor interferiu em meio à sua velhice e à sua biografia de vida. Ele desorganizou tudo com a

⁴¹¹ Ibid.

⁴¹² LAMPRECHT, Annette M. **Die Bedeutung und Funktion des Glaubens im Alter**. Berlin: Technische Universität, 2003. Tese (Doutorado). Disponível em:

<http://edocs.tu-berlin.de/diss/2002/lamprecht_annette.pdf>. Acesso em: 30/11/2006.

⁴¹³ BIERLEIN K. H. **Lebensbilanz**: Krisen des Älterwerdens meistern, kreativ auf das Leben zurückblicken, Zukunftspotentiale ausschöpfen. München: Claudius, 1997.

⁴¹⁴ WITTRAHM, A.; LEICHT, B. Op. cit.

⁴¹⁵ KRUSE, Andréas. Op. cit., p. 350.

promessa da vinda inesperada de uma criança, o filho da promessa. Sara estava na porta da tenda quando Deus falou com Abraão e lhe disse: “e Sara, tua mulher, dará à luz um filho” (Gn 18.10). Sara, realista a respeito das coisas e de si própria, conhecia seu corpo e era madura a respeito de suas impossibilidades. Sua reação foi cair no riso incrédulo, dizendo para si mesma: “Depois de velha, e velho também o meu senhor, terei ainda prazer?!” (Gn 18.2). Deus ouviu o riso de Sara e questionou sua incredulidade e a questão por ela colocada. Para Ele nada há que não possa acontecer, e o tempo não é interdito para prodígios. Ele falou pessoalmente com o casal em suas vidas e então nasceu Isaac, cujo nome é um jogo de palavras com o riso incrédulo de Sara. Isaac. A significação precisa de “Isaac” é “rirá”.⁴¹⁶

A história de fé, como destaca Ritschl⁴¹⁷, é exatamente como cada pessoa a vive no retrospecto, pessoal e individual. Cada qual tem seu contexto único. A história individual não pode ser compactada em “sistemas definidos e ordenados”, como os estágios de desenvolvimento. A “*story* (narrativa) de fé em seu todo” se constitui de numerosas “*stories* (narrativas) individuais”. Primeiro a descrição dessas *stories* (narrativas) individuais dá uma visão do desenvolvimento biográfico individual, tal como a pessoa o vivencia retrospectivamente. Não é possível retratar a história da fé individual por meio de evoluções normativas, de superações ou retrocessos, mas somente por meio das vivências e experiências de fé pessoais, descritas pela própria pessoa em sua biografia. Avanços e retrocessos são possíveis. O ser humano se encontra integralmente em sua história, com suas potencialidades e fragilidades. A maneira como vivencia seu presente e seu futuro é influenciada pelos acontecimentos e pelas experiências biográficas num constante processo de desenvolvimento.

Visto que a velhice propõe sempre novas tarefas, ela exige a abertura e a plasticidade do ser humano. Conforme R. Alves, “talvez seja por isso que os navegadores navegam: porque no perigo e no abismo eles vêem refletida a eternidade”.⁴¹⁸ De novas terras, novos mares e novas tarefas podem emergir novos temas, novas preocupações e

⁴¹⁶ GONÇALVES, Humberto M. Deus e pessoas idosas: uma relação de vida e de alegria: A Bíblia e as pessoas idosas. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 82, p. 56-57, 2004/2.

⁴¹⁷ RITSCHL, Dietrich. *Konzepte*: Ökumene, Medizin, Ethik. München: C. Kaiser, 1986. p. 209. O autor utiliza o conceito “*story*” (narrativa), no qual se cristaliza a identidade de cada pessoa. É a narrativa de vida que inclui pontos que se movimentam entre o nascimento e a morte. O centro, o presente pode estar tanto no passado como no futuro, dependendo do que é importante agora. Cada um tem a sua “*story*” e cada um é a sua “*story*”. É um processo dinâmico.

⁴¹⁸ ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Op. cit., p. 125.

perguntas do ser humano, que, na verdade, se encontram num contexto biográfico, mas, ao mesmo tempo, são co-condicionados pela situação atual da vida. A história toda do ser humano – tal como esse a experimenta – estabelece um elo entre passado, presente e futuro.⁴¹⁹ Cada um possui uma capacidade de desenvolver a sua fé e religiosidade, que é pessoal e intransferível, construindo-se a partir de suas possibilidades, revezes e contextos.

⁴¹⁹ STAUDINGER, U. M.; DITTMANN-KOHLI, F. Lebenserfahrung und Lebensinn. In: BALTES, P.B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U.M. (Eds.). *Alter und Altern*: Ein interdisziplinärer Studententext zur Gerontologie. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 408-436.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Palavras de Hosukai, pintor japonês (1760-1849), escritas depois dos 70 anos:

Desde os 6 anos tenho mania de desenhar a forma das coisas. Aos 50 anos publiquei uma infinidade de desenhos. Mas tudo que produzi antes dos 70 não é digno de ser levado em conta. Aos 73 anos aprendi um pouco sobre a verdadeira estrutura da natureza dos animais, plantas, pássaros, peixes e insetos. Com certeza, quando tiver 80 anos, terei realizado mais progressos, aos 90 penetrarei no mistério das coisas, aos 100, por certo, terei atingido uma fase maravilhosa e, quando tiver 110 anos, qualquer coisa que fizer, seja um ponto, seja uma linha, terá vida.⁴²⁰

Encontro-me há horas, há dias diante de um computador, escrevendo e reescrevendo frases que jamais me deixam completamente satisfeita tanto em sua formulação como em seu sentido. Faço e refaço estas frases e chego à conclusão de que, por mais que eu escreva, não consigo expressar completamente o meu pensamento. O resultado é que eu escolho, então, a melhor frase.

Início, então, minhas conclusões de forma plural, pois falo de idosos, de paixão, de amor, de amizades, de atividades, de lugares, de amanheceres e crepúsculos, de lembranças, de filhas e filhos, de dores e de pesares... Mas não se deixem enganar por tudo que descrevo e analiso. Todas essas percepções traçam, na realidade, as marcas do meu próprio rosto, da minha biografia. Tudo o que escrevo é sempre uma reflexão sobre mim mesma. Sendo assim, não tenho como escapar da ambivalência da informação, tanto de quem a transmitiu quanto de mim que a recebo. A informação é em si ambivalente, tanto em quem a dá quanto em quem a recebe. Em todos os momentos, quando de uma reflexão solitária, mesmo que respaldada pelas próprias pessoas idosas, a informação passa pelo

⁴²⁰ ALVES, Rubem, *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Op. cit., p. 58.

filtro da subjetividade, sempre limitada pela vivência de quem a percebe e também de quem a conceitualiza. É importante deixar claro que, no meu entendimento, esta ambivalência resgata a possibilidade de criar e, é na realidade, a minha e a nossa riqueza. Se tudo fosse apenas lógico e claro, seria apenas monótono e repetitivo.

Amo pensar. Amo pesquisar, combinar, entender conexões, desconfiar de afirmações e descobrir novas verdades. Sem essa paixão para o estudo e a pesquisa, eu não teria iniciado esta tese. A capacidade do pensar é uma das coisas fundamentais da nossa humanidade. E eu também creio. Assim como o pensar, o crer também é parte importante da minha personalidade. Acreditar no potencial humano, como criação de Deus, conduziu-me nesta pesquisa e nesta esperança de um resultado que integre, capacite, apóie, conduza a todos nós nos anos mais avançados de nossas vidas.

O envelhecimento e o aumento quantitativo das pessoas idosas são a principal preocupação, tanto minha, quanto das pessoas que se preocupam com saúde e bem-estar, bem como do governo brasileiro e da comunidade internacional, diante do aumento das demandas e das pressões que acarreta o aumento significativo deste grupo da população. Dessa forma, os velhos, como um coletivo social, tornam-se muito mais ameaçadores em todos os sentidos do que a velhice como fenômeno biológico. Se antes o envelhecimento era símbolo da proximidade do fim da vida, neste momento, ele simboliza décadas a mais de vida e, conseqüentemente, uma possível crise pessoal e social e de algumas instituições públicas. Encontrar uma saída, ou melhor, um sentido para este tempo de vida, um valor naquilo que as pessoas mais velhas apresentam em termos de capacidades e habilidades, é uma necessidade e, ao mesmo tempo, uma possibilidade enriquecedora e interessante. Estimular a sociedade a refletir sobre esses anos ganhos e integrá-los na vida formativa, produtiva e prazerosa é um desafio a todos nós. Os organismos internacionais, como a ONU e a OMS, já se preocupam há mais anos com a participação deste grupo na sociedade e elaboraram um novo discurso sobre a velhice, baseado no conceito de envelhecimento ativo (*active aging*), que rompe com o tradicional estereótipo sobre a velhice inativa.

O conceito de envelhecimento ativo, de envelhecimento capaz, pode produzir uma idéia de velhice como sinônimo de vitalidade e saúde, porém gera em nós um sentimento de ambigüidade. Se, por um lado, este novo discurso estimula a auto-estima e a capacidade das pessoas idosas, destruindo estereótipos anteriores de incapacidade, existe um grande número de idosos que não conseguem se integrar mais no mercado de trabalho e dependem

dos recursos públicos, como também existem idosos doentes e frágeis que necessitam de apoio e amparo para terem uma vida digna. A inclusão social pleiteada também por nós, sem uma visão crítica destes aspectos, é, a nosso ver, frágil e descompromissada. Uma sociedade igualitária para todas as idades, como defendemos e como parece corresponder ao fundamento da justiça social e à base da ética cristã, não pode se constituir sem que se observe a velhice como uma construção social necessariamente plural e heterogênea.

Revedo um título significativo que utilizei lá no segundo capítulo, “A velhice é jovem e inclui novas revelações”, entendo que se de fato eu, como outros mais que acreditam nessa premissa da juventude da velhice⁴²¹, que a cultura do envelhecer está ainda numa fase bastante jovem e, mais ainda, que, conseqüentemente, não existe uma tradição longa na cultura do envelhecer, então nós somos ignorantes, pois ignoramos o que está bem diante de nossos olhos, sabemos relativamente pouco acerca desse tema. Quais formas de vida, baseadas em potencialidades latentes, em inovações sociais e tecnológicas, serão fundamentalmente possíveis ou viáveis para todos nós que envelheceremos nas próximas décadas? Não temos modelos que nos aproximem desta realidade. Pressinto que muito daquilo que atualmente entendemos como próprio da “natureza humana”, próprio do envelhecimento esteja desatualizado e pouco desenvolvido, e este potencial humano com certeza está longe do esgotamento. É como se estivéssemos vivendo um déficit da cultura contemporânea do envelhecimento. Elaborar algo satisfatório para este ganho em anos de vida é uma necessidade e um grande desafio a que me proponho humildemente.

Partindo da reflexão inicial, no primeiro capítulo, a respeito das idéias e imagens, dos tabus e preconceitos que construíram, o meu e o nosso ideário sobre o envelhecimento, revendo aqueles modelos mais propagados e absorvidos, tanto de fundamental importância quanto de desatualizada normatividade, percebemos que nossos mestres Freud, Jung, Piaget e Erikson, incluindo agora também Fowler do quinto capítulo, contribuíram propagando a idéia de que o desenvolvimento humano na área psicológica e cognitiva corresponde a descrições e explicações ligadas à idade cronológica, “passando uma idéia de que as idades ou mesmo os estágios ou fases são as causas do desenvolvimento, na verdade eles são somente constructos teóricos, marcadores artificiais sociais”.⁴²² Essas contribuições, ao serem confrontadas com idéias contemporâneas acerca do desenvolvimento, como o modelo do *lifespan*, de desenvolvimento no curso de vida,

⁴²¹ BALTES Paul B.; BALTES Margareth M. *Successful Aging*. Op. cit.; ROSEN MAYR, L. Op. cit.

⁴²² NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento. Op. cit., p. 28.

norteador deste estudo, causaram um estremecimento em verdades estabelecidas, causaram dúvidas, fazendo surgir a seguinte pergunta: estaríamos esquecendo que as pessoas mais velhas continuam a se desenvolver, a criar, a crescer mesmo tendo perdas mais visíveis e ganhos imperceptíveis, mesmo não podendo participar competitivamente da cadeia produtiva capitalista? Realmente, surgiu uma questão vital, pois os idosos se parecem ao capim: mais rígido, mais seco, mais resistente; mesmo em plena seca ou no asfalto, ele não se dá por morto, floresce. Onde estariam escondidos estes tesouros de capacidades e de adaptabilidades que nós não enxergamos (propositalmente?) e nem valorizamos?

A sociedade contemporânea, com seu modo individualista de convivência, atinge fortemente a todos, mas especialmente os idosos, que já estão relegados a uma falta de papéis sociais e abandonados à sua própria sorte. Agora eles precisam procurar se ocupar, encontrar algo para passar o tempo, algo que dê sentido, que lhes seja importante e em que eventualmente poderão se engajar. Pesquisar e descobrir, dentro da perspectiva do desenvolvimento contínuo, quais dimensões, formas e modelos as pessoas idosas moradoras em bairros de periferia, com poucos recursos de toda ordem, utilizam para sua inclusão e satisfação foi realmente desafiador e enriquecedor.

Estudar o ser humano em seu desenvolvimento sem o ancoradouro claro de períodos bem estipulados e caracterizados, mas permitindo a descontinuidade, o navegar e o ancorar em qualquer ponto do curso da vida para uma análise dinâmica, observando tanto as correntes de conseqüências de experiências passadas como de ventos das expectativas futuras, isto vinculado ao contexto de cada um – esta é a minha bandeira. Essa descontinuidade, esse navegar ao vento acontece no modelo de desenvolvimento humano no curso da vida, *lifespan*. Este modelo entende o desenvolvimento como processo constante e duradouro, ao longo de toda a vida, iniciando na concepção e se mantendo até a morte. Trata-se de um processo determinado por elementos do ambiente natural e os do mundo construído pelo próprio homem, incluindo como fator determinante a plasticidade, o potencial de flexibilidade e mudanças que cada idoso(a) possui para resistir, enfrentar adversidades, lidar com as perdas, os ganhos e enfrentar os desafios. Essas reservas não estão prefixadas nem predeterminadas, mas são mutáveis no tempo histórico, na cultura, no

grupo étnico, no status econômico (recursos externos), nas reservas internas, bem como na saúde e nas capacidades cognitivas.⁴²³

Este modelo prevê para um desenvolvimento bem-sucedido e integrador, três processos prototípicos que permitem ao idoso operar de forma satisfatória, ativa e produtiva: a Seleção, a Otimização e a Compensação (SOC)⁴²⁴. O objetivo fundamental deste processo é a adaptação e o domínio da própria vida por parte do idoso; fundamental é a atividade que difere da produtividade, pois vida produtiva é muito mais do que trabalhar.

A procura por condições e variações de envelhecimento satisfatório neste grupo de idosos de bairros de periferia é um empreendimento científico e sociopolítico justificado, ainda que não haja perspectiva de soluções simples. Descobrir estratégias, critérios, condições e variações na arte do envelhecer destes(as) idosos(as), contribui para o entendimento da velhice, podendo vir a fornecer também uma análise crítica da maneira como estamos idealizando e planejando ações privadas e públicas para esta população. Pois convivemos com o conceito que “ser pobre, velho e talvez doente são as piores desgraças que podem acontecer” a qualquer pessoa. Manter um diálogo entre esses dois protagonistas — os idosos e a perspectiva teórica do *lifespan* — amplia o meu e o nosso conhecimento, derruba muros, limitações e percebe potenciais que se alojam nos subterrâneos de todo e qualquer terreno, por mais árido e pedregoso que seja.

Esta pesquisa apresenta pessoas idosas que têm se mostrado capazes de criar estilos de vida e de lutar por/pelo reconhecimento de sua individualidade, utilizando as estratégias de seleção, otimização e compensação constantemente como estratégias de comportamento, sentem-se geralmente bastante satisfeitas e fazem de suas vidas, tão pouco valorizadas por nossa sociedade, grandes realizações. A arte de envelhecer aproveita-se decisivamente disso.

Ao estudar os idosos das vilas de periferia Morro da Cruz e Ilha da Pintada, apresentam-se singularidades e peculiaridades que gostaria de ponderar. Segundo Ribeiro, a segregação e a exclusão habitacional nas grandes cidades produzem espaços nos quais se

⁴²³ STAUDINGER, U. M.; MARSISKE, M.; BALTES, P. B. Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice. Op. cit., p. 196-197.

⁴²⁴ Esses conceitos de desenvolvimento são esclarecidos no segundo capítulo desta tese. Cf. BALTES, P. B. Theoretical Propositions of Lifespan Developmental Psychology: Op. cit.

verifica a acumulação de desvantagens sociais. São aglomerados urbanos onde grupos de pessoas vivem o processo de vulnerabilização coletiva decorrente do subemprego, do desemprego e da perda da renda do trabalho, processo ao qual se somam os efeitos do empobrecimento nas relações humanas, resultantes da desestruturação do núcleo familiar, do isolamento social, da estigmatização e da falta de garantias aos direitos humanos fundamentais. São locais menos assistidos pelo poder público, vivendo numa marginalização social que os exclui territorialmente. São as “periferias”. Ali vivem pessoas de todas as idades, com sonhos, desejos e projetos de vida. Ali também se verificam as maiores taxas de repetência e evasão escolar, de jovens mães solteiras e de jovens que não estudam, não trabalham e tampouco procuram emprego.⁴²⁵ É nesse contexto territorial e social que vive o idoso participante deste estudo, um sujeito que já viu dias bem melhores, pois vive hoje amedrontado pela violência e pela falta de segurança e teme pelo amanhã de seus filhos e netos.

O perfil dos idosos moradores da periferia, aqui delineado, é característico da amostra estudada. Portanto, generalizações mais abrangentes, mesmo dentro da mesma população, devem ser evitadas, prevenindo possíveis conclusões equivocadas.

Os resultados relevantes encontrados nesta pesquisa de campo possibilitaram as seguintes conclusões:

- A maioria dos idosos é composta por mulheres (77%), sendo que a idade variou entre 62 e 82 anos, permanecendo a média em 70 anos, porém pertencendo o maior grupo à faixa entre 70 e 74 anos.
- A situação de viuvez é a do maior grupo de idosas(os) (66%), estando 31% deles ainda casados(as). Já em termos de moradia, a maioria divide o seu espaço com a família, incluindo aqui companheiro(a), filhas(os), netos(as). A condição de morar só é usufruída por somente 32% deles, que referem ter filhos ou parentes nas proximidades.
- A baixa escolaridade e o analfabetismo estão infelizmente presentes num grupo bastante significativo: temos 27% de analfabetos, mais 17% que cursaram somente o primeiro ano da escola, perfazendo 44% de idosos que têm

⁴²⁵ RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Cidade e cidadania: inclusão urbana e justiça social. *Ciência e Cultura*, v. 56, n. 2, p. 43-45, abr./jun. 2004.

dificuldade de leitura. Fazendo uma leitura conjunta com o número de filhos, apresenta-se uma densidade muito grande de filhos (até 14) entre os idosos com baixa escolaridade, que vai decrescendo entre aqueles que tem maior grau de escolaridade.

- A maioria (69%) destes idosos não é natural da região metropolitana de Porto Alegre; veio há muitos anos de cidades do interior do Rio Grande do Sul têm sua origem no campo.

As categorias temáticas pesquisadas e analisadas foram definidas pelos objetivos da pesquisa em identificar e descrever como vivem estes idosos: como percebem o seu envelhecimento; identificando a sua capacidade de adaptação e de enfrentamento em seu contexto específico utilizando as estratégias de seleção, otimização e compensação.

Categoria temática: Percepção de si e de seu envelhecimento

- Ao relatarem a sua percepção em relação ao envelhecimento, a maioria (67%) considera que mudou: na aparência, na disposição para realizar atividades, na saúde que se tornou mais vulnerável. Entre estes que mudaram, um grupo mais significativo (63%) entende que mudou para uma situação mais vulnerável; já um grupo de 37% entende que mudou para melhor.⁴²⁶
- Considerando o grupo que entende que não mudou (33%), junto com aquele que entende que mudou, mas para melhor, do total dos sujeitos (23%), teríamos mais da metade da amostra (55%) que se percebe em boa situação no envelhecimento: mais tranquilos, mais alegres, com mais recursos financeiros, realizando atividades menos cansativas e com uma saúde razoavelmente boa.
- Quase a totalidade do grupo relata mais de uma doença, na autopercepção de sua saúde, sendo as co-morbidades bastante comuns. As mulheres relatam maior número de enfermidades. A HAS, hipertensão arterial sistêmica, é a mais referida no grupo, seguida das doenças cardiovasculares, porém as doenças

⁴²⁶ HEREDIA, Olga Collinet. Constatações idênticas aos resultados da pesquisa encomendada pelo Governo do Estado do RS e o Conselho Estadual do Idoso – O Idoso Urbano no Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13.; Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 4 a 8 de novembro de 2002. *Anais*. Ouro Preto, 2002.

osteomusculares são percebidas por eles como as mais graves e as que mais incomodam no cotidiano.⁴²⁷

- A percepção da gravidade perpassa muito o incômodo das dores e da dificuldade de movimentação das doenças osteomusculares, apesar da possibilidade de outras patologias apresentarem maior morbidez, como a hipertensão, as doenças cardiovasculares e o diabetes, mesmo que não sejam percebidas como tal. A maioria sente-se bastante bem.

Categoria temática: Seleção

A categoria *seleção* envolve desafios ambientais, motivação pessoal, habilidades e capacidades produtivas.

- Quando os(as) idosos(as) passam a escolher suas prioridades, recebe a maior valoração tudo que se relaciona à casa, à moradia: possuir moradia própria, reformar sua casa, trabalhar para manter e melhorar a casa, receber pessoas em casa. A maioria (73%) almejou isto durante toda a vida, outros (27%) continuam manifestando o desejo de reformar, melhorar e ampliar a sua moradia agora. Mais da metade dos idosos tem atividades no âmbito de sua casa, realizando todo tipo de ação: limpar, pintar, cozinhar, lavar. São atividades que geram prazer, satisfazem, geram autovalor e auto-estima e integram os idosos em seu grupo familiar. Um pequeno grupo da amostra não conseguiu ter a sua casinha e sente grande amargura por esta razão. Concordo com Alves⁴²⁸ quando deixa claro que a exclusão ou inclusão precária em relação à moradia é uma das conseqüências claras das transformações da globalização e da mundialização do capital, pois não pode ser compreendida isoladamente, sendo que uma pessoa sem moradia é, concomitantemente, mal atendida nos âmbitos da saúde, da alimentação, do trabalho, da qualidade ambiental, do lazer, dos meios de transporte. A moradia tem tudo a ver com a condição de trabalho, de inclusão, de valor próprio e com a cidadania de cada ser humano.

⁴²⁷ Ibid.

⁴²⁸ ALVES, G. *O novo (e precário) mundo do trabalho*: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

- Formar uma família foi outra das escolhas prioritárias na vida. Casamentos aconteceram por opção como também, para muitas(os), por obrigação. Era importante sair de casa, casar e ter filhos. Essa escolha e opção preferencial pela família continua sendo central e interessante até pela reciprocidade do gesto, para 60% dos(as) idosos(as). Atualmente eles(as) passaram a ser os cuidadores diretos de familiares, tomando conta das funções da casa: preparando alimentos, cuidando das crianças para os(as) filhos(as) trabalharem ou estudarem e incentivando os netos para o trabalho e os estudos. A maior ocupação do(a) idoso(a) permanece centralizada no círculo familiar, até pela falta de oportunidade e pela falta de papéis adequados em nossa sociedade para gerar outras oportunidades para este grupo etário.
- Pode-se apontar como uma escolha de grande número dos idosos(as), que lhes proporciona muita satisfação e sentido para a vida, as atividades de lazer ou prazerosas. Ressaltam eles que agora é tudo mais fácil, mais leve, menos cansativo, é a primeira vez que podem relaxar e aproveitar, pois têm a aposentadoria garantida. Suas opções preferenciais vão da participação em grupos de terceira idade (33%), da prática de atividades como o artesanato até a participação em clubes de reciclagem⁴²⁹ e transformação de materiais. Já 43% fazem referência a viagens de pequenas e médias distâncias, uma atividade que, em geral, é preferencialmente praticada em grupo, sendo motivo de festa e alegria tanto antes quanto depois, por muito tempo. Ou, então, referem a lida na horta, onde fazem o que faziam na infância e na juventude: cultivar a terra. Também foi mencionada a atividade de ler e ouvir outros lerem; aqui se pode ressaltar o prazer em ler e ouvir qualquer tipo de literatura, desde romances até livros didáticos escolares. Duas pessoas faziam e fazem música, tocam instrumentos musicais.

⁴²⁹ Clube de Reciclagem Geração de Renda Transformando Vidas: a idéia deste trabalho surgiu para aproveitar retalhos de doações de roupas e criar novas peças. O grupo desenvolve uma proposta social e ecológica que gera renda para as famílias do Morro da Cruz. São mais de 60 mulheres criativas. Elas buscam restos de tecidos nas indústrias e usam este material para criar roupas, bolsas, almofadas e tapetes. Cada uma trabalha em sua própria casa. Depois, elas reúnem a produção para expor em feiras, bazares e no Brique da Redenção. Elas distribuem entre si códigos por produção e dividem a renda conforme as vendas de cada uma. Disponível em: <http://www.aemp.com.br/p_clube_encontros_detalhe.php?id_clube_resumo_encontro=30>. Acesso em: 30/11/2006.

- Aprender e estudar é uma das escolhas de grande relevância, tanto no passado quanto atualmente. Apesar de todo tipo de restrição e de falta de recursos, o desejo já era muito forte durante a vida (60%), em que a precariedade de condições de vida fez com que 43% não conseguisse realizá-lo; mesmo assim, 17% continua manifestando teimosa e claramente essa vontade, essa escolha, apesar de mostrarem vergonha pela idade e por sua ignorância. Outro grupo (17%) com essa expectativa consegue encontrar um nicho de satisfação nas suas comunidades religiosas, onde tem oportunidade de aprender e ensinar, e onde não são avaliados, pois ali tudo acontece na prática.
- Outra opção importante se dá na área do trabalho, onde a atividade remunerada continua tendo vital importância. Não consigo imaginar algo que capacite melhor a pessoa a suportar e/ou superar sofrimentos e dificuldades do que o sentimento de possuir uma tarefa a cumprir. Entre faxineiras, lavadeiras, porteiros, na horta e biscates, são 50% dos idosos que atuam em troca de remuneração, geralmente sem vínculo formal de trabalho. A produtividade é motivo de satisfação para a maioria, pois trabalham agora com menos pressão, sabendo que têm uma aposentadoria para assegurar a sobrevivência, mas para alguns, poucos na realidade, a atividade é bastante fatigante. Os valores monetários recebidos são vitais para o sustento não só deles mesmos, mas de uma quantidade de familiares que habitam o mesmo lar ou as imediações.

Categoria temática: Otimização

Trata-se de um processo que procura levantar o nível geral de reservas de capacidade e de incrementar em termos quantitativos e qualitativos os modos de vida escolhidos.

- Os sujeitos entrevistados em grande número relatam que, para melhorar a sua função em relação à área de cuidados de familiares e de amigos, participam das palestras e encontros oferecidos nos postos de saúde, nas escolas e nas igrejas. Participam com entusiasmo desses projetos e relatam que já aprenderam muito. Também se instruem na mídia, rádio e televisão, onde aprendem coisas que passam a usar e ensinar aos outros, entre eles, os netos.

- Os idosos otimizam ainda a sua inclusão social melhorando constantemente seu relacionamento com amigos e vizinhos, que os auxiliam e são solidários nas inúmeras necessidades desta população mais carente e sem assistência. A amizade é extremamente valorizada. Toda e qualquer atividade é realizada e projetada em grupo; para incentivá-la e melhorá-la, atua-se em conjunto nas viagens, na reciclagem, na igreja e nos almoços comunitários, que geram grande alegria. Os projetos dos postos de assistência à saúde também atuam preferencialmente em ações preventivas com os grupos.
- É surpreendente como a maioria dos idosos aprendeu recentemente várias atividades novas que lhes facilitam a vida no cotidiano e nas suas opções de atividades atuais, como culinária, tecnologia nova (telefone, banco, TV, DVD), orientação preventiva na área da saúde, confecção de roupa, tricô e crochê, ler as mãos, pregar o evangelho, instalação elétrica e hidráulica, pintura e até ler e falar em público com quase 70 anos. Um pequeno grupo (13%) se mostra cansado e extenuado, não desejando mais aprender, modificar ou se dedicar a algo novo ou diferente agora.

Categoria temática: Compensação

A *compensação* ocorre sempre que determinadas capacidades ou habilidades de comportamento cessam ou caem abaixo de um nível adequado ao funcionamento.

- Os idosos ressaltam uma estratégia que é utilizada por grande parte deles: quando não conseguem realizar algo, eles param, permitem-se esperar um tempo, descansar, respirar melhor e tentar novamente. Não desistem com facilidade e tentam realizar aquilo que se faz necessário de forma mais lenta. Sabem que não podem desistir; a vida lhes ensinou isso.
- Mudar o contexto, mudando a atividade ou o turno pela dificuldade de realização é outro recurso utilizado por muitas pessoas. O mesmo vale para correr menos riscos. Na periferia, o risco de assalto, roubo e de tiroteios exige uma prontidão na atividade realizada na rua que as restrições físicas da idade não permitem mais; então mudam-se o local e os horários. Reuniões de grupo de igreja, de clube, de posto de saúde, visita a amigos, fazer compras – tudo é

planejado. Outro fator para mudança de contexto é a fadiga física para aquelas(es) que trabalham na faxina, que é compensada com a escolha de locais menos distantes ou de residências menores. Outro recurso é mudar o tipo de negócio, mantinha um tipo de comércio que realizava na rua, foram surgindo muito devedores e ameaças, percebia-se impotente com a idade, mudou para outro ramo. Ou de músico de bailes passou a músico de tardes dançantes, em horário mais adequado.

- A incapacidade da leitura de grande número dos entrevistados expõe a eficiência do processo compensatório. Os idosos são eficientes neste recurso, pois não deixam de fazer as suas atividades, como compras, consultas e passeios. 28% são analfabetos e mais da metade frequentou um a dois anos de escola. Eles recorrem à leitura e à explicação realizada pelos outros, desenvolvendo para isso alto grau de confiança em quem lhes concede ajuda, geralmente familiares ou amigos, mas também ilustres desconhecidos.

Singularidades e particularidades da amostra pesquisada:

- A maioria das mulheres idosas participantes desta pesquisa percebe e manifesta agora as poucas oportunidades que tiveram como cidadãs para perceberem-se como pessoas autônomas e capazes de fazer livremente escolhas para as suas vidas. A maioria casou por imposição familiar, ou então por necessidade econômica, ou para não atrapalharem a família; poucas de fato escolheram livremente. Tiveram os filhos que quiseram e também os que não quiseram, além de terem sofrido toda sorte de métodos abortivos primitivos, pois não conheciam nada melhor na área contraceptiva 30-40 anos atrás. Sofreram para criar os filhos e sofrem hoje pela falta de oportunidades que eles têm. O Estado protegeu o paternalismo e limitou a liberdade da mulher de poder fazer aquilo que pensava ser útil e necessário. A lei penal lhe nega, até hoje, o direito de liberdade, a liberdade de fazer o que bem entender com o seu próprio corpo.⁴³⁰ Ela se sente penalizada duplamente, pois sofre pela falta de recursos, de moradia, de emprego digno e não pôde determinar o tamanho de sua família,

⁴³⁰ MEDINA, Bruno. *Quando o aborto é necessário e útil*. Centro de Mídia Independente. 17/11/2006. Disponível em: <<http://brunomedina.blogspot.com>>. Acesso em: 17/11/2006.

pois o aborto é “crime”, como elas mesmas dizem. “Não tinha escolha”, como elas falam. Acrescento palavras de Rousseau, que foram determinantes para várias décadas de pensamento patriarcal:

A rigidez dos deveres relativos aos dois sexos não é nem pode ser a mesma. Quando a mulher se queixa a respeito da injusta desigualdade que o homem impõe, não tem razão; essa desigualdade não é uma instituição humana ou, pelo menos, obra do preconceito, e sim, da razão; cabe a quem a natureza encarregou do cuidado com os filhos a responsabilidade disso perante o outro.⁴³¹

- Um dos maiores desejos sempre foi ter uma vida melhor, que incluía um bom serviço. Muito poucos conseguiram este bom serviço, e tiveram que se contentar com um serviço qualquer; não podiam querer nem ambicionar algo melhor, pois trabalhavam para sobreviver. O serviço que realizaram durante toda a vida é lembrado por muitos como difícil demais, pesado demais, de dia ou de noite, não rejeitavam nada, não tinham exigência nenhuma. Infelizmente, para alguns, a vida melhor ainda está por chegar.
- Sentir-se bem atualmente está diretamente relacionado a opções e escolhas por alguma atividade que lhes traga prazer e satisfação, para alguns com retorno financeiro. Esta atividade, que representa a inclusão social do sujeito idoso, passa a ser facilitada pela convivência com os grupos existentes em sua comunidade de periferia ou com a capacitação dada por alguma instituição ou pela mídia. Os(as) idosos(as), quando não têm condições de realizar certas tarefas ou atividades necessárias ou escolhidas, procuram algum modo de realizá-las com outro recurso disponível. Compensar as situações é uma estratégia bem treinada desde a infância pela falta de condições em que viveram. São aprendizes da vida, mas verdadeiros mestres nesta arte de viver.

Enfatizei neste estudo, a perspectiva teórica do desenvolvimento das pessoas durante todo o tempo de suas vidas, do lifespan, que para este fim utilizam estratégias e comportamentos de adaptação e de flexibilização procurando superar os momentos de dificuldade e de mudanças.

⁴³¹ ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da educação*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979. p. 419.

É correto que a natureza humana restringe mais e mais as possibilidades na velhice, no entanto, a tarefa adaptativa do ser humano consiste justamente em selecionar as áreas que são de alta prioridade para ele e concentrar-se nelas.

Olhando de forma superficial, esta técnica de vida parece simples e corriqueira, mas em relação ao desenvolvimento é muito mais difícil do que se poderia acreditar. Manter a vida em movimento, selecionar, otimizar e compensar necessita ser treinado, pois envolve concentrar-se e, ao mesmo tempo, abdicar de algumas coisas, não se engajar em tudo ao mesmo tempo, permitir-se novos objetivos, bem como novos modos de comportamento.

Selecionar é, para a maioria destes idosos, relativamente simples, pois o leque de escolhas não é muito extenso em seu contexto e a vida já lhes exigiu escolhas bem difíceis. Contentam-se hoje com coisas próximas e viáveis; talvez pudessem exercer agora alguma ambição que ficou perdida ao longo da caminhada. Com as limitações advindas das transformações pela idade ou por patologias, necessitam e mudam suas prioridades. Algumas vezes a renda diminui, a casa passa a ser moradia de toda a família em conjunto, o seu quarto é dividido entre várias gerações. Outros passam a trabalhar mais ainda em casa, para que seus(suas) filhos(as) possam estudar e trabalhar, esquecendo de seus propósitos.

Possuir essa plasticidade do Ego que a maioria dos idosos entrevistados apresenta, essa flexibilidade em modificar suas escolhas, flexibilidade que a vida lhes exigiu em troca da sobrevivência neste ambiente inóspito, permite que se preparem melhor para as coisas previsíveis do envelhecimento, que cada um deles sempre de novo se estrutura dentro de territórios mais reduzidos. Dom Helder Câmara, muito apropriadamente, ressalta:

NENHUM DE NÓS pode programar a vida como linha reta imutável, inflexível... A cada instante as surpresas rebentam e temos que ter humildade e imaginação criadora para ir salvando o essencial através do inesperado de cada instante (Recife, 6/2/76).

Uma das essencialidades que permanece forte e resiste, apesar de todas as dificuldades e calamidades que ocorreram no decorrer de suas vidas, é a vontade de aprender. A capacidade de aprender e de adquirir novos conhecimentos por parte dos idosos é, muitas vezes, subestimada por eles próprios e por quem os cerca. Os idosos entrevistados gostariam de aprender desde receitas de cozinha e cuidados de saúde até de

cursar uma faculdade. É inacreditável como esse desejo é forte. Conforme Both, as pessoas idosas vivem em nossa sociedade um “processo inverso” ao da criança. “A criança é estimulada a entrar no mundo dos objetos, das ações e, por maturação-mediação, a conceber o mundo, a percebê-lo e lidar com ele com a linguagem e seus significados”.⁴³² Biologicamente, ela vai se tornando cada vez mais apta a fazer conexões e a realizar operações com maior grau de dificuldade. É convidada, então, a participar com a organização de seus interesses do “universo circundante”. Já o idoso é “desconvidado”. Both continua se referindo ao idoso dizendo que ele “[...] é forçado a perder o interesse porque lhe retiram os objetos, a ação e a palavra, empobrecendo-lhe as mediações sociais, ou pela retirada das instituições [...]”.⁴³³

Os resultados obtidos neste estudo levam-me a reforçar a necessidade de se trabalhar para a busca de uma mudança cultural, no sentido de disponibilizarmos mais espaços de aprendizagem, locais que atendam pessoas que passaram suas vidas no trabalho árduo e fatigante e que agora visualizam um tempo mais leve e mais prazeroso. Cada ser humano busca sentido e renovação existencial de alguma forma, e esta pode acontecer por inúmeras escolhas ou motivações: continuar em sua atividade, renovação de investimentos em áreas abandonadas e passíveis de serem retomadas, como a educacional, ou outras tantas.

Concordo com Agostinho Both quando afirma: “O que se pretende extrair da concepção pós-modernista sobre a construção das identidades é a defesa do direito de cada sujeito construir-se com suas referências culturais e decisões pessoais”.⁴³⁴ Apesar da marcante dominação sociocultural que esse grupo social vive diariamente, eles demonstram um potencial de resistência, de capacidades e habilidades não transformadas em realidade, de desafios a determinações externas, apresentando uma enorme plasticidade para a busca e realização de atividades de seu interesse. Tive o prazer de visualizar o brilho deste tesouro oculto que os idosos têm em seu poder nas longas entrevistas.

Pude observar nos depoimentos em relação ao desenvolvimento humano, no que concerne ao aspecto espiritualidade/religiosidade, que este não fica restrito e enclausurado aos estágios normativos que evoluem numa seqüência invariável. O desenvolvimento da fé está diretamente conectado ao desenvolvimento humano que é constante durante todo o

⁴³² BOTH, Agostinho. *Gerontogogia*. Op. cit., p. 59.

⁴³³ Ibid.

⁴³⁴ BOTH, Agostinho. *Educação gerontológica*. Op. cit., p. 144.

curso de vida, dependendo do contexto, tendo ao mesmo tempo ganhos e perdas. Os encadeamentos dos processos de comportamento e de personalidade acontecem numa dinâmica constante, sendo compreendidos pelos processos anteriores e pelos subseqüentes de igual forma. Na velhice se vê uma continuidade do desenvolvimento da fé, pois liberdade e abertura para a vida são prerrogativas cristãs.

Os(as) entrevistados(as) declararam estar atentos as novidades do mundo contemporâneo, as mudanças de valores da sociedade, assumem agora com mais liberdade suas escolhas, determinam assim a sua pertença a alguma instituição religiosa, a sua fé, por necessidade, por oportunidade, por tradição e por agradecimento. Gradualmente ao longo da vida, quando o indivíduo já possui experiências suficientes dos processos de vida, pode eventualmente desenvolver maior confiança na superação de conflitos, o bom e o ruim sofrem relativização. Mudanças ocorrem internamente bem como nas atitudes, no modo de levar a vida, na manifestação do amor e do perdão, em “relevar quando alguém ofende”. Nesse momento de vida é possível para o indivíduo realizar uma formulação pessoal das religiões presentes em seu contexto, o que leva a ter na situação religiosa a vivência do sagrado.

Os(as) idosos(as) aproveitam a oportunidade nas instituições religiosas para otimizar alguns objetivos de vida como de socialização, participação em festas, estudo e aprendizagem sem pressão de acerto. As instituições religiosas, bem como outras da área da saúde e da cultura neste contexto de periferia, marcam a sua presença pela oportunidade que dão aos idosos excluídos de terem um lugar, de exercerem a sua cidadania, sendo de alguma forma promotoras de inclusão social.

Um ponto importante amplamente tematizado pela imprensa cotidiana, mas digno de um realce, é a situação de serem eles idosos moradores de periferia. O crescimento urbano e a crescente concentração de população no meio urbano vieram acompanhados da deterioração da qualidade de vida, notadamente nas periferias das grandes cidades. No caso do Brasil, a dinâmica de urbanização associada a dificuldades na gestão pública tem como resultado uma explicitação das carências sociais e dos serviços públicos. Isto provoca um crescente número de moradores em regiões como os bairros onde ocorreu esta pesquisa, de deterioração socioambiental. Tem-se nas cidades uma parcela da população que desfruta de um nível alto de consumo e outra que também tem condições de satisfazer suas necessidades básicas. Em outra parte do espaço urbano estão os excluídos, aqueles que não

satisfazem suas necessidades materiais básicas. Este é o quadro de inclusão-exclusão. A cidade “dos que têm” e a cidade “dos que não têm”, esta é a realidade urbana brasileira.

Os idosos entrevistados vivem no seu cotidiano esta crescente desigualdade em termos de bens e serviços. Esta população de baixa renda está sujeita a todo tipo de risco e dificuldade, como enchentes, deslizamentos de encostas, contaminação do solo e das águas pela destinação clandestina de lixo e outras tantas. A dinâmica da urbanização pela expansão de áreas suburbanas produziu um ambiente difícil e violento para todas as faixas etárias, com efeitos muito graves sobre a qualidade de vida dos idosos, que necessitam nesta etapa da vida de um pouco mais de segurança. Segundo Jacobi, “espaços imprestáveis e inadequados para moradias saudáveis foram usados: 1) morros, 2) pântanos e 3) área de proteção aos mananciais de água doce”.⁴³⁵ As moradias dos sujeitos desta pesquisa freqüentemente são moradias pobres de difícil acesso, em áreas com escassos serviços urbanos, dificultando bastante o seu viver.

Considero importante deixar clara esta perspectiva socioambiental, pois não deixo de ver que a natureza humana e o ambiente, até o presente momento, restringem nestes locais ainda mais o número de possibilidades de realização na velhice. Mas defendo a tese de que usando a estratégia de seleção, otimização e compensação o ser humano pode contribuir em muito para viver uma velhice com sentido e com felicidade. Necessitamos então, como os idosos de periferia pesquisados relatam, adaptar-nos, fazer escolhas e opções: o que é prioritário para viver, o que o ambiente exige, as motivações que muitas vezes ficaram esquecidas, as capacidades e habilidades para uma vida ativa e participativa. Segundo Baltes e Carstensen, o potencial funcional, a aptidão para adaptar-se e a busca da felicidade humana representam um problema complexo e multicategorial, que provavelmente não admite uma resposta absoluta e generalizável⁴³⁶, mas os depoimentos dos idosos descrevem variadas formas e maneiras de gerenciar a vida, de modo a realizar atividades interessantes e prazerosas, conseguindo superar barreiras, procurando conhecer e entender melhor o que necessitam para sua atuação e compensando, especialmente neste contexto, a falta de recursos financeiros e de ensino básico. Nisto os idosos da periferia não se diferenciam de outros em países desenvolvidos, quando pesquisados sobre a questão:

⁴³⁵ JACOBI, Pedro R. *Cidade, ambiente e sustentabilidade*. Faculdade de Educação e PROCAM, Universidade de São Paulo. Disponível em:

<<http://www.baciasirmas.org.br/doc/Cidade%20Ambiente%20e%20Sust.pdf>>. Acesso em: 30/11/2006.

⁴³⁶ BALTES, M.M.; CARSTENSEN, L.L. Gutes Leben im Alter: Überlegungen zu einem prozeßorientierten Metamodel gelingenden, erfolgreichen Alters. *Psychologische Rundschau*, v. 47, p. 199-215, 1996.

“Doente e pobre em idade avançada e apesar disso de bom ânimo?”. As pesquisadoras Staudinger e Freund obtiveram também um: “Sim, com um ânimo relativamente bom”.⁴³⁷ As pessoas mais velhas resistem e permanecem atentas e competentes não assumindo seu papel estipulado de desinteressantes, doentes e desatualizadas, onde a sua fragilidade é acentuada para que não ocupem espaços que devem ser ocupados por outros grupos sociais. Muitos vivem suas vidas como a seqüência perfeita da imperfeição, tratando as imperfeições com carinho e flexibilidade.

Deste tesouro que eles carregam bem escondido pude ver alguns brilhos maravilhosos. A alegria de viver aparece majestosamente em meio à aparência nem tão brilhante. Chegar até aqui se sentindo bem e podendo estar ativo é uma vitória olímpica. Ser teimoso, persistente na busca daquilo que se almeja, não desistir por pouco, ter calma e tranqüilidade para repetir ou mudar até acertar. O mais impressionante, no entanto, é a confiança, confiar plenamente nas outras pessoas, na sua interpretação da realidade é ser dependente em muitos momentos, mas digno e repleto de sabedoria de vida.

Diz o filósofo Martin Buber: “*Alt sein ist ja ein herrliches Ding, wenn man nicht verlernt hat, was anfangen heißt*”. – “Envelhecer é uma coisa maravilhosa, quando ainda não se desaprendeu o que é recomeçar”. Recomeçar quando envelhecemos significa saber lidar com as mudanças. Em mudanças, em nós mesmos, nas nossas relações e no nosso universo vivencial. As mudanças iniciam basicamente em nosso pensamento, para então passar à ação.

De acordo com minha opinião, aquilo que expus sobre a essência do envelhecimento e desenvolvimento ao longo da vida neste contexto pode servir como quadro de referência para discussões construtivas, compreendendo que viver e envelhecer é um processo individual e não homogêneo que se manifesta de forma diferenciada em cada um, podemos sempre “transformar pequenos territórios em grandes territórios”.⁴³⁸ O limite de cada pessoa está, por certo, no tamanho do sonho que carrega.

⁴³⁷ ZEITSCHRIFT fuer klinische psychologie, Band/Heft 27, Seiten 78-85, Krank und arm im hohen Alter, Staudinger UM, Freund, AM, Goettingen, 1998, p. 84. ISSN/ISBN 0084-5345, acessado por Universitätsklinikum Ulm, Abteilung Humangenetik. Disponível em: <<http://www.uni-ulm.de>>. Acesso em: 30/11/2006.

⁴³⁸ BALTES, Paul B. *Zukunft ist Alter*. Berlin: Max-Planck-Institut für Bildungsforschung, 2005. [Vortrag gehalten am 24. April 2005, Zürich, Schauspielhaus]. “Wir als Menschen sind prinzipiell in der Lage, die Realität zu transformieren, sie zu unserem Vorteil in neue Deutungsmuster einzuhüllen, aus einem kleinen Territorium ein grosses zu machen”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRBE BARANDIARAN, A.; CORTÉZ PASCUAL, A.; MEDRANO SAMANIEGO, C. El desarrollo de los valores en la tercera edad: un estudio desde el marco cultural-contextual. *Revista Psicodidáctica*, Vitoria-Gazteis, España: Universidad del País Vasco, n. 12, 2001. Disponível em: <<http://www.pebpanas@vc.ehu.es>>. Acesso em 30/04/2006.

AKTIV ALTERN: *Rahmenbedingungen und Vorschläge für politisches Handeln*. Active Ageing: A Policy and Framework. Abteilung für Vorbeugung und nicht übertragbare Krankheiten und Förderung der geistigen Gesundheit. Altern und Lebenslauf. Beitrag der World Health Organisation für die zweite UN-Weltversammlung zu Altersfragen, Madrid, Spanien, April 2002. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8_ger.pdf>. Acesso em: 30/04/2006.

ALVES, G. *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo, 2000.

ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver minha vida novamente*. Campinas: Verus, 2004.

_____. *Transparências da eternidade*. Campinas: Verus, 2002.

ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Brasil. Ministério da Saúde/DATASUS/IDB-2004. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br>>. Acesso em: 30/9/2006.

ARENDDT, Hannah. *Vita activa oder vom tätigen Leben*. München: R. Riper, 1960.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Informação e documentação – Referências – Elaboração: NBR 6023*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BALLONE, G. J. Alterações emocionais no envelhecimento. *PsigWeb*. Revisto em 2004. Disponível em: <<http://www.psigweb.med.br>>. Acesso em 30/7/2006.

BALTES, M. M.; CARSTENSEN, L. L. Gutes Leben im Alter: Überlegungen zu einem prozeßorientierten Metamodell gelingenden, erfolgreichen Alterns. *Psychologische Rundschau*, v. 47, p. 199-215, 1996.

BALTES, Paul B. *Alter und Altern als unvollendete Architektur der Humanontogenese*. Berlin: Max Planck Institute for Human Development, 1999. Electronic full text. p. 1-18. Disponível em: <<http://www.mpib-berlin.mpg.de/en/institut/dok/full/Baltes/alterund/index.htm>>. Acesso em: 07/03/2006.

____. *Die Zukunft des Alterns*: Forschung tut Not! Berlin: Max-Planck-Institut für Bildungsforschung, 2003. [Fortschritte des Alterns: Einführung 26. Mai 2003, Vertretung des Landes Mecklenburg-Vorpommern].

____. The Many Faces of Human Ageing: Toward a Psychological Culture of Old Age. *Psychological Medicine*, v. 21, p. 837-854, 1991.

____. Theoretical Propositions in Lifespan Developmental Psychology: On the Dynamics between Growth and Decline. *Developmental Psychology*, v. 23, p. 611-626, 1987.

____. *Zukunft ist Alter*. Berlin: Max-Planck-Institut für Bildungsforschung, 2005. [Vortrag gehalten am 24. April 2005, Zürich, Schauspielhaus].

____; BALTES, Margareth M. (Ed.). *Successful Aging*: Perspectives from the Behavioral Sciences. New York: Cambridge University, 1990.

____; _____. Erfolgreiches Altern: Mehr Jahre und mehr Leben. In: BALTES, M.M.; KOHLI, M.; SAMES, K. (Ed.). *Erfolgreiches Altern*: Bedingungen und Variationen. Bern: Huber, 1989b. p. 5-10.

____; _____. Optimierung durch Selektion und Kompensation: Ein psychologisches Modell erfolgreichen Alterns. *Zeitschrift für Pädagogik*, v. 35, p. 85-105, 1989a.

____; _____. Problem Zukunft des Alterns und gesellschaftliche Entwicklung. Gerontologie: Begriff, Herausforderung und Brennpunkte. In: BALTES, Paul B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U. M. (Ed.). *Alter und Altern*: Ein interdisziplinärer Studententext zur Gerontologie. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 1-34.

____; LINDENBERGER, U.; STAUDINGER, U. M. *Lifespan Theory in Developmental Psychology*. Berlin: Max Planck Institute for Human Development and Education, 1996.

____; ____; _____. Lifespan Theory in Developmental Psychology. In: LERNER, R. M. (Ed.). *Handbook of Child Psychology*: v. 1: Theoretical Models of Human Development. 5.ed. New York: Wiley, 1998. p. 1029-1143.

____; REESE, H. W.; LIPSITT, L. P. Lifespan Developmental Psychology. *Annual Review of Psychology*, v. 31, p. 65-110, 1980.

____; STAUDINGER, U. M.; LINDENBERGER, U. Lifespan Psychology: Theory and Application to Intellectual Functioning. *Annual Review of Psychology*, v. 50, p. 471-507, 1999.

BARROS, R.P.; MENDONÇA, R.; SANTOS, D. *Incidência e natureza da pobreza entre idosos no Brasil*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ministério do Planejamento, orçamento e gestão, Rio de Janeiro: IPEA, 1998. Disponível em: <<http://www.editrj@ipea.gov.br>>. Acesso em: 30/11/2006.

BARTH, Karl. *Kirchliche Dogmatik*: Band III. Zürich: Theologischer Verlag, 1979.

BASSIT, Ana Zahira. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. (Ed.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarim, 2000. p. 217-234.

BAUER, Martin; GASKELL, George. *Qualitative Researching with Text, Image and Sound*. London: Sage Publications, 2000.

BAULIEAU, Étienne-Émile. A longevidade humana. In: MORIN, Edgar (Org.). *Jornadas temáticas: A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p.243-247.

BECK, C. L. C. et al. Detalhamento da metodologia. In: LEOPARDI, M. T. (Ed.). *Metodologia da pesquisa na saúde*. Santa Maria: Palloti, 2001. p. 139 e 187-209.

BEE, Helen. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BERLIN AGING STUDY (BASE), c/o Max Planck Institute for Human Development, Lentzeallee 94, 14195 Berlin, Germany. Disponível em: <<http://www.base-berlin.mpg.de>>. Acesso em: 30/11/2006.

BIASOLI-ALVES, Zélia M. *O idoso e seu cotidiano*: relato e opiniões. Ribeirão Preto: USP, 2003. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.

BICUDO, M. A. V. *Pesquisa qualitativa em educação*. Piracicaba: Unimep, 1994.

BIERLEIN, K. H. *Lebensbilanz*: Krisen des Älterwerdens meistern, kreativ auf das Leben zurückblicken, Zukunftspotentiale ausschöpfen. München: Claudius, 1997.

BIKLEN, Sari; BOGDAN, Roberto. *Investigação qualitativa em educação*: uma introdução à teoria e aos métodos Trad. de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto, 1994.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *A velhice na Bíblia*: algumas pistas para hoje. Disponível em:

<http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/agape/vida_academica/artigos/amai/velhicebiblia.PDF>.
Acesso em: 30/11/2006.

BIRREN, J. E.; BIRREN, B. A. The Concepts, Models and History of the Psychology of Aging. In: BIRREN, J. E.; SCHAIE, K. W. (Org.). *Handbook of Psychology of Aging*. San Diego, CA: Academic Press, 1990. p. 3-20.

____; BENGSTON, V. (Ed.). *Emergent Theories of Aging*. New York: Springer, 1988.

BISHOP, Paul (Ed.). *Jung in Contexts: A Reader*. London: Routledge, 1999.

BLAXTER, M. *Health and Lifestyles*. London: Routledge, 1990.

BOERRE, George C. *Personality Theories*. Electronic textbook ("e-text"), Psychology Department, Shippensburg University, Pennsylvania. Disponível em:
<<http://www.ship.edu/~cgboeree/erikson.html>>. Acesso em: 05/04/2006.

BOFF, Leonardo. *Ética e eco-espiritualidade*. Campinas: Verus, 2003.

____. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

____. *O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana*. Petrópolis: Vozes, 1973.

____. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BORAWSKI, E. A.; KINNEY, J. M.; KAHANA, E. The Meaning of Older Adults' Health Appraisals: Congruence with Health Status and Determinant of Mortality. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, v. 51B, p. 157-170, 1996.

BOTH, Agostinho. *Educação gerontológica: posições e proposições*. Erechim: São Cristovão, 2001.

____. *Gerontogogia: educação e longevidade*. Passo Fundo: Imperial, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas – sobre a teoria da acção*. Oeiras: Celta, 1997.

BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise: uma introdução à psicologia psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

BUNDESMINISTERIUM FÜR FAMILIE, Senioren, Frauen und Jugend (BMFSFJ). Dritter Bericht zur Lage der älteren Generation. Alter und Gesellschaft. *Die Lebenssituation älterer Menschen in Deutschland*, Berlin, 2001.

CALNAN, M. *Health and Illness*. London: Tavistock, 1987.

CAMARANO, A.A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In FREITAS, E.V.; PY, L.; NERI, A.L. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002. p.52-61.

CAMARGO, A. L. B. *As dimensões e os desafios do desenvolvimento sustentável: concepções, entraves e implicações à sociedade humana*. Florianópolis: UFSC, 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina.

CAPISANO, H. F. Imagem corporal. In: FILHO, J. M. (Col.). *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 179-194.

CARRETERO, M.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. *Psicología evolutiva: adolescencia, madurez y senectud*. Madrid: Alianza, 2000.

CARSTENSEN, Laura L.; FUNG, Helene H.; CHARLES, Susan T. Socio-emotional Selectivity Theory and the Regulation of Emotion in the Second Half of Life. *Motivation and Emotion*, Springer Netherlands, v. 27, n. 2, p. 103-123, 2003.

CHIZZOTI, Antônio. *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.

CÍCERO, M. T. *Saber envelhecer e a amizade*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

CLUBE DE RECICLAGEM GERAÇÃO DE RENDA TRANSFORMANDO VIDAS. Disponível em: <http://www.aemp.com.br/p_clube_encontros_detalhe.php?id_clube_resumo_encontro=30>. Acesso em: 30/11/2006.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/comissao/eticapesq.htm>>. Acesso em: 30/11/2006.

CONSTITUIÇÃO DA ASSEMBLÉIA MUNDIAL DA SAÚDE, adotada pela Conferência Sanitária Internacional realizada em Nova Iorque. Disponível em: <<http://www.who.int/home-page/index.es.shtml>>. Acesso em: agosto de 2006.

COSTA, Marcos F. G. da. Moradia: um direito fundamental. In: SOARES, Olavo. *A importância de um lar para a concretização dos direitos*. Agência USP de Notícias São Paulo, Divisão de Informação, Documentação e Serviços Online, n. 1094/02, 19 de novembro de 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/bols/2002/rede1094.htm>>. Acesso em: 30/11/2006.

COUTINHO, M. A.; FERREIRA, N. P. *Freud, criador da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

DAMATTA, Roberto. *Entendendo o Brasil*. Disponível em: <[http://www.cieam.com.br/downloads_notaveis/ENTENDENDO%20O%20BRASIL%20\(Da%20Matta\).doc](http://www.cieam.com.br/downloads_notaveis/ENTENDENDO%20O%20BRASIL%20(Da%20Matta).doc)>. Acesso em: 30/11/2006.

DANNEFER, D.; PERLMUTTER, M. Development as a Multidimensional Process: Individual and Social Constituents. *Human Development*, v. 33, p. 108-137, 1990.

DANNER, D. B.; SCHÖDER, C. S. Biologie des Alterns (Ontogenese und Evolution). In: BALTES, P. B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U. M. (Eds.). *Alter und Altern: Ein interdisziplinärer Studientext zur Gerontologie*. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 95-123.

DARWIN, Charles. *Origem das espécies*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985.

DAS ENTWICKLUNGSMODELL nach Sigmund Freud, Universität Greifswald, Fachbereich: Entwicklungspsychologie, Seminar: *Entwicklungsbegriffe*, Dozent: C. Tesch-Römer. Disponível em: <<http://www.uni-greifswald.de>>. Acesso em: 20/03/2006.

DE MASI, Domenico. *Fantasia e concretude*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000. 317 p.

DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DIRETRIZES E NORMAS DE PESQUISA EM SERES HUMANOS, através da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, estabelecida em outubro de 1996. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/comissao/eticapesq.htm>>. Acesso em: 30/11/2006.

DURHAM, William H. Advances in Evolutionary Culture Theory. *Annual Review of Anthropology*, v. 19, p. 187-210, 1990.

DYKSTRA, E. A. Loneliness among the Never and Formerly Married: The Importance of Supportive Friendship and a Desire for Independence. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, v. 50B, p. 321-329, 1995.

ERBOLATO, Regina M. P. Leite. Gostando de si-mesma: a auto-estima. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 33-54.

ERIKSON, Erik Homburg. *Identity and the Life Cycle*. New York: W. W. Norton, 1980.

_____. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. *O ciclo de vida completo*. Versão ampliada com novos capítulos sobre o nono estágio do desenvolvimento, por Joan Erikson. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. *Wachstum und Krisen der gesunden Persönlichkeit*. Stuttgart: Ernst Klett, 1966.

FADIGMAN, J.; FRAGER, R. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1985.

FATKE, Reinhard. Jean Piaget. In: SCHEUERL, Hans (Ed.). *Klassiker der Pädagogik*. München: Beck, 1979. v. 2, p. 290-314.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIELDING, N.; SCHREIER, M. On the Compatibility between Qualitative and Quantitative Research Methods. *Forum Qualitative Sozialforschung* [On-line Journal], v. 2, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://qualitative-research/fqs-eng.htm>>. Acesso em: 30/11/2006.

FILIPP, S. H.; STAUDINGER, U. M. (Eds.). *Enzyklopädie der Psychologie: Entwicklungspsychologie des mittleren und höheren Erwachsenenalters*. Göttingen: Hogrefe, 2006.

FILLIP, S. H.; FERRING, D.; MAYER, A. K.; SCHMIDT, K. Selbzbewertung und elective Präferenz für temporale vs. Soziale Vergleichsinformation bei alten und sehr alten Menschen. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, v. 28, p. 30-43, 1997.

FLAVELL, John H. *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1988.

FOLHA ONLINE. *Dinheiro*. 11/08/2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/dinheiro/ult91u87716.shtml>>. Acesso em: 30/10/2006.

FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1992.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Sueli Aparecida. Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 21-31.

FREITAG, Barbara (Org.). *Piaget: 100 anos*. São Paulo: Cortez, 1997.

FREITAS, Elisabete V.; PY, Lígia; NERI, Anita L. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002.

FREUD, Sigmund [1940]. *Abriss der Psychoanalyse*. Frankfurt a.M.: Fischer, 1996.

_____. *Edição eletrônica brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 1969. Com comentários e notas de Jaime Strachey. Direção da edição brasileira, Jayme Salomão. Coordenação da edição brasileira, Eduardo Salomão. Rio de Janeiro: Imago / Z-Movie-Studio.

____. Três ensaios sobre a sexualidade. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989a. v. VII (1901-1905). [CD-ROM].

____. A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. *Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989b. v. XIX (1923-1925). [CD-ROM].

____. Psicanálise. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1989c. v. XVII (1917-1919) [CD-ROM].

____. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1989d. v. XVIII (1925-1926) [CD-ROM].

FREUND, A. M.; BALTES, P. B. Entwicklungsaufgaben als Organisationsstrukturen von Entwicklung und Entwicklungsoptimierung. In: FILLIP, S.H.; STAUDINGER, U.M. (Eds.). *Enzyklopädie der Psychologie: Entwicklungspsychologie des mittleren und höheren Erwachsenenalters*. Göttingen: Hogrefe. [no prelo]. Disponível em: <<http://www.uni-ulm.de>>. Acesso em: 3/11/2006.

____; _____. Selection, Optimization and Compensation as Strategies of Life Management: Correlations with Subjective Indicators of Successful Aging. *Psychology and Aging*, v. 13, n. 4, p. 531-543, 1998.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. 2003. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/infocidade/default.php?p_secao=19>. Acesso em: 30/10/2006.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação*. Explicitação das Normas da ABNT. 14. ed. Porto Alegre: s.n., 2006.

GADOTTI, Moacir. *Educação contra a educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GAY, P. *Freud para historiadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1989a.

____. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989b.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEORGE BERNARD SHAW em volta a Matusalém. Literatura: Obra essencial. SESC-SP. *Revista E*, São Paulo, n. 92. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=206&Artigo_ID=3195&IDCategoria=3450&reftype=2>. Acesso em: 10/12/2006.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GOETHE, Johann W. von. *Dichtung und Wahrheit: 1. Teil*. München: DTV, 1962.

GOLDANI, A. M. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*, n. 1, p. 67-110, 1993.

GOLDIM, José R. *Ética aplicada à pesquisa em saúde*. Texto atualizado em 21/08/2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/bioesprt.htm>>. Acesso em: 30/07/2006.

GOLDSTEIN, Lucila I.; SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Heterogeneidade e diversidade nas experiências de velhice. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli A. Introdução. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 113-124.

GOMES, Gilberto. The Two Freudian Concepts of Trieb. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online], v. 17, n. 3, p. 249-255, set. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4/04/2006.

GOMES, J. V. Socialização primária: tarefa familiar? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994.

GONÇALVES, Humberto M. Deus e pessoas idosas: uma relação de vida e de alegria: A Bíblia e as pessoas idosas. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 82, p. 56-57, 2004/2.

GRUMAN, Gerald J., *A History of Ideas about the Prolongation of Life*. New York: Springer Publishing in cooperation with the International Longevity Center (ILC-USA), 2003. p. 1-42.

HAGUETE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HANNS, L. Ensaio sobre a sexualidade: há 100 anos Sigmund Freud publicava um clássico da psicanálise. *Revista CH*, n. 215, maio 2005. Disponível em: <<http://ich.unito.com.br/3361>>. Acesso em: 1º/04/2006.

HAYFLICK, Leonhard. Biological Aging Theories. In: MADDOX, G. L. (Ed.). *The Encyclopedia of Aging*. New York: Springer, 1987. p. 64-68.

_____. *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

HECKHAUSEN, J.; KRUEGER, J. Developmental Expectations for the Self and Most Other People: Age-grading in Three Functions of Social Comparison. *Developmental Psychology*, v. 29, p. 539-548, 1993.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 14. ed. Tübingen: Max Niemeyer, 1977.

HEREDIA, Olga Collinet. Constatações idênticas aos resultados da pesquisa encomendada pelo Governo do Estado do RS e o Conselho Estadual do Idoso – O Idoso Urbano no Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13.; Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 4 a 8 de novembro de 2002. *Anais*. Ouro Preto, 2002.

HESSE, Herrmann. *Mit der Reife wird man immer jünger*: Betrachtungen und Gedichte über das Alter. Frankfurt/M: Insel, 1990.

HEUFT, G.; KRUSE, A.; RADEBOLD, H. *Lehrbuch der Gerontopsychosomatik und Alterspsychotherapie*. München: E. Reinhardt, 2000.

HILLMAN, James. *A força do caráter e a poética de uma vida longa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOFFMAN, Edward (Org.). *A sabedoria de Carl Jung*. São Paulo: Palas Athena, 2005.

HOLLIS, James. *Reflections on Psychology, Culture and Life, The Jung Page*. A Brief Note on Carl Jung. Disponível em: <<http://www.cgjungpage.org/index.php>>. Acesso em: 04/01/2006.

HOSPITAL MOINHOS DE VENTO, Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://www.hmv.org.br/?on=responsabilidade&in=projetos_sociais&id=7>. Acesso em: 30/07/2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 1991*. Rio de Janeiro, 1993.

_____. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro, 2001.

_____. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios*. Comunicação Social, 25 de julho de 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>. Acesso em: 25/11/2006.

_____. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*. Estudos e Pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 9. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas. Departamento de População e Indicadores Sociais, 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculox/estatisticas_populacionais.shtm>. Acesso em: 30/07/2006.

_____. *Estatísticas populacionais, sociais, políticas e culturais*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculox/estatisticas_populacionais.shtm>. Acesso em: 30/07/2006.

_____. *Previdência social a idosos e estimativa de beneficiários indiretos*. Disponível em: <www.previdencia.gov.br/docs/powerpoint/dia_idoso.ppt>. Acesso em: 30/11/2006.

IMAGENS DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <<http://nutep.adm.ufrgs.br/fotospoa/fotospoa.htm>>. Acesso em: 30/10/2006

JACOBI, Pedro R. *Cidade, ambiente e sustentabilidade*. Faculdade de Educação e PROCAM, USP, Universidade de São Paulo. Disponível em:

<<http://www.baciasirmas.org.br/doc/Cidade%20Ambiente%20e%20Sust.pdf>>. Acesso em: 30/11/2006.

JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JOPP, D. *Erfolgreiches Altern: Zum funktionalen Zusammenspiel von personalen Ressourcen und adaptiven Strategien des Lebensmanagements*. Berlin: Fachbereich Erziehungswissenschaft und Psychologie, Freie Universität Berlin, Digitale Dissertation. 27-Feb-2003. Disponível em: <<http://www.diss.fu-berlin.de/2003/50/index.html>>. Acesso em: 30/11/2006.

JUNG, Carl Gustav. *A dinâmica do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1980a. [Obras completas de C. G. Jung, VIII].

_____. *A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência*. Petrópolis: Vozes, 1987. [Obras completas de C. G. Jung, XVI/1].

_____. *Fundamentos de psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes, 1989. [Obras completas de C. G. Jung, XVIII/1].

_____. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

_____. O desenvolvimento da personalidade. In: _____. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1998. v. XVII, p. 20-85.

_____. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis: Vozes, 1980b. [Obras completas de C. G. Jung, XI].

_____. *Psicologia e religião*. Petrópolis: Vozes, 1987. [Obras completas de C. G. Jung, XI/1].

_____. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1978. [Obras completas de Carl Gustav Jung, VI].

_____. *Wirklichkeit der Seele*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1992.

KEEGAN, Robert. *The Evolving Self Problem and Process in Human Development*. Cambridge: Harvard University, 1983.

KESSELRING, T. Jean Piaget: entre ciência e filosofia. In: FREITAG, B. (Org.). *Piaget: 100 anos*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-45.

KHOTARI, Miloon. *Coletiva de imprensa*, 11 de junho de 2004. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/institucional.asp>>. Acesso em: 30/10/2006.

KRUSE, A. *Kompetenz im Alter in ihren Bezügen zur objektiv gegebenen und subjektiv erlebten Lebenssituation*. Habilitationsschrift. Fakultät für Sozial- und Verhaltenswissenschaften, Universität Heidelberg, 1990.

____. *Conceitos: Alter im Lebenslauf*. In: BALTES, P. B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U. M. (Ed.). *Alter und Altern: Ein interdisziplinärer Studententext zur Gerontologie*. Sonderausgabe des 1992 erschienenen 5. Forschungsberichts der Akad. der Wissenschaft zu Berlin. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 345-350.

KUCKARTZ, Udo. Computergestützte Analyse qualitativer Daten: Eine Einführung in die Methoden und Arbeitstechniken [12 Absätze]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [on-line journal], v. 5, n. 1, Art. 23, 1999. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-04/1-04review-ducarr-d.htm>>. Acesso em: 30/07/2006.

LABOUVIE-VIEF, G. Proactive and Reactive Aspects of Constructivism: Growth and Aging in Lifespan Perspective. In: LERNER, R. M.; BUSCH-ROSSNAGEL, N. A. (Org.). *Individuals as Producers of Their Development*. New York: Academic, 1981. p. 197-230.

____; MEDLER, M. Affect Optimization and Affect Complexity: Modes and Styles of Regulation in Adulthood. *Psychology and Aging*, v. 17, n. 4, p. 571-588, 2002.

LAJONQUIÈRE, L. *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens*. Petrópolis: Vozes, 1993a.

____. Um retorno a Piaget. *Revista do GEEMPA*, n. 2, p. 101-9, 1993b.

LAMPRECHT, Annette M. *Die Bedeutung und Funktion des Glaubens im Alter*. Berlin: Technische Universität, 2003. Tese (Doutorado). Disponível em: <http://edocs.tu-berlin.de/diss/2002/lamprecht_annette.pdf>. Acesso em: 30/11/2006.

LANG, F. R.; RIECKMANN, N.; BALTES, M. M. Adapting to Aging Losses: Do Resources Facilitate Strategies of Selection, Compensation, and Optimization in Everyday Functioning? *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, v. 57B, n. 6, p. 501-509, 2002.

LICHTENFELS, H. *Satisfação e sentido de vida no envelhecimento*. São Leopoldo: EST, 2002. Dissertação (Mestrado em Teologia), Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; VERAS, Renato. Saúde pública e envelhecimento. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300001&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 11/12/2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Gildo. *Darwin: herói ou fraude*. Disponível em: <<http://cfcul.fc.ul.pt/equipa/gildo/gildomagalhaes.htm>>. Acesso em: 5/04/2006.

MARSISKE, M.; LANG, F. R.; BALTES, P. B.; BALTES, M. M. Selective Optimization with Compensation: Lifespan Perspectives on Successful Human Development. In:

DIXON, R. A.; BÄCKMAN (Ed.). *Compensating for Psychological Deficits and Declines: Managing Losses and Promoting Gains*. Mahwah : Erlbaum, 1995. p. 35-79.

MARTIN, George M.; LAMARCO, Kelly; STRAUSS, Evelyn; KELNER, Katrina L. Research on Aging: The End of the Beginning. *Science*, v. 299, n. 5611, p. 1339-1341, 28 fev. 2003.

MARTIN, Viviane Barrére; ANGELO, Margareth. A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 4, out. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691999000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26/10/2006.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989.

MATARAZZO, Maria Helena. *Encontros, desencontros & reencontros*. São Paulo: Gente, 1996.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. Das Leben der Metazeller. In: _____. *Der Baum der Erkenntnis: Die biologischen Wurzeln menschlichen Erkennens*. München: Scherz, 1987. p. 84.

MAX PLANCK INSTITUT FÜR BILDUNGSFORSCHUNG. Zentrale Konzepte. Disponível em: <<http://www.mpib-berlin.mpg.de/de/forschung/lip/konzepte.htm>>. Acesso em: 30/03/2006.

MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MAYER, K. U.; BALTES, P. B. (Ed.). *Die Berliner Altersstudie*. Berlin: Akademie, 1999.

MEDINA, Bruno, *Quando o aborto é necessário e útil*, Centro de Mídia Independente. Disponível em: <http://brunomedina.blogspot.com>. Acesso em: 17/11/2006.

MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Afrontamento, 1976.

MELLO FILHO, J. de (Org.). *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MEZAN, R. *Freud*, pensador da cultura. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

____ et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. *Fenomenologia: uma introdução*. Texto de seminário. Porto Alegre: Faculdade de Educação da PUCRS, 1997.

MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MRESCHARR, Renate I. *Das Alter hat viele Gesichter*, Berliner Alter Studie, BASE, Max-Planck-Institut für Bildungsforschung, Berlin. MPG-Spiegel 4/97. Disponível em: <<http://www.bbaw.de/bbaw/Forschung/Forschungsprojekte/altern/de/blanko.2005-02-03.301097667>>. Acesso em: 30/11/2006.

NERI, Anita Liberalesso. O curso do desenvolvimento intelectual na vida adulta e na velhice. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002. p. 900-913.

_____. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: _____. *Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva do curso de vida*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 13-40.

_____. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papyrus, 1993.

_____. Teorias psicológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002. p. 38-46.

_____; FREIRE, Sueli A. Introdução. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p.7-19.

NEUGARTEN, B. L.; NEUGARTEN, D. A. The Changing Meanings of Age. In: NEUGARTEN, D. (Ed.). *The Meanings of Age: Selected Papers of Bernice Neugarten (72-77)*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

OEPPEM, Jim; VAUPEL, James W. Broken Limits to Life Expectancy. *Science*, v. 296, n. 5570, p. 1029-1031, 10 May 2002.

OLIVEIRA, Rita de Cássia S. *Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas, 1999.

ONU. *Estratégia internacional de ação sobre o envelhecimento*. 2002. Disponível em: <www.madrid2002-envejecimiento.org>. Acesso em: 30/11/2006.

ONU. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpp>>. Acesso em: 30/11/2006.

OSER, Fritz; GMÜNDER, Paul. *Der Mensch – Stufen seiner religiösen Entwicklung : ein strukturgenetischer Ansatz*. Zürich: Benziger, 1984. 287S.

OTTO, Ulrich. *Wie weit tragen sie wirklich?* Empirische Befunde zu Unterstützungspotenzialen sozialer Netze und entsprechenden Bedarfs- und Bedürfnislagen bei älteren Menschen, 2003. Disponível em: <http://w210.ub.uni-tuebingen.de/dbt/volltexte/2003/713/pdf/netzwerk-demografie_250203.pdf>. Acesso em: 30/11/2006.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PASSARELLI, Maria C. G. O processo de envelhecimento em uma perspectiva geriátrica. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, ano 12, v. 21, n. 4, p. 208-212, jul./ago. 1997.

PAULILO, Maria Ignez. *Movimento de mulheres agricultoras e o machismo trabalhista*. Florianópolis: UFSC, 2003.

PERRENOUD, Philippe. As competências a serviço da solidariedade. *Pátio*, n. 25, p. 19-24, 2003. Disponível em:
<http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2003/2003_07.html#copyright>. Acesso em: 28/11/2006.

PFAFFENBERGER, 1988; FIELDING e LEE, 1991; HUBER 1992 (Hrsg.). *Qualitative Analyse*. Computereinsatz in der Sozialforschung. Disponível em:
<[http://www.qualitative-forschung.de/publishing/modelle/psychologie/breuer.pdf#search=%22PFAFFENBERGER%2C%201988%3B%20FIELDING%20%26%20LEE%2C%201991%3B%20HUBER%20\(Hrsg.\)%201992.%20Qualitative%20Analyse.%20Computereinsatz%20in%20der%20Sozialforschung.%20%22](http://www.qualitative-forschung.de/publishing/modelle/psychologie/breuer.pdf#search=%22PFAFFENBERGER%2C%201988%3B%20FIELDING%20%26%20LEE%2C%201991%3B%20HUBER%20(Hrsg.)%201992.%20Qualitative%20Analyse.%20Computereinsatz%20in%20der%20Sozialforschung.%20%22)>. Acesso em: 28/11/2006.

PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *A epistemologia genética*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *A evolução intelectual da adolescência à vida adulta*. Porto Alegre: Faculdade de Educação, 1993.

_____. *Biologia e conhecimento*: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1987.

POPE; Ziebland; MAYS. Qualitative Research in Health Care: Analyzing Qualitative Data. *Education and Debate*, BMJ Publishing Group, n. 320, p. 114-116, 2000.

POWELL, J. *Para viver em plenitude*: uma nova vida através de uma nova visão. Belo Horizonte: Crescer, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, RS. Disponível em:
<<http://www.portoalegre.rs.gov.br/>>. Acesso em: 30/07/2006.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

PY, Ligia et al. *Tempo de envelhecer*: processos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004.

QSR NUD*IST 4. *User Guide*. Melbourne: Qualitative Solutions and Research, 1997. Disponível em: <<http://caqdas.soc.surrey.ac.uk/>>. Acesso em: 30/10/2006.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. Recursos psicológicos e ajustamento pessoal frente à incapacidade funcional na velhice. *Psicologia em Estudo* [online], v. 10, n. 3, p. 403-412, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21/06/2006.

RAHNER, K. *Grundkurs des Glaubens*. Freiburg: Herder, 1976.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Cidade e cidadania: inclusão urbana e justiça social. *Ciência e Cultura*, v. 56, n. 2, p. 43-45, abr.-jun. 2004.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RIEGEL, K. F. *Grundlagen der dialektischen Psychologie*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1980.

_____. The Dialectics of Human Development. *American Psychologist*, Washington, DC, n. 31, p. 689-700, 1976.

RILEY, Matilda W.; RILEY, John W. Aging and Society: Past, Present, and Future. *The Gerontologist*, v. 34, p. 436-444, 1994b.

_____; _____. Individuelles und gesellschaftliches Potential des Alterns. In: BALTES, P. B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U. M. *Alter und Altern*: Ein interdisziplinärer Studientext zur Gerontologie. Berlin: de Gruyter, 1994a. p. 437-459.

_____; _____. Longevity and Social Structure: The Added Years. *Daedalus*, n. 115, p. 51-75, 1986.

RITSCHL, Dietrich. *Konzepte*: Ökumene, Medizin, Ethik. München: C. Kaiser, 1986.

ROAZAN, Paul. *Sigmund Freud und sein Kreis*: Eine biographische Geschichte der Psychoanalyse. Bergisch Gladbach: Gustav Lübbe, 1976.

ROCKSTEIN, M. J.; SUSSMAN, M.; CHESKY, J. (Eds.). *Theoretical Aspects of Aging*. New York: Academic, 1974, 1990.

ROSENMAYR, L. *Die Kräfte des Alters*. Wien: Edition Atelier, 1990.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As origens do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 229-77.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da educação*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SALVADOR-CARULLA, L. et al. *Longevidad*: tratado integral sobre salud en la segunda mitad de la vida. Madrid: Editorial Médica Panamericana, 2004.

SAMPLE LESSON. *Models and Approaches to the Study of Aging*. dez. 2004. Disponível em: <<http://courses.worldcampus.psu.edu>>. Acesso em: 30/11/2006.

SCHAEIE, K. W. *Intellectual Development in Adulthood*: The Seattle Longitudinal Study. Cambridge: Cambridge University, 1996.

SCHELLING, H. Lebenslauf als systemischer Prozess. *Unimagazin – Die Zeitschrift der Universität Zürich*, Zentrum für Gerontologie der Universität Zürich, n. 1, p. 1-6, 1999. Disponível em: <<http://www.unicom.unizh.ch/unimagazin/archiv/1-99/lebenslauf.html>>. Acesso em: 30/11/2006.

SCHNEEWIND, Klaus A. *Persönlichkeitstheorien*. Stuttgart: UTB, 2000.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

SHETARA, M. *Portal Vermelho*. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/base.asp>>. Acesso em: 1º/12/2006.

SOUSA, Liliana; GALANTE, Helena; FIGUEIREDO, Daniela. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12/11/2006.

STAUDINGER, U. M.; DITTMANN-KOHLI, F. Lebenserfahrung und Lebenssinn. In: BALTES, P. B.; MITTELSTRASS, J.; STAUDINGER, U. M. (Ed.). *Alter und Altern*: Ein interdisziplinärer Studententext zur Gerontologie. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 408-436.

STAUDINGER, U. M.; MARSISKE, M.; BALTES, P. B. Resiliência e níveis de capacidade de reserva na velhice: perspectivas da teoria de curso de vida. In: NERI, A. L. (Org.). *Psicologia do envelhecimento*: temas selecionados na perspectiva do curso de vida. Campinas: Papyrus, 1995. p. 196-197.

STEVENS, Anthony. *Jung*: sua vida e pensamento: uma introdução. Petrópolis: Vozes, 1993.

STUART-HAMILTON, Ian. *A psicologia do envelhecimento*: uma introdução. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TEIXEIRA, Alex Niche. Disponível em: <<http://www.professoralex.pop.com.br>>. Acesso em: 30/7/2006.

____; BECKER, Fernando. Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistemas CAQDAS. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 94-113, jan./jun. 2001.

TENNEN, H.; AFFECK, G. Social Comparison as a Coping Process: A Critical Review and Application to Chronic Pain Disorders. In: BUUNK, B. P.; GIBBONS, F. X. *Health, Coping, and Well-Being: Perspectives from Social Comparison Theory*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. p. 263-298.

THOMAE, H. Alternsformen: Wege zu ihrer methodischen und begrifflichen Erfassung. In: LEHR, U.; THOMAE, H. (Ed.). *Formen seelischen Alterns: Ergebnisse der Bonner gerontologischen Längsschnittstudie (BOLSA)*. Stuttgart: Enke, 1987. p. 173-195.

_____. The Concept of Development and Lifespan Developmental Psychology. In: BALTES, P. B.; BRIM, O. G., Jr. (Ed.). *Lifespan Development and Behavior*. New York: Academic, 1979. v. 2, p. 282-312.

UNIVERSIDAD ABIERTA. Disponível em: <<http://www.universidadabierta.edu.mx/>>. Acesso em: 15/03/2006.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Curso de Alfabetização Solidária/Brasil Alfabetizado. Disponível em: <<http://www.uemg.br/cadastro2/PHP/downloads/06.doc>>. Acesso em: 2/12/06.

VACLAV, Petr. Animal Extinctions in the Fossil Record: A Developmental Paradigm. *Bulletin of the Czech Geological Survey*, Prague, v. 71, n. 4, p. 351-365, 1996. Disponível em: <<http://www.natur.cuni.cz/~vpetr/Develop.htm>>. Acesso em: 18/05/2006.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIJG, J.; Papaconstantinou, J. Aging and Longevity Genes: Strategies for Identifying DNA Sequences Controlling the Lifespan. *Journal of Gerontology*, v. 45, p. 179-182, 1990.

WAHL, Hans-Werner. A competência no cotidiano: um constructo buscando uma identidade. In: _____. *Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento*. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da PROEXT/UFRGS, 1999. v. 1, p. 103-120.

_____; SCHEIDT, R.; WINDLEY, P. (Eds.). *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*: 23: Issue on "Aging in Context: Socio-physical Environments". New York: Springer, 2004.

WEITZMAN; Miles. *Computer Programs for Qualitative Data Analysis: A Software Sourcebook*. Thousand Oaks: Sage, 1995.

WHO, Weltgesundheitsorganisation. *Abteilung für Vorbeugung von nichtübertragbaren Krankheiten und Förderung der geistigen Gesundheit*. Aktiv Altern: Rahmenbedingungen und Vorschläge für politisches Handeln. Kobe, 2002. Disponível em: <<http://www.who.int/hpr/ageing>>. Acesso em: 30/07/2006.

WILLS, T. A. Modes and Families of Coping: An Analysis of Social Comparison in the Structure of Other Cognitive and Behavioral Mechanisms. In: BUUNK, B. P.; GIBBONS,

F. (Eds.). *Health, Coping, and Well-Being: Perspectives from Social Comparison Theory*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. p. 167-194.

WIKIPÉDIA: A enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Favela>>. Acesso em: 30/8/2006.

WITTRAHM, A.; LEICHT, B. *Und wenn es hochkommt, sind es 80 Jahre: Gestalten und Gestaltwandel erwachsener Religiosität*. In: INITIATIVKREIS RELIGIÖSE ERWACHSENENBILDUNG (Ed.). Was ist erwachsene Religiosität? Mönchengladbach: B. Kühlen Verlag, 2000. p. 9-22.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *A Life Course Perspective of Maintaining Independence in Older Age*. Geneva: WHO, 1999. Disponível em: <<http://www.who.int/en/>>. Acesso em: 30/11/2006.

ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. A teoria e pesquisa em desenvolvimento humano nos últimos 30 anos: novas tendências? *Teoria e Prática da Educação*, v. 3, n. 5, p. 73-86, mar. 2000.

ZEITSCHRIFT fuer klinische psychologie, Band/Heft 27, Seiten 78-85, Krank und arm im hohen Alter, Staudinger UM, Freund, AM, Goettingen, 1998, p. 84. ISSN/ISBN 0084-5345, acessado por Universitätsklinikum Ulm, Abteilung Humangenetik. Disponível em: <<http://www.uni-ulm.de>>. Acesso em: 30/11/2006.

ANEXOS

ANEXO A

Aprovação do Comitê de Ética

ANEXO B

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do projeto: O envelhecimento humano na periferia: um diálogo entre idosos moradores da periferia de Porto Alegre e a perspectiva da psicologia do desenvolvimento do *lifespan*, do curso de vida.

Prezado(a) Senhor(a):

Estou realizando uma pesquisa para o meu estudo de doutorado na área de teologia sobre o desenvolvimento das pessoas quando elas estão mais velhas, na terceira idade, na cidade de Porto Alegre. Com o objetivo de descrever como os idosos vivem o seu dia-a-dia em relação às atividades que realizam, o que fazem e o que pensam que podem realizar ainda, daqui para frente.

Necessito, para a realização deste trabalho, realizar entrevistas e aplicar 2 questionários, com pessoas com mais de 60 anos, pois estes serão colaboradores fundamentais na construção dos relatos sobre a vida dos idosos.

Essas entrevistas serão realizadas por mim, gravadas ou escritas no local da entrevista, na moradia do entrevistado ou nas Unidades Básicas de Saúde Morro da Cruz e Ilhas, e citadas no trabalho. Os nomes dos entrevistados serão mantidos em sigilo.

O(a) senhor(a) terá a liberdade para participar ou recusar a sua participação na pesquisa, podendo, inclusive, retirar-se da mesma em qualquer etapa e isso não lhe trará nenhum prejuízo. Esta não é uma atividade do programa de atendimento desta unidade de saúde ao qual o(a) senhor(a) pertence, sua participação bem como a sua desistência não trará nenhuma consequência na sua participação aqui no atendimento de saúde.

Esta pesquisa não trará ao(a) senhor(a) nenhuma despesa ou custo financeiro.

Espero merecer sua confiança e coloco-me a disposição para qualquer informação adicional no telefone 51 33255379. Telefone do orientador 51 35901455.

Atenciosamente,

Henriete Lichtenfels

.....

Eu, declaro estar ciente das informações recebidas e concordo em participar desta pesquisa.

Porto Alegre, de de

ANEXO C

Entrevista utilizada para a pesquisa de campo

ENTREVISTA N°

Parte A:

1. Qual é a sua idade? Qual a data de nascimento do sr (a)?
2. Sexo: Feminino () Masculino ()
3. Com quem o(a) senhor(a) mora?
Além dessas pessoas existem mais integrantes da família? Quem são eles?
4. O(a) sr.(a) estudou? Até que ano?
5. O(a) sr.(a) frequenta alguma igreja?
E clube ou associação?
6. Qual é a sua profissão?
Aposentado(a)?
7. Qual a sua renda? () um salário mínimo (R\$ 300,00)
() dois salários mínimos () mais de dois SM
E juntando a família com que vive (se for o caso)? () SM.
8. O(a) sr.(a) é casado(a)? () Viúvo(a) () Vive com alguém ()
Há quanto tempo?
9. Quantos(as) filhos(as) o(a) sr.(a) tem? () homens () mulheres () falecidos
10. Quantos(as) netos(as) o(a) sr.(a) tem? ()
11. O(a) sr.(a) tem algum problema de saúde? ()
Qual? É grave?

Parte B:

1. Quando o(a) sr.(a) olha para si mesmo, o(a) sr.(a) acredita que mudou quando ficou mais velho(a)? Sim () Não ()
No caso de SIM, será feita a seguinte pergunta complementar:

2. O(a) sr.(a) poderia contar melhor de que maneira o(a) sr.(a) mudou? O(a) sr.(a) se lembra de algum acontecimento ou momento que mostraram que o(a) sr.(a) mudou?
Com a pergunta em relação à determinada vivência, dever-se-ia chegar a um relato concreto das mudanças experimentadas. Tanto boas como ruins.
3. Existem momentos e acontecimentos que lhe mostram que o(a) sr.(a) não se modificou em algumas coisas?
De que acontecimentos ou momentos o(a) sr.(a) se recorda? O que não mudou?
4. Se o(a) sr.(a) pensar o que queria mesmo da vida, lembra de uma ou duas coisas importantes? SIM () NÃO () Conseguiu fazer isto?
Se a resposta for SIM , continuar:
4. a) Teve que fazer muito esforço para isto?
Se a resposta for NÃO:
Ainda continua tentando?
5. Quando alguma coisa é muito importante para o(a) sr.(a), o(a) sr.(a) se esforça e dá tempo para conseguir isso?
6. O(a) sr.(a) escolheu alguma coisa para fazer agora, ou daqui para frente?
Tentará alcançar o melhor nisto que quer?
7. O(a) sr.(a) tem alguma dificuldade de realizar aquilo que gosta ou precisa fazer?
Como resolve isto? Arruma um jeitinho?
7a) O(a) sr.(a) desiste fácil?
8. O(a) sr.(a) trabalha em alguma coisa atualmente?
Vendas () Camelô () Biscate () Faxina () Cozinheira ()
Vigilante () Porteiro () Cuida de familiares () Cuida de vizinhos ()
Outras atividades
9. O(a) sr.(a) acha que aprendeu alguma coisa nova nos últimos anos?
Sim () Não ()

Se a resposta for SIM:

Isto é importante para o(a) sr.(a)? Usa o que aprendeu para alguma coisa?

Se a resposta for NÃO:

O(a) sr.(a) acha importante aprender ainda, ou se esforça para fazer algo novo?

10. Quando as coisas não dão certo para o(a) sr.(a) no que faz, tenta acertar de qualquer jeito? (ex. *limitações físicas ou psíquicas, ler os preços nos produtos*)

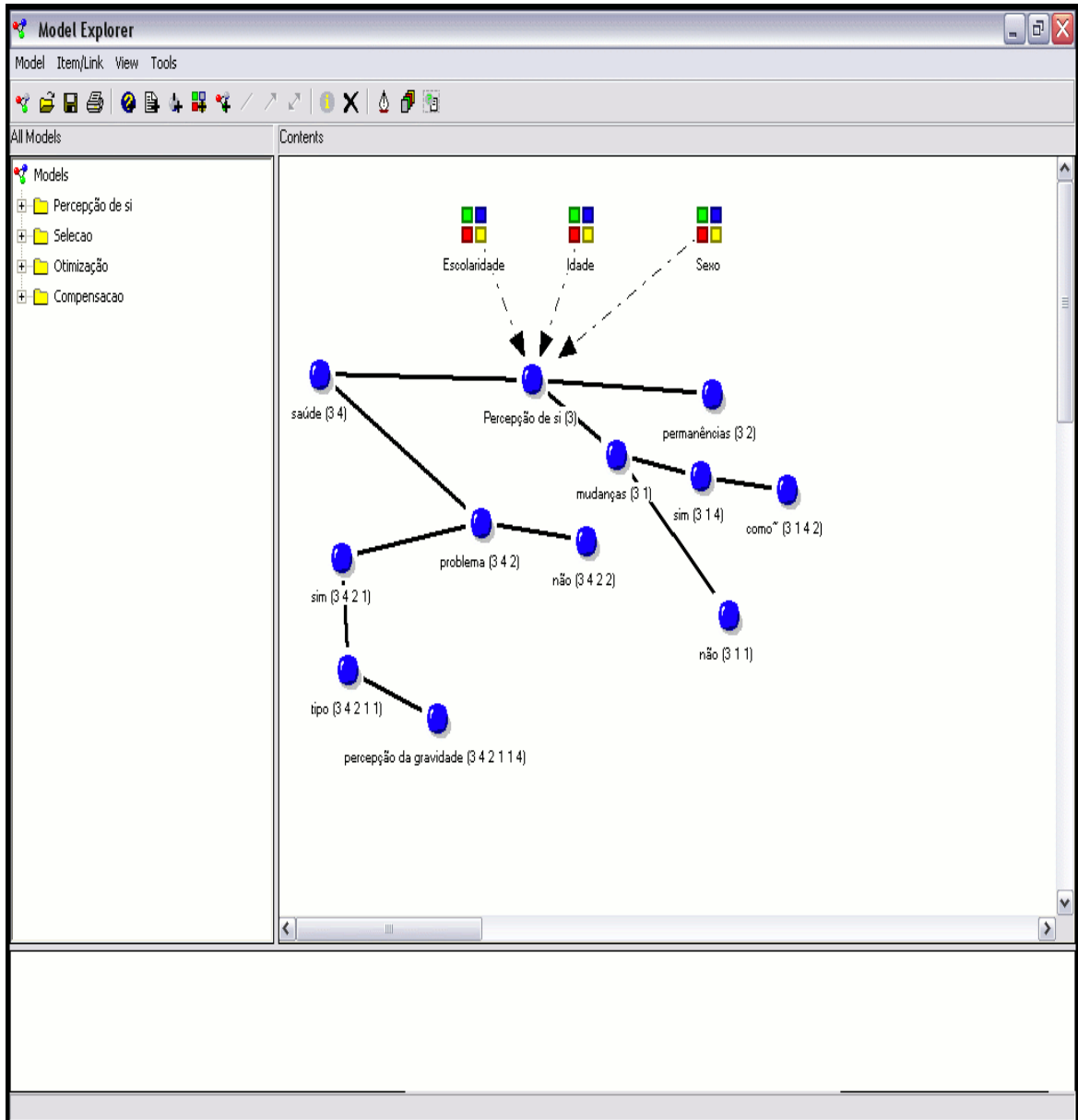
Busca alguém para ajudar?

Ou arruma uma outra forma de fazer?

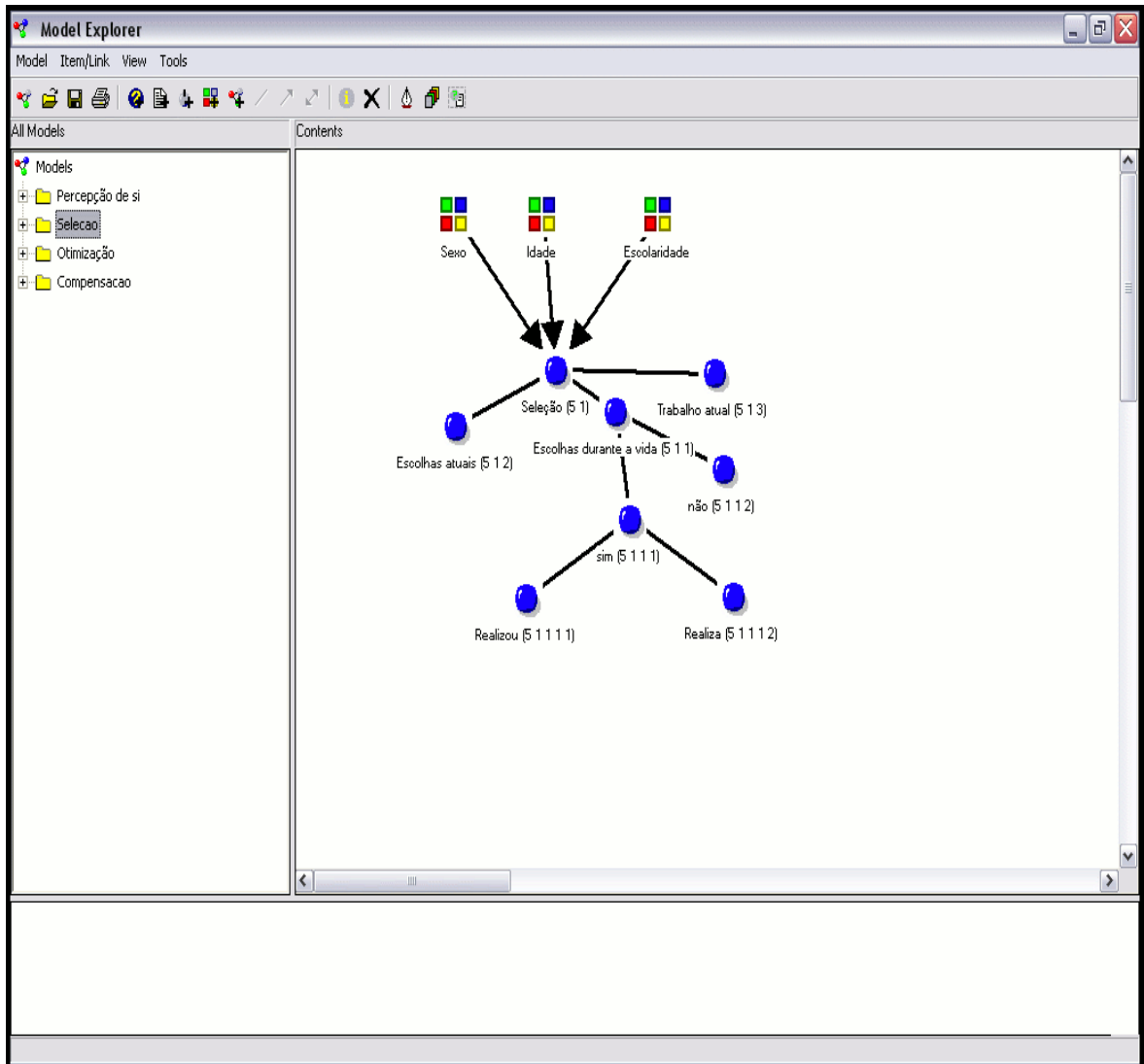
ANEXO D

Árvore de ramificações NUD*IST

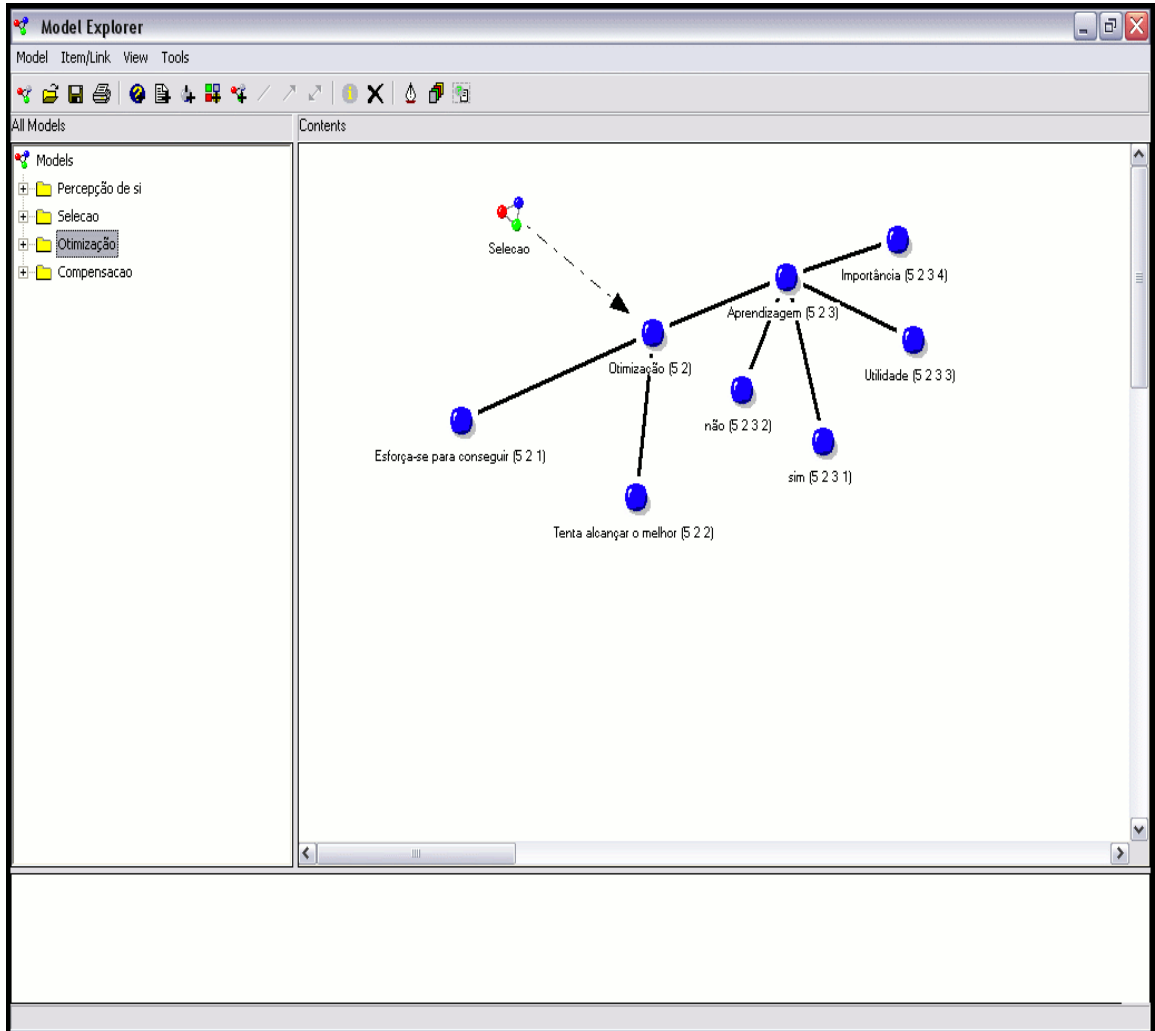
Percepção



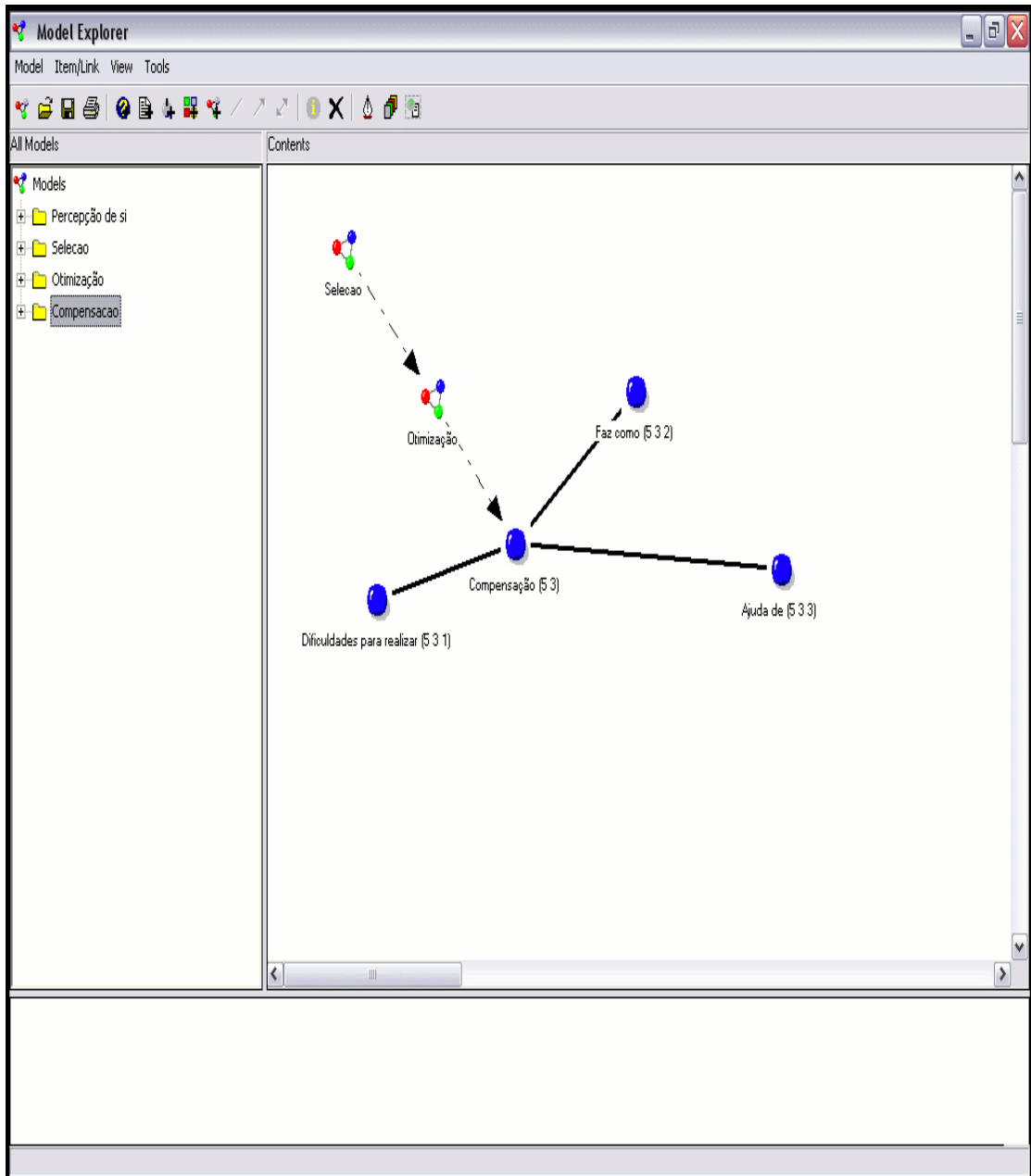
Seleção



Otimização



Compensação



ANEXO E

Os depoimentos dos idosos

Parte A

Questão 11

O(a) sr.(a) tem algum problema de saúde? ()

Qual?	É grave?
1 Sim Coração, reumatismo, osteoporose, 8 operações, câncer mama, mioma, coluna	Não
2 Sim Pressão alta, colesterol alto, dor nos joelhos	Não
3 Sim Coluna, Nervos	Sim
4 Sim Problema na vesícula	Sim
5 Não	
6 Sim Pressão alta. Próstata	+ou-
7 Sim Diabetes, colesterol, pressão alta	Não
8 Sim Hipertensão, cansaço do coração, falta de ar. Remédio não faz bem	Não
9 Sim Problema cardíaco.	Não
10 Sim Hipertensão, obesidade mórbida. Coração fraco.	Não
11 Sim Pressão alta, diabetes, varizes.	Não
12 Sim Cirurgia na cabeça coágulo, catarata operou, depressão faz 20 anos	Sim
13 Sim Hipertensão, diabetes	Sim
14 Sim Cirurgia de mama faz tempo	Não
15 Sim Pulmão, as pernas doem, operou catarata	Sim
16 Não Pressão alta	Não
17 Sim Hipertensão, varizes	Não
18 Sim Pressão alta , angina, artrite	Não
19 Não Coisas da idade. Gastrite, Artrite	Não
20 Sim Coluna, pressão alta, é da idade	Não
21 Não Pressão alta.	Não

22	Sim	Pressão alta	Não
23	Sim	Coluna é grave, pressão alta é leve	Sim
24	Não	Coração fraco da idade	Não
25	Sim	Constipada, não durmo bem	Sim
26	Sim	Hipertensão.	Não
27	Sim	Hipertensão, diabetes, hérnia, Hepatite, Baço (eles falam de transplante)	Não
28	Não	Hérnia. Precisa cirurgia	Não
29	Não	Hipertensão	Não
30	Sim	Hérnia, Precisa cirurgia	Não

Parte B

Questão 1

Quando o(a) sr.(a) olha para si mesmo, acredita que mudou quando ficou mais velho?

- | | | |
|-----|---------|---|
| 1. | Sim (X) | Não () |
| 2. | Sim (X) | Não () |
| 3. | Sim (X) | Não () |
| 4. | Sim (X) | Não () |
| 5. | Sim () | Não (X) |
| 6. | Sim () | Não (X) A esposa tem 60 anos e está fazendo o 2º grau |
| 7. | Sim (X) | Não () |
| 8. | Sim (X) | Não () Vida boa. Era mais triste |
| 9. | Sim () | Não (X) |
| 10. | Sim () | Não (X) |
| 11. | Sim () | Não (X) |
| 12. | Sim (X) | Não () |
| 13. | Sim (X) | Não () |
| 14. | Sim (X) | Não () |
| 15. | Sim (X) | Não () |
| 16. | Sim (X) | Não () |
| 17. | Sim (X) | Não () |
| 18. | Sim (X) | Não () |
| 19. | Sim (X) | Não () |
| 20. | Sim (X) | Não () |
| 21. | Sim () | Não (X) |
| 22. | Sim () | Não (X) |
| 23. | Sim (X) | Não () |
| 24. | Sim (X) | Não () |
| 25. | Sim (X) | Não () |
| 26. | Sim () | Não (X) |
| 27. | Sim () | Não (X) |
| 28. | Sim (X) | Não () |
| 29. | Sim () | Não (X) |
| 30. | Sim (X) | Não () |

Questão 2

O(a) sr.(a) poderia contar melhor de que maneira o(a) sr.(a) mudou? O(a) sr.(a) se lembra de algum acontecimento ou momento que mostraram que o sr(a) mudou?

Com a pergunta em relação a determinadas vivências, dever-se-ia chegar a um relato concreto das mudanças experimentadas. Tanto boas como ruins.

1. Mudei pela aposentadoria, fiquei com uma casa. Enfermidade tinha desde cedo. Minha família era muito pobre. Fiquei mais doente pela vida que levei, sofri muito: pouca comida, sentia muito frio. Com a aposentadoria o dinheiro foi muito bom.
2. Antes tinha saúde cuidava dos filhos, da casa, fazia de tudo. Hoje não consigo mais tenho muita falta de ar e dor nos joelhos. Trabalhava de limpeza, hoje não tenho mais disposição pela dor e a falta de ar.
3. Sim. Não tenho saúde, sinto muita dor. Mesmo assim ainda consigo andar, fazer os serviços, cuido sempre de dois netos.
4. Era muito braba. Agora estou mais tranqüila, mais calma. Antes, quando mais jovem, trabalhava muito, demais, atualmente estou descansada. Os filhos são bons para mim.
5. ----
6. ---- “A esposa tem 60 anos e está fazendo o 2º grau”.
7. Fiquei mais velha, com dor nas pernas. Quando solteira trabalhei muito em casa de família que era muito longe, tinha que caminhar uma distância muito grande, deu dor nas pernas.
8. Era muito serviço da casa. Agora costura e estuda. A vida melhorou quando fiquei mais velha, menos esforços, mais passeios. A vida agora é boa. Era mais triste
9. ----
10. ----
11. Saúde, me sinto bem apesar da gordura e das pernas cheias de varizes, era mais doente e cansada.

12. ----
13. Não faço nada sozinha, só saio acompanhada, já tive convulsão. A depressão me derrubou, eu gostava de fazer as coisas em casa. Tudo dificultou, muito esquecida, perdeu a psicóloga esqueceu o dia de ir lá.
14. Convivência com os grupos agora é bem boa, antes não tinha nada disso, era só trabalho.
15. Esquecimento. Problemas de visão. Agora estou devagar e às vezes caio e machuquei as costelas.
16. Envelheci muito rápido. Só a felicidade de estar vivendo e vendo as coisas. As pernas me atrapalham, tenho problemas nos olhos, já tive convulsão.
17. ----
18. ----
19. Fiquei perdida depois da morte do meu marido, entregou os pontos. Sem ânimo para nada.
20. Era acanhada, agora mudei, participo dos grupos, até falo para os outros.
21. ----
22. ----
23. A saúde mudou para mim.
24. Mais fácil, alegre. Melhores trabalhos menos coisas pesadas. Cuido da minha mãe doente e dos meus netos. Faço limpeza. Participo na Assembléia de Deus, tem encontros, reunião de canto, estudo da Bíblia, ainda tenho boa cabeça.
25. Melhor agora. A vida muito difícil quando eu era jovem. Não tinha nada dentro de casa. Mudou muito. Era muita pobreza e muito trabalho. Minha filha ajuda agora. Tive muitos filhos e nem casa tinha. Todos passavam necessidade e fome. Agora tudo é melhor.
26. ----

27. Gostaria de ter menos filhos. Eles me deram muito trabalho. Usei de tudo para ter poucos, foi muito difícil (lavagens, abortos, xaropes). Queria uma vida melhor para mim e para eles, coitados.
28. Até os 55 anos era de um jeito, depois dos 55 eu tive que cuidar mais da saúde, trabalhar menos, não ficar molhado. Hoje não consigo mais viver da pesca que gostava tanto. No trabalho eu vou devagar, mas me esforço bastante e faço tudo.
29. Tento manter tudo igual. Gosto de trabalhar e em casa ajeito tudo. Nos fins de semana, reformam e constroem. O nosso filho mora encima de casa.
30. Casei com 16 anos, muita esperança numa vida boa. Queria trabalhar muito para melhorar, ter uma vida melhor. Meu marido não ajudou quase nada. Cuidei muito de todos os jeitos para ter uma só filha, foi muito difícil. Hoje estou mais cansada, menos disposição para trabalhar e me divertir.

Questão 3

Existem momentos e acontecimentos que lhe mostram que o(a) sr.(a) não se modificou em algumas coisas?

De que acontecimentos ou momentos o(a) sr.(a) se recorda? O que não mudou?

1. Interno não mudou. Oro a noite toda na igreja. Não deito de dia. Endurece as pernas se deito. Limpo a casa, faço pão, comida, costuro a mão. É tudo igual na vontade, vejo muito bem.
2. ----
3. Só as doenças mudaram a vida um pouco. O resto faço tudo como sempre, serviço da casa e cuida de dois netos. Faço faxina.
4. ----
5. A vontade de viver e fazer. Nem penso que estou com idade, tenho vontade para tudo. Queria fazer tudo como quando era jovem. Não sinto a idade.

6. Trabalho sempre, tenho uma chácara e faço todo o serviço sozinho.
7. Perda de familiares – O sentimento da perda dos pais. Estou mais triste. Senão faço tudo só mais devagar, mas faço.
8. Ainda sinto as mesmas coisas por dentro, gosto da horta, da mata, das plantas, das coisas da terra. Caminho muito por tudo por aqui.
9. Os filhos não lembram de datas e ela lembra dos aniversários e de coisas que os filhos não lembram. Tenho uma boa memória, sempre tive. Tenho dois filhos doentes mentais. O filho tem aposentadoria. A filha não tem aposentadoria. Meu companheiro bebe muito, não ajuda.
10. Engordei muito. Mas sempre fui gorda. Agora me atrapalha um pouco mais para fazer as coisas.
11. Não mudou nada.
12. A bisneta renovou a minha vida, minhas netas às vezes me ajudam. O serviço faço igual, um pouco mais devagar. Tenho disposição, falta um pouco a força pela depressão.
13. A convivência com o grupo de amigos, a amizade é muito importante, é do mesmo jeito de sempre. Nas idéias é tudo igual, tenho boa cabeça.
14. Conviver com o marido e com os filhos.
15. Convivência com a esposa, netos e vizinhos.
16. Gosto de viver, tenho saúde.
17. Cansada.
18. Não mudaram as emoções, é igual, acho que agora choro mais fácil.
19. O serviço é a mesma coisa, faço igual. Lá dentro do peito a gente sente igual, alegria, amor, tristeza.
20. Participo e converso com as pessoas do grupo da grife e da Cláudia, sempre fui conversadeira. Faço de tudo como sempre. Nada mudou muito.

21. Acha que não mudou a amizade do casal.
22. A amizade do Coral, das pessoas, é igual é mais unido.
23. ----
24. Estudar não consegui. A vida continua a mesma.
25. ----
26. É a mesma coisa. Faço tudo igual. Caminho 1h30min todos os dias, pelas ruas do bairro. Converso com todos. Não mudei. Continuo com a mesma vontade de fazer as coisas. Trabalho menos, sou aposentada, sempre fui doméstica em casa de família. Só a aparência mudou.
27. Continuo corajosa, como sempre. Não tenho medo de novos desafios. Com o passar dos anos, mudei de atitudes, sei viver, amar e perdoar, relevar quando alguém ofende, tenho mais amizades.
28. O que mudou é muito sacrifício, doença, falta de dinheiro, muita conta, o salário é pouco, muita preocupação. Mas já era assim antes, acho que agora a gente tá mais cansado.
29. Continuo firme no meu trabalho, mas vou mais a festas.
30. Estou menos disposta para as faxinas. Diminui um pouco o número de dias e os horários. Quando me divirto não sinto cansaço. Mas não saio muito.

Questão 4

Se o(a) sr.(a) pensar o que queria mesmo da vida, lembra de uma ou duas coisas importantes? SIM () NÃO () Conseguiu fazer isto?

1. Sim. Coisa boa eu queria ter uma família, consegui. Queria ter uma casa boa, pois morava num casebre, às vezes na rua, agora tenho minha casinha, tem piso bonito, tem banheiro, tudo de bom né. Queria ter uma cama limpa, olha que linda ela é, tem até

colcha! Queria ter Fogão, bom forro de cama e máquina de lavar. Tudo isso eu consegui, trabalhei muito duro para isso. Ainda estou conseguindo.

2. Sim. Queria estudar, o maior prazer era ter estudado mais. Era o que eu sempre queria para mim. Meu pai bebia muito e brigava, dizia que mulher não precisava estudar, pois depois ia casar mesmo. Era gastar tempo à toa. Consegui dar estudos aos meus filhos. Eles não são como eu, que não sei nada. (pesarosa). Gostava de ir em festa. Meu marido não gosta então não vou.
3. Sim. Não lembro de nada especial. Pois mulher era para casar e ter filhos. Teve que separar do marido, ele não presta. E o marido ainda não morreu. Se ele morresse eu ganharia a pensão, ao menos isso. Queria ter uma vida melhor, não precisar trabalhar tanto. Ter uma casa maior, essa só tem uma peça. Dar uma vida melhor para os meus filhos.
4. Sim. Ter os filhos, criar eles bem. Ter uma casa boa. Isso eu consegui. Não queria ficar muito velha, ficar feia. Já estou com 74. Aproveito que agora tenho minha casa, estou mais calma.
5. Sim. Ficou em dúvida... Parente rico. Nunca ajudaram. Até hoje não sabe bem o que queria. Nem sabe até hoje mesmo. Uma vez era isso outra aquilo. Mestre de obras sempre gostou e fez. Músico era meu sonho, sempre toquei em bailes, mas nunca deu muito \$.
6. Sim. Queria ser caminhoneiro, viajar pelo Brasil. Tinha curiosidade de conhecer outras terras. Não deu para viajar de caminhão, procurou teve o impedimento da carteira, nunca conseguiu passar. Ter família. Casou, teve família. Trabalhou em loja de material de construção a vida toda. Ter uma vida melhor. Deu uma vida melhor para os filhos.
7. Sim. Sempre queria aprender mais alguma coisa, podia ser costurar, bordar. Nunca tive chance, tinha que trabalhar para viver. Agora participo do clube de reciclagem (reciclagem de roupas usadas, adereços), participo dos desfiles como modelo, faço em casa artigos para exposições, como bolsas, sacolas. Vendemos tudo em conjunto.
8. Sim. Queria ter uma família e uma casa. Queria saber ler e escrever.

9. Sim. Ter uma família boa. Uma casa. Filhos. Ter bastante saúde, saúde é riqueza. Largar o cigarro (atualmente fuma uma carteira de cigarro por dia). Também gostava sempre de preparar comida boa para todos.
10. Sim. Vir para a cidade, para ter uma vida melhor. Queria ser polícia.
11. Sim. Gostaria de ter estudado mais, isso não deu, me faz falta até hoje. Construir minha casa, consegui.
12. Sim. Sempre quis reformar a minha casa, pois é muito velha.
13. Sim. Casar, ter uma casa minha. Casei muito cedo outras coisas nem pensava.
14. Não. Eu gostaria de ter estudado, eu só ia para a roça. Tinha que trabalhar muito e logo casar. Era assim. A gente não podia sonhar muito.
15. Sim. Sempre quis ter a minha casa. Eu consegui ter a minha casa nova.
16. Sim. Gostaria de estudar e trabalhar. Trabalhou muito no SESI, auxiliar de ambulatório. Aposentei, com 30 anos de serviço. E ainda queria continuar. Estudar não deu mais, ajudei meu filho e meus sobrinhos a estudar.
17. Sim. Trabalhar consegui e muito, e estudar psicologia não. Não tinha ônibus para estudar. Íamos trabalhar de lancha, não tinha ponte no Guaíba. Trabalhou até a aposentadoria em limpeza. Ainda faz umas e outras.
18. Sim. Ter a casa, ter filhos. Os filhos estudarem isso eu queria muito. Casei cedo e não dava para ter muitas idéias assim para a gente mesmo.
19. Sim. Casar, ter filhos, ter a casa própria. Casei com 18 anos. Faltou experiência adquiriu pouca. Não deu para eu sonhar alto, era logo casar e ter filhos e esquecer de mim.
20. Sim. Pensava em trabalhar, ter um emprego e ganhar meu dinheiro. Ter as coisas de casa bem bonitas.
21. Sim. Queria ter a minha casinha. Essa é bem pequena não deu para fazer grande. Nem cabe tudo.

22. Sim e não. Sim, queria ter a minha casa. Gostaria de ter mais dinheiro. Gostaria de viajar. Consegui pouco.
23. Sim. Não me lembro muito das coisas do passado. Mas sei que queria casar, ter uma casa só minha, ter filhos. Uma família.
24. Sim. Casar, Ter filhos, estudar. Deixar essa vida de um lado para outro, era muita confusão, trabalhava naquilo que aparecia. Era lá, era cá. Estudar não conseguiu até agora, até pensa em estudar mais, mas tem um pouco de vergonha pela idade.
25. Sim. Queria uma vida definida, um lugar só meu. Casa boa. Cama para dormir. Muito tempo não tinha uma cama minha. O trabalho era: cozinhar, muitos filhos não conseguia segurar de não ter, a casinha. Roupas para lavar no arroio. Não tinham água encanada. Lavava ainda para fora. Trabalhei demais.
26. Sim e não. Estudar para ser professora, isso eu queria, mas não deu. Tive que ir trabalhar para sustentar minha família. Casei com 16 anos sem muita escolha de marido, tive um ótimo marido. Tive o 1º filho com 17 anos. Dei o melhor para eles. Adotei um recém-nascido é o meu melhor filho até hoje.
27. Sim e não. Ser professora, meus pais eram analfabetos não tive chance de ser enfermeira. Tive que trabalhar cedo para sobreviver. Queria ter menos filhos, fez de tudo, a sra. sabe, não consegui.
28. Sim. Ter um bom emprego. Gostei do meu 1º emprego na indústria de Pesca. Ter uma boa mulher. E consegui a namorada e casei.
29. Sim. Queria ter um bom emprego. Isso consegui na Brahma. Ficou triste quando saiu. Uma família boa. Uma boa casa. Isso estou melhorando sempre. Ainda tenho coisas que não consegui conhecer melhor as coisas, mas tenho bons amigos e vizinhos.
30. Sim e não. Estudar para ter uma profissão, queria ser professora. Costurar, ajudar os outros isso eu faço. Enfermeira, também pensei estudar.

Questão 4a

Teve que fazer muito esforço para isto?

Se a resposta for NÃO: Ainda continua tentando?

1. Sim, não consegui quase nada. Perdi o ânimo cedo por causa do marido.
2. Muito, aprendi muita coisa nova no trabalho. Hoje aprendo com os filhos, eles sabem mais. Filho fez curso de igreja Mórmon, 1 ano em S.P. Ele frequenta lá. Deles aprendo muito.
3. Não foi. Todos queriam me empregar sempre. Era muito trabalhador. Mas para ter as coisas foi muito custoso. No tempo do Getúlio é que era bom o salário.
4. Não consegui. Mas sempre gostou de aprender. Vem em reuniões para aprender coisas de saúde, como se cuidar. Trabalhou como zeladora, no bairro Boa Vista, 10 anos. Aprendeu muito no edifício, fez curso de zeladoria.
5. Trabalhei demais mesmo para conseguir uma vida melhor para meus filhos e minha aposentadoria.
6. Muito esforço, nem gosto de lembrar quanto trabalho, fico doente só de pensar nisso.
7. Sim, trabalhei muito, em muitos lugares e hoje sou feliz. Arrumei um bom marido e tive filho.
8. Não. Casei cedo demais. Não deu muito tempo para pensar outra coisa.
9. Construimos a casa com a aposentadoria, há 10 anos atrás foi muito difícil, fiquei doente de tanto trabalhar. Viajar não deu ainda.
10. Foi muito difícil. Tive que trabalhar a vida toda e construir a casa com a aposentadoria. Fizemos a nossa casa, eu e a minha velha, a coitadinha. Ela ficou mal, coitadinha, mas conseguimos fazer a nossa casinha. Até o aterro de 18 caminhões nós que descarregamos, faz uns 10 anos isso. Tudo lá dentro a gente fez sozinho.

11. Sim. Até se aposentar, fui comprando minhas coisas, tenho de tudo e controlei os papéis para a aposentadoria. Deu tudo certo.
12. Trabalhei na limpeza, lavava roupas para fora. O marido era soldador e ajudava o marido no trabalho dele, sabia fazer o serviço dele.
13. Trabalhei muito para isso, fazia faxina, lavava roupas para fora, para ajudar nos estudos dos filhos.
14. Querer e não poder, não existe. Fiquei mais descansada depois da idade por isso não foi atrás de estudar mais aquilo que queria mesmo.
15. Gostou muito. Mas era triste deixar o filho o dia inteiro sozinho com os vizinhos. Ela ia de lancha todo o dia para PA, voltava a noite.
16. Foi fácil, pois recebi um bom dinheiro plano Collor. Mas trabalhei 30 anos antes disso muito e duro.
17. Tentei ir para a escola faz uns anos e não deu, tenho marido doente. Agora ele está bem de novo. Muito trabalho, sem mãe, sem pai, a vida era boa, só faltou estudo. Foi criada com parentes. Tenho tudo na medida do possível.
18. Sim. Muito esforço. Trabalhei muito mesmo. Passamos muita dificuldade. Estudar nem deu. Filhos estudaram mais. Não tento mais estudar agora.
19. Não. Fez esforço depois da viuvez, a depressão só me leva para a cama, tudo terminou com a doença. Não tenho mais vontade de fazer nada.
20. Sim. Mas meus filhos ajudaram, voltar para a escola nunca mais consegui. Agora já é meio tarde, né. A gente passa vergonha.
21. Sim. Muito. Vim sozinho, nenhum parente por aqui. Fazia qualquer serviço, morava em qualquer canto até entrar na Brigada que era o que eu queria, aí melhorou.
22. Sim. Cuida da saúde faz exames sempre. Meus filhos deram muito trabalho, ainda dão, são doentes mentais. Um é aposentado outro não. O marido bebe muito pouco ajuda. Tento sempre manter a casa como dá.

23. Sim. Casei com 15 anos o pai que escolheu o marido, eu nem conhecia. Foram se conhecendo ele era um homem bom para mim. Foram se acostumando a viver juntos. Trabalhei muito na roça para ter as coisas. Sempre trabalhei no pesado para ter a casinha e as coisas.
24. Sim. Sempre buscou o que queria. Fazia faxina e trabalhava em casa para os filhos terem de tudo. Para não faltar nada. Depois no clube de mães e no clube das avós, na reciclagem para ajudar.
25. Sim. Começou com muito pouco. Trabalhou em loja e fazia bicos por fora para ganhar mais. Agora teve uma lojinha em frente de casa mas incomodou-se com devedores e brigas na vila, é da idade. Ainda trabalho bastante na minha chacinha e junto algum trocado.
26. Sim. Fiz muito esforço para ser músico, é o que mais gostei, mas queria ter mais sucesso ainda. Tocava todo fim de semana nos bailes. A família ficava em casa. Como mestre de obras até que fiz escola e aprendi o ofício, tinha bons professores, a escola era do governo. Coloco janelas sozinho ainda hoje. Sou caprichoso nas coisas que faço.
27. Sim. Trabalhei demais para ter a casa, meu marido era bom e sempre me ajudou. Tive 9 filhos pra criar, foi bem difícil, mas consegui, um só faleceu. A rua não tinha nada, pura lama, nós fomos os primeiros moradores daqui. Era muito barro.
28. Muito mesmo. Ainda não consegui aumentar a casa. Para isto meu ex-marido tem que morrer, para eu ter uma pensão. Os filhos estão indo um pouco melhor, tem geladeira, televisão e sua casinha. Um só que eu não vejo, não sei onde anda.
29. Sim. Tinha que trabalhar para ajudar os pais, cortava árvores para fazer lenha para o fogão. Armazém era muito longe. Não tinha nada perto. Depois de casada trabalhou demais, cuidava de crianças na creche. Fazia todo o serviço de casa. Nunca consegui ir em festa dançar, o marido não gosta e nunca me levou.
30. Sim, muito. Muito mesmo, trabalhei demais. Mas sempre gostei de trabalhar, de parteira 20 anos, de faxineira, 20 anos, até hoje trabalho. Trabalhava de dia e, se dava, à noite.

Questão 5

Quando alguma coisa é muito importante para o(a) sr.(a), o(a) sr.(a) se esforça e dá tempo para conseguir isso?

1. Sim. Esforça muito, consegui tudo com muito esforço, consegui a casa só com 65 anos e ainda estou arrumando, ainda quero ajeitar muita coisa aqui. Aquela janela botei ano passado. (janela de vidro colorido) Comprei material devagarinho, sem o marido, comia mal para construir a casa.
2. Mais ou menos. Até dou. Importante era estudar, não deu, agora é muito tarde. Perdi o ânimo.
3. Sim.
4. Sim. Tenho que se esforçar para fazer todas as suas coisas sozinha. E ajudo a cuidar dos netos. Tem um neto que é doente (retardo mental). Este precisa de ajuda sempre, e eu ajudo.
5. Sim.
6. Sim. Às vezes não dá uma coisa, aí se tenta outra. Agora tenho minha chacinha, crio galinhas, planto e cuido com o que ganho. Conservo o que tenho. Minha esposa se arrisca mais, ela faz bicos por aí. Estuda o 2º grau com 60 anos. Ela vai por aí viajando, às vezes vou junto.
7. Sim. Tenho uma irmã que está hospitalizada em uma clínica, ela não levanta da cama, faço bastante esforço para conseguir comprar fraldas para a irmã pois sabe que ela precisa.
8. Sim.
9. Sim. Gosto muito de cozinhar coisas diferentes, vejo na TV.
10. Mais ou menos. Sim. Mas acho que sou mais relaxado, fiquei no mesmo cargo não me esforcei para subir. Mas achava bom assim mesmo.
11. Desisto, parece tão difícil.

12. Fiz esforço depois de ficar viúva, a depressão só me leva para a cama.
13. Sim.
14. Sim. Luto para ir até o fim, só o estudo não consegui.
15. Sim. Quando quero eu trabalho e procuro conseguir sempre.
16. Depende, Quando muito importante, sim.
17. Sim. Se esforça, ainda estou me esforçando e conseguindo.
18. Sim.
19. Sim.
20. Sim. Lutar sempre.
21. Sim, com certeza. Agora não adianta mais, não quero me “enervar” para conseguir as coisas.
22. Sim. Sempre. Agora estou mais calma e não me esforço mais tanto.
23. Sim, me esforço muito para conseguir.
24. Faço tudo para conseguir.
25. Sim. Dei toda a minha vida para conseguir minha casinha, meu canto, minha cama.
26. Sim. Sou de buscar as coisas sempre, geladeira eu nem tinha uma boa, aí economizei todos os meses e comprei. Quando quero algo sempre consigo.
27. Sim, muito. Aprendo até fácil.
28. Sim. Eu batalho pelo que eu quero e não aceito fracasso. Nunca. O que é difícil é que o salário é pouco, a gente trabalha muito e sempre fica tudo mais caro. Os filhos comem comigo e é tudo caro demais.
29. Sim. Sempre procuro fazer o que precisa. Não tenho preguiça de aprender e nem de trabalhar. Aprendo coisas novas para o meu serviço.

30. Sim. Ambiciosa. Pelo que passei melhorei muito. Eu era muito pobre. Vivia num ranchinho emprestado. Hoje tenho casa própria pequena. Melhorei muito depois da morte do marido.

Questão 6

O(a) sr.(a) escolheu alguma coisa para fazer agora, ou daqui para a frente? Tentará alcançar o melhor nisto que quer?

1. Alcançar de ser tataravó, isso eu quero. Continuar na arrumação da minha casinha. Trabalhar na Obra de Deus. Não vou apodrecer sentada aqui em casa não. Claro que sim. Sempre fui de pegar no pesado. Agora acho que devo pregar a mensagem de Deus, e rezar com os necessitados. Visito em casa também.
2. Sim. Queria aumentar a casa ainda e melhorar o banheiro, mas acho que não tenho condições. Só quero agora é ter saúde, para viver bem. Meu marido não gosta que eu vá para a rua. Só posso sair acompanhada da filha. O marido é exagerado ele aumenta as coisas, está até tomando remédio para a cabeça. Ele nunca me levou a baile, não gosta. Então fico em casa. Não dá mais. O meu marido não consegue fazer mais nada, nem reformas ele consegue. Tem que pagar pedreiro para fazer qualquer coisa em casa, e isso é muito caro.
3. Penso em receber a aposentadoria (pensão do marido quando ele morrer) e conseguir aumentar a casa. Hoje moro com minha filha e o neto em uma peça. É muito apertado. Sim, aumentar a casa e melhorar. Para mim, o marido deve morrer.
4. Cuidar dos dois netos para os filhos trabalharem. Sim. Ajudo as filhas com prazer. Tenho uma neta até na faculdade.
5. Arrumar turma boa para tocar e gravar um CD. Ler mais, gosto muito de ler. Botar cartas para os vizinhos e ganhar um dinheiro na loteria. Sim. Apostando na tele-sena; quero tentar gravar de todo o jeito.
6. Cuidar da chácara, conservar o que tenho. Participar de grupos. Minha esposa faz bicos e até estuda. Sim.

7. Participar dos grupos e fazer passeios. Sim, quero ir conhecer muitos lugares ainda.
8. Sim, estudar mais, participar de grupos, passear. Sim.
9. Nada de especial, vou fazendo o que sempre fiz, cuidar da saúde e dos filhos. Se der, quero passear um pouco. Sim.
10. Cuidar da casa, reformar, construir um fogão a lenha. Sim, mas sou muito gordo, não consigo muita coisa que quero pelo peso.
11. Passear com o grupo da 3ª idade. Me divertir, ir aos bailes. Sim.
12. Eu gostaria mesmo de melhorar da depressão. Aí eu teria vontade de fazer alguma coisa.
13. Participar de grupos, fazer artesanato. Passear sempre queria e nunca consegui. Sim.
14. Continuar cuidando da família e ter saúde. Cozinho, faço doces para todos sempre. Sim.
15. Limpeza do pátio, cuidar da casa e da esposa. Sim.
16. Viajar... ir à praia. Com certeza. Sim.
17. Cuidar do neto, mas não quero compromisso. Reforma na casa, faz de tudo para isso pintura, massa de construção. Enquanto viver, quero continuar. Dar tudo de mim para ser cada vez melhor.
18. Viajar, ir a bailes, à praia; tenho uns amigos que moram para lá (3 meses). Sim.
19. Continuar a luta, o trabalho, meu pai era português. Desejo realizar uma visita a parentes em Portugal. Vou fazer tudo para ir lá um dia. Sim.
20. Sim. Ajudar o grupo de crianças que precisam. Trabalhar na grife do Morro, isso me dá muita alegria. Sim.
21. Cuidar da casa, da moradia, da cerca, das flores, eu gosto muito de flores, tempero verde, poejo. Nossa verdurinha fresca. Sim.
22. Cuidar da casa, plantar flores, cravos e rosas, tempero verde. Sim.

23. Penso na minha saúde. Tenho que cuidar dela. Mas quero fazer muito tricô e um pouco de costura. Sim.
24. Sim, trabalho na Cooperativa das Roupas e no Fuxico, faço desfile, ajudo a costurar e a vender. Quero participar dos grupos, organizar as atividades, as reuniões, sair por aí pedindo ajuda para os passeios, isso. Passeando, ir por aí. Sim. Comandando, cabresteio os outros, a senhora entende, mas dá tudo certo.
25. Quero descansar, caminhar por aí, visitar os amigos. Sim.
26. Participar de grupos de idosos, viajar com eles, ajudar meus netos a terem uma vida melhor. Sim.
27. Viajar, conhecer gente inteligente para conversar. Gosto de ouvir música boa. Talvez ainda vou aprender a tocar alguma coisa. Ir morar na praia. Sim. Vai para a terra, busca energia.
28. Ver a minha mulher aposentada e cuidar dela e da saúde. Sim.
29. Sim. Vou sempre trabalhar, aprendo a fazer as coisas de construção que gosto. Pescar, também faço quando dá, nas folgas.
30. Trabalhar mais ainda, ganhar melhor. Viajar muito e ir até Aparecida. Sim. Vou trabalhar até não poder mais.

Questão 7

O(a) sr.(a) tem alguma dificuldade de realizar aquilo que gosta ou precisa fazer? Como resolve isto? Arruma um jeitinho?

1. Consigo fazer quase tudo sozinha. Senão peço para os netos. Até é bom pois eles têm que aprender a trabalhar. Ensina os filhos homens a lavar, passar e costurar. Todos devem saber fazer de tudo.

2. Sim. Não consegue ver os preços das mercadorias no supermercado Carrefour. Gostaria de ir ao médico para fazer os óculos. Ver melhor. Assim tenho que perguntar aos outros.
3. Não tenho dificuldades. Só preciso receber a aposentadoria quando o marido morrer.
4. Não. Ainda consigo fazer tudo que preciso. Arrumar a casa, cozinhar.
5. Não tenho dificuldades. Sempre fui muito independente. Por si só, ninguém me ajudou. Trabalhei muito e economizei muito.
6. Tento sempre mais devagar, aí funciona.
7. Não, ainda consigo fazer tudo sozinha.
8. Faço tudo, ainda não preciso de ajuda.
9. Não tenho dificuldades ainda.
10. Tenho dificuldade pelo peso, mas aí minha mulher ajuda. Os vizinhos ajudam a subir o morro.
11. Não, consigo tudo ainda.
12. Sim e não. Me cuido em casa sozinha; quando preciso, os amigos dão uma mão.
13. Não tenho.
14. Não tenho dificuldades.
15. Sim, caminhar a pé. Tenho que parar duas ou três vezes para descansar. Mas nunca deixei de ir nos lugares por isso.
16. Não. Arrumo qualquer jeito. Não deixo ninguém fazer por mim, pois aí fica difícil.
17. Não. Só financeiro. Dá um jeitinho, empréstimo de outros.
18. Apelo para familiares.
19. Apelo para o meu filho que mora perto.

20. Sim. Tenho dor nas costas, água no pulmão. Tenho que arrumar um jeito. Me cuido, vou no Posto, faço tudo direitinho.
21. Sim. Ler é difícil, aí peço para os outros, ninguém nega.
22. Não. Ainda faço tudo só mais devagar.
23. Não. Ainda consigo fazer o que preciso. Quando não dá ligeiro, faço devagar, descanso um pouco, isso dá bem certo, viu.
24. Faço sozinha, até agora sempre deu.
25. Não. Consigo fazer tudo ainda.
26. Não tenho dificuldade em fazer as coisas.
27. Sempre arrumei um jeito. Escolho, vejo onde o tempo dá, de algum jeito faço mais devagar e acerto.
28. A pior coisa é a rejeição dos amigos, ninguém é fiel, têm inveja, querem o meu lugar, estão sempre me pressionando. O trabalho não me preocupa, eu gosto e faço bem.
29. Não, ainda consigo.
30. Não, ainda consigo tudo.

Questão 7a

O(a) sr.(a) desiste fácil?

1. De jeito nenhum.
2. Sim. Não poço fazer não faço, ou senão fico muito nervosa.
3. Às vezes quero desistir, mas penso que não devo ainda não.
4. Não. Consigo arrumar a casa, cozinhar, cuidar da roupa. Fazer minhas voltas.

5. Não, de jeito nenhum. Insisto. Consegui juntar muitos bens, não tinha nada. Hoje tenho terrenos e casas.
6. Não.
7. ----
8. Não.
9. Não.
10. Não.
11. ----
12. Sim.
13. Não.
14. Se é para fazer, a gente faz e não escolhe.
15. Não. Eu batalho, toco o barco para frente.
16. Não.
17. Não.
18. Não.
19. ----
20. Não. Vou em frente
21. Não. Dei um jeito com a minha velha para tudo.
22. Quando é difícil, a gente evita. Muda o jeito de fazer. Tudo tem uma forma e dá para fazer.
23. Não.
24. Não faço tudo sempre. Vou atrás dos outros quando precisa.

25. Sim. Mas antes não.
26. Não.
27. Não.
28. Não eu luto. Tento acertar, aprender o que precisa.
29. Não.
30. Não.

Questão 8

O(a) sr.(a) trabalha em alguma coisa atualmente?

Vendas () Camelô () Biscate () Faxina () Cozinha () Vigilante () Porteiro ()

Cuida de familiares () Cuida de vizinhos ()

Outras atividades:

1. Cozinha (X) Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: cozinha doces para a família; cuida dos netos.
2. Cuida de familiares (X). Outras atividades: só das atividades da casa. Faço comida. Meu marido não deixa eu ligar o fogão de lenha, diz que é muito quente. A filha ajuda a lavar o chão porque não pode fazer, pois o joelho dói.
3. Faxina (X) Cuida de familiares (X). Outras atividades: vou na horta comunitária; ajudo lá e ganho minha parte. Trabalhar na terra, eu gosto.
4. Cuida de familiares (X). Outras atividades: todo o serviço da casa e dos dois netos.
5. Outras atividades: Músico (não por dinheiro); bota cartas.
6. Outras atividades: chacrinha, vai para fora trabalha na terra, traz verduras e frutas, chega a vender.

7. Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: trabalha no clube de reciclagem; confecção de bolsas.
8. Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: costura para a família.
9. Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: Não. Cozinho para todos, sempre.
10. Limpeza na rua, reformo na minha casinha.
11. Cozinho para a família toda. Planto verdurinha que eu gosto.
12. Não. Quando dá, cozinho.
13. Cuida de familiares (X). Faço todo o serviço de casa e às vezes uma faxina para fora.
14. Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X).
15. Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: planta verdura e limpa até o quintal, quando dá.
16. Cuida de vizinhos (X). Outras atividades. em casa, faço de tudo, pois a casa é muito grande.
17. Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: reformo a casa sempre, telhado, pintura, emendas.
18. Outras atividades: dentro de casa, faço tudo sozinha, até na rua limpo.
19. Cuida de familiares (X). Outras atividades: lavadeira.
20. Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: na associação da grife, costuro, bordo, desmancho.
21. Porteiro (X) Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: não.
22. Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: tricô; serviços da casa.

23. Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: as de cuidar da casa.
24. Biscate (X) Faxina (X) Cuida de familiares (X). Outras atividades: costura.
25. Outras atividades: limpa a casa, cozinha.
26. Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: muitas vezes faço uma limpeza (faxina) para ganhar um dinheiro extra.
27. Faxina (X) Cuida de vizinhos (X). Outras atividades: umas faxinas para ganhar dinheiro.
28. Cuida de familiares (X). Outras atividades: trabalha em uma cooperativa, presta serviços braçais por diária ou empreitada.
29. Porteiro (X) Cuida de familiares (X) Cuida de vizinhos (X).
30. Biscate (X) Faxina (X) Cuida de vizinhos (X).

Questão 9

O(a) sr.(a) acha que aprendeu alguma coisa nova nos últimos anos? Sim () Não ()

Se a resposta for SIM: Isto é importante para o(a) sr.(a)? Usa o que aprendeu para alguma coisa?

1. Sim. Muito. Trocou de atitude. Faço oração, converti faz 11 anos. Prego. Falo coisas bonitas. Agora não tenho mais vergonha de falar, digo aquilo que Deus quer que eu diga. Aprendi a fazer várias coisas na casa, até pintar sei. Aprendi a fazer pão caseiro no ano passado. Estudo a palavra de Deus com o profeta que é inspirado, ele me procura e eu o ajudo na missão. Prego e oro com os outros. Faço pão para a família comer.
2. Não.
3. Não.

4. Não. Até gostaria, as não dá para sair, tenho medo de sair sozinha. Aqui é muito perigoso.
5. Sim. Ler as mãos, mexer com tecnologia de música, TV e telefone.
6. Sim. Vou na igreja, faço aulas de estudos bíblicos. Ensino aos jovens lá na igreja. Sim, aprendo de tudo para a vida.
7. Sim. Faço bolsas, tapetes no clube de reciclagem. Sim. Faço os trabalhos para o clube de reciclagem, vendemos. Temos uma rendinha extra, compro coisas, como as fraldas da minha irmã.
8. Sim. Muito. Muito importante, gosto de fazer novas coisas. Sim, ler e escrever. Coisas para melhorar a saúde nas palestras do Posto.
9. Não.
10. Sim. Aprendi muito da televisão, das notícias. Também vou no posto de saúde quando dão aquelas aulas para a saúde. Mas acredito muito no destino, o que é para ser será. Sim, para viver melhor, aprendi muita coisa que não sabia ainda.
11. Sim. Aprendi muita coisa. Artesanato, pintura, costura. Doar para asilos. Ajudar mais gente que precisa. Tem muita gente que precisa.
12. Sim. Fuxico, crochê. É muito bom para fazer coisas bonitas. Sim, para mim e para os outros. Não faz mais agora, só se melhorar de saúde.
13. Sim. Faço doces e vendo às vezes. E faço artesanato para um asilo. Sim, para ajudar os outros.
14. Sim. É muito bom aqui, foi boa a orientação de saúde e nutrição. Antes não sabia disso. Sim. Para me cuidar e da minha família. Já dei muitas idéias boas para eles e ajuda na economia de farmácia.
15. Não.
16. Sim. Viver melhor com os amigos. Relações. Sabe, eu era muito egoísta, agora aprendi a viver melhor com os outros. Sim para viver melhor. Brigava muito, isso melhorou. Sei conversar mais calma.

17. Sim. Aprendeu reforma de casa e usa sempre. Aprendeu a fazer salgadinhos, às vezes ainda vende, assim como sorvete, que vendia na porta de casa.
18. Sim. Manual de bonecas e vendia. Fiz muita boneca e sei fazer bem, agora é que dei um tempo mas vou voltar a fazer. Ainda faço de presente, às vezes.
19. Sim. Depois da morte do marido, aprendi a fazer as coisas dele, sabe as do banco e pagar as contas, sim foi bem difícil. Sim, para melhorar a minha vida.
20. Sim. Para confecção de roupas, bolsas da grife.
21. Sim. Instalação elétrica e hidráulica, faço para mim e para conhecidos, quando dá. Não sabia fazer isso, mas aprendi bem direitinho.
22. Sim. Faz tricô para a casa. Faz leitura para o marido, jornal e livros; lê bastante, compra um livro por mês, romance de José de Alencar é o que mais gosta.
23. Sim, aprendi a fazer tricô. Faço para a casa e para os netos
24. Sim. Aprendi a costurar, bordar, vender por aí. Até dar entrevista para o jornal e a revista. Fuxico, Desfiles na Cooperativa. Vendas.
25. Não. Nunca aprendi nada na escola, não tinha escola perto de casa. Faço as coisas de casa. Só.
26. Sim. Gosto de ler novas coisas, ouvir da rádio. Aprender coisas novas para me cuidar e cuidar da família. Sim, uso para o dia-a-dia. Para melhorar a vida.
27. Sim. Estou aprendendo sempre. Danças novas. Como cuidar da pressão. Cuido das plantas, estou aprendendo. Sim, para me alegrar. Para ter saúde. Gosto de ver o verde do mar, sei que posso ir lá um dia.
28. Sim. Tudo o que aprendi, eu continuo usando no meu trabalho e gosto de ensinar. Mas sempre se aprende novas coisas, pois tudo muda o jeito de fazer. Eu me adapto fácil.
29. Sim. Aprendi a usar todas as coisas novas na portaria. Vigilância curso. Telefone celular. Sim, todos os dias no serviço e em casa, até já ensinei para outros.

30. Sim. É muito importante aprender. Sim, desde que aprendi a costurar costuro para mim e para os de casa. Crochê para presente. Antes não dava tempo para isso.

Questão 9c

O(a) sr.(a) acha importante aprender ainda, ou se esforça para fazer algo novo?

1. Sim. É muito importante a gente sempre aprender. Sempre fui curiosa na vida. Tudo que sei aprendi de ver. Sei ler bem pouquinho.
2. Agora não, tenho que parar para descansar a cabeça.
3. Sim. Me esforço para trabalhar com a terra. Aprendo umas coisas da TV.
4. Até gostaria, mas não dá para sair, tenho medo de sair sozinha. Aqui é muito perigoso.
5. Sim. Me esforço para aprender, mas já não quero mais aprender muito, sei o que chega.
6. Sim, aprendo de tudo para a vida, até meus netos me ensinam. Coisas novas, telefone, banco e outras.
7. ----
8. ----
9. Sim. Aprender a fazer tricô agora.
10. ----
11. Sim.
12. Não, não quero mais nada já chega.
13. Sim.
14. Sim, é importante. Na culinária eu treino sempre, tenho tudo na cabeça nada de escrito.

15. É difícil. Já esqueci do que eu sabia, trabalhava de mecânico e eu esqueci. Teria que recomeçar de novo. Gostaria de ir na aula.
16. Sim, gosta de conversar com os sobrinhos, eles estudaram e sabem novas coisas sobre política, isso me interessa. Aprender é bom.
17. Muito importante. Gostaria de aprender mais, ler melhor.
18. Sim.
19. ----
20. Sim, mas às vezes a idéia não ajuda. Fiquei 3 meses aprendendo a ler, já assina o nome. Acha que devia aprender mais.
21. É importante. É bom aprender alguma coisa nova. Ler melhor.
22. É importante. Sim, a gente busca fazer o que pode.
23. Sim, acho bem importante. Às vezes penso em estudar, mas a cabeça não ajuda.
24. Sim.
25. É, pode ser. Não sei se consigo, já estou meio velha. Nunca aprendi nada na aula. Nunca aprendi nada na escola, não tinha escola perto de casa. Faço as coisas de casa. Só.
26. Me esforço sempre. Faz cafezinho, fresquinho, para os vizinhos que estão mal de saúde.
27. É importante aprender, a gente parece criança sempre. Acho que consigo aprender de tudo se quero.
28. Eu gostaria de ter a leitura. Eu li um livro de ciência achei tão lindo, queria ter mais desses livros. Sobre os bichos, sobre a terra, matos eu li duas vezes. Tinha aula para os adultos aqui, agora não tem mais. Gostaria de ir.
29. ----
30. Sim. Quero aprender computador.

Questão 10

Quando as coisas não dão certo para o(a) sr.(a), no que faz, tenta acertar de qualquer jeito? (ex. *limitações físicas ou psíquicas, ler os preços nos produtos*). Busca alguém para ajudar? Ou arruma uma outra forma de fazer?

1. Sim. Tento sempre dar um jeito. Peço ajuda, vou no Posto de Saúde conversar, eles sempre têm alguma idéia. Peço ajuda para a família.
2. Sim, tento. Peço ajuda para as pessoas que estão próximas, até para pessoas não conhecidas, como na rua ou no mercado.
3. Sim. Peço para alguém ajudar. Quem estiver mais próximo. Até pessoas estranhas do Supermercado, elas lêem para mim.
4. Sim, tento. Peço ajuda, pois não sei ler. Sempre tem alguém para ajudar em qualquer lugar que vá, eles são legais.
5. Não precisei. Sempre consegui fazer tudo. Só na cirurgia de catarata tive que pedir ajuda. Aí pedi ajuda a família, os filhos me ajudaram.
6. Sim. Arrumei uma outra forma, tinha uma venda no Morro e tive prejuízo, devedores, não conseguia negociar, fiquei mais medroso com a idade e fechei a venda. Fiquei muito triste. Passou da venda para a chacinha que tem hoje, coisas que dá para fazer na idade.
7. Não, eu largo de lado no momento, depois tento fazer de novo e dá mais certo. Não procuro ajuda, é bem difícil. Procuro fazer devagar até acertar.
8. Não. Procuro alguém para ajudar.
9. Sim. Pede ajuda sempre que precisa. Para ler todos dão uma mão.
10. Mais ou menos. Procuro ajuda com a minha mulher.
11. Eu sou teimosa, faço tudo não preciso de ninguém. Faço devagar e acerto. Não busco ajuda de outros, me viro.

12. Sim. Eu mesma recebo o meu dinheiro, faço as compras, levo tudo escrito no supermercado para não esquecer nada. Não preciso ajuda de ninguém. Só quando estou mal até os vizinhos ajudam.
13. Não. Eu logo peço ajuda para alguém.
14. Não. Busca ajuda com família, vizinhos. Não consigo ler os preços.
15. Sim. Se eu puder faço, mais devagar, com mais calma, mas acerto. Quando estou atrapalhado, peço ajuda para ler.
16. Sim. Dá um jeitinho, não gosta de pedir.
17. Não. Busca logo alguém para ajudar.
18. Não. Tem as filhas. Elas assumem e cuidam dos remédios para eu não esquecer, quando meio esquecida.
19. Sim. Tento fazer e acertar. Último caso, chamo os filhos ou vizinhos.
20. Sim. Refresca a cabeça, se acalma e começa de novo. Sempre deu certo assim. Peço ajuda para o neto ou a filha no Supermercado e em outros lugares pois não sei ler.
21. Sim. Teima até acertar. Já pedi até para a brigada para ajudar a mulher na doença, no transporte. Peço ajuda para a mulher em último caso.
22. Sim. Treina até acertar. Devagar eu acerto. Não preciso ajuda de ninguém ainda.
23. Sim. Converso com minha filha, aí ela me dá umas idéias, sempre tenho conseguido. Peço ajuda para a filha de verdade só em último caso.
24. Sim, tento. Peço ajuda para quem estiver por perto.
25. Sim. Tento sempre me virar sozinha. Nem meus filhos eu peço ajuda. Não, não gosto de pedir nada para ninguém.
26. Sim. Se é preciso busco, meus filhos, amigos.
27. Sim, tento de outro jeito. Tento acertar sozinha. Peço ajuda só às vezes.

28. Não. Peço para os outros. Eu tenho pouca força para fazer as coisas. Me sinto mais fraco às vezes.
29. Sim. Tento caprichar e quase sempre dá certo. Peço ajuda poucas vezes para filhos e amigos.
30. Sim. Peço ajuda para quem está perto, leio um pouco mal. Mas as pessoas têm boa vontade, viu.